

A Leitura em Portugal



Maria de Lourdes Lima dos Santos (coord.)
José Soares Neves, Maria João Lima, Margarida Carvalho

A LEITURA EM PORTUGAL

Maria de Lourdes Lima dos Santos (coord.)

José Soares Neves

Maria João Lima

Margarida Carvalho

Setembro de 2007

Ficha Técnica

Título:

A Leitura em Portugal

Autores:

Maria de Lourdes Lima dos Santos (coord.); José Soares Neves; Maria João Lima; Margarida Carvalho

Coordenação dos estudos PNL:

Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE)

Edição:

Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE)

Av. 24 Julho, n.º 134

1399-054 LISBOA

Tel.: 213 949 200

Fax: 213 957 610

URL: <http://www.gepe.min-edu.pt>

Outubro de 2007

Capa: WM.Imagem Lda.

Execução Gráfica: Editorial do Ministério da Educação

Tiragem: 500 exemplares

Depósito Legal: 266 201/07

ISBN: 978-972-614-419-9

PROJECTO

A LEITURA EM PORTUGAL

Equipa do projecto: Maria de Lourdes Lima dos Santos (coordenação), José Soares Neves (responsável executivo), Maria João Lima e Jorge Alves dos Santos. Colaboração de Margarida Carvalho.

O presente projecto insere-se nos estudos sociológicos do PLANO NACIONAL DA LEITURA, coordenados por João Trocado da Mata (Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação - GEPE) e é uma encomenda do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) ao Observatório das Actividades Culturais.

AGRADECIMENTOS

A equipa agradece os contributos do GEPE/ME, do CIES/ISCTE e do PLANO NACIONAL DA LEITURA na construção do questionário.

Agradece igualmente o apoio de Patrícia Ávila (CIES/ISCTE) no que respeita à aplicação das técnicas de análise multivariada.

NOTA DE ABERTURA

Os hábitos de leitura de uma comunidade dependem de um conjunto complexo de factores. Em Portugal, muitas circunstâncias têm concorrido para os alterar. A melhoria das condições económicas das famílias, medidas de política educativa e cultural como a escolarização progressiva e mais prolongada da população, o lançamento da rede de bibliotecas públicas, há vinte anos, e da rede de bibliotecas escolares, há dez, decerto contribuíram para alargar as possibilidades de acesso aos livros, revistas e jornais. E várias iniciativas públicas ou privadas visando estimular o encontro entre livros e leitores como feiras de livro, debates com autores ou comunidades de leitores têm vindo a obter efeitos positivos. Há que reconhecer uma evolução encorajadora.

Paradoxalmente, continua a haver quem considere a leitura em Portugal uma batalha social perdida, sobretudo entre aqueles que mais a valorizam, mas não se cansam de salientar o efeito nefasto da omnipresença da televisão, a facilidade no acesso à Internet ou os jogos de computador que, não exigindo esforço, nem concentração, funcionam como inibidores do desenvolvimento pessoal, numa sociedade com hábitos culturais reconhecidamente frágeis.

É verdade que hoje se torna mais difícil conquistar os cidadãos para os incomparáveis benefícios da prática da leitura devido à concorrência de múltiplas solicitações para a ocupação do tempo. Mas apesar da presença de factores negativos, a experiência demonstra ser possível transformar alguns deles, como por exemplo as novas tecnologias, em potenciais aliados. E também que a intervenção consistente e adequada pode ampliar o efeito dos factores positivos, como se tem verificado em tantos países que desenvolvem projectos de leitura e avaliam os respectivos efeitos.

Para agir com segurança e rentabilizar os recursos disponíveis, o Plano Nacional de Leitura precisa de informação actualizada e de uma avaliação permanente dos efeitos da sua própria acção. Assim, lançou um primeiro conjunto de estudos, em Julho de 2006.

A selecção dos Centros de Investigação e a organização da encomenda dos estudos ficou a cargo do Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação do Ministério da Educação (GEPE), sob coordenação de João Trocado da Mata, a quem expresso os meus agradecimentos pela ajuda preciosa na reflexão, pela eficaz e empenhada colaboração nesta importante tarefa e também pelo imenso e generoso trabalho sem o qual o PNL não poderia estabelecer a rede comunicação que lhe permitiu chegar aos destinatários.

O acompanhamento dos estudos foi assegurado pelo Conselho Científico do PNL.

Expresso o meu reconhecimento a cada um dos reputados investigadores, que aceitaram fazer parte deste órgão, a disponibilidade com que ofereceram o seu profundo conhecimento, a participação aberta e generosa nos debates e as análises esclarecidas que tanto contribuíram para assegurar qualidade e rigor do trabalho.

Uma das áreas desde logo seleccionadas pelo PNL foi a dos *hábitos de leitura dos portugueses*. Decorreram já dez anos desde o último estudo, que apresentou informação extensiva. Resultou de um inquérito à população, cujos resultados finais foram publicados em 1997 (Freitas, Casanova e Alves, 1997). Anteriormente realizara-se apenas um estudo, publicado em 1991 (Freitas e Santos, 1991).

O estudo *A Leitura em Portugal*, agora realizado pelo Observatório das Actividades Culturais vem proporcionar informação extremamente relevante que muito contribuirá para a avaliação do estado da leitura em Portugal e para orientar as decisões, numa área onde se alicerça o desenvolvimento educativo e cultural.

As iniciativas e programas que estão a ser realizados no quadro do PNL irão apoiar-se numa análise atenta e cuidadosa dos diferentes elementos disponibilizados por este estudo e tomá-los como referência.

Quero deixar os mais vivos agradecimentos à coordenadora do estudo, Maria de Lourdes Lima dos Santos, e aos elementos da equipa José Soares Neves, Maria João Lima e Margarida Carvalho pela elevada qualidade do trabalho, pelo incentivo tão encorajador às iniciativas do PNL e pela informação e apoio científico que sempre disponibilizaram à Comissão.

Isabel Alçada

Comissária Plano Nacional de Leitura

Índice

APRESENTAÇÃO	7
I. POPULAÇÃO – Módulo Geral	
1. QUESTÕES METODOLÓGICAS	11
<i>Os inquéritos sociológicos sobre a leitura em Portugal</i>	11
<i>O universo e a amostra do estudo A Leitura em Portugal</i>	12
<i>As amostras do estudo LP 2007 e do Inq. 97: uma comparação</i>	14
<i>As dimensões analíticas e a sua formalização: o questionário</i>	16
<i>Síntese</i>	20
2. ENQUADRAMENTO	21
2.1. EVOLUÇÃO DA COMPOSIÇÃO SOCIAL DA POPULAÇÃO PORTUGUESA (1991-2001)	21
2.2. A OFERTA E A PROCURA CULTURAIS	29
<i>Síntese</i>	45
3. RESULTADOS	47
3.1. LEITORES POR SUPORTE, TIPOLOGIA DE LEITURA E TIPOS DE LEITORES DE LIVROS	47
<i>Quadro comparativo</i>	47
<i>Perfis de leitores por suporte (LP 2007)</i>	53
<i>Síntese</i>	55
3.2. ANTECEDENTES DA PRÁTICA DE LEITURA	56
<i>Socialização primária para a leitura</i>	56
<i>Gosto pela leitura na infância</i>	69
<i>Síntese</i>	85

3.3. PRÁTICA DE LEITURA DO INQUIRIDO NA ACTUALIDADE	86
<i>Suportes, géneros e frequência de leitura</i>	86
<i>Locais de Leitura</i>	115
<i>Utilização das TIC</i>	123
<i>Síntese</i>	130
3.4. POSSE E COMPRA DE LIVROS	132
<i>Volume e género de livros que o inquirido possui/existem em casa</i>	132
<i>Frequência e locais de aquisição</i>	139
<i>Síntese</i>	148
3.5. PRÁTICAS CULTURAIS DO INQUIRIDO	149
<i>Diferentes actividades e sua frequência</i>	149
<i>Preferências musicais e televisivas</i>	161
<i>Tempo gasto em quatro actividades</i>	166
<i>Síntese</i>	171
3.6. REPRESENTAÇÕES DO INQUIRIDO SOBRE A PRÁTICA DE LEITURA.....	173
<i>Evolução da prática em geral – factores mobilizadores ou bloqueadores</i>	173
<i>Auto-avaliação da prática de leitura do inquirido</i>	177
<i>Síntese</i>	179
4. BALANÇO DO MÓDULO GERAL.....	181

II. PAIS E/OU ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO – Módulo Específico

1. QUESTÕES METODOLÓGICAS	191
<i>A sub-amostra</i>	192
<i>Grupo alargado e Grupo restrito</i>	193
<i>Os blocos temáticos do questionário</i>	195
<i>Situação quanto a filhos e educandos</i>	195

2. RESULTADOS.....	197
2.1. POSICIONAMENTO SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA DOS FILHOS/EDUCANDOS	197
<i>Estímulo à leitura e a outras práticas culturais.....</i>	197
2.2. POSICIONAMENTO SOBRE AS ACTIVIDADES DA ESCOLA.....	203
<i>Importância atribuída às actividades de promoção da leitura.....</i>	203
<i>Comportamento enquanto Encarregado de Educação face à escola.....</i>	204
2.3. POSICIONAMENTO SOBRE AS BIBLIOTECAS ESCOLARES E BIBLIOTECAS PÚBLICAS	205
<i>Avaliação da frequência das respectivas bibliotecas pelos filhos/educandos.....</i>	205
<i>Avaliação sobre estímulos para a leitura por parte das bibliotecas</i>	208
2.4. RELAÇÃO ENTRE O INCENTIVO À LEITURA RECEBIDO EM CRIANÇA E O INCENTIVO DADO AOS FILHOS/EDUCANDOS	210
3. BALANÇO DO MÓDULO ESPECÍFICO	213
BIBLIOGRAFIA CITADA.....	216
ANEXO – Questionário.....	221

A LEITURA EM PORTUGAL

APRESENTAÇÃO

Quem lê, o que lê, onde lê, porque lê (ou não), qual o lugar da leitura no conjunto das práticas culturais, quais as evoluções que se podem detectar relativamente a anteriores inquéritos à população realizados em Portugal? Estas são algumas das questões que, neste estudo, orientam o Módulo Geral dirigido à população portuguesa.

Quais os modos de relacionamento com a prática da leitura dos filhos e educandos e com as actividades promovidas pela escola, quais os posicionamentos quanto às bibliotecas escolares e às bibliotecas públicas são outras questões, subjacentes ao Módulo dos pais e encarregados de educação, a que o presente estudo também procura responder.

Visa-se, no essencial, sintetizar as opções teórico-metodológicas e dar conta dos resultados obtidos com recurso à análise bivariada e multivariada. A apresentação dos resultados para cada um dos Módulos adopta uma estratégia expositiva comum – cada um integra três capítulos, um relativo aos aspectos metodológicos, outro à explanação dos resultados e, por último, um balanço final. Segue-se a ordenação das dimensões e das perguntas tal como constam do questionário (em Anexo). Na Parte do Módulo Geral inclui-se um capítulo inicial de enquadramento com a evolução da composição social da população portuguesa (1991-2001) e da oferta e procura culturais.

I. POPULAÇÃO
Módulo Geral

1. QUESTÕES METODOLÓGICAS

Os inquéritos sociológicos sobre a leitura em Portugal

O projecto *A Leitura em Portugal* insere-se na linha de pesquisa sociológica sobre a leitura por inquérito extensivo à população.

Nesta mesma linha, o primeiro inquérito sociológico, *Hábitos de Leitura em Portugal*, foi realizado em 1988 a um universo delimitado pela população portuguesa residente no continente, nas localidades com 1000 habitantes e mais, alfabetizada e com 15 e mais anos, universo correspondente a um contingente populacional de 3,5 milhões. Tem por base uma amostra aleatória de 2000 indivíduos. Os resultados foram inicialmente publicados na revista *Sociologia Problemas e Práticas* (Freitas e Santos, 1991; 1992b), alguns elementos foram retomados numa comunicação sobre “O público leitor e a apropriação do texto escrito” (Santos, 1992) e, posteriormente, uma síntese foi publicada em livro (Freitas e Santos, 1992a)¹.

O segundo inquérito sociológico², *Hábitos de Leitura: Um Inquérito à População Portuguesa*, foi realizado em 1995 a um universo composto pela população portuguesa residente no continente (incluindo os habitantes nas localidades com menos de 1000 habitantes, ao contrário do estudo de 1992), alfabetizada e com 15 e mais anos, correspondente a um contingente populacional de cerca de 6,6 milhões. Tem por base uma amostra de 2506 indivíduos, representativa do universo e estratificada por região e por dimensão populacional das localidades de residência, tendo os indivíduos sido seleccionados através do método de amostragem por quotas a partir de uma matriz formada pelas variáveis sexo, idade e grau de escolaridade. Os resultados finais³ foram publicados em 1997 (Freitas, Casanova e Alves, 1997)⁴.

Importa ter em conta que, embora o método utilizado em ambos os estudos seja, em termos gerais, muito próximo, a diferença entre os universos inquiridos só permite comparações para a parte da população residente em localidades com 1000 e mais habitantes, logo correspondente a um tecido social mais urbano (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 267-268).

¹ De modo a facilitar a sua identificação, este inquérito será referido, ao longo do presente estudo, por Inq. 92.

² Os dois inquéritos foram realizados por encomenda da tutela governamental do sector, o primeiro pelo então Instituto Português do Livro e da Leitura e o segundo pelo então Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. Este último foi realizado no âmbito do CIES/ISCTE.

³ Antes tinham já sido divulgados alguns resultados, relativos à distribuição dos leitores por género de livros lidos mais frequentemente, na revista *Livros de Portugal* (Freitas, 1996).

⁴ Este segundo inquérito será identificado neste estudo como Inq. 97.

Assim, embora estas sejam as principais referências empíricas do presente inquérito⁵, no que respeita à análise das evoluções entretanto ocorridas no país, a referência sistematicamente utilizada será o Inq. 97. As menções ao Inq. 92 serão limitadas e referidas sempre como pistas de exploração dos dados.

O universo e a amostra do estudo A Leitura em Portugal

Tal como nos anteriores inquéritos sobre a leitura considera-se no presente LP 2007 o universo composto pelos residentes no continente com 15 e mais anos que declaram saber ler e escrever (não analfabetos), universo correspondente a um contingente populacional de perto de 7,5 milhões de habitantes.

O método seguido para a selecção das localidades e dos indivíduos a entrevistar é similar ao do Inq. 97. A selecção das localidades foi realizada de acordo com as variáveis região e habitat e a selecção dos inquiridos foi feita por quotas com as variáveis sexo, idade e grau de escolaridade, definidas com base no Censos 2001, tendo tido em conta uma redistribuição em função da exclusão dos indivíduos que não possuem nenhum nível de ensino e dos indivíduos com idade inferior a 15 anos (ver quadro nº 1).

A amostra inicialmente prevista era de 2500 entrevistas, incluindo uma sub-amostra de cerca de 500 entrevistas a encarregados de educação de alunos com frequência do ensino básico ou secundário. A amostra final, directamente proporcional ao universo, corresponde a 2552 entrevistas validadas.

Quanto aos encarregados de educação, considerou-se, no termo do processo de afinação do questionário, que seria de alargar a recolha de informação aos pais de filhos menores e/ou encarregados de educação. A sub-amostra correspondente a essa opção é de 737 casos (o Grupo alargado).

Porém, manteve-se também a perspectiva analítica inicial de considerar os pais e/ou encarregados de educação de alunos dos referidos níveis de ensino, de acordo com a hipótese segundo a qual aqueles manterão uma maior proximidade à escola e ao acompanhamento da vida escolar dos educandos. Da segmentação da sub-amostra, de acordo com aquela perspectiva, resultou um grupo de 483 casos (o Grupo restrito) (veja-se II. Pais e/ou Encarregados de Educação).

Refira-se ainda que a selecção da amostra, o pré-teste, o trabalho de campo, o controlo de qualidade e a codificação foram realizados pela empresa Intercampus. O trabalho de campo (entrevista pessoal e directa realizada no domicílio) decorreu entre 15 de Novembro de 2006 e 22 de Janeiro de 2007.

⁵ Para efeitos de comparação com outros inquéritos, o presente estudo *A Leitura em Portugal* será identificado como LP 2007.

Quadro nº 1
A Leitura em Portugal – População e Amostra

	População *		Amostra **		Desvio
	Número	%	Número	%	
<i>Total</i>	7.490.827	100,0	2.552	100,0	
Sexo					
Masculino	3.662.498	48,9	1.217	47,7	-1,2
Feminino	3.828.329	51,1	1.335	52,3	1,2
Idade					
15-17	360.002	4,8	118	4,6	-0,2
18-24	993.992	13,3	347	13,6	0,3
25-34	1.449.362	19,3	500	19,6	0,2
35-44	1.368.711	18,3	497	19,5	1,2
45-54	1.215.872	16,2	405	15,9	-0,4
55-64	948.648	12,7	309	12,1	-0,6
65-74	720.016	9,6	253	9,9	0,3
75 e mais	434.224	5,8	123	4,8	-1,0
Grau de escolaridade					
Não tem qualquer grau de ensino completo	3.034.539	40,5	51	2,0	-3,4
Ensino básico – 1º ciclo (antiga 4ª classe)			895	35,1	
Ensino básico – 2º ciclo (6º ano)	1.794.555	24,0	248	9,7	3,7
Ensino básico – 3º ciclo (9º ano)			457	17,9	
Ensino secundário (12º ano)			626	24,5	
Ensino médio			42	1,6	
Ensino superior – bacharelato	2.661.733	35,5	58	2,3	-0,2
Ensino superior – licenciatura			161	6,3	
Ensino superior – pós-graduação, mestrado, doutoramento			14	0,5	
Região					
Norte litoral	1.416.845	18,9	477	18,7	-0,2
Grande Porto	997.399	13,3	343	13,4	0,1
Interior	1.044.247	13,9	349	13,7	-0,2
Centro litoral	1.331.477	17,8	453	17,8	0,0
Grande Lisboa	2.070.053	27,6	699	27,4	-0,2
Alentejo	344.135	4,6	125	4,9	0,3
Algarve	286.671	3,8	106	4,2	0,4
Habitat					
Até 2000 habitantes	3.136.108	41,9	1.053	41,3	-0,6
2000 a 9999 habitantes	1.315.997	17,6	461	18,1	0,5
10000 a 99999 habitantes	2.035.531	27,2	494	27,2	0,0
100000 e mais habitantes	319.075	4,3	114	4,5	0,2
Cidade do Porto	217.257	2,9	70	2,7	-0,2
Cidade de Lisboa	466.859	6,2	160	6,3	0,1

Fontes: * Intercampus, Manual de Briefing e Ficheiro Excel Amostra Final, Novembro 2006;

** Intercampus, Relatório de Final de Trabalho de Campo e base de dados SPSS, Fevereiro 2007.

As amostras do estudo LP 2007 e do Inq. 97: uma comparação

Um outro aspecto que importa referir, antes de passar aos relativos às dimensões inquiridas e à construção do questionário, prende-se com o cotejo dos valores das variáveis utilizadas nas quotas das amostras do estudo LP 2007 e do Inq. 97, de modo a detectar eventuais limitações à comparação (quadros nº 2 a nº 6). No estudo LP 2007 os escalões são, em algumas variáveis, mais desagregados (como se pode verificar pelos quadros nº 3 a nº 6). De resto, os desvios percentuais são pouco significativos (devendo ter-se em conta que os universos de referência são os Censos de 1991 e de 2001), embora seja de referir que a amostra do presente estudo é ligeiramente mais jovem e mais escolarizada. Por sua vez, as diferenças quanto à variável Habitat não parecem ser de molde a afectar a pretendida comparação entre os dois estudos (quadro nº 6).

Quadro nº 2

As amostras dos estudos Inq. 97 e LP 2007 por Sexo

	Inq. 97 *		LP 2007		Desvio
	n	%	n	%	
Feminino	1.276	50,9	1.335	52,3	1,40
Masculino	1.230	49,1	1.217	47,7	-1,40
<i>Total</i>	2.506	100,0	2.552	100,0	

* Freitas, Casanova e Alves (1997: 28).

Quadro nº 3

As amostras dos estudos Inq. 97 e LP 2007 por Idade

	Inq. 97 *		LP 2007		Desvio
	n	%	n	%	
15-19 anos	307	12,3	15-17 anos	118	4,6
20-24 anos	293	11,7	18-24 anos	347	13,6
25-29 anos	277	11,1	25-34 anos	500	19,6
30-39 anos	452	18,0	35-44 anos	497	19,5
40-49 anos	390	15,6	45-54 anos	405	15,9
50 e mais	787	31,4	55-64 anos	309	12,1
			65-74 anos	253	9,9
			75 ou mais anos	123	4,8
<i>Total</i>	2.506	100,1	<i>Total</i>	2.552	100,0

* Freitas, Casanova e Alves (1997: 28).

Quadro nº 4

As amostras dos estudos Inq. 97 e LP 2007 por Grau de escolaridade

Inq. 97 *			LP 2007			Desvio
P97 Qual o grau de escolaridade que completou ou frequenta	n	%	Q76_1 Qual o grau de escolaridade mais elevado que completou	n	%	
Sabe ler e escrever mas não foi à escola	33	1,3	Não tem qualquer grau de ensino completo	51	2,0	-7,1
Sabe ler e escrever sem grau formal de Ensino	195	7,8				
4ª classe	895	35,7	Ensino básico - 1º ciclo (antiga 4ª classe)	895	35,1	-7,8
Ensino Preparatório	544	21,7	Ensino básico - 2º ciclo (6º ano)	248	9,7	
9º ano	328	13,1	Ensino básico - 3º ciclo (9º ano)	457	17,9	
11º ano	148	5,9	Ensino secundário (12º ano)	626	24,5	11,1
12º ano ou propedêutico	178	7,1				
Ensino médio	53	2,1	Ensino médio	42	1,6	3,7
Ensino superior	135	5,4	Ensino superior - bacharelato	58	2,3	
			Ensino superior - licenciatura	161	6,3	
			Ensino superior - pós-graduação, mestrado, doutoramento	14	0,5	
<i>Total</i>	<i>2.509</i>	<i>100,1</i>	<i>Total</i>	<i>2.552</i>	<i>100,0</i>	

* Freitas, Casanova e Alves (1997: 30).

Nota: Tenham-se em conta as diferenças na formulação da pergunta.

Quadro nº 5

As amostras dos estudos Inq. 97 e LP 2007 por Região

Inq. 97 *			LP 2007			Desvio
	n	%		n	%	
Norte litoral	594	23,7	Norte litoral	477	18,7	-5,0
Grande Porto	285	11,4	Grande Porto	343	13,4	2,0
Interior norte	339	13,5	Interior	349	13,7	0,2
Litoral centro	378	15,1	Centro litoral	453	17,8	2,7
Grande Lisboa	606	24,2	Grande Lisboa	699	27,4	3,2
Interior sul	304	12,1	Alentejo	125	4,9	-3,0
			Algarve	106	4,2	
<i>Total</i>	<i>2.506</i>	<i>100,0</i>	<i>Total</i>	<i>2.552</i>	<i>100,0</i>	

* Freitas, Casanova e Alves (1997: 18).

Quadro nº 6
As amostras dos estudos Inq. 97 e LP 2007 por Habitat

Inq. 97 *			LP 2007			Desvio
	n	%		n	%	
Até 999	597	23,8				-4,6
1.000 a 1.999	1.008	40,2	Até 2.000	1.053	41,3	
2.000 a 4.999			2.000 a 9.999	461	18,1	
5.000 a 9.999			10.000 a 99.999	494	27,2	
10.000 a 19.999	212	8,5				4,6
20.000 a 199.999	689	27,5	100.000 e mais	114	4,5	
Porto			Cidade do Porto	160	2,7	
Lisboa			Cidade de Lisboa	70	6,3	
<i>Total</i>	2.506	100,0		2.552	100,0	

* Freitas, Casanova e Alves (1997: 117).

As dimensões analíticas e a sua formalização: o questionário

O questionário é composto por um total de 102 questões agrupadas em dez blocos temáticos, dos quais cinco do Módulo Geral – população e quatro do Módulo Específico – pais e/ou encarregados de educação (quadro nº 7). A entrada de cada bloco temático é feita por uma (ou mais) perguntas filtro. É também o caso do módulo dos pais e/ou encarregados de educação, os quais foram seleccionados a partir das respostas obtidas no bloco inicial do módulo respectivo. No final do questionário inclui-se o bloco referente aos dados sociográficos do inquirido, tendo-se também perguntado, para as variáveis grau de escolaridade, condição perante o trabalho e profissão, as características do pai, da mãe e, quando aplicável, do cônjuge.

Quadro nº 7
LP 2007: Estrutura do questionário

Bloco temático	Sub-bloco	Nº de questões	Nº de alíneas	Total
MÓDULO GERAL – POPULAÇÃO				
A. Antecedentes da prática de leitura	Socialização primária para a leitura Gosto pela leitura na infância	13	4	17
B. Prática de leitura do inquirido na actualidade	Suportes e frequência de leitura Locais de Leitura Utilização das TIC	18	4	22
C. Posse e compra de livros	Volume e género de livros que o inquirido possui/existem em casa Frequência e locais de aquisição	11	1	12
D. Práticas culturais do inquirido	Diferentes actividades e sua frequência Preferências musicais e televisivas	9	0	9
E. Representações do inquirido sobre a prática de leitura	Evolução da prática em geral – factores mobilizadores ou bloqueadores Auto-avaliação da prática de leitura do inquirido	4	2	6
MÓDULO ESPECÍFICO – PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO				
F. Situação quanto a filhos e educandos	-	5	1	6
G. Posicionamento sobre as práticas de leitura dos filhos/educandos	Estímulo à leitura e a outras práticas culturais	5	0	5
H. Posicionamento sobre as actividades da escola	Importância atribuída às actividades de promoção da leitura Comportamento enquanto Encarregado de Educação face à escola	2	0	2
I. Posicionamento sobre as bibliotecas escolares e as da rede de leitura pública	Avaliação da frequência das respectivas bibliotecas pelos filhos/educandos Avaliação sobre estímulos para a leitura por parte das bibliotecas	3	0	3
Dados sociográficos	-	8	12	20
<i>Total</i>		78	24	102

Nota: Não foram contabilizadas como alíneas as opções de respostas “Outros, Quais?”.

Importa referir os dois requisitos centrais do projecto – por um lado assegurar uma linha de continuidade em relação a inquéritos realizados no passado, permitindo o confronto entre os sucessivos resultados para algumas das questões e, por outro lado, contemplar a evolução entretanto ocorrida em Portugal na esfera cultural e em particular nos modos de aceder à, e usufruir da, cultura e especificamente da leitura. A compatibilização entre estes dois requisitos não se mostrou tarefa fácil, tendo em conta a necessária economia entre *as questões que seria de manter, as que deveriam ser actualizadas e as que se afigurou indispensável acrescentar*. Problema que, naturalmente, não se colocou no tocante ao módulo dirigido aos pais e encarregados de educação que constitui uma novidade relativamente ao Inq. 97 para o qual o requisito da comparação (mais) se coloca.

Quanto ao Módulo Geral, que nesta Parte se aborda, o estudo LP 2007 apresenta três grandes diferenças face ao Inq. 97, todas elas visando um maior detalhe analítico: a. Quanto aos *contextos de leitura*; b. Quanto à *frequência de bibliotecas*; c. Quanto às *novas tecnologias da informação e comunicação* (TIC).

a. Relativamente aos *contextos de leitura*, optou-se por uma distinção sistemática entre os três contextos (lazer, estudo e profissional) em vez da segmentação dicotómica (leitura de lazer *versus* leitura de estudo/profissional) privilegiada no Inq. 97. Trata-se de uma perspectiva relativamente recente e, ainda assim, frequentemente circunscrita a universos populacionais segmentados pela idade, grau de escolaridade ou limites administrativos regionais ou locais (ver, designadamente, Dendani e Reysset, 1998; Singly, 2005). Ressalve-se contudo, a este propósito, que o contexto de lazer tem sido o contexto central nos inquéritos sociológicos às práticas de leitura (de livros, adiante-se) da população adulta (Griswold, McDonnell e Wright, 2005), e que esta perspectiva não foi abandonada, mas sim complementada.

b. Quanto à *frequência de bibliotecas*, considera-se, conforme é habitual, como uma prática cultural. Mas acrescenta-se uma outra perspectiva: quando a ida a bibliotecas é acompanhada (pais e filhos), ela pode ser considerada como uma das formas de incentivo à leitura. O presente estudo dá um especial enfoque às bibliotecas municipais e às bibliotecas escolares, em virtude do(s) seu(s) recente(s) desenvolvimento(s) em Portugal e dos objectivos específicos deste estudo e do contexto em que é realizado (o Plano Nacional da Leitura).

c. As *novas tecnologias de informação e de comunicação*, à altura do Inq. 97 ainda uma realidade emergente, ganharam no presente estudo maior destaque, designadamente no que diz respeito às recentes dinâmicas da relação entre estas e a leitura, enquanto novos suportes e enquanto mediadoras dos tradicionais suportes em papel (livros, jornais e revistas).

Na linha da procurada compatibilização entre os dois requisitos acima referidos, tendo-se mantido a generalidade das dimensões utilizadas no Inq. 97, introduziram-se determinados blocos, perguntas e opções de resposta no sentido de actualizar, diferenciar e abrir lugar aos novos aspectos aqui privilegiados.

De todo o modo, preservaram-se os suportes de leitura (jornais, revistas, livros e outros suportes) e as tipologias de leitura (cumulativa, parcelar e não-leitores) e de leitores de livros (pequenos, médios e grandes) que foram utilizadas nos anteriores inquéritos como variáveis explicativas. Refira-se, contudo que, se privilegia o recurso a métodos multivariados, não utilizados no Inq. 97, na análise dos dados e na construção de novas variáveis e tipologias. Neste último caso, constituem marcos principais a reter, os *tipos de relações com a leitura* (Donnat, 1994: 262-306); a *tipologia de segmentos de públicos* (Santos, Gomes, Neves, Lima, Lourenço, Martinho e Santos, 2002: 251-294) e a *tipologia de modos de relação com a ciência* (Costa, Ávila e Mateus, 2002).

Ao longo do processo de ponderação sobre quais as dimensões a considerar, e como proceder quanto à respectiva formalização no questionário, procurou-se ainda incorporar outros contributos teóricos e metodológicos dos inquéritos às práticas de leitura e às práticas culturais da população. A este propósito, haverá que referir que são essencialmente duas as fontes de natureza quantitativa extensiva utilizadas em sociologia: inquéritos às práticas culturais e inquéritos à ocupação do tempo (*time budget survey*) (Knulst e Broek, 2003). Independentemente das considerações sobre as vantagens e limitações de cada um – apontadas pelos autores citados e por, entre outros, Olivier Donnat (2004) – importa ter em conta que se trata aqui de um inquérito às práticas e não à ocupação do tempo, e que se trata mais de práticas declaradas do que práticas efectivas (Pais, Nunes e Mendes, 1994: 16). Haverá ainda que distinguir este estudo dos que incidem sobre literacia, designadamente os realizados à população escolar portuguesa (Sim-Sim e Ramalho, 1993) e à população portuguesa (Benavente, Rosa, Costa e Ávila, 1996).

Várias pesquisas serão utilizadas ao longo do presente estudo para se aferir, ainda que exploratoriamente, o significado dos resultados obtidos em aspectos particulares das práticas culturais, incluindo as da leitura, da população portuguesa. É o caso do *Inquérito à Ocupação do Tempo* (Lopes, Coelho, Neves, Gomes, Perista e Guerreiro, 2001) o qual, apesar de se inserir na linha de pesquisa da ocupação do tempo, inclui um módulo de práticas culturais no qual se considera a leitura de livros, jornais e revistas. Note-se que este estudo permanece, ainda hoje, como o único inquérito às práticas culturais da população portuguesa que, ao contrário do que é comum, inclui o continente e as regiões autónomas. Outros estudos realizados mais recentemente sobre a realidade portuguesa incluem indicadores sobre práticas culturais e estilos de vida (Costa, Ávila e Mateus, 2002) e sobre as tecnologias da informação e da comunicação (Cardoso, Costa, Conceição e Gomes, 2005) são também convocados. Como termo de comparação a nível europeu ter-se-á em conta um estudo realizado em 2001 e promovido pela Comissão Europeia

(EUROSTAT, 2001; Skaliotis, 2002; Spadaro, 2002)⁶ e o realizado em 2003 com os países do alargamento (Eurostat, 2007 com os 27 países). E, embora restritos aos praticantes efectivos, tomar-se-ão também como referências as pesquisas sobre públicos da cultura realizadas no OAC (Gomes, Lourenço e Neves, 2000; Santos, Nunes, Cruz e Lourenço, 2001; Santos, Gomes, Neves, Lima, Lourenço, Martinho e Santos, 2002) e sobre as bibliotecas públicas (Lopes e Antunes, 2001).

Síntese

Neste capítulo começou-se por situar o presente estudo entre os inquéritos sociológicos sobre a leitura em Portugal. Feita a apresentação do método de construção da amostra e a comparação com o universo (a população portuguesa, alfabetizada, residente no continente, com 15 e mais anos), fez-se a comparação entre as amostras deste estudo e o de 1997, ficando patentes as possibilidades comparativas. Referiram-se de forma sucinta as dimensões inquiridas e as diferenças introduzidas a este nível relativamente ao Inq. 1999, bem como se clarificou que se trata de um inquérito às práticas e hábitos de leitura e não ao uso o tempo.

⁶ O referido estudo foi realizado nos então 15 países da União Europeia e inclui dados para Portugal. Contudo, dada a exiguidade da amostra para Portugal (1000 entrevistas) não será utilizado em comparações directas mas apenas como referência europeia para os dados do estudo LP 2007. Em 2003 o mesmo inquérito foi aplicado aos 12 países do alargamento. Tenha-se ainda em conta que, embora constituindo um termo de comparação a não desprezar, este estudo internacional foi alvo de críticas pelas limitações na análise por país, designadamente nos aspectos relacionados com: as técnicas utilizadas em cada país para a recolha dos dados; a dimensão das amostras nacionais; a tradução dos questionários; a (des)adequação das perguntas aos diferentes contextos nacionais; o período em que decorreu a aplicação do questionário (Knulst e Broek, 2003; Petrakos, Photis, Lefterova e Nikolaou, 2005).

2. ENQUADRAMENTO

Fez-se neste capítulo uma breve caracterização da evolução da composição social da população portuguesa entre 1991 e 2001, por um lado, e da oferta e procura culturais verificada nos anos mais recentes, por outro. Privilegiaram-se dimensões mais ligadas com a temática do presente estudo.

2.1. EVOLUÇÃO DA COMPOSIÇÃO SOCIAL DA POPULAÇÃO PORTUGUESA (1991-2001)

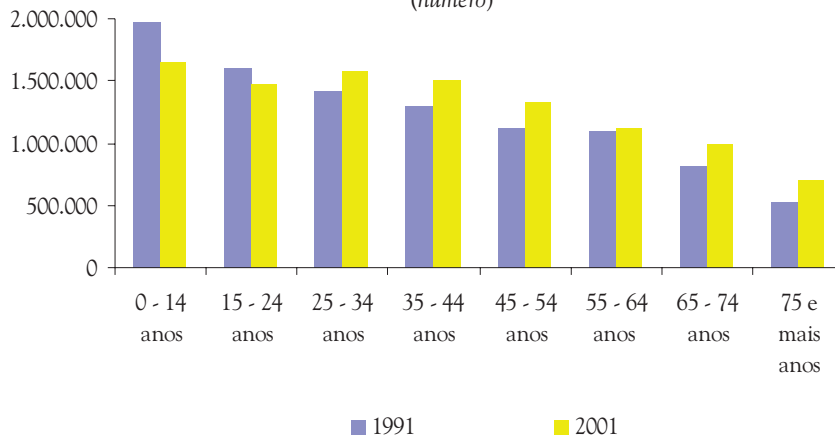
Sexo e idade

Entre 1991 e 2001⁷ não se verificaram alterações significativas na percentagem de homens e de mulheres na população portuguesa (48% versus 52%).

Relativamente à distribuição por faixas etárias, o gráfico nº 1 mostra que no período considerado há um envelhecimento considerável da população. De facto, os intervalos etários até aos 24 anos perdem contingentes importantes, sobretudo o dos 0-14 anos, em que se verifica uma diminuição de mais de 300.000 indivíduos. Pelo contrário, os intervalos de idades a partir dos 25 anos conhecem um aumento dos seus efectivos. A faixa etária dos indivíduos com 75 e mais anos foi aquela que proporcionalmente mais se alterou, tendo conhecido um aumento de 33%.

⁷ Utiliza-se aqui como fonte o INE, *Recenseamento Geral da População e Habitação – Censos 1991 e 2001*.

Gráfico nº 1
População portuguesa por Idade (1991 e 2001)
 (número)

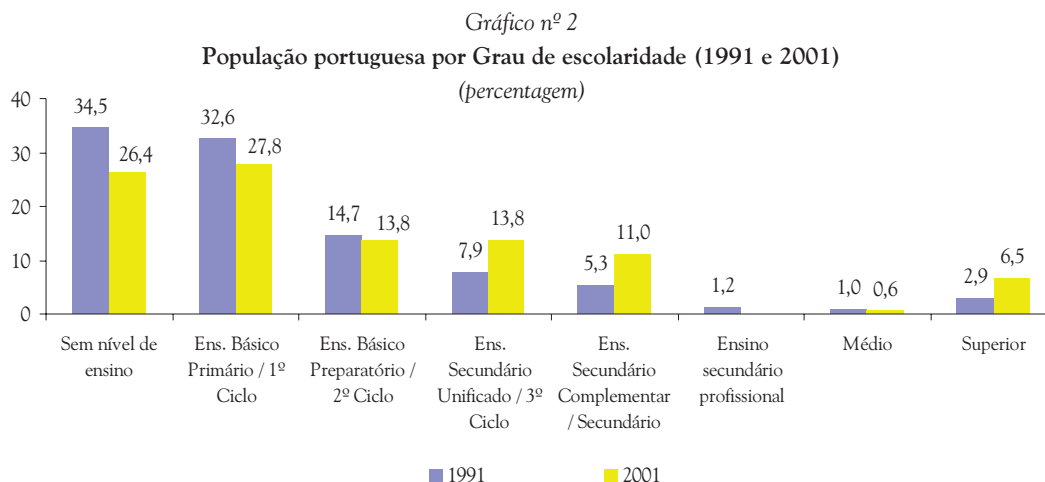


Fonte: INE, Recenseamento Geral da População e Habitação – Censos 1991 e 2001.

Escolaridade e analfabetismo

Os últimos anos têm-se caracterizado por um aumento global dos níveis de escolaridade da população portuguesa.

O gráfico nº 2 mostra a evolução das qualificações escolares da população portuguesa. Como se pode verificar, houve um aumento global das qualificações. Por um lado, a percentagem de indivíduos sem nível de ensino desceu de 35% para 26%. Também a população apenas com o Ensino Básico Primário (1991) / 1º Ciclo (2001) ou com o Ensino Básico Preparatório (1991) / 2º Ciclo (2001) conheceu uma diminuição. Por outro lado, as percentagens de indivíduos com o Ensino Secundário Unificado (1991) / 3º Ciclo (2001), com o Ensino Secundário Complementar (1991) / Secundário (2001) e com o Ensino Superior aumentaram.



Fonte: INE, *Recenseamento Geral da População e Habitação – Censos 1991 e 2001*.

Entre 1991 e 2001 a percentagem da população com idades situadas entre os 25 e os 64 anos e com formação superior passou de 6% para 13%. O mesmo aconteceu com a população que, no mesmo escalão etário, tem o ensino secundário. Consequentemente, a população desta faixa etária sem o ensino secundário diminuiu de 88% para 75%.

A diferença entre os actuais perfis de escolaridade da população e os dos respectivos pais é muito grande. Aliás, Portugal é o país da União Europeia (UE) em que o número de estudantes do ensino superior tem tido ultimamente um crescimento mais elevado (Almeida, Capucha, Costa, Machado e Torres, 2007: 47).

Porém, as percentagens da população com o ensino secundário ou universitário estão ainda muito distantes da média dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) e da União Europeia (UE) (Almeida, Capucha, Costa, Machado e Torres, 2007: 46).

No quadro das políticas educativas, assistiu-se a um alargamento da escolaridade obrigatória. De facto, desde 1986 a escolaridade mínima obrigatória em Portugal é de nove anos e uma das medidas do Programa do XVII Governo Constitucional é estender a educação fundamental até aos 18 anos de idade.

O processo de difusão da escolaridade básica obrigatória foi bastante mais lento do que o de outros países europeus, mantendo-se durante grande parte do século XX uma política muito restritiva quanto aos processos de escolarização da população. Com a implantação do regime democrático não só se alargaram os níveis de escolaridade obrigatória, como se investiu na melhoria das infra-estruturas educativas, promovendo-se a formação de professores e

empreendendo-se um conjunto de reformas do sistema educativo (Cardoso, Costa, Conceição e Gomes, 2005: 46-47).

No entanto, há uma década, fazia-se um balanço pouco positivo da implementação da escolaridade básica obrigatória, caracterizando-se o projecto de implementação da escolaridade universal em Portugal por “um desfase temporal na difusão da escolaridade básica resultante de um relativo fracasso na implementação das políticas de escolaridade obrigatória” e por “uma significativa ineficácia do processo de escolarização, dando origem à existência de significativas desigualdades regionais e sociais no que respeita ao acesso a uma escolaridade plena” (Viegas e Costa, 1998: 314-315).

Para além disso, segundo os mesmos autores, assistia-se a uma resistência da população face à ideia de prolongamento da escolarização. A escolaridade não é socialmente valorizada pelos indivíduos, sendo vista por muitos como uma imposição e não como uma necessidade ou um desejo de progredir (Viegas e Costa, 1998: 316-317).

Relativamente à taxa de analfabetismo – “definida tendo como referência a idade a partir da qual um indivíduo que acompanhe o percurso normal do sistema educativo deve saber ler e escrever. Considera-se essa idade correspondente aos 10 anos, equivalente à conclusão do ensino básico” (INE, 2006) –, embora tenha vindo a diminuir, passando de 11% para 9% entre 1991 e 2001, é ainda equivalente à que os países mais avançados da Europa apresentavam há um século atrás (Almeida, Capucha, Costa, Machado e Torres, 2007: 46). E, no país, observam-se grandes assimetrias regionais: a referida taxa é mais elevada no Alentejo (16%) e na Madeira (13%) e mais baixa em Lisboa (6%) (INE, 2006).

Assim, se por um lado se pode falar de um aumento dos níveis de qualificação escolar dos portugueses, de um alargamento da escolaridade obrigatória e de uma diminuição da taxa de analfabetismo, por outro lado os perfis de qualificação escolar da população portuguesa estão ainda muito distantes dos da média quer dos países da OCDE quer dos da UE⁸.

⁸ Estão em curso programas que visam elevar os perfis de qualificação, Partindo do princípio que o nível insuficiente de qualificação da população portuguesa é uma das principais razões para o atraso económico e social do país, o XVII Governo Constitucional lançou em 2006 a iniciativa *Novas Oportunidades*. Este programa de formação assenta em dois eixos principais: por um lado, alargar a oferta a nível de ensino profissionalizante de nível secundário e, por outro lado, aumentar a formação de base da população activa. Pretende-se envolver mais de 650 mil jovens em cursos técnicos e profissionalizantes e tem-se em vista que, em 2010, as vagas neste tipo de ensino representem metade do total de vagas do ensino secundário. A iniciativa *Novas Oportunidades* tem também como objectivo qualificar um milhão de activos até 2010.

Competências de literacia

Um outra dimensão relevante para o enquadramento da população no que toca à leitura é dada pelos estudos sobre competências de literacia. Embora o aumento dos níveis de escolaridade dos portugueses seja uma realidade, os níveis de literacia estão ainda muito pouco desenvolvidos.

Por literacia entende-se “as capacidades de processamento de informação escrita na vida quotidiana. Trata-se das capacidades de leitura, escrita e cálculo, com base em diversos materiais escritos (textos, documentos, gráficos), de *uso* corrente na vida quotidiana (social, profissional e pessoal)” (Benavente, Rosa, Costa e Ávila, 1996: 4).

Numa escala de zero (correspondente à total incapacidade para resolver qualquer das tarefas de leitura, escrita e cálculo propostas) a quatro (correspondente à resolução das tarefas de maior complexidade e que implica competências que envolvem a integração de informação múltipla em textos mais longos e densos do que os dos níveis precedentes), encontram-se 10% dos inquiridos no nível zero; no nível um, 37%; no nível dois, 32%; no nível três, 13% e finalmente no nível quatro, 8% (Benavente, Rosa, Costa e Ávila, 1996: 121) dados que revelaram fracos níveis de literacia dos portugueses comparativamente com os outros países.

Este estudo tem mais de dez anos, no entanto, relativamente à população escolar, alguns estudos internacionais mais recentes têm também vindo a mostrar que os alunos portugueses apresentam níveis de literacia modestos, quando comparados com os de outros países (Ramalho, 2004). O PISA (*Programme for International Student Assessment*) da OCDE procura medir a capacidade dos jovens de 15 anos para utilizarem os conhecimentos adquiridos. A primeira recolha de informação ocorreu no ano 2000 e teve como principal domínio de avaliação a literacia em contexto de leitura. O PISA 2003, para além da literacia no domínio da leitura, avaliou também os domínios da literacia matemática, da literacia científica e da resolução de problemas. No PISA 2003 participaram 41 países (30 países membros OCDE e 11 parceiros), o que correspondeu a uma amostra total de mais de 250.000 alunos de 15 anos. Em todos os quatro domínios avaliados os alunos portugueses tiveram desempenhos moderados, em comparação com os valores médios dos outros países da OCDE (Ramalho, 2004: 65).

Estrutura socioprofissional

Os processos de recomposição social pelos quais a população portuguesa tem vindo a passar desdobram-se em diversas dimensões. Faz-se já uma referência às dimensões demográfica e educativa. Um outra dimensão a ter em conta prende-se com a estrutura socioprofissional da população activa.

Como se pode ver pelo gráfico nº 3, no referido arco temporal registou-se um declínio das categorias ligadas à agricultura, dos Operários industriais e dos Trabalhadores independentes. Por outro lado, assiste-se a um incremento dos Empregados executantes dos escritórios comércio e serviços (de 27% em 1991 para 32% em 2001); dos Profissionais e técnicos de enquadramento (de 12% para 17%, a categoria com taxas de crescimento mais elevadas, e uma das mais feminizadas), as novas classes médias assalariadas (Almeida, Capucha, Costa, Machado e Torres, 2007: 49) e dos Empresários, dirigentes e profissionais liberais (de 9% para 12%).

Gráfico nº 3
População portuguesa por Categoria socioprofissional (1991 e 2001)
(percentagem)



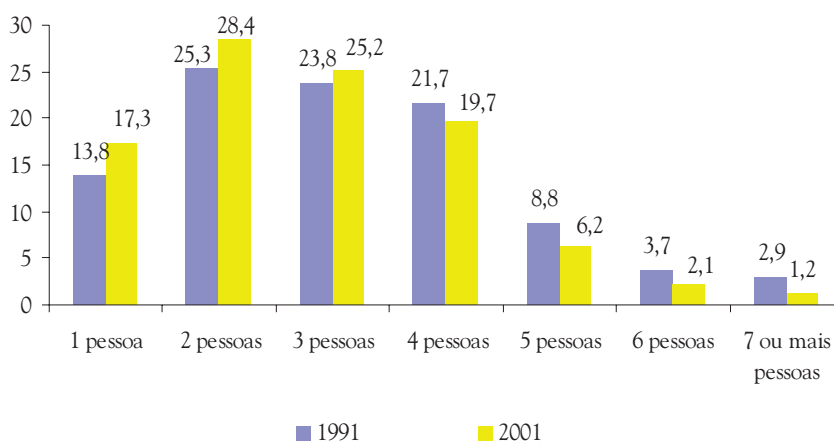
Fonte: Almeida, Capucha, Costa, Machado e Torres (2007: 47).

Estrutura familiar

Entre 1991 e 2001 também a estrutura das famílias portuguesas se alterou consideravelmente. Há vários aspectos que podem ser considerados neste contexto: a dimensão média das famílias, o número de filhos e o estado civil dos indivíduos.

Relativamente à dimensão média das famílias, o gráfico nº 4 mostra que as percentagens correspondentes às famílias compostas por uma, duas ou três pessoas aumentaram entre 1991 e 2001. Já as percentagens relativas às famílias com mais de 4 pessoas diminuíram. A diferença mais significativa é o aumento de 14% para 17% no número de famílias com 1 pessoa.

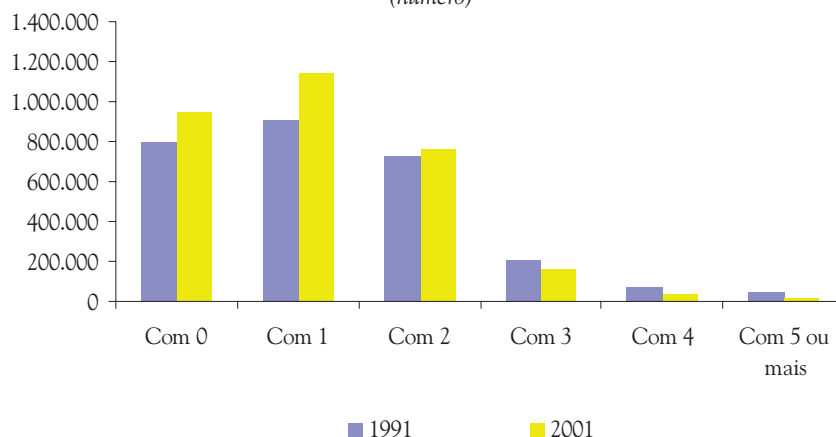
Gráfico nº 4
Famílias portuguesas por Dimensão média (1991 e 2001)
(percentagem)



Fonte: INE, Recenseamento Geral da População e Habitação – Censos 1991 e 2001.

Também o número de filhos por família se alterou entre os anos de 1991 e 2001. O gráfico nº 5 revela que o número de núcleos familiares com zero, um ou dois filhos ou netos aumentou. O número de núcleos familiares com três ou mais filhos ou netos diminuiu. Em termos numéricos, as alterações mais importantes são um aumento de mais de 230.000 núcleos familiares com um filho ou neto e um acréscimo de quase 150.000 núcleos familiares sem filhos ou netos.

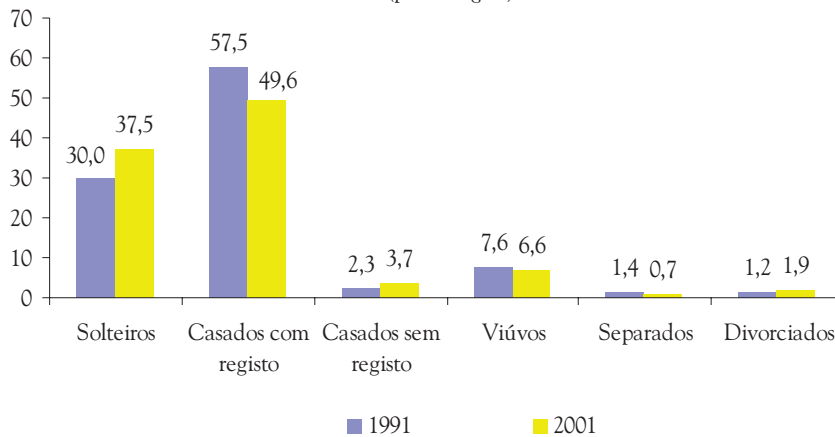
Gráfico nº 5
Núcleos familiares por Número de filhos ou netos
 (número)



Fonte: INE, Recenseamento Geral da População e Habitação – Censos 1991 e 2001.

Quanto ao Estado civil também é possível observar algumas alterações. Em 2001 as percentagens relativas aos Solteiros, aos Casados sem registo e aos Divorciados são superiores às de 1991 (gráfico nº 6). Já as percentagens que se referem aos Casados com registo, aos Viúvos e aos Separados são inferiores. As alterações mais significativas observadas são um aumento de 30% para 38% na percentagem de Solteiros e uma diminuição de 58% para 50% relativamente a indivíduos Casados com registo.

Gráfico nº 6
População portuguesa por Estado civil (1991 e 2001)
 (percentagem)



Fonte: INE, *Recenseamento Geral da População e Habitação – Censos 1991 e 2001*.

2.2. A OFERTA E A PROCURA CULTURAI

Neste ponto passa-se em revista um conjunto de dados relativos à evolução de determinados sectores da sociedade portuguesa nos últimos anos, procurando assim contextualizar os comportamentos relativamente à leitura e, de uma forma geral, às actividades culturais.

Em primeiro lugar, pretende-se dar uma ideia da evolução que a oferta e a procura dos vários suportes impressos de leitura (jornais, revistas e livros) tem conhecido.

Por outro lado, caracteriza-se a evolução da oferta (e, quando possível, da procura) dos equipamentos cuja utilização se relaciona com a leitura (bibliotecas), incluindo uma referência às acções de promoção da leitura que têm sido levadas a cabo pela Rede Nacional de Bibliotecas Públicas.

Descrevem-se depois os padrões de utilização da Internet e do telemóvel, tendo em conta que estas duas tecnologias são tidas como suportes de leitura no LP 2007.

Com os dados do *Inquérito aos Orçamentos Familiares* do INE procura-se saber não só os valores médios que os agregados familiares portugueses despendem com Livros, jornais e outros impressos, mas também o que gastam nos Serviços recreativos e culturais.

Ainda em relação às actividades recreativas e culturais, caracteriza-se a evolução da oferta e da procura de determinados equipamentos e práticas culturais (cinema, teatro, museus...) e o nível de associativismo dos portugueses.

Faz-se depois um breve sumário do que tem sido a transformação do panorama audiovisual em Portugal.

Os suportes de leitura: jornais, revistas e livros

Relativamente aos jornais e revistas há que registar que os dados das diversas fontes nem sempre coincidem, pelo que são referidos separadamente: em primeiro lugar, os dados do Observatório da Comunicação (OberCom); em segundo lugar, os dados do INE.

Os dados do OberCom apontam para um aumento do número de títulos de jornais e revistas nos últimos anos e para uma diminuição do número de tiragens (Cardoso, Costa, Conceição e Gomes, 2005: 77-78). A procura de quase todos os títulos de jornais de informação geral, desportivos e económicos (diários e não-diários) tem conhecido um decréscimo desde o ano 2000. Os jornais com características mais populares, *Correio da Manhã* e *24 Horas*, constituem a excepção a esta situação, tendo a sua circulação aumentado nesse período (Cardoso, Costa, Conceição e Gomes, 2005: 78).

Comparativamente com outros países europeus, apenas os jornais desportivos e as revistas apresentam audiências relativamente superiores (Cardoso, Costa, Conceição e Gomes, 2005: 78).

A partir do final da década de 90 a notoriedade pública dos títulos associou-se à sua presença na Internet. Os diários portugueses na Internet surgiram em 1995 (*Público*, *Jornal de Notícias* e *Diário de Notícias*) dois anos depois de experiências pioneiras nos Estados Unidos da América (Silva, 2006: 23). Os grupos económicos aproveitaram as potencialidades desta nova tecnologia para alargar as suas audiências. Em alguns casos foram lançados novos serviços, como o acesso aos arquivos. A adesão dos utilizadores da Internet a este formato foi bastante significativa, mas a fraca difusão da Internet em Portugal tem limitado esta área de negócio, que não constitui nem um estímulo, nem uma ameaça às publicações tradicionais (Cardoso, Costa, Conceição e Gomes, 2005: 78).

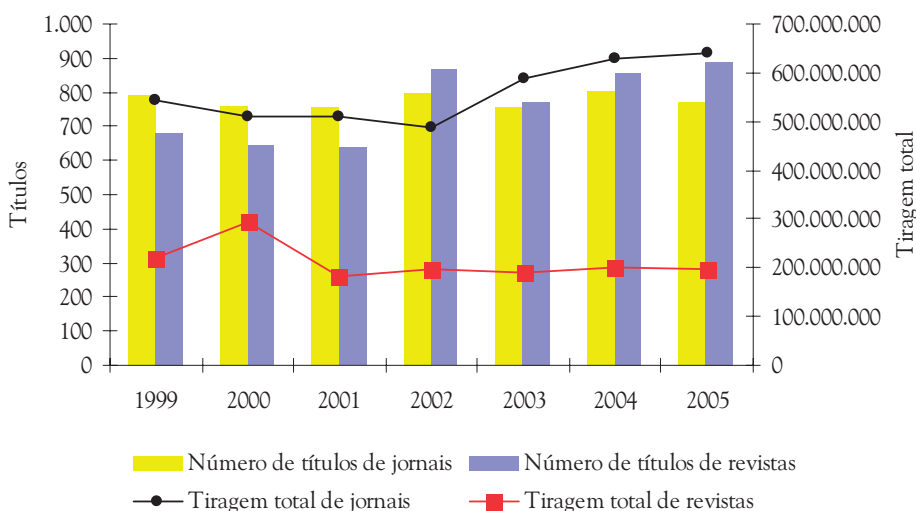
A partir de 2005, os jornais de distribuição gratuita, presentes em Portugal desde 1996 (com o *Jornal da Região*), conheceram um impulso muito significativo tanto a nível da oferta de títulos, como a nível do número de exemplares distribuídos. Por exemplo, em conjunto, os diários gratuitos registaram, nesse ano, uma circulação diária de mais de 250.000 exemplares (Cardoso e Martins, 2007, 84).

Em relação à oferta e procura de revistas e ainda segundo os dados do OberCom, a situação é semelhante à dos jornais: a oferta de títulos tem aumentado, mas a procura tem diminuído. Tal como a maior parte dos jornais, também as revistas de informação geral conhecem desde o ano 2000 um decréscimo na sua circulação (Cardoso e Martins, 2007: 78). O mesmo acontece com a maioria das revistas femininas e de sociedade (Cardoso e Martins, 2007: 85-86).

Uma vez mais é uma revista popular – a revista feminina *Maria* – que, mesmo com quebras, continua a ser a publicação com maior circulação em Portugal (257.000 exemplares por edição em 2005) (Cardoso e Martins, 2007: 77).

Segundo os dados do INE, a tendência acima referida relativamente à procura de jornais e revistas (diminuição das tiragens) tem vindo a alterar-se desde 2002. Desde esse ano os dados apontam para um aumento constante das tiragens de jornais (gráfico nº 7). As tiragens das revistas têm-se mantido estáveis desde 2002. Relativamente ao número de títulos publicados, no período entre 1999 e 2005, os jornais mantiveram alguma estabilidade, tendo como valor mínimo 753 títulos (no ano de 2003) e como valor máximo 854 títulos (2004). O número de títulos de revistas diminuiu entre 1999 e 2001, em 2002 aumentou em 228 títulos relativamente ao ano anterior, tendo voltado a diminuir em 2003. Desde esse ano até 2005, o número de títulos de revistas voltou a aumentar.

Gráfico nº 7
Títulos publicados e Tiragens de jornais e revistas (1999-2005)
(número)



Fonte: INE, *Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio* (1999-2005).

Tal como em relação à oferta e procura de jornais e revistas, também a edição de livros se caracterizou nos últimos anos por um aumento dos títulos e uma diminuição das tiragens (Cardoso, Costa, Conceição e Gomes, 2005: 77).

O INE disponibiliza dados acerca do sector livreiro até ao ano de 1998. Entre 1995 e esse ano, o número de títulos publicados cresceu de uma forma mais ou menos estável (passou de pouco

menos de 7.000 títulos para um pouco mais de 9.000). Em relação às tiragens, a partir de 1996 observa-se uma diminuição bastante significativa das mesmas.

A quebra nas tiragens é normalmente interpretada como o resultado de uma evolução desfavorável à actividade editorial. Mas, por outro lado, pode ser também um sinal de redefinição das estratégias editoriais, nomeadamente no que se refere a uma melhor adequação entre a oferta e a procura das diferentes edições (Santos e Gomes, 2000: 36).

Um relatório da Comissão Europeia, “Publishing Market Watch. Final Report” (2005)⁹, apresenta dados relativos ao número de títulos publicados em Portugal até ao ano de 2002. Segundo o mesmo relatório, entre 1995 e 1999, o número vai aumentando gradualmente, de 6.933 títulos para 10.078 títulos, mas a partir desse ano estabiliza e chega até a diminuir ligeiramente, acabando por atingir os 11.331 títulos em 2002.

Quanto aos livros electrónicos, no plano internacional é em meados dos anos noventa que se assiste à entrada em cena de grandes empresas, não só do universo editorial, mas também da área das novas tecnologias, e que se começam a fazer previsões sobre o mercado desse formato, previsões que apontam para um negócio altamente rentável (Furtado, 2003: 2).

Despesas médias dos agregados familiares com livros, jornais e outros impressos

O *Inquérito aos Orçamentos Familiares* (INE, 2002) relativo ao ano de 2000 apresenta, entre outros, os valores relativos às despesas médias anuais dos agregados familiares com Livros, jornais e outros impressos segundo vários critérios.

Se se considerar as despesas médias anuais de acordo com o Tipo de agregado, verifica-se que o agregado “Casal ou monoparental com jovens com mais de 16 anos e 21 ou menos anos” é o que dispensa uma maior fatia do seu orçamento familiar em Livros, jornais e outros impressos (1,9% das despesas totais). Pelo contrário, o agregado que menos despense nestes artigos é o Casal sem crianças (0,7%).

Ponderando as despesas dos agregados de acordo com o Nível de instrução do representante do agregado, verifica-se que as despesas médias anuais com Livros, jornais e outros impressos são maiores à medida que aumenta o nível de instrução. Assim, os agregados cujo representante não tem Nenhum nível de ensino gastam 0,2% do seu orçamento em Livros, jornais e outros impressos, enquanto aqueles cujo representante tem o ensino Superior despendem 1,8% dos seus orçamentos nesses artigos.

Em termos etários do representante do agregado, é o escalão intermédio (30 a 64 anos) o que destina uma maior parte do orçamento aos Livros, jornais e outros impressos (1,1%). Os agregados cujo representante tem Menos de 30 ou 65 ou mais anos despendem, respectivamente, 0,5% e 0,6% das suas despesas nesses itens.

⁹ As fontes indicadas neste relatório são, entre outras, o Eurostat e os institutos nacionais de estatística.

As bibliotecas públicas e as bibliotecas escolares

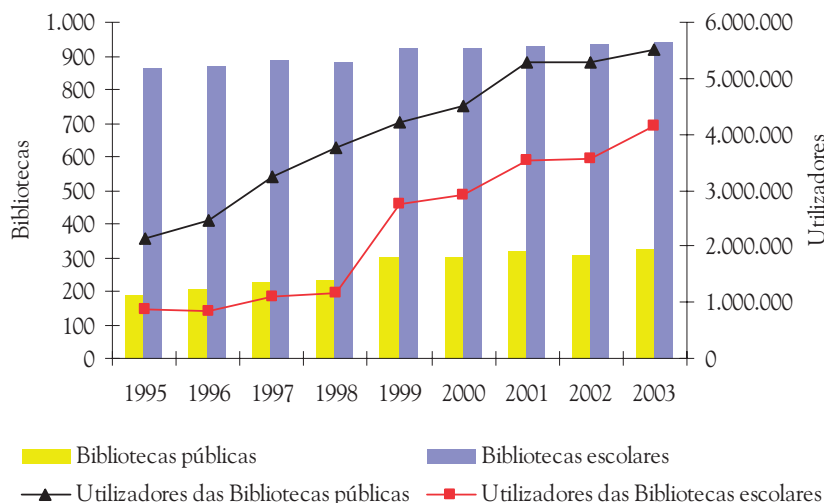
Para compreender os hábitos dos portugueses em relação à ida a bibliotecas é importante conhecer o modo como estas se têm desenvolvido nos últimos anos. Para tal recorre-se a três fontes.

Segundo o Inquérito Anual às Bibliotecas do INE (em curso até 2003 e suspenso desde então), o número total de bibliotecas passou de 1.614 em 1995 para 1.960 em 2003, o que significa um aumento de 21%. O principal contingente, em qualquer dos anos, corresponde às bibliotecas escolares que representam cerca de metade do total das bibliotecas existentes. Este contingente varia entre 865 em 1995 e 942 em 2003, o que corresponde a um aumento de 9% (gráfico nº 8). Contudo, o aumento mais significativo refere-se às bibliotecas públicas (69%).

Aqui dar-se-á atenção às bibliotecas públicas e às bibliotecas escolares. Por Biblioteca pública o INE entende uma “biblioteca dirigida ao público em geral, que presta serviço a uma comunidade Local ou Regional podendo incluir serviços de extensão, nomeadamente a hospitais, prisões, minorias étnicas ou outros grupos sociais com dificuldades de acesso ou de integração”. Biblioteca escolar é aquela que é “dependente de um estabelecimento de ensino não superior destinada a alunos, professores ou outros funcionários desse estabelecimento, embora possa estar aberta ao público” (INE, 2006).

O INE entende por utilizador inscrito de biblioteca “qualquer pessoa que utilize os serviços de uma biblioteca, devendo ser contada nominal e anualmente e não pelo número de vezes que procura os serviços da biblioteca” (INE, 2006). Considerando todos os tipos de bibliotecas, o número dos seus utilizadores triplicou entre 1995 e 2003 (de pouco mais de 4 milhões passaram para mais de 12 milhões e meio) (INE).

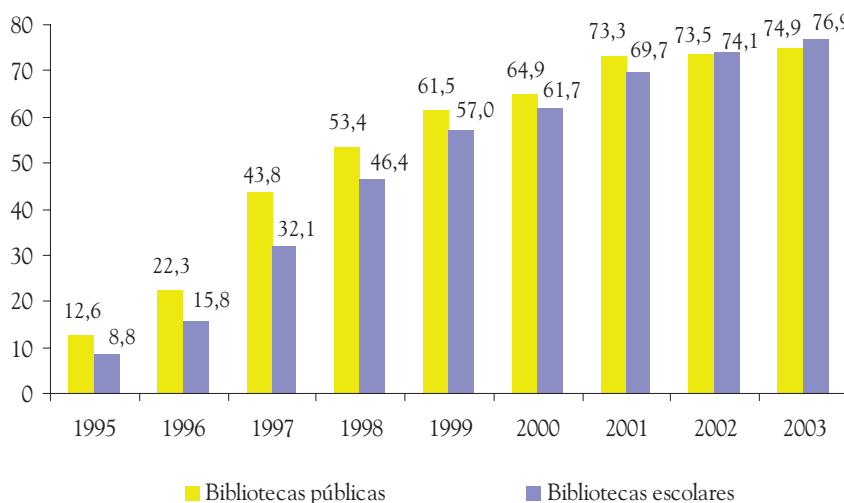
Gráfico nº 8
Utilizadores inscritos por Bibliotecas públicas e escolares (1995-2003)
 (número)



Fonte: INE, Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio (1995-2003).

Quanto à posse de equipamento informático pelas bibliotecas, desde 1995, tanto nas Bibliotecas públicas como nas Bibliotecas escolares, o número daquelas que disponibilizam terminais aos utilizadores aumentou exponencialmente (gráfico nº 9).

Gráfico nº 9
Bibliotecas públicas e escolares com terminais à disposição do utilizador (1995-2003)
 (percentagem)



Fonte: INE, Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio (1995-2003).

No que toca especificamente à Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), segundo os números disponibilizados no seu site (www.rbe.min-edu.pt), em Abril de 2007 integravam a Rede 1.869 escolas do ensino básico e secundário, quando em 1997 eram apenas 164.

Relativamente à Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP) é importante começar por referir que ela está já bastante consolidada, ao contrário de outras redes públicas de equipamentos culturais e vem diversificando os espaços e actividades dirigidos aos públicos infantis e juvenis (Santos, Gomes, Lourenço, Martinho, Moura e Santos, 2005: 52, 67).

Esta Rede assenta numa parceria entre a tutela da Cultura através da Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas (DGLB) e os municípios. Em Maio de 2007, 261 concelhos (dos 308 existentes) integravam a RNBP, dos quais 155 com bibliotecas a funcionar e outros 106 com bibliotecas em diferentes fases de instalação.

Para além destas redes de bibliotecas, o período em análise também se caracteriza pelo lançamento de medidas governamentais dirigidas especificamente a promoção da leitura a nível nacional.

Na realidade, desde 1997 que a tutela da Cultura – primeiro através do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas (IPLB) e, a partir de 2007, da Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas (DGLB), organismo que sucedeu àquele – desenvolve o Programa Nacional de Promoção da Leitura (PNPL) com o objectivo de “criar e consolidar os hábitos de leitura dos portugueses, com especial atenção para o público infanto-juvenil, através de projectos e acções de difusão do livro e promoção da leitura, que cobrem todo o território nacional” (site da DGLB).

Já em 2006 foi lançado o Plano Nacional de Leitura, uma iniciativa da responsabilidade do Ministério da Educação, em articulação com o Ministério da Cultura e o Gabinete do Ministro dos Assuntos Parlamentares. Constitui uma resposta institucional à preocupação quanto aos níveis de literacia da população, em particular nos jovens, significativamente inferiores à média europeia. Concretiza-se num conjunto de medidas destinadas a promover o desenvolvimento de competências nos domínios da leitura e da escrita, bem como o alargamento e aprofundamento dos hábitos de leitura, designadamente entre a população escolar.

De notar que, no quadro do PNL, visa-se igualmente a realização de projectos de investigação sobre os mesmos domínios, presentemente já em curso.

Voltando ao PNPL, recorda-se que foi no seu âmbito que se realizou o programa de pesquisas *Sobre a Leitura*, resultante de uma parceria entre o Observatório das Actividades Culturais (OAC) e o então Instituto Português do Livro e das Bibliotecas (IPLB). Consistiu num conjunto de estudos de caso que procuravam traçar as práticas de leitura das populações e os modelos de funcionamento de bibliotecas públicas de determinados concelhos¹⁰. Resultaram vários “retratos de situações distribuídas pelo mosaico territorial português, relativas aos hábitos e práticas

¹⁰ Os estudos iniciaram-se no ano lectivo 1997/1998 e prolongaram-se por três anos, correspondentes a três séries de publicações. Foram realizados 10 estudos de caso, abrangendo 12 concelhos: Beja, Coimbra e Guimarães/Mirandela (1ª série), Évora, Almada/Seixal, Abrantes e Esposende (2ª série), Oeiras, Leiria e Vila Nova de Famalicão (3ª série).

leituras, abarcando diferentes contextos sócio-económicos e culturais: desde a realidade metropolitana, passando pelas áreas suburbanas, cidades de média e pequena dimensão até contextos atravessados por marcas de uma forte ruralidade” (Lopes e Antunes, 2001: 10).

Independentemente das variações conforme o concelho em análise e a configuração dos campos culturais locais, foi possível identificar alguns padrões transversais (Lopes e Antunes, 2001: 21) que aqui sumariamente se referem.

O perfil social dos frequentadores de bibliotecas, “apesar de registar uma sobre-representação dos níveis de capital escolar [que na estrutura da população portuguesa são] mais reduzidos (cursos superiores), não deixa de surpreender [...] pelo facto de cerca de 2/3 dos progenitores não possuírem mais do que terceiro ciclo do ensino básico” (Lopes e Antunes, 2001: 21).

Observa-se uma forte presença de pequenos compradores de livros (aqueles que compram até 5 livros não escolares por ano).

A leitura é encarada de uma forma instrumental. De facto, os utilizadores das bibliotecas públicas e os jovens leitores são, em maioria, estudantes que valorizam os usos instrumentais da leitura, tida como meio de aprendizagem, fonte de informação e utensílio escolar

Quanto ao funcionamento das bibliotecas da rede pública, o modelo predominante na sua organização conheceu uma melhoria a nível qualitativo.

Relativamente à organização do tempo livre e às actividades de lazer dos inquiridos, verifica-se uma preponderância das actividades audiovisuais: “ver televisão e ouvir música são as práticas hegemónicas, apenas acompanhadas pela cultura de diversão convivial, isto é, pela importância atribuída a estar com os amigos”. E, de uma forma geral, a leitura de jornais e revistas suplanta a leitura de livros (Lopes e Antunes, 2001: 24-25).

Por fim, salienta-se que a socialização de género assume contornos decisivos na construção dos perfis de leitura, ou seja, “as motivações para a leitura, os usos que dela se fazem e os géneros e temáticas escolhidas fazem parte dos significados que os sujeitos e as representações socialmente dominantes atribuem ao ser-se ‘homem’ ou ‘mulher’ na sociedade portuguesa contemporânea” (Lopes e Antunes, 2001: 24).

Por outro lado, a agregação etária que foi realizada nos vários estudos nem sempre coincide, o que dificulta eventuais comparações.

As TIC: Computador, Internet e telemóvel

A utilização da Internet difundiu-se pelo mundo a uma velocidade muito superior à de qualquer outro meio de comunicação ao longo da história (Cardoso, Costa, Conceição e Gomes, 2005: 81). Em Portugal, os últimos anos têm-se caracterizado por um aumento do número de agregados familiares que têm acesso à Internet e, de uma forma mais geral, que possuem computador (quadro nº 8).

Quadro nº 8

Posse de computador e ligação à Internet dos agregados domésticos portugueses (2002-2006)
(percentagem)

	Posse de computador	Acesso à Internet
2002	26,8	15,1
2003	38,3	21,7
2004	41,3	26,2
2005	42,5	31,5
2006	45,4	35,2

Base: agregados domésticos residentes em alojamentos não colectivos, no território nacional, com pelo menos um indivíduo com idade entre os 16 e os 74 anos.

Fonte: INE, *Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias – 2006*.

Em termos territoriais observam-se algumas assimetrias na posse destas tecnologias: a região de Lisboa surge em primeiro lugar no país, tanto na posse de computador (53%), como na ligação à Internet (41%) (quadro nº 9). Em último lugar está o Alentejo, que apresenta uma percentagem de posse de computador de 35% e de utilização da Internet de 27%.

Quadro nº 9

Posse de computador e ligação à Internet dos agregados domésticos por NUTS II (2006)
(percentagem)

	Computador	Internet
Norte	42,0	31,3
Centro	45,2	36,3
Lisboa	52,8	40,7
Alentejo	35,0	27,4
Algarve	41,7	34,3
R.A. dos Açores	45,5	37,8
R.A. da Madeira	46,5	37,1
<i>Portugal</i>	45,4	35,2

Base: agregados domésticos residentes em alojamentos não colectivos, no território nacional, com pelo menos um indivíduo com idade entre os 16 e os 74 anos.

Fonte: INE, *Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias – 2006*.

Num texto de 2003, Maria de Lurdes Rodrigues e João Trocado da Mata referem a forte correlação entre as variáveis idade e nível de instrução dos indivíduos e as variáveis utilização de computadores e de Internet. Mas os autores consideram que há outras variáveis relacionadas com a utilização de computadores e de Internet, como as relativas à condição perante o trabalho e à actividade profissional (Rodrigues e Mata, 2003: 167-168). Só na medida em que os jovens são estudantes e com níveis de escolaridade superiores aos da restante população é que se apresentam como utilizadores *naturais* (ou seja, mais familiarizados) das TIC. De facto, os jovens com baixos níveis de escolaridade e/ou que desenvolvem actividades profissionais pouco exigentes enquadram-se nos utilizadores *potenciais* ou *críticos* (ou seja, com fracas condições de utilização das TIC) (Rodrigues e Mata, 2003: 175).

No quadro nº 10 pode-se observar os perfis dos utilizadores de computadores e Internet em 2006, de acordo com os dados do INE.

Quadro nº 10
Perfis de utilizadores de computador e de Internet (2006)
(percentagem)

	Computador	Internet
Sexo		
Homens	46,0	39,2
Mulheres	39,1	32,2
Idade		
16 a 24 anos	82,7	75,2
25 a 34 anos	63,2	53,9
35 a 44 anos	44,4	36,3
45 a 54 anos	32,1	24,0
55 a 64 anos	16,7	12,1
65 a 74 anos	4,4	3,0
Nível de escolaridade		
Até ao 3º ciclo	26,8	19,5
Ensino secundário	86,9	80,3
Ensino superior	91,0	86,9
Condição perante o trabalho		
Empregado	50,9	41,7
Desempregado	33,8	25,1
Estudante	99,4	96,3
Outros inactivos	8,9	6,4
<i>Total</i>	42,5	35,6

Base: indivíduos com idades entre os 16 e os 74 anos.

Fonte: INE, *Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias – 2006*.

Os dados da fonte citada apontam para uma utilização da Internet sobretudo em casa (65% dos utilizadores) e no trabalho (46%). Ao longo dos últimos cinco anos, o número de utilizadores que acede à Internet em casa tem vindo a crescer ligeiramente, enquanto o número daqueles que utilizam a Internet no trabalho ou na escola/universidade tem vindo a diminuir. Nesse período, o número de utilizadores que acede à Internet a partir de bibliotecas públicas passou de 3% para 8%.

Relativamente à utilização em outros serviços públicos e câmaras municipais, ela tem vindo a aumentar nos últimos anos, sendo o local de acesso à Internet de 5% dos utilizadores em 2006¹¹.

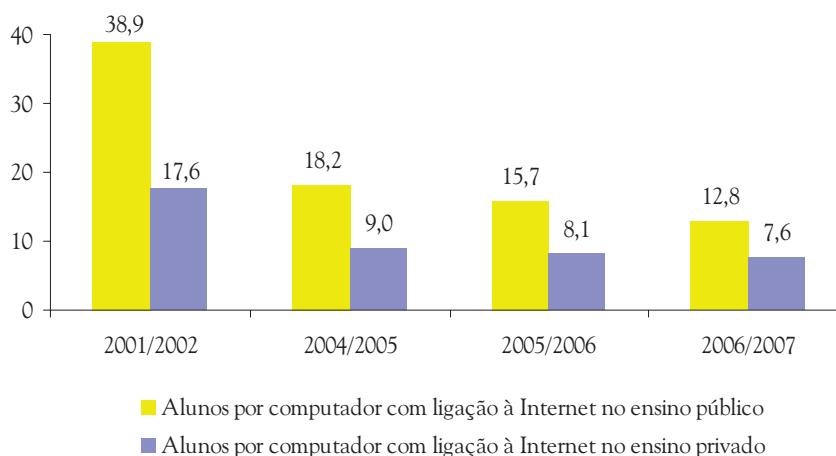
Quanto aos motivos de utilização da Internet, destaca-se a pesquisa de informações sobre bens e serviços (realizada por 84% dos indivíduos que acederam à Internet) e o envio/recepção de e-mails (81%).

Os utilizadores de comércio electrónico, ainda que pouco representados na população, aumentaram entre os anos 2002 e 2006: passaram de 2% para 5% da população com idades entre os 16 e os 74 anos. Em 2006, os utilizadores da Internet que compraram bens ou serviços on-line adquiriram sobretudo Livros, revistas, jornais, material de *e-learning* (36%), Viagens e alojamento (24%) e Filmes, música (23%).

As escolas têm conhecido um aumento do número de computadores com ligação à Internet. O gráfico nº 10 mostra a evolução do número de alunos por computador com ligação à Internet nos ensinos público e privado. A diminuição do *ratio* aluno/computador com ligação à Internet tem vindo favorecer as condições de utilização tanto no ensino privado como no público. Embora esse *ratio* seja sempre mais baixo no privado do que no público, notando-se que tem havido um esforço considerável por parte do sector público.

¹¹ Há que referir as medidas políticas que visam o reforço da Rede de Espaços Internet em Municípios. De facto, no âmbito do “Plano Tecnológico” do XVII Governo Constitucional foram abertos concursos e aprovados novos Espaços Internet em Municípios, para acesso livre e gratuito dos cidadãos à Internet, com apoio de pessoal especializado. Desde Julho de 2005 foram criados 49 novos espaços e pretende-se duplicar o número dos Espaços Internet até 2008 (www.planotecnologico.pt).

Gráfico nº 10
Alunos por computador com ligação à Internet por ensino público e privado
(número)



Base: Continente.

Fonte: *Números da Educação* (GEPE, 2001 - 2007).

Uma das medidas do já referido “Plano Tecnológico” é, justamente, a ligação à Internet em banda larga de todas as escolas públicas do país. De acordo com o site desse Plano (www.planotecnologico.pt), esse objectivo foi concluído em Janeiro de 2006.

Um dos suportes de leitura considerados no questionário do presente estudo *A Leitura em Portugal* são as mensagens de telemóvel (SMS). Por esta razão poderá ser relevante conhecer a evolução que a difusão deste tipo de equipamento conheceu nos últimos anos em Portugal. O número de assinantes de serviços telefónicos móveis entre 1997 e 2005 registou um crescimento exponencial, sendo que em 2005 o número de assinantes era superior ao número de habitantes do país (ANACOM, 2002; 2006)

Outras actividades culturais

Neste tópico são apresentados vários indicadores relacionados com as actividades culturais, que não as de leitura, e sua evolução nos últimos anos.

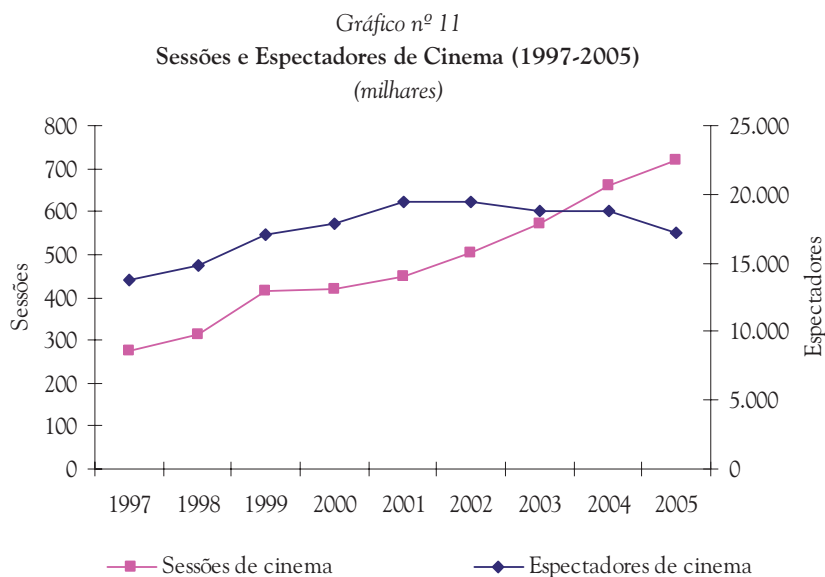
Para além do forte desenvolvimento das redes de bibliotecas, outros equipamentos culturais conheceram desenvolvimentos significativos nos anos mais recentes, em boa parte adoptando o modelo de funcionamento em rede (Silva, 2004), desenvolvimentos que confirmam tendências e dinâmicas culturais relevantes quer quanto ao número de equipamentos quer quanto aos grandes

eventos realizados em Portugal (Santos, Antunes, Conde, Costa, Freitas, Gomes, Gonçalves, Gonçalves, Lopes, Lourenço, Martinho, Martinho, Neves, Nunes, Pegado, Pires e Silva, 1998; Santos, Costa, Gomes, Lourenço, Martinho, Neves e Conde, 1999; Santos, Gomes, Neves, Lima, Lourenço, Martinho e Santos, 2002), quer ainda quanto às entidades culturais e artísticas públicas, privadas e do terceiro sector (Gomes, Lourenço e Martinho, 2006).

Também do lado da procura, os indicadores estatísticos disponíveis mostram crescimentos assinaláveis (embora não necessariamente uniformes e constantes) desde meados da década de 90 (Gomes, 2002; Neves, 2003) comparativamente com períodos anteriores (Conde, 1996) em modalidades como o teatro, a dança, a ópera ou o cinema.

O que se faz seguidamente é dar conta de alguns desses indicadores a título ilustrativo das evoluções verificadas na frequência de actividades culturais em Portugal. O gráfico nº 11 refere-se ao número de espectadores¹² e ao número de sessões de cinema entre 1997 e 2005. Nesse período o número de sessões aumentou sempre, o mesmo não acontecendo com o número de espectadores. De facto, após um período de crescimento constante, desde 2002 observa-se uma diminuição no número de espectadores de cinema.

Esta dupla tendência (de aumento do número de sessões de cinema, por um lado, e de diminuição do número de espectadores, por outro) resulta numa média cada vez menor de espectadores por sessão de cinema.

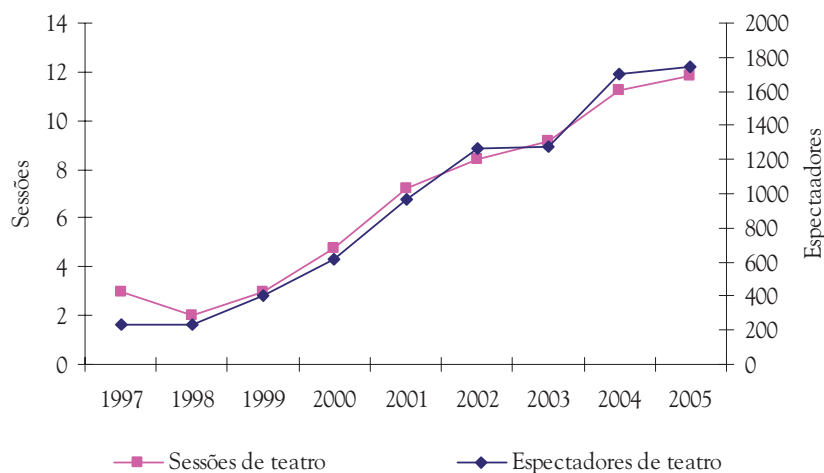


Fonte: INE, *Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio 1997-2005*.

¹² Note-se que, ao contrário dos “utilizadores inscritos” das bibliotecas, os espectadores (e os visitantes de museus) não correspondem a indivíduos mas a entradas. Cada indivíduo pode corresponder a uma ou mais entradas.

O gráfico nº 12 diz respeito à evolução do número de sessões e de espectadores de teatro verificada entre 1997 e 2005. Nesse período os aumentos do número de sessões e do número de espectadores de teatro aconteceram a ritmos similares.

Gráfico nº 12
Sessões e Espectadores de Teatro (1997-2005)
(milhares)



Fonte: INE, *Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio 1997-2005*.

Relativamente ao caso dos museus, tanto o número de equipamentos como o de visitantes/entradas, embora mais acentuadamente aqueles (Santos e Neves, 2000; Santos, Neves, Santos e Nunes, 2005), tem vindo a registar crescimentos positivos. De facto, o número de visitantes/entradas aumentou ligeiramente entre 1997 e 2005. Embora se verifique uma certa estagnação entre os anos 2002 e 2004, a evolução geral do número de visitantes no período considerado corresponde a um aumento de 17%.

Despesas das famílias com actividades culturais

O *Inquérito aos Orçamentos Familiares* no ano 2000 do INE contempla as despesas médias anuais dos agregados com Serviços recreativos e culturais.

Se se considerar essas despesas por tipo de agregado, aquele que despende uma menor fatia do seu orçamento com Serviços recreativos e culturais é o casal sem crianças (1% das despesas totais). A categoria Outros é a que despende a parte maior do seu orçamento nesses serviços, embora não chegue a representar 2% das suas despesas totais.

Quanto às despesas dos agregados de acordo com o nível de instrução do representante do agregado, verifica-se que a percentagem da despesa vai crescendo à medida que aumenta o nível de instrução. Assim, os agregados cujo representante não tem nenhum nível de ensino são os que despendem a menor fatia do seu orçamento com Serviços recreativos e culturais (1%), enquanto os que têm o ensino secundário ou superior são os que proporcionalmente mais gastam (ambos 2%).

A análise às despesas dos agregados com Serviços recreativos e culturais segundo o Escalão etário do representante do agregado mostra que os agregados cujo representante tem mais de 65 anos são os que menos despendem com este tipo de serviços (1% das despesas totais).

Associativismo

No âmbito de uma pesquisa sobre as atitudes e comportamentos políticos dos portugueses, em 2001 foi aplicado um inquérito em que constava uma parte sobre o envolvimento dos portugueses nas associações. Considerava-se que um indivíduo estava envolvido numa associação se participava numa actividade planeada, se doava dinheiro, se fazia trabalho voluntário ou se era membro da associação. Esse inquérito foi aplicado em doze países europeus, o que permitiu fazer uma análise comparativa da realidade portuguesa (Viegas, 2004: 40-41).

Os resultados mostram que o envolvimento associativo em Portugal é semelhante ao de Espanha, superior ao dos dois países de Leste considerados (Moldávia e Roménia) e inferior ao de todos os outros países (Noruega, Dinamarca, Holanda e Alemanha), principalmente ao dos países nórdicos.

São 47% os portugueses que referem não estar envolvidos em nenhuma associação, 30% os que estão envolvidos numa associação, 13% em duas e 11% em três ou mais associações.

Quanto ao tipo de associações em que os portugueses estão envolvidos, as “desportivas, culturais e recreativas” e as de “solidariedade social e religiosas” apresentam os valores mais elevados (28% e 26%, respectivamente). As associações com taxas de envolvimento mais baixas são as de “pensionistas e ex-combatentes”, as de “consumidores” e as de “interesses empresariais ou financeiros” (todas com 2%).

Segundo o mesmo estudo, as associações em que os portugueses mais estão envolvidos – “associações desportivas, culturais e recreativas” e “associações de solidariedade social e religiosas” – são associações que propiciam a integração social dos indivíduos, reforçam as identidades, possibilitam a cooperação mas não desenvolvem grandes competências simbólicas, profissionais ou políticas (excepto no caso do pessoal dirigente) (Viegas, 2004: 42-43).

Quanto ao envolvimento *activo* nos diversos tipos de associações, ou seja, quando os indivíduos participam nas actividades da associação ou executam trabalho voluntário, são de destacar as percentagens relativas às “associações de pais e moradores”. Dos oitos países analisados, Portugal apresenta um dos valores mais baixos de envolvimento activo nesse tipo de associações (3% contra um máximo de 22% na Dinamarca).

São também significativos os valores relativos ao envolvimento activo em associações “sindicais e socioprofissionais”: a percentagem de Portugal é a mais baixa dos países considerados (3%).

Transformação do panorama audiovisual

No início dos anos noventa surgem em Portugal os dois primeiros projectos de televisão privada e, conseqüentemente, termina o monopólio televisivo estatal. Nessa altura começa-se a emitir programas resultantes de modelos ou produtos importados, nomeadamente de redes mundiais de audiovisual. Os meios de comunicação social afirmam-se como um dos mais importantes veículos de incorporação, na cultura portuguesa, de valores e referências de origem estrangeira (Cardoso, Costa, Conceição e Gomes, 2005: 76-77).

A liberalização do sector cria condições para uma maior diversidade de produtos e ideias, mas as crescentes exigências financeiras tornam as empresas mais dependentes das receitas de publicidade e, conseqüentemente, das audiências (Cardoso, Costa, Conceição e Gomes, 2005: 77).

Na luta pelas audiências, os canais televisivos portugueses homogeneizaram e popularizaram os seus produtos o que, segundo alguns analistas, conduziu a uma degradação da qualidade da oferta. Os últimos anos caracterizam-se também pela multiplicação de debates televisivos sobre temas da actualidade, de talk-shows, etc., ou seja, produtos em que a intervenção do cidadão comum é estimulada. No entanto, esta tendência não se traduziu numa maior participação, por parte da população, no espaço de debate público. As eventuais participações são circunscritas e efémeras (Cardoso, Costa, Conceição e Gomes, 2005: 79).

Mas paralelamente a esta homogeneização da oferta televisiva, os portugueses têm acesso a uma grande diversidade de produtos televisivos, através dos canais de televisão por cabo. Embora os canais mais vistos continuem a ser os quatro disponíveis por via hertziana (RTP1, RTP2, SIC e TVI), são cada vez mais os subscritores dos serviços de televisão por cabo. De acordo com os dados da ANACOM (2002; 2006), o número de assinantes do serviço de distribuição por cabo mais do que triplicou entre 1997 e 2005, tendo passado de 382.900 em 1997 para 1.399.000 em 2005.

Quanto ao tempo de emissão que cada um dos quatro canais generalistas dedica aos vários tipos de programas, nos anos de 2000 a 2004 a categoria Cultura/Conhecimento apresentava um peso relativamente elevado na RTP 2 e na RTP 1, o que não acontecia nos dois canais privados. Nestes dois canais a Ficção assumia um peso maior do que nos canais estatais. Todos os canais dedicavam uma percentagem considerável do tempo de emissão à Informação, sendo a RTP 2 o canal onde esta apresentava o maior peso. Por fim, em todos os canais – exceptuando a RTP 2 – a Publicidade surgia com uma fatia considerável do tempo emitido (Cardoso e Martins, 2007: 27).

Síntese

Fez-se neste capítulo uma breve caracterização da evolução da composição social da população portuguesa, por um lado, e da oferta e procura culturais, por outro. Privilegiaram-se dimensões mais ligadas com a temática do estudo. Quanto à evolução da estrutura demográfica da população portuguesa mantém-se a distribuição por sexo, acentua-se o envelhecimento. Quanto à dimensão educativa, baixa a taxa de analfabetismo, embora se mantenha a um nível relativamente elevado, e aumenta a qualificação escolar. Apesar do aumento verificado nos níveis de qualificação escolar dos portugueses os perfis da população portuguesa estão ainda muito distantes dos da média quer dos países da OCDE quer dos da UE. Relativamente à estrutura socioprofissional da população activa diminuiu o peso das categorias ligadas à agricultura e dos operários industriais, cresceu o peso de outras como a dos empregados executantes (agora a categoria mais volumosa) e a dos profissionais técnicos de enquadramento (*as novas classes médias*).

Quanto à evolução da oferta cultural ela tem sido positiva, tanto no que toca aos eventos como aos equipamentos culturais. Importa destacar o crescimento do número de bibliotecas, em particular das públicas e também das escolares. No panorama da imprensa destaca-se a presença crescente na Internet e o surgimento dos jornais de distribuição gratuita. Relativamente às TIC, generalizou-se o uso do telemóvel, e tem vindo a crescer o número de agregados familiares com acesso à Internet e, a um nível mais geral, dos que têm computador (cerca de metade dos agregados em 2006). Um último aspecto a destacar refere-se aos perfis dos utilizadores de computador e da Internet os quais, embora com pequenas diferenças percentuais, coincidem, no essencial, pela maior incidência masculina, nos mais jovens, com níveis de escolaridade mais elevados e nos estudantes.

3. RESULTADOS

Neste capítulo começa-se por traçar um primeiro quadro comparativo entre o Inq. 97 e o estudo LP 2007 no tocante aos suportes lidos, aos tipos de leitura e aos tipos de leitores de livros. Identificam-se seguidamente os perfis dos leitores de livros, jornais e revistas decorrentes do presente estudo.

A apresentação exaustiva dos resultados gerais de LP 2007 é feita de seguida. Tem um carácter descritivo e segue a ordenação das perguntas no questionário. Quando pertinente, estabelecem-se comparações com outros estudos, nacionais e internacionais, indicando-se, sempre que se justificar, quais os limites a ter em conta.

3.1. LEITORES POR SUPORTE, TIPOLOGIA DE LEITURA E TIPOS DE LEITORES DE LIVROS

Quadro comparativo

Os dados relativos aos *leitores por suporte* mostram que todos eles cresceram (quadro nº 11). Este crescimento é particularmente notório nos jornais, que é o suporte claramente mais lido no actual estudo (83%), seguido das revistas (73%) e, a larga distância, dos livros (57%). Note-se que no Inq. 97 apresenta um valor muito próximo do das revistas (69%).

Um outro dado relevante a destacar é a diminuição daqueles que não lêem nenhum dos três suportes, 5% no presente estudo quando no Inq. 97 representam 12% da amostra.

Quadro nº 11
Leitores por suporte (Inq. 97 e LP 2007)
(percentagem)

	Inq. 97 *	LP 2007 **
Livros	53,4	56,9
Jornais	69,4	83,0
Revistas	69,2	73,0
Não-leitores	12,4	4,7
<i>Bases</i>	2.506	2.552

* Freitas, Casanova e Alves (1997: 116, 177, 202 e 248).

** Q14 (jornais), Q17 (revistas) e Q20 (livros).

De acordo com estes dados, os leitores de livros cresceram 7%, os de jornais 20% e os de revistas 6%. Ao passo que os não-leitores caíram 62%, os leitores cresceram 9%.

Apesar dos cuidados que estes números devem merecer ao longo da análise, merecem desde já duas breves notas comparativas – uma no plano nacional e outra no plano internacional.

No plano nacional, relativamente ao Inq. 92¹³ – o qual, como se referiu atrás, se reporta ao universo dos habitantes em localidades com mais de 1000 habitantes e, portanto, *a um tecido social tendencialmente mais urbano* – a hierarquia dos suportes habitualmente lidos é similar à que se evidencia no estudo LP 2007. Sugere igualmente uma diminuição significativa do número de não-leitores (ver Freitas e Santos, 1992a: 15, 28, 44 e 48).

No plano internacional, os referidos valores contrariam os resultados que estudos realizados noutros países vêm evidenciando: o declínio da leitura em França (livros, jornais e revistas) (Donnat, 1998: 169) e especificamente da leitura de livros noutros países (Knulst e Kraaykamp, 1997; Knulst e Broek, 2003; Coulangeon, 2005; Griswold, McDonnell e Wright, 2005).

De facto, em Portugal o estudo LP 2007 mostra, como se viu, uma variação positiva. A questão central, contudo, é que os valores de partida são muito díspares e, salvo no caso dos jornais, o valor a que se chega hoje está ainda muito abaixo, por exemplo, dos valores registados em França anos atrás. Por exemplo, a percentagem de leitores de livros em França era, em 1997, 74% (e ainda assim uma diminuição de 1% relativamente a 1989) e a leitura de jornais 73% (representando uma diminuição de 6% relativamente a 1989) (Donnat, 1998: 169). Repare-se que, de acordo com o Eurostat, em 2001/2003, a Suécia estava no topo dos países com mais leitores (mais de 80%), Portugal no último lugar (pouco acima dos 30%) (EUROSTAT, 2007). Por outras palavras: a constatação do crescimento dos leitores em Portugal deve ter em conta os baixíssimos valores de partida relativamente a diversos outros países.

Passando à análise por *tipologia de leitura*, esta mostra que a diminuição dos Não-leitores se reflecte no crescimento da leitura Cumulativa (39% contra 41%) e, sobretudo, da leitura Parcelar (49% contra 55%) (quadro nº 12).

Analisando em pormenor as combinatórias subjacentes à leitura Parcelar (muito diversas, acrescente-se, tanto do ponto de vista das práticas que representa como do ponto de vista quantitativo), constata-se que tal aumento se deve sobretudo ao incremento da leitura de jornais em qualquer das combinatórias em que este suporte esteja presente.

¹³ Para este tópico ver o capítulo “5. Breve incursão comparativa: leitores e leituras em 1988 e 1995” (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 267-275).

Quadro nº 12
Tipologia de leitura (Inq. 97 e LP 2007)
 (percentagem)

	Inq. 97 *	LP 2007
Cumulativa	38,7	40,7
Parcelar	48,8	54,5
<i>Revistas e livros</i>	7,3	6,4
<i>Jornais e livros</i>	4,9	7,7
<i>Jornais e revistas</i>	14,8	22,1
<i>Só livros</i>	2,5	2,1
<i>Só revistas</i>	8,4	3,8
<i>Só jornais</i>	10,9	12,5
Não-leitores	12,4	4,7
<i>Bases</i>	2.506	2.552

* Freitas, Casanova e Alves (1997: 248).

Nota: Leitura *cumulativa* dos três suportes (livros, jornais e revistas); Leitura *parcelar* de pelo menos um deles.

Refira-se ainda que a evolução verificada no sentido de acentuar o peso da leitura parcelar é consistente com os dados do Inq. 92 (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 269).

Quais as perfis sociais predominantes de cada tipo de leitura? Os *não-leitores* seguem, quanto ao sexo, a distribuição da amostra, situam-se esmagadoramente no Grau de escolaridade mais baixo (88%), mais idosos, activos mas com uma percentagem elevada de Outros não activos (41%), destacando-se, quanto à Categoria socioprofissional¹⁴, a percentagem de Operários (39%) comparativamente com a média da amostra (27%) (quadro nº 13). Aqueles que se situam no tipo *só um impresso – padrão* são maioritariamente homens (62%), com uma escolaridade igualmente baixa, com idades acima dos 35 anos (75%), activos e com uma percentagem elevada (embora não tanto como os *não-leitores*) entre os Outros não activos, destacando-se por uma percentagem ainda mais elevada entre os Operários (42%). Relativamente ao tipo *parcelar*, volta a estar próximo dos valores da amostra quanto ao Sexo, mas diferencia-se por ter escolaridades mais elevadas (quase 50% têm pelo menos o 3º Ciclo do Ensino Básico) e por idades mais jovens. Finalmente, o grupo da leitura *cumulativa* é claramente feminizado (59%), mais escolarizado (52% têm pelo menos o

¹⁴ A construção do indicador Categoria socioprofissional aqui mobilizado resulta da combinação de informação proveniente das variáveis Profissão e Situação na profissão e contempla quer os inquiridos profissionalmente activos quer aqueles que, não o sendo no presente já o foram (caso dos reformados e dos desempregados) e referem a profissão anteriormente exercida, o que permite a sua classificação (Costa, 1999; Costa, Mauritti, Martins, Machado e Almeida, 2000). Reporta-se a 2.160 casos, 85% da amostra. Refira-se ainda que, dados os baixos contingentes para as categorias Agricultores independentes (13 casos) e Assalariados Agrícolas (45 casos), estas foram agregadas à categoria Operários Industriais (530 casos) de que resultou a categoria Operários (588 casos).

secundário), mais jovem, com uma percentagem elevada de Estudantes (15%) e, entre os Activos, pela elevada percentagem de Empregados executantes (46%) e de Profissionais técnicos de enquadramento (20%), neste último caso particularmente visível se se tiver em conta a média da amostra.

Quadro nº 13

Tipologia de leitura por Sexo, Idade, Grau de escolaridade, Idade, Situação perante o trabalho e Categoria socioprofissional (LP 2007)
(percentagem em coluna)

	Tipologia de leitura				Totais
	Não-leitores	Só um impresso - padrão	Parcelar	Cumulativa	
Número	121	467	925	1.039	2.552
Sexo					
Feminino	52,9	38,3	52,3	58,5	52,3
Masculino	47,1	61,7	47,7	41,5	47,7
Grau de escolaridade					
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	87,6	69,0	51,5	27,9	46,8
3º Ciclo do Ensino Básico	2,5	11,1	20,4	20,5	17,9
Ensino Secundário	6,6	13,9	22,3	33,4	24,5
Ensino médio ou Superior	3,3	6,0	5,8	18,2	10,8
Idade					
15-24	6,6	11,8	16,8	23,8	18,2
25-34	5,8	13,1	20,3	23,5	19,6
35-54	28,9	33,6	37,3	35,1	35,3
Mais de 55 anos	58,7	41,5	25,6	17,6	26,8
Condição o perante trabalho					
Activos	57,0	64,0	66,7	65,6	65,3
Estudantes	1,7	5,4	8,5	15,3	10,4
Outros não activos	41,3	30,6	24,8	19,1	24,3
Categoria socioprofissional *					
EDL	12,4	14,6	17,8	16,2	16,3
PTE	3,5	6,0	7,0	20,1	11,7
TI	3,5	4,3	2,5	2,3	2,8
O	38,9	42,4	29,7	15,6	27,2
EE	41,6	32,6	43,0	45,8	42,0

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,00$); o tipo *parcelar* foi aqui desdobrado nos tipos *só um dos impressos-padrão* e *parcelar* (dois impressos – padrão).

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (85% dos casos em análise).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

Passando especificamente à leitura de livros, de acordo com o quadro nº 14 a evolução registada do Inq. 97 para o actual LP 2007, quanto aos *tipos de leitores de livros*, caracteriza-se pelo crescimento percentual dos Pequenos leitores e concomitante descida dos Grandes leitores.

Quadro nº 14
Tipos de leitores de livros (Inq. 97 e LP 2007)
(percentagem em coluna)

	Inq. 97 *	LP 2007 **
Pequenos	67,6	69,2
Médios	26,5	26,5
Grandes	5,4	4,3
Bases	1.145	1.395

* Freitas, Casanova e Alves (1997: 128). A soma das parcelas (na fonte) é 99,5%.

** A partir da Q23, excluindo não-respostas.

Notas: i) Pequenos = 1-5 livros; Médios = 6-20 livros; Grandes = + de 20 livros. O período de referência é 1 ano;

ii) Bases = leitores de livros.

Note-se que a referida evolução é consistente com a evidenciada na comparação entre o Inq. 92 e o Inq. 97, embora aí se verifique igualmente uma sensível diminuição dos Médios leitores (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 270).

Isto no plano nacional. No internacional, adiante-se que este resultado está de acordo com estudos realizados em França (Donnat, 1998: 169) e Espanha (Salgado, 2000: 164).

Quanto às interpretações desta tendência, alguns autores salientam que o crescimento dos pequenos leitores se deve não à diminuição dos grandes leitores mas sim dos não-leitores. Analisando os “faible lecteurs” (aqueles que declaram ler até 9 livros/ano) esses autores concluem que se deve reverter a percepção negativista dos fracos leitores: o crescimento desta prática deve-se à redução dos não-leitores, a amplificação de uma leitura fraca em quantidade constitui um mecanismo de desenvolvimento e não de fragilização da leitura (Bahloul, 1990: 14; Poulain, 2004: 33).

Voltando à exploração dos resultados obtidos no presente inquérito, importa, também aqui, procurar entender o perfil social predominante de cada um dos tipos de leitores de livros (quadro nº 15).

Os *pequenos* leitores caracterizam-se pela elevada percentagem de escolaridades até ao 2º ciclo (37%), pela sobrerepresentação daqueles que têm mais de 55 anos (22%), são Outros não activos (22%) e, quando activos, pelo peso entre os Operários e os Empregados executantes. Os *médios* leitores apresentam pesos significativos nos graus de ensino do 3º ciclo e do secundário (57%) e também do médio ou superior (28%), idades relativamente mais jovens, uma elevada percentagem de Estudantes (28%) e um peso igualmente elevado entre os Profissionais técnicos de

enquadramento. Finalmente, o grupo dos *grandes* leitores mostra valores elevados nos graus secundário e médio ou superior (somados, estas duas categorias são 70%), claramente mais jovens, o peso mais importante entre os Estudantes e também entre os Profissionais técnicos de enquadramento.

Deste modo, como se esperaria, embora os perfis socialmente predominantes dos leitores *cumulativos* e dos *grandes* leitores de livros sejam relativamente próximos, os correspondentes aos leitores de livros são mais qualificados em termos de escolaridade e de categoria socioprofissional, para além de mais jovens e, portanto, com um maior peso de estudantes.

Quadro nº 15
Tipos de leitores de livros por Grau de escolaridade, Idade, Situação perante o trabalho e Categoria socioprofissional (LP 2007)
(percentagem em coluna)

	Tipos de leitores de livros			Totais
	Pequenos	Médios	Grandes	
Número	966	370	59	1.395
Grau de escolaridade				
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	36,7	15,1	11,9	30,0
3º Ciclo do Ensino Básico	20,4	20,5	18,6	20,4
Ensino Secundário	30,8	36,2	35,6	32,5
Ensino médio ou Superior	12,0	28,1	33,9	17,2
Idade				
15-24	18,9	34,6	39,0	23,9
25-34	22,9	23,8	28,8	23,4
35-54	36,2	30,0	18,6	33,8
Mais de 55 anos	21,9	11,6	13,6	18,9
Condição perante trabalho				
Activos	67,6	56,8	50,8	64,0
Estudantes	10,5	28,4	33,9	16,2
Outros não activos	21,9	14,9	15,3	19,8
Categoria socioprofissional *				
EDL	15,4	14,5	15,8	15,2
PTE	15,1	29,4	31,6	18,9
TI	2,6	1,6	-	2,3
O	19,5	11,0	10,5	17,2
EE	47,5	43,5	42,1	46,4

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,00$).

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (81% dos casos em análise).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

Perfis de leitores por suporte (LP 2007)

Importa reter também, desde já, quais as principais características sociais dos leitores por suporte. Assim, no quadro nº 16 apresentam-se (apenas com os dados do Inquérito *A Leitura em Portugal*) os resultados do cruzamento dos contingentes dos leitores de cada um dos três suportes com as variáveis sociográficas, identificando-se, deste modo, os respectivos *perfis sociais predominantes*. Como se pode verificar, estes apresentam diferenças sensíveis entre si.

Assim, no tocante aos livros, o perfil dos leitores é acentuadamente feminizado (64% das mulheres inquiridas afirmam ler livros contra 49% dos homens), juvenilizado (note-se a relação inversa entre a leitura de livros e a idade – quanto mais elevado é o escalão menor é a percentagem dos que lêem livros), escolarizado (note-se a relação directa entre a prática e o grau de escolaridade, sendo que ela está presente em 89% daqueles que completaram o grau médio/superior contra 37% daqueles que completaram, no máximo, o 2º Ciclo do Ensino Básico) e, como se esperaria, um perfil em que os estudantes se destacam (86% contra 47% nos Outros não activos).

Quanto aos jornais, o perfil é, pelo contrário, vincadamente masculino (91% dos homens inquiridos lê jornais contra 76% das mulheres), sensivelmente mais idoso – repare-se que não existe uma relação directa entre a prática e a idade – com níveis de escolarização básicos e secundários e, quanto à Condição perante o trabalho, Activos (88% contra 77% entre os Estudantes).

Quanto às revistas, o perfil é (tal como para os livros) acentuadamente feminizado (83% das mulheres lê revistas contra 62% dos homens), relativamente juvenilizado (a relação entre a prática e a idade volta a ser inversa, embora menos acentuada do que nos livros), com níveis de escolaridade relativamente baixos e mais frequente entre os Estudantes (85% contra 64% dos Outros não activos).

Quadro nº 16
**Leitores de livros, jornais e revistas por Sexo, Idade, Grau de escolaridade e
 Condição perante o trabalho (LP 2007)**
 (percentagem)

	Leitores			Número
	Livros	Jornais	Revistas	
Total	56,9	83,0	73,0	2.552
Sexo				
Feminino	64,3	75,6	82,7	1.335
Masculino	48,8	91,2	62,4	1.217
Idade				
15-24	73,8	79,1	84,9	465
25-34	67,2	86,0	80,6	500
35-54	54,0	86,7	74,6	902
Mais de 55 anos	41,8	78,7	57,2	685
Grau de escolaridade				
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	37,4	79,4	62,7	1.194
3º Ciclo do Ensino Básico	65,0	86,0	82,9	457
Ensino Secundário	74,0	86,6	81,9	626
Ensino Médio e Superior	89,1	85,8	80,7	275
Condição perante o trabalho				
Activos	55,6	84,6	74,4	1.667
Estudantes	87,5	77,0	84,5	265
Outros não activos	47,3	81,3	64,2	620

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,005$).

Em suma, a leitura de livros permanece a leitura distintiva, a leitura de jornais a mais transversal.

Estes resultados são, para os três suportes, consistentes com os resultados obtidos no Inq. 97 (Freitas, Casanova e Alves, 1997). São também consistentes com os do *Inquérito à Ocupação do Tempo 1999*, em particular no que se refere à predominância por sexo (Lopes, Coelho, Neves, Gomes, Perista e Guerreiro, 2001) embora com a diferença de que o perfil dos leitores de jornais é mais jovem no LP 2007. E, no plano internacional, são também consistentes com os apurados na generalidade dos inquéritos sociológicos (Donnat, 1998; Salgado, 2000; Griswold, McDonnell e Wright, 2005: 129).

Síntese

Neste capítulo avançam-se resultados globais dos leitores por suporte e comparam-se com os do Inq. 97 e com outros inquéritos sociológicos. Relativamente ao Inq. 97 o dado mais saliente é a evolução positiva registada em todos os suportes, com destaque para os jornais, correspondendo a uma significativa descida dos não-leitores. Trata-se, porém, de uma evolução que está ainda longe dos patamares médios europeus, sobretudo no tocante à leitura de livros. Os resultados evidenciam também que a diminuição dos não-leitores se reflecte no crescimento dos leitores cumulativos mas, sobretudo, dos parcelares. De acordo com a tipologia de leitura, confirma-se que o perfil dos leitores cumulativos é marcado pela feminilidade, escolaridade elevada, juvenilidade e pelo peso entre os estudantes e as novas classes médias (profissionais técnicos de enquadramento) e também nos empregados executantes. Ao nível dos não-leitores é particularmente evidente a percentagem dos operários.

Quanto aos tipos de leitores de livros, para além de maioritários, os pequenos leitores registam uma pequena subida, à custa da descida dos grandes leitores. De novo se verifica a relação directa entre a leitura e a escolaridade, evidencia-se o peso dos mais jovens (parte deles ainda em percurso escolar) entre os grandes leitores sendo aqui mais vincado o peso das novas classes médias.

Tendo em conta os perfis sociais predominantes dos leitores por suporte constata-se que o perfil dos leitores de livros é acentuadamente feminizado, juvenilizado, escolarizado e com um peso muito elevado entre os estudantes. O dos leitores de jornais distingue-se de forma notória: vincadamente masculinizado, com pesos significativos nas idades situadas entre os 25 e os 54 anos, nos graus de escolaridade mais baixos e entre os activos e os outros não activos. Finalmente, o perfil dos leitores de revistas apresenta alguma proximidade com o dos livros: feminizado, juvenilizado mas menos escolarizado e com um peso assinalável entre os activos.

Refere-se ainda que estes perfis seguem, em traços gerais, os resultados dos estudos sociológicos sobre a leitura.

3.2. ANTECEDENTES DA PRÁTICA DE LEITURA

O primeiro bloco temático do questionário abre com os *Antecedentes da prática da leitura*, onde se inclui uma série de questões relacionadas com a infância dos inquiridos. Tendo vários estudos demonstrado a importância da família e da escola na formação do gosto pela leitura (Kraaykamp, 2003; Tavan, 2003), procura-se, aqui, obter dados que permitam vir a explorar possíveis relações entre o exercício da leitura no passado e no presente dos inquiridos portugueses. Esta questão será retomada no capítulo 2.4 *Relação entre o incentivo à leitura recebido em criança e o dado aos filhos/educandos* do Módulo Específico – Pais e/ou Encarregados de Educação.

As perguntas orientam-se segundo duas vertentes. Uma delas, *Socialização primária para a leitura*, indaga os inquiridos acerca do ambiente familiar em que viviam. Questiona-se a idade com que aprenderam a ler, se os pais e outros familiares tinham hábitos de leitura, se eram incentivados a ler, como e por quem e se tinham livros em casa.

A segunda, *Gosto pela leitura na infância*, visa não só saber se os inquiridos gostavam de ler ou não, mas também conhecer as respectivas razões e verificar se existiu algum livro importante para o despertar do seu gosto pela leitura. Questiona-se, igualmente, se a sua atitude em relação à leitura se alterou no presente e quais as razões para essa alteração.

Socialização primária para a leitura

Cerca de 80% dos inquiridos refere ter começado a aprender a ler com 6 ou 7 anos (quadro nº 17). Sendo os 6 anos a idade em que, normalmente, ocorre a entrada para o 1º Ciclo do Ensino Básico, é de salientar que em 10% dos casos a aprendizagem da leitura se inicia antes dessa altura.

Quadro nº 17
Idade de aprendizagem da leitura (Inq. 97 e LP 2007)
 (percentagem em coluna)

	Inq. 97 *	LP 2007 **
3 anos	–	0,3
4 a 5 anos	7,6	9,6
6 anos	32,2	44,8
7 anos	45,1	34,8
8 a 9 anos	10,3	7,8
10 anos e mais	4,8	2,7
<i>Total</i>	100,0	100,0
<i>Bases</i>	2.506	2.552

* Freitas, Casanova e Alves (1997: 98).

** Os dados resultam de codificações *a posteriori* da Q1.

Uma breve comparação com os dados do Inq. 97 indicia que não só tem vindo a descer a idade em que se inicia o contacto com a leitura como também têm vindo a ser cada vez mais residuais os casos em que a aprendizagem se faz depois dos 10 anos (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 98). Note-se, contudo, que a pergunta no Inq. 97 era “com que idade aprendeu a ler” e não “com que idade começou a aprender a ler”, formulação adoptada no estudo LP 2007.

O cruzamento da Idade de aprendizagem da leitura com a Idade actual do inquirido reflecte claramente o alargamento da escolarização entre a população portuguesa. No grupo de inquiridos com idades entre os 15 e os 24 a maioria aprendeu a ler com 6 anos (59%) e nenhum aprendeu com 10 e mais anos (quadro nº 18). Já nos inquiridos com Mais de 55 anos mais de metade refere ter aprendido a ler com 7 anos (53%) e ascendem aos 9% aqueles que aprenderam com 10 e mais anos.

Se se cruzar a Idade de aprendizagem da leitura com o Grau de escolaridade actual do inquirido, observa-se que a percentagem de inquiridos que aprendeu a ler com idades entre os 3 e os 5 anos aumenta com o grau de escolaridade. Pelo contrário, quanto menor a escolaridade maiores as percentagens de inquiridos que aprenderam a ler com 10 e mais anos.

A análise da Idade de aprendizagem da leitura por Tipologia de leitura¹⁵ mostra uma clara relação entre a leitura Cumulativa e a precocidade da aprendizagem. Tudo se joga até aos 7 anos: 94% dos leitores cumulativos aprenderam a ler até essa idade. Elevam-se a 40% os Não-leitores que aprenderam a ler depois dessa idade.

Quadro nº 18

Idade de aprendizagem da leitura por Idade, Grau de escolaridade e Tipologia de leitura
(percentagem em linha)

	Idade de aprendizagem da leitura					Número
	3 a 5 anos	6 anos	7 anos	8 a 9 anos	10 e mais anos	
Total	9,8	44,8	34,8	7,8	2,7	2.552
Idade						
15-24	22,8	58,7	16,6	1,9	0,0	465
25-34	12,6	64,6	19,0	3,0	0,8	500
35-54	6,3	46,0	39,4	7,5	0,8	902
Mais de 55 anos	3,6	19,4	52,7	15,6	8,6	685
Grau de escolaridade						
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	3,9	33,2	45,6	12,1	5,3	1.194
3º Ciclo do Ensino Básico	10,3	56,5	28,9	3,9	0,4	457
Ensino Secundário	16,8	53,0	24,9	4,8	0,5	626
Ensino Médio ou Superior	19,3	57,1	20,4	2,5	0,7	275
Tipologia de leitura						
Não-leitores	2,5	20,7	37,2	24,0	15,7	121
Só um dos impressos – padrão	4,9	34,5	45,2	10,5	4,9	467
Parcelar	7,9	47,0	35,6	7,8	1,7	925
Cumulativa	14,6	50,3	29,2	4,7	1,2	1.039

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,000$).

¹⁵ Como se referiu anteriormente, a Tipologia de leitura refere-se aos formatos (livros, jornais e revistas) que os inquiridos lêem. Para o total da amostra, são 40% os inquiridos que se enquadram no tipo leitura *cumulativa*, o que significa que lêem os três formatos. Os leitores de *só um dos impressos – padrão* (18%) são sobretudo leitores de jornais. Os que fazem uma leitura *parcelar* (36%) são sobretudo leitores que acumulam a leitura de jornais com a de revistas.

Relativamente ao contacto com os livros e à leitura quando criança, consideram-se quatro opções que remetem, uma, para o ambiente familiar, outras duas para a iniciativa por parte da família e uma outra que se reporta a iniciativas da própria criança. O seu cruzamento com o Capital escolar familiar¹⁶ permite observar alguns aspectos interessantes (quadros nº 19 a nº 22).

Quanto aos inquiridos que em criança viam os pais ou familiares a ler, observa-se que mais de metade (56%) daqueles que têm um Capital escolar familiar Consolidado respondem Muitas vezes e que a sua percentagem vai diminuindo até chegar a um mínimo de 6% na categoria de resposta Nunca (quadro nº 19). Com os que têm um Capital escolar familiar Precário acontece o contrário: a categoria de resposta Nunca é a que reúne uma maior percentagem de respostas (37%) e o contingente vai diminuindo até chegar aos 9% que respondem Muitas vezes.

Quadro nº 19
Frequência com que o inquirido via os pais ou familiares a ler por Capital escolar familiar
(percentagem em linha)

	Frequência com que o inquirido via os pais ou familiares a ler				Número
	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	
Consolidado	56,0	34,0	4,0	6,0	50
Recente	14,4	51,9	21,5	12,2	181
Precário	9,0	29,8	24,2	36,9	1.939
Não classificável	5,8	26,1	15,9	52,2	69
<i>Total</i>	10,4	31,6	23,3	34,7	2.239

Base: inquiridos que aprenderam a ler antes dos 14 anos para os quais foi possível determinar o Capital escolar familiar. Excluem-se as não respostas (n = 2.239).

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,000$).

¹⁶ A construção deste indicador seguiu a metodologia empregue em anteriores estudos do OAC (designadamente, Gomes, Lourenço e Neves, 2000: 60-63; Santos, Gomes, Neves, Lima, Lourenço, Martinho e Santos, 2002: 84). Resulta do cruzamento entre o grau de escolaridade do inquirido e os dos seus pais e compreende três categorias: *Consolidado*, *Recente* e *Precário*. Assim, o capital escolar familiar *Consolidado* corresponde às combinações em que o inquirido atinge um grau médio ou superior e em que pelo menos um dos seus progenitores tem esse mesmo grau; o capital escolar familiar *Recente* refere-se aos casos em que, chegado o inquirido ao grau médio ou superior, nenhum dos seus pais o alcançou; finalmente, o capital escolar familiar *Precário* refere-se aos inquiridos cujo grau não ultrapassa o ensino secundário, independentemente dos graus de ensino dos pais. Na categoria *Não classificável* incluem-se os casos de não resposta à variável grau de escolaridade do inquirido e/ou dos pais. Adiante-se ainda que não se consideram os estudantes de modo a evitar que o efeito de idade influencie a estrutura percentual das categorias.

Considerando agora a pergunta sobre se os familiares liam para os inquiridos quando eles eram crianças, verifica-se que os inquiridos com um Capital escolar familiar Consolidado ou Recente respondem sobretudo Algumas vezes (48% em ambos os casos) (quadro nº 20). Metade dos inquiridos com capital Precário refere que os pais ou familiares Nunca costumavam ler para eles.

Quadro nº 20

Frequência com que os pais ou familiares costumavam ler para o inquirido por Capital escolar familiar (percentagem em linha)

	Frequência com que os pais ou familiares liam para o inquirido				Número
	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	
Consolidado	38,0	48,0	8,0	6,0	50
Recente	9,9	47,5	21	21,5	181
Precário	5,7	25,1	19,2	50,1	1.936
Não classificável	0,0	20,6	14,7	64,7	68
<i>Total</i>	6,6	27,3	18,9	47,2	2.235

Base: inquiridos que aprenderam a ler antes dos 14 anos para os quais foi possível determinar o Capital escolar familiar. Excluem-se as não respostas (n = 2.235).

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,000$).

A oferta de livros ilustrados acontecia Algumas vezes (49%) ou Muitas vezes (39%) no caso dos inquiridos com um Capital escolar familiar Consolidado (quadro nº 21). Os inquiridos com um capital Recente recebiam livros Algumas vezes em 44% dos casos e Muitas vezes em 22% dos casos. Por último, 50% dos que têm um Capital escolar familiar Precário Nunca recebiam livros por parte dos pais ou familiares.

Quadro nº 21

Frequência com que os pais ou familiares davam livros ilustrados ao inquirido por Capital escolar familiar (percentagem em linha)

	Frequência com que os pais ou familiares davam livros ilustrados ao inquirido				Número
	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	
Consolidado	39,2	49,0	5,9	5,9	51
Recente	22,2	44,4	18,3	15,0	180
Precário	7,0	25,1	18,2	49,7	1.939
Não classificável	1,5	25,0	19,1	54,4	68
<i>Total</i>	8,8	27,2	18,0	46,0	2.238

Base: inquiridos que aprenderam a ler antes dos 14 anos para os quais foi possível determinar o Capital escolar familiar. Excluem-se as não respostas (n = 2.238).

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,000$).

No que se reporta às iniciativas por parte das próprias crianças, mais de metade (63%) dos que têm um Capital escolar familiar Precário referem que Nunca trocavam livros com outras crianças (quadro nº 22). Também no grupo dos que têm um capital Consolidado o maior contingente de respostas se reporta à opção Nunca, embora com um valor muito inferior (33%). Quanto aos que apresentam um capital Recente, a maioria das suas respostas divide-se entre as opções Algumas vezes (32%) e Nunca (30%).

Quadro nº 22

Frequência com que o inquirido trocava livros com outras crianças por Capital escolar familiar
(percentagem em linha)

	Frequência com que o inquirido trocava livros com outras crianças				Número
	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	
Consolidado	13,7	27,5	25,5	33,3	52
Recente	10,5	31,5	27,6	30,4	181
Precário	2,8	16,0	17,8	63,3	1.932
Não classificável	0,0	14,7	26,5	58,8	68
<i>Total</i>	3,6	17,5	19,1	59,8	2.233

Base: inquiridos que aprenderam a ler antes dos 14 anos para os quais foi possível determinar o Capital escolar familiar. Excluem-se as não respostas (n = 2.233).

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,000$).

○ Inq. 97 contempla apenas três das iniciativas aqui consideradas: ver os pais ou familiares a ler; estes lerem para o inquirido e a troca de livros com outras crianças. Os contingentes de inquiridos são também diferentes. Apesar de tudo, parece poder concluir-se que, de então para cá, se verificou um ligeiro aumento do costume de ver os respectivos progenitores a ler e destes lerem para os filhos. Já o mesmo não parece acontecer com a troca de livros com outras crianças. Esta parece ser a actividade menos frequente, apesar de, no Inq. 97, a pergunta abarcar não só a troca de livros mas também a de revistas (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 86, 88 e 92). Não existindo, no Inq. 97, o indicador de capital escolar familiar, não há qualquer possibilidade de comparação a este respeito.

Relativamente ao contingente daqueles que aprenderam a ler antes dos 14 anos, verifica-se que 59% dos casos foram incentivados a ler em criança (quadro nº 23). Em termos de escolaridade, observa-se uma relação positiva entre o Grau de escolaridade e a percentagem de inquiridos que foram incentivados a ler em criança, ou seja, quanto maior o Grau de escolaridade maior a percentagem de inquiridos que foram incentivados. De 40% de respostas afirmativas no caso dos inquiridos com formação Até 2º Ciclo do Ensino Básico passa-se para uma percentagem de 83% no caso dos que têm Ensino Médio ou Superior.

Quanto à Idade, verifica-se que quanto mais novos são os inquiridos maiores são os contingentes daqueles que respondem afirmativamente. Assim, enquanto no grupo dos 15-24 anos são 83% aqueles que dizem ter sido incentivados, no grupo dos com Mais de 55 anos são 45%.

A percentagem de inquiridos com Capital escolar familiar Consolidado que foram incentivados a ler em criança é de 87%. Representam 56% os inquiridos com capital Precário que afirmam ter sido incentivados.

Quadro nº 23

Incentivo à leitura em criança por Grau de escolaridade, Idade e Capital escolar familiar

	Incentivo à leitura em criança	
	%	Número
<i>Total</i>	58,8	2.483
Grau de escolaridade		
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	44,0	1.142
3º Ciclo do Ensino Básico	71,9	452
Ensino Secundário	76,7	619
Ensino Médio ou Superior	83,0	270
Idade		
15-24	83,0	459
25-34	70,2	494
35-54	57,3	890
Mais de 55 anos	45,2	640
Capital escolar familiar *		
Consolidado	86,5	52
Recente	80,8	177
Precário	55,6	1.927
Não classificável	70,8	65

Base: respostas válidas à Q3 (n = 2.483)

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,000$).

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos a quem foi possível determinar o Capital escolar familiar (89% dos casos em análise).

Para o contingente dos que foram incentivados a ler em criança (1.527), evidencia-se no quadro nº 24 a importância de familiares (pai, mãe e/ou outros) no incentivo à leitura. Note-se que a Mãe é o familiar mais referido (69%). Salienta-se ainda a importância dos Professores no incentivo à leitura (36%).

Quadro nº 24
Q4 – Quem o incentivou a ler?
 n = 1.527
 (percentagem)

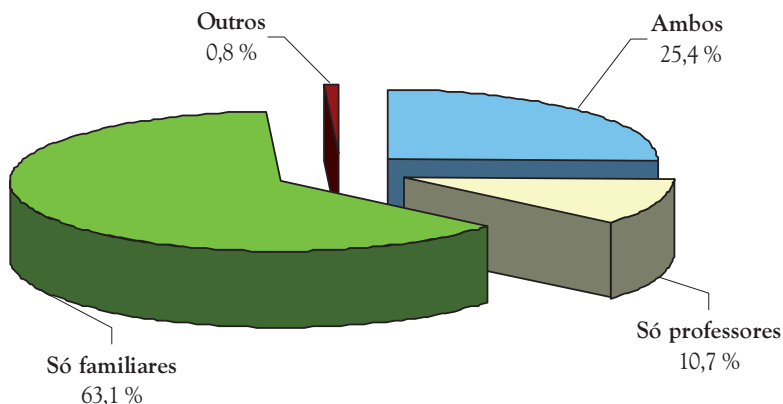
	%
Mãe	69,4
Pai	61,6
Outros familiares	19,7
Professores	36,1
Amigos	2,6
Outras pessoas	0,4
<i>Total</i>	<i>100,0</i>

Notas: i) Pergunta destinada aos que foram incentivados a ler em criança; ii) Pergunta de resposta múltipla.

O padrão de respostas obtido na Q4, relativa ao incentivo à leitura enquanto criança, concentra-se sobretudo nos familiares e professores. Para perceber se o incentivo por cada um destes agentes é exclusivo ou se, pelo contrário, é cumulativo distribuíram-se estes inquiridos por quatro modalidades de incentivo (gráfico nº 13).

A maioria dos inquiridos (89%) foi incentivado a ler por familiares. São 63% aqueles que foram incentivados a ler *só por familiares*. Estes familiares podem ser o pai, a mãe e/ou outros. Seguem-se os 25% que foram incentivados a ler por *ambos*, ou seja, pelos familiares e pelos professores. Os que foram incentivados a ler apenas por professores estão agrupados em *só professores* (11%). Em último lugar, com menos de 1%, estão aqueles que foram incentivados a ler apenas por *outros* (que não familiares e/ou professores). É de salientar que 99% dos inquiridos refere familiares e/ou professores.

Gráfico nº 13
 Modalidade de incentivo à leitura
 n = 1.527



Base: inquiridos que aprenderam a ler antes dos 14 anos e que foram incentivados a ler em criança.

Por terem um peso insignificante no conjunto das respostas, os inquiridos agrupados em *outros* foram excluídos do cruzamento que foi feito entre estas modalidades e algumas variáveis sociográficas (quadro nº 25).

Em termos de Grau de escolaridade, os inquiridos que foram incentivados a ler *só por familiares* têm sobretudo Até 2º Ciclo do Ensino Básico (33%) e Ensino Secundário (31%). São sobretudo inquiridos com idades entre os 35 e os 54 anos (32%), o que se explica tendo em conta o seu peso no total, mas estes estão aqui menos representados do que nos outros dois perfis. Em termos de Condição perante o trabalho são actualmente Activos (65%), o que também reflecte o peso maioritário deste grupo no total, mas com um peso inferior ao revelado nos outros perfis de incentivo à leitura. A distribuição por Categoria socioprofissional segue a estrutura da amostra. Quanto ao Capital escolar familiar, 84% têm um capital Precário (sendo que este caracteriza, à partida, a maioria do total considerado, 82%).

Os que em criança foram incentivados a ler por *ambos*, ou seja, por familiares e por professores, têm sobretudo o Ensino Secundário (37%), sendo neste perfil que os inquiridos com este nível de escolaridade mais estão representados. Em termos etários, têm entre 35 e 54 anos (34%) e os que têm mais de 55 anos representam 14% destes inquiridos, sendo este o perfil em que menos figuram. Tal como os que foram incentivados só por professores, os que foram incentivados por *ambos* são maioritariamente Activos (69%) e os Outros não activos mostram aqui a sua percentagem mais baixa (14%). Na Categoria socioprofissional destaque para o peso entre os Profissionais técnicos de enquadramento (22%). Relativamente ao Capital escolar familiar, uma vez mais os inquiridos com

capital Precário estão sobrerrepresentados (76%), embora com um peso significativamente inferior ao que apresentam em *só familiares*.

Por último, a maioria dos inquiridos que foram incentivados a ler *só por professores* tem Até 2º Ciclo do Ensino Básico (55%). Os que têm Ensino Médio ou Superior estão aqui subrepresentados relativamente aos outros dois perfis (9%). Em termos etários, também aqui os inquiridos com idades entre os 35 e os 54 são os mais representados, mas com percentagens superiores às que manifestam nos outros dois perfis. Os que têm mais de 55 anos evidenciam aqui a sua percentagem mais elevada: 29%. Ou seja, os que foram incentivados a ler *só por professores* são consideravelmente mais velhos do que os que foram incentivados *só por familiares* ou por *ambos*. Quanto à Condição perante o trabalho, os inquiridos Activos estão em clara maioria, embora seja de salientar que é neste perfil de incentivo à leitura que se enquadra a maioria dos Outros não activos (26%). A Categoria socioprofissional que mais se evidencia é a dos Operários (29%). Relativamente ao Capital escolar familiar, os inquiridos com capital Precário apresentam aqui a percentagem mais elevada relativamente aos outros dois perfis (88%), enquanto os que têm um capital Consolidado não estão aqui representados.

Quadro nº 25

Modalidade de incentivo à leitura por Grau de escolaridade, Idade, Condição perante o trabalho,
Categoria socioprofissional e Capital escolar familiar
(percentagem em coluna)

	Modalidade de incentivo à leitura			Totais
	Só Familiares	Ambos	Só Professores	
Número	964	388	163	1.515
Grau de escolaridade				
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	33,3	22,4	54,6	32,9
3º Ciclo do Ensino Básico	22,2	20,9	16,0	21,3
Ensino Secundário	30,8	36,9	20,9	31,1
Ensino Médio ou Superior	13,7	19,8	8,6	14,7
Idade				
15-24	25,3	29,1	14,1	25,0
25-34	23,5	23,5	17,2	22,7
35-54	32,2	33,8	39,3	33,4
Mais de 55 anos	19,0	13,7	29,4	18,9
Condição perante o trabalho				
Activos	64,7	69,3	67,5	66,0
Estudantes	15,0	16,5	6,7	14,5
Outros não activos	20,2	14,2	25,8	19,5
Categoria socioprofissional *				
EDL	16,3	17,9	16,4	16,8
PTE	14,6	21,5	7,1	15,5
TI	2,7	1,3	4,3	2,5
O	22,0	15,4	28,6	21,0
EE	44,4	43,9	43,6	44,3
Capital escolar familiar **				
Consolidado	3,1	6,2	-	3,4
Recente	9,9	14,5	9,2	10,9
Precário	83,6	75,6	88,2	82,1
Não classificável	3,4	3,7	2,6	3,5

Base: inquiridos que aprenderam a ler antes dos 14 anos e que foram incentivados a ler por familiares e/ou professores. Dado o contingente diminuto, excluem-se Outros incentivos (12 casos), pelo que se considera como base (n = 1.515).

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,005$).

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (81% dos casos em análise).

** Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos a quem foi possível determinar o Capital escolar familiar (89% dos casos em análise).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

O cruzamento da Modalidade de incentivo à leitura com a Tipologia de leitura mostra que, embora o incentivo familiar seja em geral importante, o incentivo de familiares e de professores (Ambos) se relaciona positivamente com o tipo de leitura: quanto mais exigente esta é, mais elevada a percentagem de Ambos (quadro nº 26).

Quadro nº 26
Modalidade de incentivo à leitura por Tipologia de leitura
(percentagem em linha)

	Modalidade de incentivo à leitura			Número
	Só familiares	Ambos	Só professores	
<i>Total</i>	63,6	25,6	10,8	1.515
Não-leitores	90,5	4,8	4,8	21
Só um dos impressos - padrão	69,9	15,0	15,0	206
Parcelar	64,0	22,7	13,3	520
Cumulativa	60,9	31,0	8,1	768

Base: inquiridos que aprenderam a ler antes dos 14 anos e que foram incentivados a ler por familiares e/ou professores. Dado o contingente diminuto, excluem-se Outros incentivos (12 casos), pelo que se considera como base (n = 1.515).

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p < 0,000$).

Quanto aos modos de incentivo à leitura destacam-se quatro: a solicitação à criança para ler em voz alta (76%), a oferta de livros (70%), a leitura de livros (68%) e as conversas sobre livros e leituras (66%) (quadro nº 27). A ida a bibliotecas e a ida a livrarias são os modos menos referidos (ambos com 17%).

Quadro nº 27
Q5 – De que modo(s) o (a) incentivaram?
n = 1.527
(percentagem em linha)

	Incentivo à leitura			Total
	Sim	Não	Ns/Nr	
Pedindo-lhe para ler em voz alta	76,1	22,4	1,5	100,0
Oferecendo-lhe livros	70,2	28,9	0,9	100,0
Lendo-lhe livros	67,8	31,2	0,9	100,0
Falando-lhe de livros e de leituras	65,8	33,1	1,0	100,0
Levando-o(a) a bibliotecas	17,3	80,9	1,8	100,0
Levando-o(a) a livrarias	17,2	80,8	2,0	100,0

Notas: i) Pergunta destinada aos que foram incentivados a ler em criança; ii) Outros incentivos (opção aberta) foram referidos por 36 casos e prendem-se sobretudo com os apelos/conselhos sobre a importância da leitura para o futuro e as necessidades de realizar os trabalhos de casa.

A realização de uma análise em componentes principais revela a existência de três grupos distintos de incentivos à leitura. De um lado estão as *práticas de saída*, que associam a ida a bibliotecas e a livrarias (quadro nº 28). De outro lado estão as *práticas expressivas*: o incentivo à leitura concretiza-se na leitura e oferta de livros e em conversas sobre livros e leituras. O último tipo é *leitura em voz alta*.

Quadro nº 28

Tipos de incentivo à leitura
(análise em componentes principais)

	Factor 1	Factor 2	Factor 3
Práticas de saída			
Levando-o(a) a bibliotecas	,876	,088	,038
Levando-o(a) a livrarias	,834	,213	,037
Práticas expressivas			
Lendo-lhe livros	,068	,813	,177
Oferecendo-lhe livros	,105	,792	-,069
Falando-lhe de livros e de leituras	,268	,419	,058
Leitura em voz alta			
Pedindo-lhe para ler em voz alta	,057	,085	,985

Porcentagem de variância explicada = 68%.

Relativamente à quantidade de livros existentes em casa dos pais ou familiares refira-se que representam 18% da amostra os inquiridos que respondem Nenhum. Se se considerar a quantidade de livros por Capital escolar familiar, constata-se que os inquiridos que respondem Muitos correspondem a 67% dos detentores de capital Consolidado, a 31% dos que têm um capital Recente e a 13% dos que apresentam um capital Precário (quadro nº 29).

Quadro nº 29

Quantidade de livros em casa dos pais ou familiares por Capital escolar familiar
(percentagem em linha)

	Quantidade de livros em casa dos pais ou familiares				Número
	Muitos	Alguns	Poucos	Nenhum	
Consolidado	67,3	23,1	7,7	1,9	52
Recente	30,7	45,3	22,3	1,7	179
Precário	12,7	29,9	38,3	19,0	1.969
Não classificável	11,8	25,0	36,8	26,5	68
<i>Total</i>	15,3	30,8	36,3	17,5	2.268

Base: inquiridos para os quais foi possível determinar o Capital escolar familiar.

Excluem-se as não respostas.

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p < 0,000$).

Gosto pela leitura na infância

Dos que aprenderam a ler antes dos 14 anos, 65% afirma que gostava de ler em criança (quadro nº 30).

A ventilação do Gosto pela leitura na infância por Sexo, Grau de escolaridade, Categoria socioprofissional e Capital escolar familiar mostra algumas diferenças importantes. Em primeiro lugar, nos inquiridos de Sexo Feminino a percentagem daqueles que gostavam de ler é bastante superior à dos de Sexo Masculino (74% contra 55%). Observa-se ainda uma relação positiva com o Grau de escolaridade e o Capital escolar familiar: quanto mais elevado é o Grau de escolaridade e o Capital escolar familiar maiores são as percentagens de inquiridos que dizem que gostavam de ler na infância. Quanto à Categoria socioprofissional, são sobretudo os Profissionais técnicos de enquadramento que gostavam de ler em criança (76%) e são os Trabalhadores independentes que mostram a percentagem mais baixa de gosto pela leitura na infância (44%).

Quadro nº 30

Gosto pela leitura na infância por Sexo, Grau de escolaridade, Categoria socioprofissional e Capital escolar familiar
(percentagem em linha)

	Gosto pela leitura na infância		Número
	Sim, gostava	Não, não gostava	
Total	65,0	35,0	2.519
Sexo			
Feminino	73,9	26,1	1.320
Masculino	55,2	44,8	1.199
Grau de escolaridade			
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	57,7	42,3	1.162
3º Ciclo do Ensino Básico	67,3	32,7	456
Ensino Secundário	70,1	29,9	626
Ensino Médio ou Superior	80,4	19,6	275
Categoria socioprofissional *			
EDL	61,2	38,8	348
PTE	75,8	24,2	252
TI	44,3	55,7	61
O	53,6	46,4	571
EE	69,9	30,1	898
Capital escolar familiar **			
Consolidado	86,5	13,5	52
Recente	77,9	22,1	181
Precário	62,6	37,4	1.952
Não classificável	65,2	34,8	69

Base: inquiridos que aprenderam a ler antes dos 14 anos (n = 2.519).

Nota: i) Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,000$).

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (85% dos casos em análise).

** Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos a quem foi possível determinar o Capital escolar familiar (89% dos casos em análise).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

Note-se que, relativamente ao Inq. 97, terá baixado significativamente a percentagem de inquiridos que gostavam de ler em criança (77% *versus* 65%) (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 94)¹⁷.

Os inquiridos que referem que gostavam de ler em criança apontam sobretudo o prazer de aprender (89%) e a curiosidade (85%) como razões para esse gosto (quadro nº 31). Das outras razões propostas, os incentivos pela escola e pela família vêm nos últimos lugares, referidos por 62% e 55%, respectivamente. Destacam-se, pois, as razões hedonistas em detrimento dos incentivos “exteriores”.

Quadro nº 31
Q8 – Por que é que gostava de ler?
 n = 1.637
 (percentagem em linha)

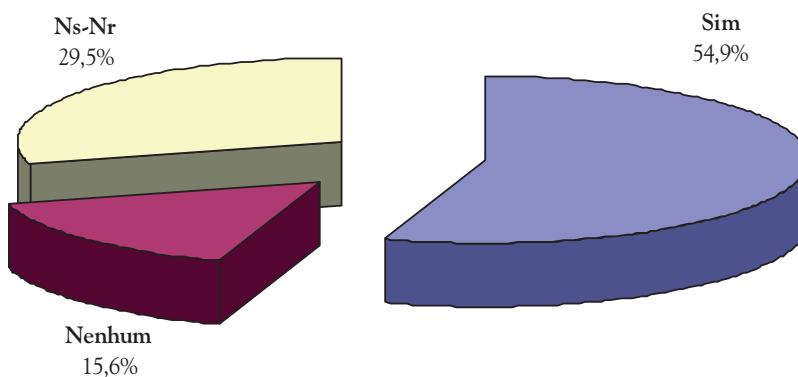
	Razões por que gostava de ler			Total
	Sim	Não	Ns/Nr	
Porque gostava de aprender	88,6	10,9	0,4	100,0
Por curiosidade	85,1	14,1	0,8	100,0
Pela atracção por certos tipos de histórias	76,6	21,3	2,1	100,0
Porque era um divertimento	73,5	25,1	1,3	100,0
Porque era incentivado(a) pela escola	62,1	35,6	2,3	100,0
Porque era incentivado(a) pela família	54,7	44,3	0,9	100,0

Notas: i) Pergunta destinada aos que gostavam de ler em criança; ii) 14 inquiridos referiram Outros motivos (opção em aberto) os quais se reportam, em geral, à imitação de familiares próximos (sobretudo irmãos).

¹⁷ Neste caso, não é viável o cotejo com Freitas e Santos (1992a: 25) porque neste estudo a idade de referência é 10 anos.

Na pergunta destinada a procurar identificar eventuais referências ao que outros autores designam como o *livro fundador* (Horellou-Lafarge, 2005: 41), ou seja, aquele que os inquiridos mais associam ao despertar do seu gosto pela leitura, obtiveram-se 899 respostas que referem o autor, o título ou a colecção do livro em questão, o que corresponde a 55% dos inquiridos que gostavam de ler em criança (gráfico nº 14). Tendo em conta que esta questão exige um esforço de memória por parte dos inquiridos e o reconhecimento implícito de que existiu (ou não) um livro fundador, esta percentagem é bastante considerável.

Gráfico nº 14
Existência de livro fundador do gosto pela leitura
n = 1.637



Base: inquiridos que aprenderam a ler antes dos 14 anos e que gostavam de ler em criança.

A maioria dos inquiridos indicou apenas o título do livro fundador do seu gosto para a leitura (27%) (quadro nº 32). Os que indicaram a colecção representam 11% dos inquiridos. Apenas 1% dos inquiridos identificou o autor, título e colecção do livro em questão.

Quadro nº 32

Q9 – Indique um livro que lhe tenha sido particularmente importante para o despertar do seu gosto pela leitura

	n	%
Indicação de autor, título ou colecção	899	54,9
<i>Apenas indicação de autor</i>	29	1,8
<i>Apenas indicação de título</i>	439	26,8
<i>Apenas indicação de colecção</i>	186	11,4
<i>Autor e título</i>	149	9,1
<i>Autor e colecção</i>	15	0,9
<i>Título e colecção</i>	62	3,8
<i>Autor, título e colecção</i>	19	1,2
Nenhum livro	255	15,6
Ns/Nr	483	29,5
<i>Total</i>	<i>1.637</i>	<i>100,0</i>

Base: Inquiridos que aprenderam a ler antes dos 14 anos e que gostavam de ler em criança.

Nota: Os dados aqui apresentados resultam de uma codificação *a posteriori*.

Os títulos mais referidos pelos inquiridos prendem-se sobretudo com livros infanto-juvenis, mas também a clássicos da literatura portuguesa. Se se considerar a Idade actual dos inquiridos, observa-se alguns aspectos interessantes (quadro nº 33). Até aos 54 anos, há títulos que se mantêm como os mais referidos (*Anita, Os Cinco, Uma Aventura*). Pelo contrário, os títulos mais referidos pelos inquiridos com mais de 55 anos são totalmente distintos dos citados pelos inquiridos mais novos.

Quadro nº 33

Livro fundador do Gosto pela Leitura: Títulos mais referidos pelos inquiridos por Idade

Idade			
15-24	25-34	35-54	Mais de 55 anos
Anita	Anita	Anita	-
Os Cinco	Os Cinco	Os Cinco	-
Uma Aventura	Uma Aventura	Uma Aventura	-
O Principezinho	O Principezinho	-	-
A Lua de Joana	-	-	-
O Capuchinho Vermelho	-	O Capuchinho Vermelho	-
-	Tio Patinhas	-	-
-	Os Filhos da Droga	-	-
-	-	O meu Pé de Laranja Lima	-
-	-	Os Lusíadas	-
-	-	-	Amor de Perdição
-	-	-	História de Portugal
-	-	-	As Pupilas do Senhor Reitor
-	-	-	A Morgadinha dos Canaviais
-	-	-	Cartilha Maternal
-	-	-	A Rosa do Adro

Quanto à Coleção, são também as infanto-juvenis que surgem como as mais referidas: Anita, Os Cinco, Uma Aventura, Disney... Faz-se também alusão aos livros escolares. A título meramente ilustrativo, os inquiridos que referem o autor de um livro que lhes marcou o gosto pela leitura mencionam sobretudo Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, Paulo Coelho, Júlio Dinis, Antoine de Saint Exupéry, Camilo Castelo Branco, Eça de Queiroz, Enid Blyton, Júlio Verne, Sophia de Mello Breyner, João de Deus, Luís de Camões, Condessa de Ségur.

O quadro nº 34 mostra a distribuição das referências feitas ao Autor em termos de nacionalidade. A percentagem mais elevada reporta-se a autores de nacionalidade portuguesa (49%). Note-se ainda que 10% referem outros autores lusófonos.

Quadro nº 34
Q9 – Autor do livro importante para o despertar do gosto pela leitura
 n = 212
 (percentagem em coluna)

	%
Autores portugueses	48,6
Autores estrangeiros	37,7
Outros autores lusófonos	9,9
Impossível de determinar	3,8
<i>Total</i>	<i>100,0</i>

Notas: i) Pergunta aberta; ii) Os dados apresentados resultam de uma codificação *a posteriori*, tendo em conta as respostas que indicam o autor.

E quem são aqueles que mais afirmam que um livro lhes marcou o gosto pela leitura? São sobretudo mulheres; indivíduos com um Grau de escolaridade (próprio e familiar) elevado; de escalões etários baixos e, relativamente à Condição perante o trabalho, são maioritariamente Estudantes (quadro nº 35). Cruzando as respostas com a Tipologia de leitura, afere-se que existe uma relação positiva entre a existência de um livro fundador e o número de suportes habitualmente lidos: quanto mais elevado o número de suportes lidos (Cumulativo), maior a percentagem de inquiridos a afirmar a existência de um livro fundador.

Pelo contrário, as percentagens daqueles que referem que Nenhum livro lhes marcou o gosto pela leitura vão crescendo à medida que aumenta o Idade e que diminuem o Capital escolar familiar e a escolaridade. Quanto à Tipologia de leitura, quanto menor o número de suportes habitualmente lidos, maiores as percentagens de inquiridos.

Relembre-se que esta é uma pergunta que apela a um exercício de memória. Talvez por isso sejam os mais jovens e os actuais estudantes que apresentam as taxas mais elevadas de respostas afirmativas.

Quadro nº 35

Existência de livro fundador do gosto pela leitura por Sexo, Grau de escolaridade, Idade, Condição perante o trabalho, Capital escolar familiar e Tipologia de leitura
(percentagem em linha)

	Existência de livro fundador do gosto pela leitura			Número
	Sim	Nenhum	Ns-Nr	
Total	54,9	15,6	29,5	1.637
Sexo				
Feminino	58,6	15,6	25,8	975
Masculino	49,5	15,6	34,9	662
Grau de escolaridade				
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	40,4	23,7	35,8	670
3º Ciclo do Ensino Básico	55,4	13,0	31,6	307
Ensino Secundário	66,1	8,9	25,1	439
Ensino Médio ou Superior	76,0	7,7	16,3	221
Idade				
15-24	69,0	8,2	22,9	306
25-34	67,6	11,1	21,3	333
35-54	51,9	15,9	32,2	566
Mais de 55 anos	39,1	23,8	37,0	432
Condição perante o trabalho				
Activos	56,7	14,5	28,8	1.038
Estudantes	70,3	8,6	21,1	185
Outros não activos	43,5	21,5	35,0	414
Capital escolar familiar *				
Consolidado	86,7	2,2	11,1	45
Recente	73,8	9,9	16,3	141
Precário	49,5	17,7	32,8	1.221
Não classificável	48,9	17,8	33,3	45
Tipologia de leitura				
Não-leitores	25,9	25,9	48,1	27
Só um dos impressos – padrão	37,0	27,0	36,0	211
Parcelar	48,3	18,5	33,2	572
Cumulativa	65,1	10,3	24,7	827

Base: inquiridos que aprenderam a ler antes dos 14 anos e que gostavam de ler em criança.

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,000$).

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos a quem foi possível determinar o Capital escolar familiar (89% dos casos em análise).

Uma classificação *a posteriori* a partir dos títulos referidos pelos inquiridos¹⁸ que gostavam de ler em criança e que referem um livro que foi importante para o despertar do seu gosto pela leitura mostra que os Livros infantis/juvenis têm um peso muito significativo (quadro nº 36). Metade das respostas obtidas refere-se a esse tipo de livros, o que, aliás, não surpreende, dado que, em princípio, é uma fase inicial da leitura que está em causa. Embora a uma grande distância, vêm em segundo lugar os Romances (18%).

Quadro nº 36
Q9 – Género do livro importante para o despertar do gosto pela leitura
 n = 669
 (percentagem)

	%
Livros infantis/juvenis	49,6
Romances	18,1
Livros escolares	7,5
Banda desenhada	6,4
Policiais/espionagem/ficção científica	2,8
Ensaio políticos, filosóficos ou religiosos	2,5
Livros de viagens/explorações/reportagens	1,3
Livros de poesia	1,0
Enciclopédias/dicionários	0,6
Livros de culinária/decoração/jardinagem/bricolagem	0,3
Livros científicos e técnicos	0,1
Outros géneros de livros	2,4
Impossível de determinar	7,2
<i>Total</i>	100,0

Notas: i) Pergunta aberta; ii) Os dados apresentados resultam de uma codificação *a posteriori*.

¹⁸ A grelha de classificação tem por base a classificação de géneros adoptada na Q20 do Questionário.

Mais de metade (53%) dos inquiridos que gostava de ler em criança e que indicam um livro que lhes marcou o gosto pela leitura leu esse livro com 10 e mais anos (quadro nº 37). Só cerca de 13% refere que a leitura desse livro aconteceu aos 6 ou 7 anos. Ou seja, há uma predominância da aprendizagem em criança (ver atrás quadro nº 17) e da tomada de gosto pela leitura a partir da passagem para a adolescência, constatação aliás consistente com outros estudos (Horellou-Lafarge, 2005: 41).

Quadro nº 37
 Q10 – E leu esse livro com que idade?
 n = 899
 (percentagem)

	%
4 a 5 anos	0,4
6 anos	3,7
7 anos	8,9
8 a 9 anos	28,7
10 anos e mais	52,7
Ns/Nr	5,6
<i>Total</i>	<i>100,0</i>

Notas: i) Pergunta destinada aos que indicaram um livro importante para o despertar do seu gosto pela leitura; ii) Os dados apresentados resultam de uma codificação *a posteriori*.

E como evoluiu o gosto pela leitura? Para a grande maioria dos que gostavam de ler em criança (89%) esse gosto mantém-se na actualidade. Quanto às razões apontadas para continuarem a gostar de ler, evidenciam-se Aprender/cultivar-se (37%), Gosto/prazer (32%), Passatempo/distracção (30%) e Manter-se informado/actualizado (22%) (quadro nº 38).

Quadro nº 38

Q11_1 – E qual/quais a(s) razão (ões) para continuar a gostar de ler

n = 1.464

(percentagem)

	%
Aprender/cultivar-se	37,0
Gosto/prazer	32,4
Passatempo/distracção	29,8
Manter-se informado/actualizado	21,9
Curiosidade/interesse	10,6
Outras razões	10,4
Não sabe/nenhuma razão em particular	0,4

Notas: i) Pergunta aberta: 2.086 razões evocadas por 1.464 inquiridos; ii) Os dados aqui apresentados resultam de uma codificação *a posteriori*.

Os que gostavam de ler em criança mas deixaram de gostar (11% do conjunto de inquiridos que gostavam de ler em criança) apontam como razões o Desinteresse (51%) e a Falta de tempo (48%) (quadro nº 39). Contudo, importa ter em conta que o contingente em causa é muito baixo.

Quadro nº 39

Q11_2 – E qual/quais a(s) razão(ões) para ter deixado de gostar de ler?

n = 173

(percentagem)

	%
Desinteresse	51,4
Falta de tempo	48,0
Saúde	15,0
Prefere outras coisas	13,9
Outras razões	9,2
Não sabe	0,6

Notas: i) Pergunta aberta: 239 razões evocadas por 173 inquiridos; ii) Os dados aqui apresentados resultam de uma codificação *a posteriori*.

Por sua vez, os inquiridos que declaram que não gostavam de ler em criança explicam-no sobretudo pela preferência por brincar (80%) e por acharem a leitura aborrecida (73%) (quadro nº 40). Refira-se ainda o peso relativamente baixo que a falta de incentivo da escola e a dificuldade em compreender os livros representam (31% e 27%, respectivamente), mas, em todo o caso, significativo tendo em conta que são referidos por quase um em cada três inquiridos que não gostavam de ler em criança.

Quadro nº 40
Q12 – E porque é que não gostava de ler?
 n = 915
 (percentagem em linha)

	Razões por que não gostava de ler			Total
	Sim	Não	Ns/Nr	
Porque gostava mais de brincar	80,0	18,8	1,2	100,0
Por achar aborrecido	73,2	25,1	1,6	100,0
Por falta de incentivo familiar	42,5	55,3	2,2	100,0
Por ter começado a trabalhar cedo	41,7	57,2	1,1	100,0
Por falta de incentivo da escola	31,3	66,6	2,2	100,0
Porque tinha dificuldade em compreender os livros	27,3	71,1	1,5	100,0

Nota: Pergunta destinada aos que não gostavam de ler em criança.

E como evoluiu o gosto pela leitura para aqueles que não gostavam de ler em criança? Atingem 62% os que continuam a não gostar de ler, mas importará também destacar os 38% que passaram a gostar.

Entre as razões apontadas pelos que continuam a não gostar de ler salientam-se o Desinteresse/falta de vontade/de paciência (35%), o achar a leitura aborrecida e a Falta de tempo (ambas com 26%) (quadro nº 41).

Quadro nº 41

Q13_1 – E qual/quais a(s) razão(ões) para continuar a não gostar de ler?

n = 568

(percentagem)

	%
Desinteresse/falta de vontade/de paciência	34,7
Acha aborrecido	26,1
Falta de tempo	26,1
Falta de hábito	10,9
Prefere outras coisas	8,6
Não gosta/Nunca gostou	8,3
Outras razões	12,1
Não sabe/Nenhuma razão em particular	1,9

Notas: i) Pergunta aberta: 731 razões evocadas por 568 inquiridos; ii) Os dados aqui apresentados resultam de uma codificação *a posteriori*.

Quanto às razões referidas pelos que passaram a gostar de ler, evidencia-se o desejo de se manter informado/actualizado (40%) e a vontade de aprender/cultivar-se (32%) (quadro nº 42).

Quadro nº 42

Q13_2 – E qual/quais a(s) razão(ões) para ter passado a gostar de ler?

n = 347

(percentagem)

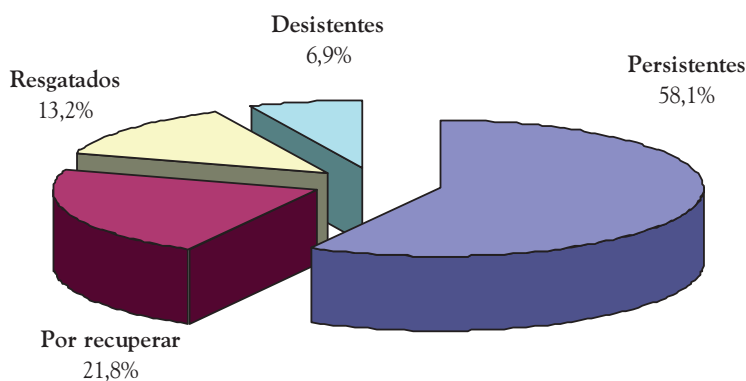
	%
Para se manter informado/actualizado	40,1
Para aprender/cultivar-se	32,0
Por prazer/gosto/interesse/curiosidade	23,1
Para passar o tempo/distrair-se	21,6
Outras razões	10,1

Notas: i) Pergunta aberta: 441 razões evocadas por 347 inquiridos; ii) Os dados aqui apresentados resultam de uma codificação *a posteriori*.

A partir das respostas às perguntas sobre o gosto pela leitura na infância e na actualidade (Q7, Q11 e Q13) foi criada uma tipologia para caracterizar a evolução do gosto pela leitura dos inquiridos (gráfico nº 15).

Os que gostavam de ler em criança e continuam a gostar na actualidade são aqui designados de *persistentes*. Estão em maioria, representando 58% dos inquiridos que aprenderam a ler antes dos 14 anos. Os *por recuperar* são aqueles que não gostavam de ler em criança e que na actualidade continuam a não gostar (22%). Os *resgatados* são os inquiridos que em criança não gostavam de ler, mas que na actualidade passaram a gostar (13%). Por último, os *desistentes* são os que gostavam de ler em criança e deixaram de gostar (7%).

Gráfico nº 15
Tipologia da evolução do gosto pela leitura
n = 2.519



Base: inquiridos que aprenderam a ler antes dos 14 anos.

Nota: indicador realizado com base nas respostas à Q7, Q11 e Q13.

O cruzamento desta tipologia com as variáveis Sexo, Grau de escolaridade, Idade, Condição perante o trabalho, Categoria socioprofissional e Capital escolar familiar permite dar conta de alguns aspectos interessantes (quadro nº 43). Como se caracterizam, então, os *persistentes*, *por recuperar*, *resgatados* e *desistentes*?

O grupo dos *persistentes* é claramente feminizado (61% de mulheres contra 39% de homens), e segue os valores totais quanto à Idade. Embora, em termos de Grau de escolaridade, os que têm Até 2º Ciclo do Ensino Básico sejam os mais representados (39%), há que sublinhar que o seu peso é bastante inferior ao que mostram no grupo dos leitores *por recuperar* (65%) e no dos *desistentes* (57%). Pelo contrário, os que têm Ensino Médio ou Superior (15%) estão aqui mais representados do que em qualquer um dos outros perfis de leitores. Quanto à Categoria socioprofissional, são os

Empregados executantes os que mais estão representados (46%), com percentagens superiores às que mostram nos leitores *por recuperar* (35%) e nos *resgatados* (36%). Em termos de Capital escolar familiar, os inquiridos com capital Precário estão em maioria (83%), o que é esperável se se considerar o seu peso no total, mas com uma taxa inferior às que mostram nos outros três perfis de leitores. Os inquiridos com capital Recente têm aqui o seu peso percentual mais elevado (11%), bem como os que com capital Consolidado (3%).

Os leitores *por recuperar* são sobretudo do Sexo Masculino (62% contra 38% do Sexo Feminino) e mais idosos (66% com mais de 35 anos). Uma grande maioria (65%) tem Até 2º Ciclo do Ensino Básico e apenas 3% tem Ensino Médio ou Superior. São sobretudo Activos (72%) e, quanto à Categoria socioprofissional destaque-se o peso dos Operários (37%) e dos Empregados executantes (35%). Os inquiridos com um Capital escolar familiar Precário apresentam aqui uma percentagem elevadíssima: 94%. Pelo contrário, os que têm capital Consolidado apresentam aqui um valor nulo.

Os inquiridos que se enquadram no perfil dos leitores *resgatados* são maioritariamente homens (59%). O grupo de Idade que mais se destaca é o dos 35-54 anos (40% contra 36% do total). Têm Até 2º Ciclo do Ensino Básico (40%), mas os com Ensino Médio ou Superior têm um peso relativo importante: 11%. São sobretudo Operários (31%) e Empregados executantes (36%). Os inquiridos com Capital escolar familiar Precário representam 86% dos leitores *resgatados* e os com capital Recente mostram, também, uma percentagem relativamente elevada (9%).

Por fim, nos *desistentes* encontram-se mais homens do que mulheres, mas em percentagens mais equilibradas do que nos outros perfis de leitores: 54% de homens contra 46% de mulheres. O peso entre os mais idosos é bastante acentuado (62% com mais de 35 anos), mas menos do que no tipo *por recuperar*. Os inquiridos com o Grau de escolaridade Até 2º Ciclo do Ensino Básico representam mais de metade (57%) dos leitores *desistentes*, enquanto os que têm Ensino Médio ou Superior apresentam uma percentagem de apenas 4%. Quanto à Categoria socioprofissional, os Empregados executantes têm aqui a sua percentagem mais elevada (45%), enquanto para os Empresários, dirigentes e profissionais liberais este é o perfil em que menos estão representados (11%). Relativamente ao Capital escolar familiar, os inquiridos com capital Precário, sempre em maioria, revelam aqui a percentagem mais elevada relativamente a todos os outros perfis (95%). Os que têm capital Recente não chegam a representar 1% dos leitores *desistentes*.

Quadro nº 43

Tipologia de evolução do gosto pela leitura por Sexo, Grau de escolaridade, Idade, Condição perante o trabalho, Categoria socioprofissional e Capital escolar familiar
(percentagem em coluna)

	Tipologia de evolução do gosto pela leitura				Total
	Persistentes	Por recuperar	Resgatados	Desistentes	
Número	1.464	550	332	173	2.519
Sexo					
Feminino	61,1	38,2	40,7	46,2	52,4
Masculino	38,9	61,8	59,3	53,8	47,6
Grau de escolaridade					
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	39,1	65,1	40,4	56,6	46,1
3º Ciclo do Ensino Básico	18,6	14,4	21,1	19,7	18,1
Ensino Secundário	27,7	17,3	27,7	19,7	24,9
Ensino Médio ou Superior	14,6	3,3	10,8	4,0	10,9
Idade					
15-24	18,6	17,1	19,6	19,7	18,5
25-34	20,6	17,1	22,0	17,9	19,8
35-54	34,8	36,5	40,4	32,9	35,8
Mais de 55 anos	26,0	29,3	18,1	29,5	25,9
Condição perante o trabalho					
Activos	63,5	71,6	68,1	63,0	65,8
Estudantes	11,4	8,2	10,5	10,4	10,5
Outros não activos	25,1	20,2	21,4	26,6	23,7
Categoria socioprofissional *					
EDL	16,1	18,0	17,1	11,2	16,3
PTE	15,0	5,6	12,1	5,6	11,8
TI	1,9	4,3	4,6	2,8	2,9
O	20,9	37,0	30,6	35,7	26,8
EE	46,2	35,1	35,6	44,8	42,2
Capital escolar familiar **					
Consolidado	3,3	0,2	2,0	1,3	2,3
Recente	10,8	2,8	8,8	0,6	8,0
Precário	82,8	94,1	86,2	94,8	86,6
Não classificável	3,1	3,0	3,0	3,2	3,1

Base: inquiridos que aprenderam a ler antes dos 14 anos.

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,04$).

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (85% dos casos em análise).

** Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos a quem foi possível determinar o Capital escolar familiar (89% dos casos em análise).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

Síntese

A maioria dos inquiridos (80%) começou a aprender a ler com 6 ou 7 anos. A idade de aprendizagem da leitura reflecte o aumento do nível de escolarização da população portuguesa: são sobretudo os inquiridos mais jovens que aprenderam a ler com 6 anos e tendem a desaparecer os que aprenderam a ler com 10 e mais anos.

O contacto com livros e leituras na infância está mais presente em inquiridos com um Capital escolar familiar Consolidado: 56% viam os pais ou familiares a ler Muitas vezes, 48% referem que os pais ou familiares tinham o hábito de ler para eles Algumas vezes, 49% recebiam Algumas vezes livros ilustrados.

Mais de metade (58%) dos inquiridos que aprenderam a ler antes dos 14 anos foram incentivados a ler na infância. Quanto mais novos são os inquiridos, maiores são as percentagens daqueles que dizem ter sido incentivados a ler. Também aqui o Capital escolar familiar constitui uma variável determinante: enquanto 87% dos que têm capital Consolidado foram incentivados, seguindo-se-lhes de perto os que têm capital Recente, apenas 56% dos que têm capital Precário o foram. A grande maioria (89%) dos que foram incentivados a ler foram-no sobretudo por familiares, em particular pela Mãe (69%). Somente 11% dos que foram incentivados a ler receberam esse incentivo só por parte de professores.

Quanto aos modos como estes inquiridos foram incentivados para a leitura sobressaem quatro: a solicitação à criança para ler em voz alta (76%), a oferta de livros (70%), a leitura de livros (68%) e as conversas sobre livros e leituras (66%).

A maioria dos inquiridos da amostra (84%) tinha livros em casa dos pais ou familiares. Observa-se uma relação entre o Capital escolar familiar e a quantidade de livros em casa: enquanto 67% dos inquiridos com capital Consolidado tinha Muitos livros, apenas 13% dos com capital Precário refere a existência de Muitos livros em casa dos pais ou familiares.

Quanto ao gosto pela leitura na infância e na actualidade, observa-se que os inquiridos que gostavam de ler na infância e que continuam a gostar na actualidade (aqui designados de *persistentes*) estão em maioria no conjunto dos inquiridos: 58%. Os que não gostavam de ler na infância e que continuam a não gostar (*por recuperar*) representam 22%. Os inquiridos que em criança não gostavam de ler, mas na actualidade passaram a gostar (*resgatados*) assomam aos 13%. Por último, os inquiridos que gostavam de ler mas deixaram de gostar (*desistentes*) representam 7%.

Dos inquiridos que gostavam de ler na infância, mais de metade (55%) refere que existiu um *livro fundador* do seu gosto para a leitura. Pelo contrário, 16% dizem que nenhum livro em particular lhes despertou o gosto para a leitura. De uma forma geral, as respostas obtidas na questão sobre o *livro fundador* remetem para livros infantis e juvenis, mas também para obras que fazem ou fizeram parte dos programas escolares.

3.3. PRÁTICA DE LEITURA DO INQUIRIDO NA ACTUALIDADE

O segundo bloco temático do questionário refere-se à prática de leitura do inquirido na actualidade. Em termos expositivos, na primeira parte deste capítulo caracteriza-se a leitura para cada um dos três suportes (jornais, revistas e livros) e seus diferentes géneros e dá-se conta da frequência das leituras e das razões para as fazer; na segunda parte abordam-se os locais de leitura e, na terceira, a utilização das tecnologias de informação e comunicação (TIC).

Estão em causa diversas problemáticas, designadamente a importância dos contextos de leitura (lazer, profissional e escolar) e o maior ou menor alargamento dos suportes de leitura.

Diversos estudos realizados noutros países apontam para uma diminuição do interesse e da prática de leitura (sobretudo) de livros (ver, por exemplo, Knulst e Broek, 2003) mas referem que tal diminuição não se aplica do mesmo modo a todos os géneros de livros.

De que forma é que o tempo dedicado à leitura é prejudicado pela concorrência (do audiovisual) e das TIC? Vários autores têm-se debruçado sobre a chamada *divisão digital* (Van Dijk, 2006), ou seja, sobre o fosso entre os que têm acesso a computadores e à Internet e os que não têm. Neste âmbito, a leitura não deixa de assumir um papel preponderante pois é, obviamente, um instrumento indispensável à utilização dessas tecnologias.

Passa-se, de seguida à apresentação dos resultados, com recurso ao cruzamento com as variáveis sociográficas e, quando possível e oportuno, à análise de carácter multivariado.

Suportes, géneros e frequência de leitura

Quanto à *leitura de jornais*, 83% dos inquiridos afirma ler habitualmente. Entre os tipos de jornais mais referidos avultam os Generalistas/informação – diários (com 67%), ao passo que os Culturais e os Económicos são claramente minoritários (4% e 2%, respectivamente) (quadro nº 44). Saliente-se o peso dos Jornais de distribuição gratuita, lidos habitualmente por 23% dos inquiridos, uma realidade relativamente recente no país, mas, como se disse anteriormente, com crescente cobertura do território continental e diversificação dos títulos. Adiante-se que 56% dos inquiridos (total da amostra) lê dois ou mais tipos de jornais.

Quadro nº 44

Q14 – Dos seguintes tipos de jornais, lê habitualmente algum ou alguns deles?

n = 2.552

(percentagem)

	%
Generalistas/informação – diários	66,9
Regionais/locais	36,4
Desportivos	30,9
Jornais de distribuição gratuita	23,2
Generalistas/informação – semanários	14,6
Culturais	4,2
Económicos	2,3
Outros tipos	0,5
Não lê jornais	17,0

Nota: Pergunta de resposta múltipla.

Comparativamente com o Inq. 97, e como já se referiu anteriormente, a percentagem dos que lêem jornais registou um forte crescimento, tendo passado de 69% para 83%. A separação que foi feita, no presente estudo, entre os Generalistas/informação diários e os semanários (agregados no Inq. 97) permite constatar que os diários são consideravelmente mais lidos do que os semanários. Ainda quanto à hierarquia de respostas, sendo o segundo lugar actualmente ocupado pelos jornais Regionais/locais e o terceiro pelos Desportivos, a ordem inverte-se no Inq. 97 (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 179-181).

No Inq. 92 a hierarquia dos 4 principais tipos de jornais é a seguinte (por ordem decrescente): diários (62%), semanários (43%), desportivos (33%) e regionais (30%) (Freitas e Santos, 1992a: 45).

Uma outra perspectiva analítica é dada pelo peso específico da leitura de um único género de jornal, o que corresponde a 33% do total de leitores deste suporte.

Mas os dados permitem evidenciar outros aspectos. É nos jornais Generalistas/informação – diários que se encontram os valores mais elevados: os inquiridos que lêem apenas estes jornais representam 21% total de leitores de jornais. Seguem-se os Jornais desportivos com 4% e os Jornais de distribuição gratuita com menos de 2%. O peso específico dos que lêem apenas jornais Culturais é irrelevante e os que lêem apenas Jornais Económicos é nulo.

Ou seja, esta análise mostra que o crescimento dos leitores de jornais apenas em (pequena) parte é explicado pelo recente surgimento de jornais de distribuição gratuita. Outros géneros (como os generalistas diários e os desportivos) assumem uma maior relevância.

Ainda a propósito dos géneros de jornais foi realizada uma análise estatística de carácter multivariado¹⁹. Os inquiridos foram assim classificados em cinco grupos (*quotidianos gerais*, *desportivos quotidianos*, *locais quotidianos*, *cumulativos*, *desportivos não quotidianos*), cada um deles correspondente a um perfil-tipo quanto aos géneros de jornais que lêem habitualmente (quadro nº 45). Assim, o grupo *quotidianos gerais* caracteriza-se sobretudo pela leitura de jornais diários e ainda pela leitura dos jornais desportivos e dos de distribuição gratuita, diferenciando-se também pela não leitura de semanários; *desportivos quotidianos* evidencia-se, tal como no grupo anterior, pela leitura de jornais diários mas sobretudo pela leitura de jornais desportivos e regionais/locais; *locais quotidianos* compreende apenas a leitura de jornais regionais/locais e de alguma imprensa diária generalista; *cumulativos* – evidencia a leitura de vários géneros de jornais, sobretudo semanários, diários e regionais/locais; *desportivos não quotidianos* – evidencia a leitura de jornais desportivos e de semanários.

Quadro nº 45
Tipologia de leitores de géneros de jornais
(média)

	Tipologia de leitores de géneros de jornais					Total
	Quotidianos gerais	Desportivos quotidianos	Locais quotidianos	Cumulativos	Desportivos não quotidianos	
Generalistas/informação - diários	1,0	0,8	0,7	0,8	0,2	0,8
Generalistas/informação - semanários	0,0	0,2	0,0	1,0	0,5	0,1
Económicos	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1	0,0
Desportivos	0,3	1,0	0,0	0,1	0,8	0,3
Culturais	0,0	0,0	0,0	0,2	0,1	0,0
Regionais/locais	0,0	1,0	1,0	0,7	0,0	0,4
Jornais de distribuição gratuita	0,2	0,3	0,3	0,3	0,2	0,2
Outro tipo de jornais	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Base: leitores de jornais (n = 2.119).

Nota: 0 = Não lê / Não refere; 1 = Lê.

¹⁹ Nesta análise visa-se identificar grupos relativamente homogéneos de indivíduos. Os casos são agrupados minimizando as diferenças em cada grupo e maximizando as diferenças entre os vários grupos. Foi utilizado o método *K-Means Clusters*. O número de grupos retidos – nesta como nas análises subsequentes com recurso ao mesmo método – foi considerado o mais adequado do ponto de vista da interpretação sociológica e das exigências estatísticas após teste de várias outras soluções.

Importa agora conhecer o peso destes cinco tipos no total da amostra. Assim, é o grupo dos *quotidianos gerais* aquele que detém um maior peso (44%), seguido a larga distância do grupo dos *locais quotidianos* (22%) e do dos *desportivos quotidianos* (14%). Os *cumulativos* e os *desportivos não quotidianos* são minoritários (ambos com 10%).

O cruzamento com as variáveis sociográficas permite aprofundar a caracterização destes grupos (quadro nº 46).

Começando pelo grupo aqui designado por *quotidianos gerais*. São suas características a ligeira sobrerrepresentação do sexo Masculino (54% contra 46% do total de leitores de jornais) e predominam graus de escolaridade baixos (47% dos indivíduos que compõem este grupo têm Até 2º Ciclo do Ensino Básico, contra 45% do total). Quanto à Idade, detecta-se uma ligeira subrepresentação de inquiridos com Mais de 55 anos (24% contra 25% do total). Este grupo é constituído sobretudo por Activos (68%) e, entre estes, essencialmente por Empregados executantes (43%) e Operários (31%). Relativamente à Tipologia de leitura destaque-se a percentagem de leitores parcelares.

Relativamente ao grupo *quotidianos desportivos*, ele é fortemente masculinizado (90% contra 52% do total). Também aqui predominam baixos níveis de escolaridade (48% tem Até 2º Ciclo do Ensino Básico). Porém estão sobrerrepresentadas idades acima dos 55 anos (28%). Quanto à Condição perante o trabalho, os indivíduos que compõem este grupo são sobretudo Activos (68%) e a Categoria socioprofissional predominante é a de Operários (38% contra 28% do total). A distribuição na Tipologia de leitura é a que mais se aproxima da média.

Quanto ao grupo *locais quotidianos*, a ventilação pelas variáveis de caracterização sociográfica evidencia uma sobrerrepresentação de inquiridos do sexo Feminino (76%) e, atendendo ao Grau de escolaridade, uma especial incidência na formação Até ao 2º Ciclo do Ensino Básico (54% contra 45% do total). Sobressaem ainda idades superiores a 35 anos (73% contra 62% do total). Relativamente à Condição perante o trabalho sobressaem os Não activos (30% contra 24% do total) e, quanto à Categoria socioprofissional, é na dos Empresários, dirigentes e profissões liberais e na dos Empregados executantes que os indivíduos que compõem este grupo mais se evidenciam. Na Tipologia de leitura evidencia-se o tipo Cumulativa (51%).

No grupo *quotidianos cumulativos* também se regista uma sobrerrepresentação do sexo Feminino (67%), embora menos vincada que no grupo anterior. Porém, este é claramente o grupo mais escolarizado (33% tem o grau de Ensino Médio ou Superior, contra 11% do total). Relativamente à Idade, e embora o peso percentual das faixas etárias acompanhe o do total, é possível detectar uma ligeira sobrerrepresentação do escalão 25-34 anos (36% contra 37% do total). Quanto à condição perante o trabalho, observa-se uma incidência em Outros não Activos (27% contra 24% do total). Quando Activos, é na categoria profissional Profissionais técnicos de enquadramento que os indivíduos que compõem este grupo mais se evidenciam (29% contra 12% do total). Neste grupo a percentagem dos leitores cumulativos alcança os 83%.

Quanto ao grupo dos *desportivos não quotidianos*, este é claramente masculinizado (77%), embora não tanto como o grupo dos *desportivos quotidianos* (90%, como se viu). Mas detectam-se outras diferenças entre estes dois grupos: o dos *desportivos não quotidianos* é mais jovem e mais escolarizado. E atendendo à Condição perante o trabalho, sobressaem de forma vincada os Estudantes (24%, contra 9% dos *desportivos quotidianos*). Porém, quando Activos, é nas categorias Profissionais técnicos de enquadramento e Trabalhadores independentes que os indivíduos que compõem este grupo mais se evidenciam, ao passo que, como se viu, no grupo anterior essa predominância recai nos Operários. Na Tipologia de leitura tanto o tipo Só um dos impressos – padrão como a leitura Cumulativa apresentam percentagens acima da média.

Quadro nº 46

Tipologia de leitores de géneros de jornais por Sexo, Grau de escolaridade, Idade, Condição perante o trabalho, Categoria socioprofissional e Tipologia de leitura
(percentagem em coluna)

	Tipologia de leitores de géneros de jornais					Total
	Quotidianos gerais	Desportivos quotidianos	Locais quotidianos	Cumulativos	Desportivos não quotidianos	
Número	930	295	474	313	207	2.119
Sexo						
Feminino	45,9	10,2	76,4	66,7	23,2	47,6
Masculino	54,1	89,8	23,6	33,3	76,8	52,4
Grau de escolaridade						
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	47,4	47,8	54,0	23,5	29,0	44,7
3º Ciclo do Ensino Básico	17,3	19,0	21,3	16,0	19,8	18,5
Ensino Secundário	27,1	24,4	18,6	27,2	34,8	25,6
Ensino Médio ou Superior	8,2	8,8	6,1	33,3	16,4	11,1
Idade						
15-24	18,1	15,3	11,0	16,9	32,4	17,4
25-34	21,2	21,7	16,2	22,5	21,3	20,3
35-54	37,2	34,9	39,0	35,7	34,8	36,9
Mais de 55 anos	23,5	28,1	33,8	24,9	11,6	25,4
Condição perante trabalho						
Activos	68,1	67,8	64,3	64,3	65,7	66,6
Estudantes	8,9	8,8	5,5	8,9	24,2	9,6
Outros não activos	23,0	23,4	30,2	26,8	10,1	23,8
Categoria socioprofissional *						
EDL	14,5	19,5	23,0	17,0	14,6	17,4
PTE	9,1	12,4	6,6	28,6	24,5	12,2
TI	2,7	1,1	3,7	1,6	4,6	2,8
O	30,6	37,6	21,5	13,7	25,8	27,5
EE	43,1	29,3	45,2	39,0	30,5	40,1
Tipologia de leitura						
Só um dos impressos - padrão	18,6	16,3	11,0	3,3	18,4	15,0
Parcelar	41,6	35,6	37,8	13,6	30,0	36,0
Cumulativa	39,8	48,1	51,3	83,1	51,7	49,0

Base: Leitores de jornais (n = 2.119).

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,00$);

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (86% dos casos em análise).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

Quanto às secções que os inquiridos costumam ler habitualmente, 69% dos leitores de jornais refere a secção de Problemas sociais (quadro nº 47). Seguem-se (com valores acima dos 50%) a de Desporto (53%), a de Entrevistas e a de Artigos de opinião (ambas com 52%). A secção de Arte e cultura é referida apenas por 24%. A menos lida é o Editorial (17%).

Quadro nº 47
Q15 – E que secção (ões) costuma habitualmente ler nos jornais?
 n = 2.119
 (percentagem)

	%
Problemas sociais	68,9
Desporto	52,9
Entrevistas	52,4
Artigos de opinião	51,7
Política	42,6
Anúncios/classificados	36,7
Economia	34,0
Programação de cinema, espectáculos, concertos...	33,7
Vida social	30,4
Astrologia/biorrítmo	25,8
Tempo (meteorologia)	24,7
Arte e cultura	23,8
Jogos/tiras de banda desenhada	20,4
Religião	19,5
Informática e novas tecnologias	19,2
Publicidade	19,2
Editorial	16,6
Outras secções	1,1
Ns/Nr	2,1

Notas: i) Pergunta destinada aos que lêem jornais; ii) Pergunta de resposta múltipla.

No Inq. 97 esta pergunta destinava-se a um contingente distinto: os leitores de jornais *diários* (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 194). Este facto inviabiliza a comparação directa. Refira-se, contudo, que as duas secções mais referidas no LP 2007 (notícias desportivas e problemas sociais) coincidem com a segunda e a terceira mais referidas no Inq. 97. Neste inquérito, a mais referida era a de notícias de desastres/calamidades.

Em suporte papel, os jornais nacionais são os mais lidos (87% dos que lêem jornais) e os jornais regionais/locais os que têm mais assinaturas (5%) (quadro nº 48). Relativamente ao suporte on-line sobressaem os valores muito elevados para os três tipos de jornal da opção Não lê nem assina, sempre superiores a 89%. Ainda assim, destaque-se que 11% referem a leitura on-line de jornais nacionais.

Quadro nº 48

Q16 – Lê ou assina algum jornal regional/local, nacional, ou estrangeiro, em papel ou on-line?

n = 2.119

(percentagem)

	Suporte papel			On-line		
	Lê	Assina	Não lê nem assina	Lê	Assina	Não lê nem assina
Jornal regional/local	65,9	5,2	32,4	4,2	–	95,8
Jornal nacional	87,3	0,7	12,4	11,2	0,1	88,7
Jornal estrangeiro	1,6	0,9	97,5	2,0	–	98,0

Notas: i) Pergunta destinada aos que lêem jornais; ii) Pergunta de resposta múltipla.

A comparação com o Inq. 97 apenas pode ser estabelecida para o suporte papel. Para este suporte permanece a predominância da assinatura de jornais regionais sobre os restantes (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 199-200). Porém, a leitura de jornais estrangeiros em suporte papel parece ter diminuído – de 8% do total de leitores de jornais (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 197-198) passa para os actuais 2% – facto que terá necessariamente que ser relativizado face à possibilidade de leitura desses jornais em suporte On-line.

Passando à *leitura de revistas*, 73% do total da amostra lê pelo menos um tipo de revista (quadro nº 49). Os tipos de revistas mais lidos são as Femininas (37% do total de inquiridos), as de Informação geral (21%) e as de Vida social (20%). Entre os tipos de revistas habitualmente menos lidos estão as de Informação económica/gestão e as de Vídeo/cinema/fotografia (ambas com 4%) e as Eróticas (1%).

Quadro nº 49

Q17 – Dos seguintes tipos de revistas, lê habitualmente algum ou alguma (s) delas?

n = 2.552

(percentagem)

	%
Femininas	36,6
Informação geral	20,6
Vida social	19,5
Informação televisiva	18,8
Revistas incluídas nos jornais	16,7
Moda/decoração/culinária	13,4
Desporto, automóveis ou motos	12,9
Científicas ou técnicas	8,0
Natureza/animais/viagens	6,3
Lazer/espectáculos (música, cinema)	5,9
Jovens	5,8
Música/som	5,5
Informática	5,3
Banda desenhada	4,9
Masculinas	4,8
Cultura, arte, literatura ou fotografia	4,7
Vídeo/cinema/fotografia	4,2
Informação económica/gestão	3,5
Eróticas	1,2
Outros tipos de revistas	0,7
Não lê revistas	27,0

Nota: Pergunta de resposta múltipla.

Comparativamente com o Inq. 97 a percentagem de leitores de revistas aumentou ligeiramente: de 69% para os já referidos 73%. A hierarquia das respostas faz ressaltar alguns aspectos interessantes: em ambos os estudos, as revistas Femininas permanecem como as mais lidas (as revistas Masculinas apenas surgem como opção de resposta no inquérito LP 2007). O segundo género mais lido, destacadamente ocupado pelas revistas de informação televisiva no Inq. 97 (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 205-206), dá agora lugar às revistas de Informação geral.

Tal como no presente estudo, no Inq. 97 as revistas menos lidas são as de Informação Económica/Gestão/Informática (sendo que no estudo LP 2007 as revistas de Informática foram isoladas), as de Vídeo/Cinema/Fotografia e as Eróticas.

Tal como foi apresentado para os jornais, também para as revistas é possível ter em conta a importância da leitura de um único género de revista (peso específico).

Assim, o peso específico dos leitores de um único género de revista no conjunto dos leitores de revistas é de 32%. Porém, é nas revistas Femininas que ele é mais elevado (12% dos leitores deste suporte só lê este género de revista). Seguem-se as Revistas incluídas nos jornais (com 5%), as de Informação geral (4%) as de Vida social e as de Desporto, automóveis e motos (ambas com 3%). O peso dos que apenas lêem revistas Eróticas é nulo e o dos que só lêem revistas de Banda desenhada ou de Lazer/espectáculos (música, cinema) não chega a representar 1% do total de leitores deste suporte.

Ainda a propósito dos géneros de revistas, e tal como sucedeu para os géneros de jornais, foi realizada uma análise estatística de carácter multivariado²⁰.

Assim, os inquiridos foram classificados em três grupos, cada um deles correspondente a um perfil-tipo quanto aos géneros de revistas que lêem habitualmente (quadro nº 50).

O grupo aqui designado por *generalista* dispersa-se por um conjunto relativamente alargado de revistas sobretudo de Informação geral, de Informação televisiva, Vida social e Revistas incluídas em jornais.

Quanto ao grupo *feminino* evidencia-se uma forte incidência nas revistas Femininas e (menos forte) nas revistas de Informação televisiva, Vida social e Moda/decoração/culinária.

Contrastando com os anteriores, o grupo *cumulativo* evidencia claramente uma leitura cumulativa dos géneros de revistas considerados, sobretudo as de Informação geral, as incluídas em jornais, as de Lazer/espectáculos e as de Natureza/animais/viagens.

²⁰ K-Means Clusters.

Quadro nº 50
 Tipologia de leitores de géneros de revistas
 (média)

	Tipologia de leitores de géneros de revistas			Total
	Generalista	Feminino	Cumulativo	
Banda desenhada	0,1	0,0	0,3	0,1
Informática	0,1	0,0	0,3	0,1
Jovens	0,1	0,1	0,3	0,1
Lazer/espectáculos (música, cinema)	0,0	0,0	0,6	0,1
Masculinas	0,1	0,0	0,1	0,1
Moda/decoração/culinária	0,1	0,2	0,5	0,2
Música/som	0,1	0,0	0,4	0,1
Natureza/animais/viagens	0,0	0,0	0,6	0,1
Vida social	0,2	0,3	0,4	0,3
Vídeo/cinema/fotografia	0,0	0,0	0,4	0,1
Revistas incluídas nos jornais	0,2	0,1	0,7	0,2
Científicas ou técnicas	0,1	0,0	0,4	0,1
Cultura, arte, literatura ou fotografia	0,0	0,0	0,5	0,1
Desporto, automóveis ou motos	0,3	0,0	0,4	0,2
Eróticas	0,0	0,0	0,1	0,0
Femininas	0,0	1,0	0,4	0,5
Informação geral	0,3	0,2	0,8	0,3
Informação económica/gestão	0,0	0,0	0,2	0,0
Informação televisiva	0,2	0,3	0,5	0,3
Outro tipo de revistas	0,0	0,0	0,0	0,0

Base: leitores de revistas (n = 1.863).

Nota: 0 = Não lê / Não refere; 1 = Lê.

Importa agora conhecer o peso destes três perfis-tipo no total da amostra. O grupo *feminino* é aquele que detém um peso maior (47%), seguido muito de perto pelo grupo *generalista* (45%). O *cumulativo* é francamente minoritário (8%).

O cruzamento com as variáveis sociográficas permite aprofundar a caracterização destes grupos (quadro nº 51). Assim, constata-se que o grupo *generalista* tem como características principais a sobre-representação do Sexo Masculino (66% contra 48% do total de leitores de revistas); a incidência junto dos inquiridos com fracas qualificações escolares (51% têm Até 2º Ciclo do Ensino Básico, contra 47% do total) e idades mais avançadas (os com Mais de 55 anos representam 32% contra 27% do total). Atendendo à Condição perante o trabalho, são significativos os indivíduos com em situação profissional não activa (26% contra 24% do total). Porém, quando activos, assiste-se a uma sobre-representação dos Operários (33%) e dos Trabalhadores independentes (4%).

Como características mais evidenciadas do grupo aqui designado por *feminino* refira-se a (já esperada) sobrerepresentação de mulheres (84% contra 52% do total). Quanto ao Grau de escolaridade, sobressai o 3º Ciclo de Ensino Básico (20% contra 18% do total) e quanto à Idade evidencia-se o escalão 35-54 anos (39% contra 35% do total). Atendendo à Categoria socioprofissional sobressaem os Empregados executantes (56% contra 42% do total).

Ao contrário dos restantes grupos, no grupo *cumulativo* a diferenciação quanto ao Sexo não é tão pronunciada. É claramente o grupo mais escolarizado: repara-se que 29% detém o Ensino Médio ou Superior (o mesmo contingente representa 11% do total). É ainda o grupo mais jovem uma vez que 52% tem entre 15 e 34 anos (representam 38% no total). No que diz respeito à Condição perante o trabalho, detecta-se uma particular incidência nos Estudantes (18% contra 10% do total) e em indivíduos em situação activa (68%). Relativamente à Categoria socioprofissional, observa-se uma sobrerepresentação dos Profissionais técnicos de enquadramento (20%) e Empresários, dirigentes e profissões liberais (27%). É neste grupo que os leitores cumulativos têm maior expressão (93%).

Quadro nº 51

Tipologia de leitores de géneros de revistas por Sexo, Grau de escolaridade, Idade, Condição perante o trabalho, Categoria socioprofissional e Tipologia de leitura
(percentagem em coluna)

	Tipologia de leitores de géneros de revistas			Total
	Generalista	Feminino	Cumulativo	
Número	845	865	153	1.863
Sexo				
Feminino	33,7	84,2	51,2	52,3
Masculino	66,3	15,8	48,8	47,7
Grau de escolaridade				
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	50,8	48,7	16,1	46,8
3º Ciclo do Ensino Básico	16,8	19,6	18,6	17,9
Ensino Secundário	23,1	23,6	36,4	24,5
Ensino Médio ou Superior	9,3	8,1	28,9	10,8
Idade				
15-24	16,4	19,8	24,0	18,2
25-34	18,1	19,9	27,7	19,6
35-54	33,3	38,9	34,7	35,3
Mais de 55 anos	32,2	21,4	13,6	26,8
Condição perante trabalho				
Activos	64,5	65,8	68,2	65,3
Estudantes	9,8	9,2	17,8	10,4
Outros não activos	25,6	24,9	14,0	24,3
Categoria socioprofissional *				
EDL	17,5	13,2	20,1	16,3
PTE	11,4	8,1	27,0	11,7
TI	3,4	1,7	3,2	2,8
O	33,1	20,9	11,1	27,2
EE	34,6	56,2	38,6	42,0
Tipologia de leitura				
Só um dos impressos - padrão	3,8	7,3	0,7	5,2
Parcelar	39,5	44,4	6,5	39,1
Cumulativa	56,7	48,3	92,8	55,8

Base: leitores de revistas (n = 1.863).

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,00$).

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (83% da base).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

A frequência de leitura de revistas é, para a maioria dos inquiridos, uma prática realizada Pelo menos uma vez por semana (quadro nº 52).

Quadro nº 52
Frequência de leitura de revistas
n = 2.552
(percentagem em coluna)

	%
Pelo menos 1 vez por semana	52,4
Menos de 1 vez por semana	14,3
Raramente	6,0
Nunca (Não lê revistas)	27,0
Ns/Nr	0,2
<i>Total</i>	<i>100,0</i>

Em relação ao Inq. 97, a percentagem de inquiridos que declara ler revistas Pelo menos uma vez por semana aumentou consideravelmente: de 38% passou para 52%. Os que nunca lêem revistas mantêm sensivelmente o mesmo peso percentual: de 26% passaram para 27%²¹ (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 53). Pode, assim, pôr-se a hipótese de que a principal alteração verificada está na frequência da leitura: hoje em dia, os que lêem revistas lêem mais frequentemente.

A partir do cruzamento com as variáveis sociográficas (quadro nº 53) constata-se que a leitura de revistas é mais frequente nas mulheres do que nos homens (62% destas afirma ler revistas Pelo menos uma vez por semana, contra 42% dos homens). Inversamente, são mais os homens que afirmam Nunca ler revistas (38% contra 17% das mulheres).

Quanto à Idade, evidencia-se que são os escalões etários mais jovens os que mais frequentemente lêem revistas (67% dos que têm entre 15 e 24 anos contra 37% dos com Mais de 55 anos fá-lo Pelo menos uma vez por semana). Pelo contrário, são os escalões etários mais idosos os que menos frequentemente lêem revistas (43% dos inquiridos com Mais de 55 anos afirma Nunca ler revistas).

Atendendo à Condição perante o trabalho, afigura-se como particularmente significativo uma maior frequência de leitura de revistas por parte dos Estudantes (65% destes afirmam fazê-lo uma Pelo menos uma vez por semana) e uma menor frequência por parte de Outros não activos (36% destes afirmam Nunca ler revistas).

²¹ No Inq. 97 esta pergunta integra o grupo das práticas culturais.

Quanto à Categoria socioprofissional, constata-se uma sobre-representação dos Profissionais técnicos de enquadramento na leitura de revistas Pelo menos uma vez por semana (61%) e dos Empregados executantes na leitura deste suporte menos de uma vez por semana (17%). No pólo oposto estão os Operários (42% Nunca lê revistas).

Quadro nº 53

Frequência de leitura de revistas por Sexo, Grau de escolaridade, Idade, Condição perante o trabalho e Categoria socioprofissional
(percentagem em linha)

	Frequência de leitura de revistas				Número
	Pelo menos uma vez por semana	Menos de 1 vez por semana	Raramente	Nunca	
Total	52,5	14,4	6,0	27,0	2.547
Sexo					
Feminino	62,4	14,6	5,7	17,4	1.331
Masculino	41,8	14,2	6,4	37,6	1.216
Grau de escolaridade					
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	41,2	14,8	6,8	37,2	1.193
3º Ciclo do Ensino Básico	64,9	12,9	5,0	17,1	456
Ensino Secundário	60,7	15,7	5,4	18,1	624
Ensino Médio ou Superior	62,4	12,4	5,8	19,3	274
Idade					
15-24	66,7	14,2	4,1	15,1	465
25-34	59,5	15,6	5,4	19,4	499
35-54	52,8	15,5	6,2	25,5	899
Mais de 55 anos	37,4	12,3	7,6	42,7	684
Condição perante o trabalho					
Activos	53,0	15,0	6,4	25,6	1.663
Estudantes	64,9	16,2	3,4	15,5	265
Outros não activos	45,9	12,1	6,1	35,9	619
Categoria socioprofissional *					
EDL	53,0	13,1	6,0	27,9	351
PTE	60,7	12,7	7,1	19,4	252
TI	47,5	13,1	4,9	34,4	61
O	39,1	11,8	7,0	42,2	586
EE	54,5	16,7	6,1	22,8	905

Notas: i) Excluem-se não respostas; ii) Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,000$);

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (83% dos casos em análise).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

Em suporte papel, as revistas nacionais são lidas por uma elevada percentagem (94% dos que lêem revistas), muito superior à que lê revistas estrangeiras nesse mesmo suporte (13%) (quadro nº 54). A assinatura regista percentagens muito baixas nas revistas nacionais (4%) e nas estrangeiras (1%). Tal como em relação aos jornais, as revistas em suporte On-line têm valores muito elevados na opção Não lê nem assina. Regista-se ainda que a leitura On-line se mostra relativamente mais elevada para as revistas nacionais (6%) do que para as estrangeiras (2%).

Quadro nº 54

Q19 – Lê ou assina alguma revista nacional ou estrangeira, em papel ou on-line?

n = 1.863

(percentagem)

	Suporte papel			On-line		
	Lê	Assina	Não lê nem assina	Lê	Assina	Não lê nem assina
Revista nacional	93,6	4,2	5,0	5,7	0,2	94,0
Revista estrangeira	12,6	1,0	86,7	2,3	0,2	97,6

Notas: i) Pergunta destinada aos que lêem revistas; ii) Pergunta de resposta múltipla.

O Inq. 97 apenas se refere ao suporte papel. Para além disso, a separação que foi feita, no presente estudo, entre a leitura de revistas nacionais e a de revistas estrangeiras também não teve lugar no Inq. 97. Quanto à assinatura de revistas, e apesar da referida agregação, os dados sugerem uma ligeira diminuição desta prática (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 207-209).

Passando à *leitura de livros*, 57% do total dos inquiridos refere ler livros de pelo menos um dos géneros referidos no questionário. Porém, é importante salientar o ponto de vista contrário: os inquiridos que não lêem livros representam 43% da amostra (quadro nº 55).

Os géneros mais referidos são os Romances de amor (18%), os Romances de grandes autores contemporâneos e os Policiais/espionagem/ficção científica (ambos representam 17% da amostra). Entre os géneros menos referidos estão os Livros de poesia (5%), os Livros infantis/juvenis (3%) e os Livros de arte/fotografia (2%).

Quadro nº 55

Q20 – De entre os seguintes géneros de livros da lista que lhe vou mostrar, quais os três géneros que lê mais frequentemente?

n = 2.552

(percentagem)

	%
Romances de amor	18,1
Romances de grandes autores contemporâneos	17,4
Policiais/espionagem/ficção científica	17,2
Livros científicos e técnicos	13,5
Romances históricos	11,8
Livros de culinária/decoração/jardinagem/bricolagem	10,6
Livros escolares	8,1
Banda desenhada	7,2
Ensaios políticos, filosóficos ou religiosos	7,0
Livros de viagens/explorações/reportagens	6,4
Enciclopédias/dicionários	5,7
Livros de poesia	5,1
Livros infantis/juvenis	3,2
Livros de arte/fotografia	2,1
Não lê livros	43,1

Nota: Pergunta limitada ao máximo de três respostas.

Comparativamente com o Inq. 97, a percentagem de leitores de livros subiu substancialmente: de 47% passa para 57% no actual estudo. Na hierarquia de respostas (também aí limitada ao máximo de três escolhas mas com a opção outros), destacava-se o Romance como género lido com maior frequência. Relativamente a este género, repare-se nos diferentes pesos percentuais que a desagregação feita no presente estudo (Romances de amor, Romances de grandes autores contemporâneos e Romances históricos) permite evidenciar. Outros aspectos a apontar prendem-se com a diminuição da importância das

Enciclopédias/dicionários e dos Livros escolares enquanto livros habitualmente mais lidos e com o aumento de géneros de carácter mais prático, designadamente Livros de culinária/decoração/jardinagem/bricolagem e Livros de viagens/explorações/reportagens (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 132).

Relativamente à caracterização dos leitores por género de livro, e para os géneros nos quais é possível fazer esta comparação, a distribuição dos leitores por Sexo no LP 2007 mantém genericamente a estrutura encontrada em Inq. 97 (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 131-133).

Tal como foi apresentado para os jornais e revistas, também para os livros é possível ter em conta a importância da leitura de um único género de livros (peso específico).

Assim, a percentagem dos que lêem apenas um género de livros é de 21%. E é nos Romances de amor que o peso específico atinge valores mais elevados: 4% dos leitores de livros lêem apenas este género. Seguem-se os Livros científicos e técnicos e os Policiais/espionagem/Ficção científica (ambos com 3%), os Romances de grandes autores contemporâneos, Ensaios políticos, filosóficos ou religiosos, Livros escolares e Romances históricos (todos com um peso específico de 2%).

Foi realizada uma análise estatística de carácter multivariado²² através da qual os inquiridos foram classificados em cinco grupos, cada um deles correspondente a um perfil-tipo quanto aos géneros de livros que lêem habitualmente (quadro nº 56).

Assim, o grupo designado por *ficção* evidencia uma forte incidência na leitura de livros Policiais/espionagem/ficção científica; o grupo *vária* caracteriza-se essencialmente pela leitura de um conjunto relativamente alargado de géneros de livros mas sobretudo de Romances históricos, livros escolares e Livros de viagens/explorações/ reportagens. Demarca-se ainda dos demais pela leitura de livros infantis/juvenis; quanto ao grupo *romance*, este evidencia-se sobretudo pela leitura de Romances de amor; e o grupo aqui designado por *contemporâneos e ensaios* caracteriza-se sobretudo pela leitura de Romances de grandes autores contemporâneos e pela leitura de Ensaios políticos, filosóficos e religiosos; finalmente, o grupo *técnicos* demarca-se principalmente pela leitura de Livros científicos e técnicos. Marca ainda presença neste grupo a leitura de livros de apoio como dicionários e enciclopédias.

²² K-Means Clusters.

Quadro nº 56
Tipologia de leitores de géneros de livros
(média)

	Tipologia de leitores de géneros de livros					Total
	Ficção	Vária	Romance	Contemp. e Ensaio	Técnicos	
Banda desenhada	0,2	0,2	0,1	0,1	0,1	0,1
Livros infantis/juvenis	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,1
Policiais/espionagem/ficção científica	1,0	0,0	0,3	0,0	0,0	0,3
Romances de amor	0,0	0,0	1,0	0,0	0,1	0,3
Romances de grandes autores contemporâneos	0,3	0,2	0,3	0,7	0,2	0,3
Romances históricos	0,2	0,4	0,2	0,0	0,1	0,2
Enciclopédias/dicionários	0,1	0,1	0,0	0,1	0,2	0,1
Ensaios políticos, filosóficos ou religiosos	0,1	0,1	0,0	0,5	0,1	0,1
Livros científicos e técnicos	0,2	0,0	0,0	0,0	1,0	0,2
Livros de arte/fotografia	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Livros de culinária/decoração/jardinagem/bricolagem	0,1	0,2	0,2	0,2	0,1	0,2
Livros de poesia	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1
Livros de viagens/explorações/reportagens	0,1	0,2	0,0	0,1	0,1	0,1
Livros escolares	0,1	0,3	0,1	0,1	0,1	0,1

Base: leitores de livros (n = 1.452).

Nota: 0 = Não lê / Não refere; 1 = Lê.

Retomando a caracterização dos grupos que compõem a tipologia de leitores de géneros de livros, importa agora conhecer o peso de cada um deles. Como se pode observar no quadro nº 57, o grupo *romance* é aquele que detém um peso maior (29%), seguido grupo *ficção* (21%), *vária* (19%) e *técnicos* (18%). O grupo *contemporâneos e ensaios* é o que detém menor peso (12%).

O cruzamento com as variáveis sociográficas permite aprofundar a caracterização destes grupos.

Assim, são características do grupo *ficção* a sobrerepresentação de indivíduos do Sexo Masculino (67%). Atendendo ao Grau de escolaridade, ganham especial relevância os indivíduos com Ensino Secundário (40% contra 32% do total considerado). Destaca-se a juvenildade (29% tem entre 15-24 anos, contra 24% do total) e, conseqüentemente, uma sobrerepresentação da condição de Estudante (20% contra 16% do total). Porém, considerando a Categoria socioprofissional, para além de Empregados executantes (40%) é a referente aos Operários (25%) a que se evidencia pela sobrerepresentação face ao total. Atendendo à Tipologia de leitura, e apesar da larga maioria que representam os leitores dos três suportes (leitura Cumulativa, 73%), destaca-se o peso significativo dos leitores parcelares (26%).

O grupo *vária* é maioritariamente constituído por mulheres (57%) muito embora o Sexo Masculino esteja sobrerepresentado face ao total (43% contra 41%). Comparando com o grupo anterior, este é menos escolarizado. É também um grupo mais jovem (31% tem entre 15-24 anos, contra 24% do total). Atendendo à Condição perante o trabalho mais uma vez se evidenciam os Estudantes (24%, contra 16% do total) mas (agora também) os Outros não activos (21% contra

20% do total). Quanto à Categoria socioprofissional, evidenciam-se as de Empregados Executantes e de Operários. Considerando a Tipologia da leitura, é de destacar o peso significativo dos leitores parcelares (27%).

Como características mais destacadas do grupo aqui designado por *romance* refira-se a sobrerrepresentação de mulheres (84% contra 59% do total). Quanto ao Grau de escolaridade, constata-se uma especial incidência de indivíduos com baixos níveis de escolaridade (Até 2º Ciclo do Ensino Básico e 3º Ciclo do Ensino Básico) e quanto à Idade evidencia-se o escalão 35-54 anos (36% contra 34% do total). São sobretudo indivíduos Activos e, atendendo à Categoria socioprofissional, sobressaem os Empregados executantes (57% contra 46% do total). Atendendo à Tipologia de leitura, estão sobrerrepresentados neste grupo os leitores parcelares (26% contra 25% do total).

No grupo aqui designado por *contemporâneos e ensaios* evidencia-se uma (menos forte) sobrerrepresentação do Sexo Feminino (69%). Relativamente ao Grau de escolaridade, sobressaem os indivíduos com formação Até 2º Ciclo Ensino Básico (46% contra 31% do total) e os com Ensino Médio ou Superior (16%). Relativamente à Idade, é de destacar o peso percentual referente aos indivíduos com idade superior a 55 anos (37% contra 20% do total). Consequentemente, é também significativa a Condição perante o trabalho de Outros não activos (33% contra 20% do total). Porém, sobressaem neste grupo categorias socioprofissionais como as referentes aos Empregados executantes (51%), Operários (18%) e Trabalhadores independente (6%). Considerando a Tipologia de leitura, é de destacar a sobrerrepresentação neste grupo dos que só lêem um impresso padrão – neste caso o livro (8% contra 4% do total).

Finalmente, o grupo *técnico* é constituído maioritariamente por homens (55%). É ainda o grupo mais escolarizado – repare-se que 36% detêm o Ensino Médio ou Superior, contra 17% do total. Quanto à idade, o escalão com mais peso é o dos 25-34 anos (30% contra 23% do total). Atendendo à Condição perante o trabalho, evidenciam-se os indivíduos Activos e, considerando a categoria socioprofissional, os Empresários, dirigentes e profissões liberais (20% contra 16% do total) mas sobretudo os Profissionais técnicos de enquadramento (38% contra 18% do total). Tendo em conta a Tipologia de leitura, é de salientar o peso significativo que os leitores dos três suportes (leitura Cumulativa, 76%).

Quadro nº 57

Tipologia de leitores de géneros de livros por Sexo, Grau de escolaridade, Idade, Condição perante o trabalho, Categoria socioprofissional e Tipologia de leitura
(percentagem em coluna)

	Tipologia de géneros de livros					Totais
	Ficção	Vária	Romance	Contemp. e Ensaios	Técnicos	
Número	314	271	421	186	260	1.452
Sexo						
Feminino	33,4	56,8	83,6	69,4	45,4	59,1
Masculino	66,6	43,2	16,4	30,6	54,6	40,9
Grau de escolaridade						
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	23,9	36,5	34,4	45,7	16,5	30,8
3º Ciclo do Ensino Básico	18,8	23,6	24,0	16,7	16,2	20,5
Ensino Secundário	39,8	32,1	30,9	21,0	31,5	31,9
Ensino Médio ou Superior	17,5	7,7	10,7	16,7	35,8	16,9
Idade						
15-24	29,0	30,6	21,6	12,4	21,2	23,6
25-34	24,2	18,1	23,8	17,7	30,0	23,1
35-54	33,8	31,0	35,9	33,3	32,3	33,5
Mais de 55 anos	13,1	20,3	18,8	36,6	16,5	19,7
Condição perante trabalho						
Activos	67,5	55,0	65,1	59,1	70,0	63,8
Estudantes	20,4	24,4	11,4	8,1	15,0	16,0
Outros não activos	12,1	20,7	23,5	32,8	15,0	20,2
Categoria socioprofissional *						
EDL	14,6	16,1	14,9	11,9	19,9	15,6
PTE	18,7	14,1	10,8	13,8	37,5	18,4
TI	1,6	2,1	1,5	5,6	1,4	2,2
O	24,8	18,8	16,0	18,1	9,7	17,5
EE	40,2	49,0	56,9	50,6	31,5	46,4
Tipologia de leitura						
Só um dos impressos - padrão	1,6	2,6	4,3	7,5	3,5	3,7
Parcelar	25,8	26,6	26,8	22,0	20,4	24,8
Cumulativa	72,6	70,8	68,9	70,4	76,2	71,6

Base: leitores de livros (n = 1.452).

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,00$).

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (80% dos casos em análise).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

A leitura de livros de autores portugueses e de autores estrangeiros traduzidos para a língua portuguesa apresenta percentagens particularmente elevadas na opção Algumas vezes (57% e 48% dos que lêem livros, respectivamente) (quadro nº 58). Já os livros de autores estrangeiros em língua estrangeira são pouco lidos: a opção de resposta Nunca representa 78% das respostas dos leitores de livros.

Quadro nº 58
Q21 – Indique com que frequência costuma...
 n = 1.452
 (percentagem em linha)

	Frequência					Total	Média
	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Ns/Nr		
Ler livros de autores portugueses	24,5	56,6	14,5	2,8	1,6	100,0	1,96
Ler livros de autores estrangeiros traduzidos para a língua portuguesa	22,7	48,1	16,9	10,4	2,0	100,0	2,15
Ler livros de autores estrangeiros em língua estrangeira	1,7	6,5	12,7	78,2	0,8	100,0	3,69

Notas: i) Pergunta destinada aos que lêem livros; ii) Para valores médios a escala varia entre 1 = Muitas vezes e 4 = Nunca.

Comparativamente com o Inq. 97, os resultados apontam para uma diminuição da leitura em língua estrangeira (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 145).

O quadro nº 59 mostra o número de livros lidos no período de referência de 12 meses por razões de leitura. Com excepção das razões sem ser para a escola/trabalho as percentagens correspondentes à ausência da leitura são sempre muito elevadas. Por outro lado, considerando a amplitude da leitura, ela situa-se maioritariamente no escalão mais baixo (1-3 livros).

Quadro nº 59
Q22 – Livros lidos aproximadamente durante os últimos 12 meses e por que razões
 n = 1.452
 (percentagem em linha)

	Livros lidos						Total
	Nenhum	1-3 livros	4-7 livros	8-12 livros	13 ou mais Livros	Ns/Nr	
Por outras razões sem ser para a escola/trabalho	11,4	54,5	22,8	5,5	3,7	2,1	100,0
Por razões educativas (leitura não obrigatória)	67,6	19,6	7,0	2,3	1,2	2,3	100,0
Por razões educativas (leitura obrigatória)	74,9	12,1	7,8	2,1	1,1	2,1	100,0
Por razões profissionais	75,6	14,9	5,0	1,9	1,0	1,6	100,0

Nota: Pergunta destinada aos que lêem livros.

Uma vez que esta pergunta do LP 2007 (Q22) é similar à formulada no *Eurobarometer Survey on Europeans' Participation in Cultural Activities* (Eur. 2001) abre-se alguma possibilidade de comparação com a União Europeia²³. Assim sendo, é interessante constatar que, para os dois estudos, a distribuição percentual das respostas é semelhante (quadro nº 60). Isto apesar das percentagens tenderem a ser ligeiramente mais acentuadas nos dados de LP 2007.

Em ambos os estudos a razão mais apontada remete para contextos sem ser de escola/trabalho (49% em LP 2007 e 45% para Eur. 2001), ou seja, para o contexto de lazer. Refira-se ainda que, na comparação entre a leitura obrigatória por razões educativas, os dados de LP 2007 apresentam valores sensivelmente mais elevados.

Quadro nº 60
Razões para leitura de livros nos últimos 12 meses (LP 2007 e Eur. 2001)
(percentagem)

	LP 2007 (Portugal)	Eur. 2001 (UE-15) *
Por outras razões sem ser para a escola/trabalho	49,2	44,8
Por razões educativas (leitura não obrigatória)	17,1	14,5
Por razões educativas (leitura obrigatória)	13,1	12,7
Por razões profissionais	13,0	10,7
Não lê livros	43,1	42,1
<i>Bases</i>	2.552	16.162

* Spadaro (2002: 5).

Nota: Pergunta de resposta múltipla.

²³ Tenha-se em conta o que anteriormente foi dito relativamente às limitações da análise por país.

Retomando a sequência do questionário LP 2007, passa-se à pergunta sobre o número de livros lidos normalmente durante um ano (Q23). O escalão que mais se destaca é '2 a 5 livros', com 54% das respostas dos leitores de livros (quadro nº 61)²⁴. São 12% os que se situam no escalão mais baixo (1 livro²⁵), ao passo que no escalão mais elevado se situam 4% daqueles que lêem habitualmente livros.

Quadro nº 61
Q23 – Quantos livros lê normalmente durante um ano?
 n = 1.452
 (percentagem em coluna)

	%
1 livro	12,4
2 a 5 livros	54,1
6 a 10 livros	18,4
11 a 20 livros	7,1
Mais de 20 livros	4,1
Ns/Nr	3,9
<i>Total</i>	100,0

Nota: Pergunta destinada aos que lêem livros.

No Inq. 97 esta pergunta restringe-se ao contingente dos que leram livros no último ano (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 128). Com as devidas reservas, os dados sugerem uma alteração da estrutura dos leitores: para *mais* quanto aos que se situam nos escalões inferiores e para *menos* nos mais elevados. Ou seja, e como se avançou anteriormente, detecta-se um crescimento dos *pequenos* leitores (1 a 5 livros num ano) e concomitante descida dos *grandes* leitores (mais de 20 livros).

²⁴ Note-se que os escalões das questões Q22 e Q23 são diferentes porque visam estabelecer comparações com dois estudos distintos.

²⁵ Embora com as devidas reservas, acrescente-se que os dados do Eurobarómetro (2001 e 2003) referentes à percentagem de indivíduos que declara ler pelo menos um livro nos últimos 12 meses colocam Portugal no último lugar face aos restantes 27 países da União Europeia (EUROSTAT, 2007: 6).

O cruzamento com as variáveis sociográficas permite aprofundar alguns aspectos interessantes (quadro nº 62).

Começando pela Idade, detecta-se que se, por um lado, os que lêem até 5 livros num ano são sobretudo os inquiridos que pertencem a escalões etários mais altos, por outro lado os que lêem mais livros durante um ano são vincadamente os mais jovens.

A mesma distinção ocorre quando se tem em conta o Grau de escolaridade: os que lêem até 5 livros num ano são sobretudo os inquiridos com graus de escolaridade mais baixos, ao passo que os que lêem mais livros num ano têm vincadamente graus de formação mais elevados.

Relativamente à situação na profissão, detecta-se que são os Estudantes aqueles que mais livros lê ao longo do ano (uma vez que estão sobre-representados nas categorias superiores a 6 livros por ano) e os Outros não activos os que menos livros lê (sobre-representados nas categorias 1 livro e 2 a 5 livros).

Em termos de Categoria socioprofissional, verifica-se que em todas as categorias a maioria dos inquiridos lê entre 2 e 5 livros. Essa maioria varia entre os 52% no caso dos Profissionais técnicos de enquadramento e os 64% no caso dos Trabalhadores independentes e dos Operários. A categoria dos Trabalhadores independentes é a única em que os inquiridos apenas lêem até dez livros.

O cruzamento com o Capital escolar familiar mostra que metade dos inquiridos com capital Recente lê entre 2 e 5 livros por ano e que no caso dos que têm um capital Precário essa percentagem é de 62%. Quanto aos inquiridos com capital Consolidado, 66% concentram-se nos intervalos de leitura de 2 a 5 livros e de 6 a 10 livros.

Quadro nº 62

Livros lidos durante um ano por Idade, Grau de escolaridade, Situação perante o trabalho, Categoria socioprofissional e Capital escolar familiar

(percentagem em linha)

	Livros lidos durante um ano					Número
	1 Livro	2 a 5 livros	6 a 10 livros	11 a 20 livros	Mais de 20 livros	
Total	12,9	56,3	19,1	7,4	4,2	1.395
Idade						
15-24	6,9	47,9	28,4	9,9	6,9	334
25-34	13,8	54,0	17,2	9,8	5,2	326
35-54	14,0	60,2	17,6	5,9	2,3	472
Mais de 55 anos	17,5	63,1	12,5	3,8	3,0	263
Grau de escolaridade						
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	20,6	64,4	10,0	3,3	1,7	418
3º Ciclo do Ensino Básico	13,4	56,0	21,5	5,3	3,9	284
Ensino Secundário	9,5	56,3	22,3	7,3	4,6	453
Ensino Médio ou Superior	5,4	42,9	26,3	17,1	8,3	240
Situação perante o trabalho						
Activos	14,3	58,8	16,8	6,7	3,4	893
Estudantes	4,4	40,3	34,1	12,4	8,8	226
Outros não activos	15,2	61,6	14,5	5,4	3,3	276
Categoria socioprofissional *						
EDL	18,3	56,2	14,2	7,7	3,6	169
PTE	6,7	51,9	25,7	10,0	5,7	210
TI	20,0	64,0	16,0	-	-	25
O	18,8	64,4	11,0	3,7	2,1	191
EE	14,4	61,0	15,9	5,6	3,1	515
Capital escolar familiar **						
Consolidado	6,0	34,0	32,0	20,0	8,0	50
Recente	6,6	50,0	23,0	13,8	6,6	152
Precário	16,3	62,2	14,5	4,5	2,6	940
Não classificável	14,8	63,0	11,1	7,4	3,7	27

Base: leitores de livros, excluindo-se as não respostas à pergunta Q23.

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,000$).

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (80% dos casos em análise).

** Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos a quem foi possível determinar o Capital escolar familiar (84% dos casos em análise).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

Relativamente ao momento em que ocorreu a leitura do último livro sem ser escolar ou profissional, a opção que reúne a percentagem mais elevada de respostas é Há menos de 1 mês (29% dos que lêem livros) (quadro nº 63). Somadas, as duas opções que se reportam a um mês representam 48% dos casos em apreço.

Quadro nº 63
Q24 – Há quanto tempo leu o último livro sem ser escolar ou profissional?
 n = 1.452
 (percentagem em coluna)

	%
Há menos de 1 mês	29,4
Há cerca de 1 mês	18,7
Há 2/3 meses	26,0
Há cerca de 6 meses	15,6
Há cerca de 1 ano	4,8
Há mais de 1 ano	4,1
Só lê livros de estudo ou profissionais	1,5
<i>Total</i>	100,0

Nota: Pergunta destinada aos que lêem livros.

Em termos de tendências face ao Inq. 97, aponta-se alguma subida para os que referiram um período inferior a 3 meses: passaram de 69% a 73%. Para além disto, constata-se uma diminuição da percentagem dos que só lêem livros de estudo ou profissionais (de 4% para os actuais 2%) (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 112).

Ainda no tocante às leituras feitas fora das necessidades escolares e/ou profissionais, o factor a que os inquiridos que lêem livros atribuem mais importância na escolha dos livros é, destacadamente, o Gosto pessoal (73%) (quadro nº 64). Com bastante menos peso surge a Indicação de amigos (37%), seguida do Nome do autor (23%). Refira-se, também, a Indicação de familiares, com 18%. O factor menos mencionado é a Indicação do livreiro/vendedor (2%).

Quadro nº 64

Q25 – Quais os 3 factores a que atribui mais importância na escolha ou selecção dos livros que lê, fora das necessidades escolares ou profissionais?

n = 1.452
(percentagem)

	%
Gosto pessoal	72,7
Indicação de amigos	37,0
Nome do autor	22,7
Agrado pela capa, título ou índice	19,6
Indicação de familiares	18,0
Críticas lidas	17,6
Publicidade	8,7
Indicação de colegas	7,6
Prémios atribuídos à obra ou ao autor	7,2
Consulta de catálogos	4,5
Programas literários na televisão	3,8
Indicação do livreiro/vendedor	1,6
Outros factores	1,2
Ns/Nr	2,2

Notas: i) Pergunta destinada aos que lêem livros; ii) Pergunta limitada ao máximo de três respostas.

Na comparação com o Inq. 97 (onde a resposta também era limitada ao máximo de três escolhas) é preciso ter em conta importantes distinções estabelecidas em LP 2007, designadamente entre a Indicação de familiares e a de amigos (agregadas no Inq. 97) e entre as opções Gosto pessoal e Nome do autor (também agregadas no Inq. 97). Estas distinções permitem aprofundar aspectos relevantes uma vez que, no anterior inquérito, os factores mais referidos para a escolha/selecção de livros eram a Preferência pessoal/conhecimento do autor e a Indicação de amigos/familiares, tal como, aliás, no Inq. 92 (Freitas e Santos, 1992a: 38). Quanto a evoluções, saliente-se, por um lado, um ligeiro aumento da importância atribuída às críticas (de 12% para os actuais 18%) e, por outro, a diminuição da importância de factores

como a publicidade, os prémios literários e o agrado pelo título, capa ou índice.

O factor Indicação do livreiro/vendedor, que em LP 2007 aparece em último lugar, pode ser equiparado ao factor Indicação do livreiro/editor do Inq. 97. Também neste estudo este factor é o menos referido (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 152).

Restringindo agora a amostra ao contingente daqueles que não lêem nem jornais, nem revistas nem livros – o qual representa 5% da amostra – as opções de resposta para as leituras do dia a dia com as percentagens mais elevadas são Contas/recibos (79%), Marcas e preços de produtos (75%) e, a alguma distância, Legendas da televisão/dos filmes e Indicações de caixas e folhetos de medicamentos (ambas com 63%) (quadro nº 65). Pelo contrário, os Conteúdos na Internet e programas de conversação e de troca de e-mail registam apenas 8%.

Quadro nº 65
Q26 – O que lê no seu dia-a-dia?
 n = 121
 (percentagem em linha)

	Sim	Não	Ns/Nr	Total
Contas/recibos	78,5	19,0	2,5	100,0
Marcas e preços de produtos	75,2	22,3	2,5	100,0
Legendas da televisão/dos filmes	62,8	34,7	2,5	100,0
Indicações de caixas e folhetos de medicamentos	62,8	34,7	2,5	100,0
Cartas ou recados	61,2	35,5	3,3	100,0
Publicidade/anúncios	61,2	36,4	2,5	100,0
Indicações das embalagens de alimentos/outras prod. de consumo corrente	59,5	37,2	3,3	100,0
Formulários/documentos	56,2	39,7	4,1	100,0
Instruções de aparelhos	41,3	54,5	4,1	100,0
Receitas de cozinha	31,4	66,1	2,5	100,0
Mensagens de telemóvel (SMS)	29,8	67,8	2,5	100,0
Conteúdos na Internet, programas de conversação e de troca de e-mail	8,3	89,3	2,5	100,0

Nota: Pergunta destinada aos que não lêem jornais, revista e livros.

Comparativamente com o Inq. 97, e como já se referiu anteriormente, a percentagem daqueles que não lêem jornais, revistas e livros baixou significativamente. De facto, os *leitores sobreviventes* representavam aí 12% da amostra (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 239-242) quando, como já se referiu, no presente estudo não ultrapassam os 5%. Esta tendência para a diminuição dos referidos *leitores sobreviventes* já se verificava relativamente ao Inq. 92. Embora com as reservas feitas anteriormente, refira-se que o valor correspondente nesse estudo é 15% (Freitas e Santos, 1992a: 16).

Quanto às leituras do dia-a-dia deste contingente de leitores, as opções maioritariamente referidas mantêm-se, mas apenas quanto à sua ordenação, uma vez que os valores em causa são substancialmente mais baixos no Inq. 97 (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 242).

Locais de Leitura

Relativamente aos *locais* onde habitualmente os inquiridos lêem livros, jornais ou revistas, a Casa surge como um local privilegiado para qualquer dos três suportes (quadro nº 66). Na leitura de livros esse é claramente o local de eleição (96% dos leitores de livros). Entre os restantes valores, os menos baixos são os registados pelas opções Na escola (10%), No local de emprego/trabalho (8%) ou ainda Em bibliotecas, mediatecas ou arquivos (7%).

Já quanto à leitura de jornais regista-se grande proximidade entre as opções Em casa (61% dos leitores de jornais) e No café ou restaurante (62%). Embora a grande distância, importa referir ainda que o local de emprego/trabalho constitui também uma opção com peso ainda significativo (23%).

As respostas mais expressivas para a leitura de revistas são Em casa (82% dos leitores de revistas) seguida de, a alguma distância, No café ou restaurante (29%) e No local de emprego/trabalho (21%).

As Bibliotecas, mediatecas ou arquivos e a Escola são os locais menos referidos para a leitura de jornais e para a de revistas (1% em qualquer dos casos). Para a leitura de livros, essa mesma posição é ocupada pela opção Em casa de amigos/colegas (1%).

Assim, espacialmente, a leitura de livros é a mais concentrada e doméstica e a de jornais é a mais difusa e pública, apresentando-se a leitura de revistas numa posição intermédia. É ainda de salientar a importância da escola enquanto local de leitura de livros – é o segundo espaço mais importante para este suporte.

Quadro nº 66

Q27 – Onde costuma ler habitualmente livros, jornais e revistas?

(percentagem em coluna)

	Livros	Jornais	Revistas
Em casa	96,3	61,3	82,0
Na escola	9,5	1,5	2,9
No local de emprego/trabalho	8,4	22,7	20,8
Em bibliotecas, mediatecas ou arquivos	6,5	1,1	1,1
Nos transportes públicos	5,3	8,4	8,1
No café ou restaurante	4,3	61,9	29,1
Em casa de familiares	2,3	4,7	6,1
Em casa de amigos/colegas	1,4	3,9	7,2
<i>Bases</i>	<i>1.452</i>	<i>2.119</i>	<i>1.863</i>

Nota: Pergunta de resposta múltipla.

No Inq. 97 a escola não foi considerada enquanto local de leitura. Para além disto, a comparação com o Inq. 97 não é possível para os locais de leitura de revistas. Relativamente aos outros suportes, e apesar da formulação das opções de resposta do Inq. 97 ter em conta a situação de férias, justificar-se-á uma chamada de atenção para algumas tendências detectadas.

No Inq. 97 a casa aparecia também como local privilegiado de leitura de livros e jornais; o café seguia-se em importância enquanto local de leitura de jornais (49%) (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 224).

Passando à *frequência de bibliotecas*, registre-se desde logo que são apenas 17% do total da amostra os que costumam frequentar pelo menos um dos géneros indicados (quadro nº 67). Entre estes, a Biblioteca Municipal é a mais referida (12%), seguida da Escolar (6%) e da Universitária (3%). As percentagens relativas aos restantes géneros de bibliotecas são irrelevantes.

Quadro nº 67
 Q28 – Dos seguintes géneros de bibliotecas, costuma frequentar alguma(s) delas?
 n = 2.552
 (percentagem)

	%
Municipal	11,8
Escolar	6,3
Universitária	3,4
Nacional	0,8
De colectividade	0,3
Paroquial	0,2
De empresa	0,2
Itinerante	0,1
Não frequenta bibliotecas	82,6

Nota: Pergunta de resposta múltipla.

Para esta pergunta, a comparação com Inq. 97 é bastante limitada uma vez que existem diferenças consideráveis tanto ao nível da formulação da pergunta como dos contingentes inquiridos. De facto, enquanto no presente Inquérito se pergunta aos inquiridos se costumam frequentar bibliotecas, no anterior perguntava-se se alguma vez tinham entrado numa biblioteca. Desta feita, a actual percentagem de não frequentadores de bibliotecas (83%) é muito superior à dos que, de acordo com o Inq. 97, nunca tinham entrado numa biblioteca (27%). Apesar de tudo, tanto para os que já entraram numa biblioteca (Inq. 97), como para os que actualmente costumam frequentar (LP 2007), a biblioteca municipal é a mais referida, seguida (a longa distância) da biblioteca escolar, nacional e itinerante. As bibliotecas universitárias não faziam parte das opções de resposta (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 219).

Refira-se ainda que 12% dos inquiridos frequentam um único tipo de biblioteca e 5% frequentam mais do que um tipo (sobretudo Municipal e Escolar ou Municipal e Universitária).

Através do cruzamento com três das variáveis sociográficas é possível caracterizar o grosso contingente dos não frequentadores de bibliotecas (quadro nº 68). Os dados permitem mais uma vez constatar uma relação inversa com a escolaridade (94% dos que têm apenas Até 2º Ciclo do Ensino Básico contra 55% dos que têm o Ensino Médio ou Superior) e uma relação directa com a idade (52% dos inquiridos entre 15-24 anos não frequenta bibliotecas, valor que aumenta para 95% quando se tem em conta o grupo de inquiridos com Mais de 55 anos). Para além disto, a não frequência de bibliotecas tem um peso significativo nos Activos (88% destes não frequenta bibliotecas) e nos Outros não activos (92%) que não estudantes.

O mesmo quadro nº 68 caracteriza os inquiridos que frequentam Bibliotecas Municipais²⁶. São sobretudo os mais escolarizados, mais jovens (15-24 anos) e Estudantes.

Quadro nº 68
Frequência de bibliotecas municipais e Não frequência de bibliotecas por Grau de escolaridade, Idade e Condição perante o trabalho
(percentagem em linha)

	Frequenta bibliotecas municipais	Não frequência de bibliotecas	Número
<i>Total</i>	11,8	82,6	2.552
Grau de escolaridade			
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	4,4	93,6	1.194
3º Ciclo do Ensino Básico	15,3	79,0	457
Ensino Secundário	15,0	76,5	626
Ensino Médio ou Superior	30,9	54,9	275
Idade			
15-24	27,5	51,6	465
25-34	15,2	80,2	500
35-54	7,1	90,6	902
Mais de 55 anos	5,0	94,9	685
Condição perante o trabalho			
Activos	9,1	88,4	1.667
Estudantes	38,5	25,3	265
Outros não activos	7,7	91,6	620

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,000$).

²⁶ Os reduzidos contingentes impossibilitam a caracterização dos utilizadores de outro tipo de bibliotecas.

Os frequentadores de bibliotecas municipais procuram com maior regularidade as secções de Leitura geral e Pesquisa bibliográfica (ambas com 24%) (quadro nº 69). Refira-se igualmente a procura da secção Multimédia – Acesso à Internet, cuja frequência mais intensa (Muitas vezes) é significativa (16%), embora a percentagem correspondente à ausência de procura (Nunca) seja elevada (48%). Nas outras secções os ritmos das procuras são substancialmente menos frequentes (Poucas vezes ou Algumas vezes) ou, sobretudo, nulos.

Quadro nº 69

Q28_1 – Que tipo de secções procura nas bibliotecas municipais e com que frequência o faz?

n = 302

(percentagem em linha)

	Procura de secções nas bibliotecas municipais					Total	Média
	Muitas vezes	Algumas vezes	Poucas vezes	Nunca	Ns/Nr		
Leitura geral	23,5	38,1	22,2	16,2	–	100,0	2,31
Pesquisa bibliográfica	23,5	38,1	19,2	19,2	–	100,0	2,34
Serviço de empréstimo domiciliário	8,9	31,8	16,9	42,1	0,3	100,0	2,92
Multimédia - Acesso à Internet	15,9	22,8	12,9	48,3	–	100,0	2,94
Secção de periódicos (jornais e revistas)	8,9	21,9	25,5	43,7	–	100,0	3,04
Sala de estudo	8,6	18,2	19,5	53,6	–	100,0	3,18
Multimédia – Música	7,3	17,5	18,9	56,3	–	100,0	3,24
Multimédia – Filmes	7,0	13,9	20,9	58,3	–	100,0	3,30
Secção Infantil/Juvenil	3,0	11,6	13,2	71,5	0,7	100,0	3,54

Notas: i) Pergunta destinada aos que frequentam bibliotecas municipais; ii) Para os valores médios a escala varia entre 1 = Muitas vezes e 4 = Nunca.

A realização de uma análise em componentes principais mostra a existência de quatro agrupamentos de respostas que evidenciam usos distintos, correspondendo a *multimédia*, *pesquisa*, *leitura* e *serviços* (quadro nº 70). Assim, do conjunto de secções da biblioteca ligados com *multimédia* fazem parte o acesso a suportes diversificados (música e filmes) bem como à Internet. Na *pesquisa* incluem-se secções relacionadas com a pesquisa bibliográfica e com a sala de estudo. Na *leitura* está o acesso à sala de leitura geral e à a secção de periódicos. Por último, o acesso a *serviços* refere-se não só à secção infantil/juvenil como também à secção de empréstimo domiciliário.

Quadro nº 70
Utilização de secções de bibliotecas municipais
(análise em componentes principais)

	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
Multimédia				
Multimédia - Música	,918	,066	,145	,141
Multimédia - Filmes	,889	,071	,167	,176
Multimédia - Acesso à Internet	,788	,295	-,014	-,106
Pesquisa				
Pesquisa bibliográfica	,068	,883	,038	,097
Sala de estudo	,319	,580	,121	,195
Leitura				
Leitura geral	,182	-,112	,792	,267
Secção de periódicos (jornais e revistas)	,084	,333	,726	-,190
Serviços				
Secção Infantil/Juvenil	,261	,100	-,176	,711
Serviço de empréstimo domiciliário	-,094	,160	,318	,699

Percentagem de variância explicada = 71%.

Numa comparação entre os usos das bibliotecas municipais e das escolares verifica-se que, nestas últimas, são bastante mais as secções cuja procura é relativamente elevada. As secções de Pesquisa bibliográfica, de Leitura geral, o acesso à Internet e a Sala de estudo são as mais significativas para os frequentadores de bibliotecas escolares (quadro nº 71). Há pois que ter presentes as diferenças de uso entre as bibliotecas municipais e as escolares.

Quadro nº 71

Q28_2 – Que tipo de secções procura nas bibliotecas escolares e com que frequência o faz?

n = 160

(percentagem em linha)

	Procura de secções nas bibliotecas escolares					Total	Média
	Muitas vezes	Algumas vezes	Poucas vezes	Nunca	Ns/Nr		
Pesquisa bibliográfica	34,4	45,0	12,5	8,1	–	100,0	1,94
Leitura geral	21,9	40,6	21,3	16,3	–	100,0	2,32
Multimédia - Acesso à Internet	21,9	40,6	15,0	22,5	–	100,0	2,38
Sala de estudo	23,1	35,6	16,9	24,4	–	100,0	2,43
Serviço de empréstimo domiciliário	12,5	28,1	21,3	38,1	–	100,0	2,85
Multimédia - Música	9,4	28,8	17,5	43,8	0,6	100,0	2,96
Multimédia - Filmes	10,0	25,0	20,0	44,4	0,6	100,0	2,99
Secção de periódicos (jornais e revistas)	6,9	20,0	23,1	49,4	0,6	100,0	3,16
Secção Infantil/Juvenil	5,0	10,0	23,8	61,3	–	100,0	3,41

Notas: i) Pergunta destinada aos que frequentam Bibliotecas Escolares; ii) Para os valores médios a escala varia entre 1 = Muitas vezes e 4 = Nunca.

Quanto aos motivos apontados para a não frequência de bibliotecas o mais significativo é Não gosta[r] de frequentar bibliotecas (47%) (quadro nº 72). Os demais motivos apresentam percentagens não superiores a 14%, com destaque para Não conhece[r] nenhuma, motivo invocado por apenas 4%. É considerável a percentagem dos que referem Outro motivo para além dos indicados (22%), convergindo predominantemente para a Falta de tempo.

Quadro nº 72

Q29 – Quais os principais motivos para não frequentar bibliotecas?

n = 2.108

(percentagem)

	%
Não gosta de frequentar bibliotecas	47,2
O horário da (s) biblioteca (s) não lhe é conveniente	14,4
Não há nenhuma por perto	11,8
Porque se sente pouco à vontade em bibliotecas	10,4
Prefere comprar e ler os seus livros	10,1
Não conhece nenhuma	3,8
Outro(s) motivo(s)	21,7
<i>Falta de tempo</i>	9,5
<i>Não precisa</i>	5,5
<i>Restantes motivos</i>	8,3

Notas: i) Pergunta de resposta múltipla destinada aos que não vão a bibliotecas; ii) Os outros motivos aqui apresentados resultam das respostas da opção em aberto 'Quais?' codificadas *a posteriori*.

Também aqui existem limitações na comparação com o Inq. 97 dadas as diferenças ao nível da formulação das perguntas e dos contingentes inquiridos. Enquanto no Inq. 97 se procura saber os motivos porque os inquiridos nunca entraram numa biblioteca, no presente estudo pretende-se conhecer as razões porque os inquiridos não costumam frequentar bibliotecas. Ainda assim, o aspecto mais interessante que se pode retirar desta comparação diz respeito à razão Não conhece[r] nenhuma [biblioteca]. Ao passo que no LP 2007 esta é a razão menos evocada, no Inq. 97 ela é a segunda mais referida (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 217). Presumivelmente porque as bibliotecas, uma década depois, tornaram-se, apesar de tudo, equipamentos menos distantes das populações.

Utilização das TIC

A partir das questões dirigidas à utilização das tecnologias da informação e da comunicação (TIC), o primeiro dado a reter é que a maioria dos inquiridos Nunca utiliza o computador (52%), seja porque Não sabe utilizar (22%), seja porque Não tem acesso a computador (16%) ou porque Não tem necessidade de o usar (14%) (quadro nº 73). O segundo dado é a forte clivagem entre aqueles que usam o computador Diariamente ou quase (35%) e aqueles que Nunca o usam.

Quadro nº 73
Q30 – Frequência do uso do computador
n = 2.552
(percentagem)

	%
Diariamente ou quase	35,0
Pelo menos uma vez por semana	7,6
Raramente	5,8
Nunca	51,5
<i>Não sabe utilizar o computador</i>	21,9
<i>Não tem acesso a computador</i>	15,5
<i>Não tem necessidade de usar o computador</i>	14,1
<i>Total</i>	<i>100,0</i>

Quanto aos que utilizam a Internet, a Situação de lazer é claramente a mais frequente (74%) (quadro nº 74). Tanto a Situação profissional (40%) como a de estudo (29%) têm pesos significativos, mas relativamente mais baixos.

O cruzamento com a variável Idade permite evidenciar que a utilização da Internet nas situações de lazer e de estudo diminui à medida que a idade avança ao passo que a utilização em Situação profissional se centra nos escalões 25-34 e 35-54 anos (respectivamente, 53% e 49%).

Quanto ao Grau de escolaridade, mais uma vez se confirma um incremento da prática (neste caso a utilização da Internet em qualquer uma das situações propostas) à medida que a escolaridade avança.

Relativamente à Condição perante o trabalho, e apesar da utilização da Internet em Situação de lazer ser predominante para qualquer uma das categorias em causa, ela é cumulativa com as outras situações. Assim, dos Activos que utilizam o computador 69% utiliza a Internet em Situação de lazer e 52% em Situação profissional. Do total de Estudantes que utiliza o computador, 89% fá-lo em situação de lazer mas 85% também o faz em Situação de estudo.

Quadro nº 74

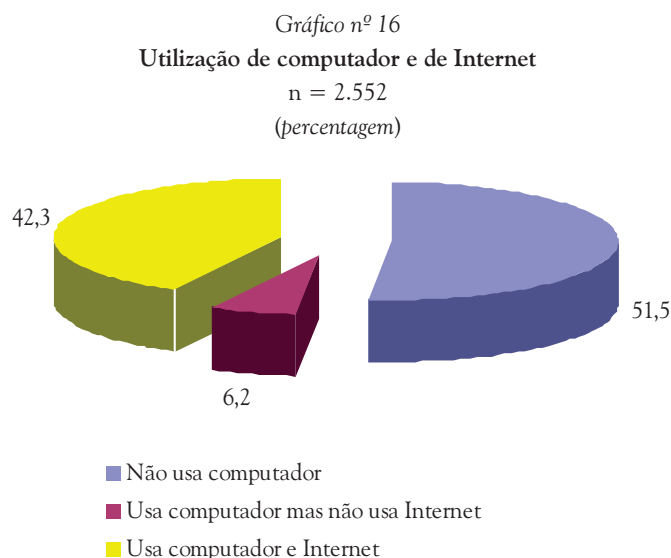
Situações de utilização da Internet por Grau de escolaridade, Idade e Condição perante o trabalho
(percentagem em linha)

	Utilização da Internet				Número
	Situação de Lazer	Situação de estudo	Situação profissional	Não utiliza	
Total	73,5	29,0	39,7	12,7	1.237
Grau de escolaridade					
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	57,0	14,5	21,3	29,5	207
3º Ciclo do Ensino Básico	72,1	23,3	31,1	13,1	305
Ensino Secundário	77,1	31,3	40,6	9,4	480
Ensino Médio ou Superior	82,0	44,1	64,1	4,5	245
Idade					
15-24	85,4	55,3	20,1	6,1	412
25-34	75,8	23,1	53,2	11,0	363
35-54	60,7	10,2	49,2	19,4	382
Mais de 55 anos	62,5	10,0	33,8	22,5	80
Condição perante o trabalho					
Activos	68,8	14,4	52,5	14,0	853
Estudantes	89,2	85,3	9,3	2,7	259
Outros não activos	72,8	12,0	15,2	24,8	125

Base: utilizadores de computador (n = 1.237)

Notas: i) pergunta de resposta múltipla; ii) Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,000$).

Um outro exercício a partir das respostas a estas duas perguntas sobre a utilização de computadores e de Internet (Q.30 e Q.31) visa a criação de uma tipologia sobre o uso destas tecnologias pelos inquiridos (gráfico nº 16). Assim, os inquiridos que não utilizam computador representam mais de metade da amostra (52%). Os que utilizam computador e Internet correspondem a 42% da amostra. Por último surgem os que não usam computador nem Internet (6%).



O cruzamento desta tipologia com as variáveis sociográficas Sexo, Grau de escolaridade, Condição perante o trabalho, Categoria socioprofissional e Capital escolar familiar possibilita algumas observações relevantes (quadro nº 75).

Os que não usam computador caracterizam-se por congregarem uma maior proporção de mulheres do que de homens (54% contra 49%). No caso dos que usam computador, mas não utilizam Internet, o peso dos homens é um pouco mais elevado do que o das mulheres (7% contra 6%). Por último, os que usam computador e Internet representam 45% dos inquiridos de Sexo Masculino e 40% dos de sexo Feminino.

Os que não usam computador têm um peso muito significativo nos inquiridos com formação Até 2º Ciclo do Ensino Básico (83%), ao que os que usam computador e Internet têm uma grande representatividade na formação Média ou Superior (85%).

Os Estudantes são, na sua quase totalidade, utilizadores de computador e Internet (95%), ao passo que os Outros não activos não utilizam computador na sua maioria (80%).

Importa ainda destacar que é muito significativa a clivagem entre, por um lado, aquelas categorias socioprofissionais que maioritariamente não usam o computador (todas, exceptuando os Profissionais técnicos de enquadramento), com destaque para os Operários, e a única em que o uso

do computador e da Internet é maioritária – justamente a categoria Profissionais técnicos de enquadramento (74%).

É de realçar que estes resultados são consistentes com os apresentados no *Inquérito Sociedade em Rede em Portugal* (Cardoso, Costa, Conceição e Gomes, 2005). Neste estudo os autores apresentam o perfil dos utilizadores da Internet em oposição ao dos não utilizadores: a Internet é utilizada sobretudo por indivíduos jovens, por Estudantes, por indivíduos com índices elevados de escolaridade e por Profissionais técnicos de enquadramento. Embora não de forma determinante, o referido estudo evidencia também uma relação com o sexo: os homens são mais utilizadores da Internet do que as mulheres.

Quadro nº 75

Tipologia da utilização de computador e de Internet por Sexo, Grau de escolaridade, Condição perante o trabalho, Categoria socioprofissional e Capital escolar familiar
(percentagem em linha)

	Tipologia da utilização de computador e de Internet			Número
	Não usa computador	Usa computador mas não usa Internet	Usa computador e Internet	
Total	51,5	6,2	42,3	2.552
Sexo				
Feminino	54,1	5,6	40,3	1.335
Masculino	48,7	6,7	44,5	1.217
Grau de escolaridade				
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	82,7	5,1	12,2	1.194
3º Ciclo do Ensino Básico	33,3	8,8	58,0	457
Ensino Secundário	23,3	7,2	69,5	626
Ensino Médio ou Superior	10,9	4,0	85,1	275
Condição perante o trabalho				
Activos	48,8	7,1	44,0	1.667
Estudantes	2,3	2,6	95,1	265
Outros não activos	79,8	5,0	15,2	620
Categoria socioprofissional *				
EDL	55,1	8,8	36,1	352
PTE	20,6	5,6	73,8	252
TI	73,8	9,8	16,4	61
O	75,9	5,6	18,5	588
EE	52,8	6,5	40,7	907
Capital escolar familiar **				
Consolidado	7,7	1,9	90,4	52
Recente	14,4	5,5	80,1	181
Precário	61,8	6,7	31,5	1.984
Não classificável	74,3	8,6	17,1	70

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,03$);

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (85% da amostra)

** Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos a quem foi possível determinar o Capital escolar familiar (90% da amostra).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

Os inquiridos que utilizam a Internet fazem-no sobretudo a partir de casa (57% utilizam-na Diariamente ou quase) (quadro nº 76). A maioria Nunca utiliza a Internet na escola/universidade, no trabalho/emprego ou noutros locais.

Quadro nº 76

Q31_1 – A partir de que locais e com que frequência costuma utilizar a Internet?

n = 1.080

(percentagem em linha)

	Frequência de utilização					Total	Média
	Diariamente ou quase	Pelo menos uma vez por semana	Raramente	Nunca	Ns/Nr		
A partir de casa	57,0	12,3	7,9	22,6	0,2	100,0	1,96
A partir do trabalho/emprego	35,5	4,3	4,9	54,6	0,7	100,0	2,79
A partir da escola/universidade	12,0	6,9	7,4	73,1	0,6	100,0	3,42
A partir de outros locais	5,7	6,9	22,0	64,8	0,5	100,0	3,47

Notas: i) Pergunta destinada aos que utilizam a Internet; ii) Para valores médios a escala varia entre 1 = Diariamente ou quase e 4 = Nunca.

Uma breve nota para a comparação destes resultados com os do estudo *A Sociedade em Rede em Portugal* realizado em 2003 (Cardoso, Costa, Conceição e Gomes, 2005: 154-156). Tendo apenas em conta a utilização da Internet nos diversos locais detecta-se uma ligeira subida da utilização da Internet a partir de casa (dos então 57% para os actuais 77%) e a partir de outros locais (30% para 35%). Pelo contrário, evidencia-se uma descida da utilização da Internet a partir da Escola/Universidade (de 55% para os actuais 26%) e a partir do Trabalho/emprego (dos então 50% para os actuais 45%).

Retomando a análise dos dados do LP 2007, a maioria dos utilizadores da Internet utiliza-a Para procurar informações úteis (92%) e para comunicar com familiares, amigos ou conhecidos (programas de conversação, correio electrónico, etc.) (83%) (quadro nº 77). São raros os que a usam Para ler livros de ficção (4%), mas são em volume significativo aqueles que a utilizam Para fazer downloads (46%) e Para fazer novos amigos ou namorados (26%).

Quadro nº 77
Q31_2 – E para que usos costuma utilizar a Internet?
 n = 1.080
 (percentagem em linha)

	Sim	Não	Ns/Nr	Total
Para procurar indicações úteis	91,6	7,9	0,6	100,0
Para comunicar com familiares, amigos ou conhecidos (programas de conversação, correio electrónico, etc)	83,1	16,4	0,6	100,0
Para fazer downloads (música, filmes, etc.)	46,0	52,8	1,2	100,0
Para fazer novos amigos ou namorados	25,5	73,7	0,8	100,0
Para ver publicidade	22,9	76,5	0,6	100,0
Para ler livros de estudo/profissionais	20,5	78,6	0,9	100,0
Para fazer compras	12,7	86,8	0,6	100,0
Para ler livros de ficção	3,7	95,6	0,6	100,0

Nota: Pergunta destinada aos que utilizam a Internet.

A realização de uma análise em componentes principais mostra a existência de três associações de respostas que evidenciam usos distintos da Internet correspondendo a *comunicação*, *leitura* e *utilizações práticas* (quadro nº 78). Assim, do conjunto de usos da Internet directamente ligados com a *comunicação* fazem parte utilizações conviviais (como fazer novos amigos ou namorados, comunicar com familiares, amigos ou conhecidos) mas também fazer download de ficheiros e ver publicidade. Relativamente ao grupo *leitura*, faz parte tanto a leitura de livros de estudo ou profissionais como a leitura de livros de ficção. Por último, o grupo *utilizações práticas* inclui fazer compras e procurar indicações úteis através da Internet.

Quadro nº 78
Usos da Internet
(análise em componentes principais)

	Factor 1	Factor 2	Factor 3
Comunicação			
Para fazer novos amigos ou namorados	0,744	0,043	-0,330
Para fazer downloads	0,689	0,021	0,199
Para comunicar com familiares, amigos ou conhecidos	0,665	-0,028	0,172
Para ver publicidade	0,409	0,255	0,306
Leitura			
Para ler livros de estudo/profissionais	-0,083	0,780	0,065
Para ler livros de ficção	0,112	0,716	-0,045
Utilizações práticas			
Para procurar indicações úteis	0,068	-0,124	0,800
Para fazer compras	0,135	0,380	0,504

Base: utilizadores de Internet (n = 1.080).
 Percentagem de variância explicada = 53%.

Síntese

Neste capítulo, dedicado à prática de leitura do inquirido na actualidade, analisou-se a leitura para cada um dos suportes (jornais, revistas e livros), os seus diferentes géneros e a frequência de leitura.

Começando pela leitura de *jornais* – o suporte mais lido (83% da amostra) – ganha especial destaque a leitura de generalistas/informação diários (67%). Note-se a percentagem relativa aos jornais de distribuição gratuita (23%), sendo que apenas 2% dos leitores de jornais lê unicamente este tipo de jornal. Por outras palavras, e sem detrimento do ficou expresso ao longo do texto, o aumento global de leitores de jornais não se deve em parte significativa aos leitores de jornais gratuitos. Daí que a tipologia construída dá conta, justamente, de cinco grandes grupos de leitores de géneros de jornais: *quotidianos gerais*, *locais quotidianos*, *desportivos quotidianos*, *desportivos não quotidianos* e *comulativos*. Quer os *desportivos quotidianos* quer os *desportivos não quotidianos* são fortemente masculinizados, ao passo que os *locais quotidianos* mas sobretudo os *cumulativos* são vincadamente femininos.

Quanto às secções de jornais habitualmente lidas pelos inquiridos, evidencia-se a referente aos problemas sociais (69% dos leitores de jornais lê esta secção) seguida das de desporto, entrevistas e artigos de opinião como as referidas por mais de metade dos leitores. A leitura on-line de jornais

é, em geral baixa, ainda assim destacando-se a de jornais nacionais (11%) em detrimento dos estrangeiros e dos regionais/locais.

Relativamente à leitura de *revistas* (73% da amostra), as mais lidas são, destacadamente, as femininas (37%). A frequência da leitura é elevada – mais de metade refere que as lê pelo menos uma vez por semana. A leitura on-line é mais baixa do que a de jornais, 6% em revistas nacionais. A partir da tipologia géneros de revistas lidos detecta-se um grupo de leitores *comulativo* (mais escolarizado, evidenciando uma certa juvenilidade e com particular incidência junto de estudantes), outro designado por *feminino* (fortemente constituído por leitoras, com incidência em graus de escolaridade intermédios); e o grupo *generalista* (menos escolarizado).

E quanto à leitura de livros (57% da amostra), os romances, sobretudo os de amor (18%) e de grandes autores contemporâneos (17%), estão entre os preferidos. Num outro plano, a leitura de autores portugueses é mais comum do que a de autores estrangeiros traduzidos para a língua portuguesa e aquela leitura é também a que regista as frequências mais elevadas. Quanto ao número de livros lidos por contexto de leitura (de lazer, de estudo e profissional), o de lazer é claramente o que se destaca (mais de metade da amostra refere o escalão 1-3 livros).

Outro dado interessante advém do indicador número de livros lidos durante um ano independentemente do contexto. Os dados globais revelam um predomínio dos *pequenos leitores*, sendo que a maioria (56%) lê 2 a 5 livros por ano. Porém, os *médios* (6-20 livros) e os *grandes leitores* (mais de 20 livros) são vincadamente mais jovens, com peso importante entre os estudantes.

Quase metade da amostra leu o último livro (sem ser escolar ou profissional) há cerca de um mês ou menos, sendo que a escolha ocorre essencialmente por gosto pessoal.

Quanto ao que lêem no dia-a-dia aqueles que não lêem nem jornais, nem revistas, nem livros, as contas/recibos e as marcas e preços de produtos são os itens que mais se destacam (79% e 75%, respectivamente).

No que se refere aos *locais de leitura*, os resultados são expressivos: os livros lêem-se essencialmente em casa; os jornais tanto no café/restaurante como em casa; e as revistas sobretudo em casa. A frequência de bibliotecas é referida por 17% da amostra. As bibliotecas municipais – as mais frequentadas (12% do mesmo total) – e, a alguma distância, as escolares (6%) e as universitárias (3%) são aquelas cujos resultados estatísticos têm, apesar de tudo, algum significado. Ainda a respeito das bibliotecas, evidenciam-se diferentes procuras entre as municipais e as escolares: mais intensa, diversificada e frequente das secções destas relativamente às daquelas. Finalmente, o motivo mais invocado por aqueles que não frequentam as bibliotecas, é... não gostar.

Passando à *utilização das TIC*, a maioria não usa computador, mas os que usam, usam com valores muito expressivos a um ritmo diário ou quase. Por sua vez, a utilização da Internet (87% dos que usam o computador), é feita muito especialmente em situações de lazer, cumulativamente ou não com os contextos de estudo e profissionais, e maioritariamente a partir de casa,

cumulativamente ou não com o local de trabalho ou local de ensino. Quanto aos usos, destacam-se a procura de indicações úteis e a comunicação com familiares.

3.4. POSSE E COMPRA DE LIVROS

Neste tópico começa-se por referir as questões relativas aos géneros e à quantidade de livros que os inquiridos têm em casa para seguidamente passar a focar aspectos que se prendem com a frequência da compra de livros, os locais em que são comprados, a compra de livros através da Internet e a compra de livros para oferta. São também destacadas determinadas práticas relacionadas com o livro: empréstimo de livros, tiragem de fotocópias, requisição de livros, etc.

Volume e género de livros que o inquirido possui/existem em casa

Relativamente à existência de livros em casa do inquirido, a quase totalidade responde afirmativamente (quadro nº 79). A análise por Sexo permite verificar que a percentagem de mulheres que afirmam ter livros em casa é superior à dos homens (94% contra 90%).

Em termos de Idade, os que têm Mais de 55 anos apresentam os valores mais baixos de posse de livros em casa: 83%. No lado oposto estão os 98% de inquiridos que têm entre 15 e 24 anos e que afirmam ter livros em casa.

Uma vez mais observa-se uma relação directa com a variável Grau de escolaridade: quanto mais elevada esta é, maiores são as percentagens de respostas afirmativas relativamente à existência de livros em casa. Assim, enquanto nos inquiridos com formação Até 2º Ciclo do Ensino Básico são 85% aqueles que têm livros, no caso dos inquiridos com Ensino Médio ou Superior são 99%.

Quanto ao Capital escolar familiar, as percentagens de inquiridos com capital Recente e com capital Consolidado que têm são superiores à dos inquiridos com capital Precário (90%).

Os Estudantes são, em termos de Condição perante o trabalho, os que apresentam a maior percentagem de posse de livros em casa (100%), o que não espanta, uma vez que se estão a considerar todos os livros, incluindo escolares.

Por último, ainda relativamente à Categoria socioprofissional, os Trabalhadores independentes e os Operários apresentam as taxas mais baixas de posse de livros em casa: 85% e 83%, respectivamente.

Quadro nº 79

Posse de livros em casa por Sexo, Grau de escolaridade, Idade, Condição perante o trabalho, Categoria socioprofissional e Capital escolar familiar

n = 2.552

(percentagem em linha)

	Posse de livros em casa		Número
	Sim	Não	
Total	92,1	7,9	2.552
Sexo			
Feminino	94,4	5,6	1.335
Masculino	89,6	10,4	1.217
Grau de escolaridade			
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	85,4	14,6	1.194
3º Ciclo do Ensino Básico	97,8	2,2	457
Ensino Secundário	97,6	2,4	626
Ensino Médio ou Superior	99,3	0,7	275
Idade			
15-24	98,3	1,7	465
25-34	96,8	3,2	500
35-54	93,0	7,0	902
Mais de 55 anos	83,4	16,6	685
Condição perante o trabalho			
Activos	92,7	7,3	1.667
Estudantes	100,0	-	265
Outros não activos	87,1	12,9	620
Categoria socioprofissional *			
EDL	95,2	4,8	352
PTE	98,8	1,2	252
TI	85,2	14,8	61
O	83,2	16,8	588
EE	93,3	6,7	907
Capital escolar familiar **			
Consolidado	98,1	1,9	52
Recente	99,4	0,6	181
Precário	90,4	9,6	1.984
Não classificável	88,6	11,4	70

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,000$).

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (85% dos casos em análise).

** Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos a quem foi possível determinar o Capital escolar familiar (90% da amostra).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

Comparativamente com o Inq. 97, a percentagem de inquiridos com livros em casa aumentou sensivelmente de 85% para os actuais 92% (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 146-147).

Tanto ou mais importante do que saber se os inquiridos têm livros em casa, é conhecer qual a natureza e os géneros predominantes.

A existência indistinta de livros de lazer e de estudo ou profissionais é a opção que regista a percentagem mais elevada (59%) entre aqueles que têm livros em casa (quadro nº 80). De notar que são apenas 9% os que dizem ter em casa Sobretudo livros de estudo ou profissionais.

Quadro nº 80
Q33 – Os livros que tem em casa são sobretudo livros de estudo ou profissionais, livros de lazer, ou tanto de uns como de outros?
 n = 2.351
(percentagem em coluna)

	%
Tanto de uns como de outros	58,7
Sobretudo livros de lazer	30,5
Sobretudo livros de estudo ou profissionais	8,7
Ns/Nr	2,1
<i>Total</i>	<i>100,0</i>

Nota: Pergunta destinada aos que têm livros em casa.

Também no Inq. 97 a maioria dos inquiridos com livros em casa admite ter tanto livros de lazer como livros de estudo ou profissionais (58%). Por considerarem que os inquiridos se “refugiaram” nesta opção de resposta, os autores não se alongam nos comentários sobre estes dados (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 146), mas, na verdade, nem sempre é possível identificar quais as respostas “refúgio”.

O cruzamento do tipo de livros que os inquiridos têm em casa com as variáveis sociográficas Grau de escolaridade, Idade, Condição perante o trabalho, Categoria socioprofissional e Capital escolar familiar permite aferir alguns aspectos relevantes, sobretudo quanto às características dos inquiridos que referem ter tanto livros de estudo ou profissionais como livros de lazer (quadro nº 81). Em primeiro lugar, verifica-se uma relação entre o Grau de escolaridade e a percentagem de inquiridos que refere ter livros Tanto de uns como de outros: quanto mais elevado o nível de escolaridade, maiores as percentagens de inquiridos. Assim, enquanto a maioria (75%) dos inquiridos com Ensino Médio ou Superior refere ter Tanto de uns como de outros, no caso dos inquiridos com formação Até 2º Ciclo do Ensino Básico essa percentagem é de 50%.

Em termos etários, observa-se que quanto mais novos são os inquiridos, maiores são as taxas de respostas relativas à posse equilibrada de ambos os tipos de livros. Ascendem a 73% os inquiridos com idades entre os 15 e 24 anos que referem ter livros Tanto de uns como de outros, enquanto no grupo dos que têm Mais de 55 anos não chegam a representar metade dos inquiridos (45%).

Quanto à Condição perante o trabalho, sobressaem as percentagens relativas aos Estudantes. Elevam-se a 87% os que têm tanto livros de estudo ou profissionais como livros de lazer, enquanto os que os têm Sobretudo livros de lazer representam apenas 5%.

Na análise do tipo de livros que os inquiridos têm em casa por Categoria socioprofissional destacam-se as elevadas percentagens de 71% (relativa à posse de Tanto de uns como de outros pelos Profissionais técnicos de enquadramento) e de 42% (Operários com Sobretudo livros de lazer) e a baixa percentagem de 8%, referente aos Empresários, dirigentes e profissionais liberais que têm Sobretudo livros de estudo ou profissionais.

Relativamente ao Capital escolar familiar, observa-se uma relação entre o nível do capital e a percentagem de inquiridos que dizem ter livros Tanto de uns como de outros: representam 54% dos que têm um capital Precário e 83% dos que têm um capital Consolidado.

Quadro nº 81

Tipo de livros que tem em casa por Grau de escolaridade, Idade, Condição perante o Trabalho, Categoria socioprofissional e Capital escolar familiar
(percentagem em linha)

	Tipo de livros que tem em casa			Número
	Sobretudo livros de estudo ou profissionais	Sobretudo livros de lazer	Tanto de uns como de outros	
Total	8,9	31,1	60,0	2.302
Grau de escolaridade				
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	10,6	39,4	50,0	986
3º Ciclo do Ensino Básico	8,3	27,0	64,6	444
Ensino Secundário	5,3	28,3	66,4	604
Ensino Médio ou Superior	11,6	13,8	74,6	268
Idade				
15-24	8,8	18,1	73,0	452
25-34	10,0	28,9	61,1	478
35-54	10,6	27,0	62,4	830
Mais de 55 anos	5,4	50,2	44,5	542
Condição o perante trabalho				
Activos	9,9	31,1	59,0	1516
Estudantes	8,4	5,0	86,6	262
Outros não activos	6,3	44,1	49,6	524
Categoria socioprofissional *				
EDL	7,5	29,6	62,9	321
PTE	11,0	18,0	71,0	245
TI	9,6	40,4	50,0	52
O	10,7	42,0	47,3	476
EE	7,5	36,0	56,6	831
Capital escolar familiar **				
Consolidado	9,8	7,8	82,4	51
Recente	9,7	18,2	72,2	176
Precário	9,0	36,9	54,1	1760
Não classificável	5,7	34,0	60,4	53

Base: Inquiridos que declaram ter livros em casa. Exclui não-respostas (n= 2.303).

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,00$).

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito aqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (84% do número de casos em análise).

** Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos a quem foi possível determinar o Capital escolar familiar (89% dos casos em análise).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

As Enciclopédias/dicionários, os Livros escolares e os Livros de culinária/decoração/jardinagem /bricolagem são não só os três gêneros que os inquiridos mais têm em casa como os que possuem em maior quantidade (quadro nº 82). Os Livros de viagens/explorações/reportagens e os Livros de arte/fotografia são os menos referidos (nos dois casos – Tem em casa e Possui em maior quantidade).

Quadro nº 82
Q34 & Q35 – Gêneros de livros que tem em casa e que possui em maior quantidade
 n = 2.351
 (percentagem)

	... tem em casa	... possui em maior quantidade
Enciclopédias/dicionários	81,5	36,2
Livros escolares	63,5	34,0
Livros de culinária/decoração/jardinagem/bricolagem	60,6	22,7
Romances de amor	53,3	20,0
Romances de grandes autores contemporâneos	50,0	19,6
Banda desenhada	46,7	12,6
Policiais/espionagem/ficção científica	43,6	16,0
Romances históricos	43,5	11,5
Livros científicos e técnicos	42,6	15,7
Livros infantis/juvenis	40,5	11,7
Livros de poesia	36,9	6,3
Ensaio políticos, filosóficos ou religiosos	32,8	9,3
Livros de viagens/explorações/reportagens	26,8	4,6
Livros de arte/fotografia	15,8	1,8
Ns/Nr	1,5	6,2

Notas: i) Perguntas destinadas aos que têm livros em casa; ii) Q34: pergunta de resposta múltipla; iii) Q35: pergunta limitada ao máximo de 3 respostas.

Comparativamente com o Inq. 97, os gêneros de livros que os inquiridos mais referem ter em casa continuam a ser os escolares e as enciclopédias/dicionários (estes registam agora valores substancialmente mais altos: de 57% passaram para 82%). Embora não tão evidenciado, este aumento percentual dos valores registados ocorre em todos os restantes género de livros considerados nos dois estudos.

Quanto aos gêneros que os inquiridos possuem em maior quantidade (resposta também aqui limitada a três opções) são, no Inq. 97, os Livros escolares, os Romances e as Enciclopédias/dicionários (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 148).

Do total de inquiridos que afirma ter livros em casa, a maioria admite ter até 50 livros (quadro nº 83). Os dois escalões seguintes registam ainda valores significativos – entre 51 e 100 livros com 22% e entre 101 e 500 com 16%. Os restantes dois apresentam valores residuais.

Quadro nº 83

Q36 – Quantos livros existem aproximadamente na sua casa, sem contar com os livros escolares?

n = 2.351

(percentagem em coluna)

	%
Até 20 livros	24,5
De 21 a cerca de 50 livros	29,9
De 51 a cerca de 100 livros	21,7
De 101 a cerca de 500 livros	16,2
De 501 a cerca de 1.000 livros	1,7
Mais de 1.000 livros	0,8
Ns/Nr	5,4
Total	100,0

Nota: Pergunta destinada aos que têm livros em casa.

┌
 O Inq. 97 não distinguia os escalões 21 a 50 livros e 51 a 100 livros. Contudo, agregando os valores destes escalões é possível a aproximação, a qual mostra que a percentagem daqueles que têm Até 20 livros em casa se mantém sensivelmente a mesma; que a dos que possuem entre 20 e 100 livros sobe à custa da descida dos que possuem mais de 500 livros (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 150).
 └

Frequência e locais de aquisição

Mais de metade dos inquiridos não comprou qualquer livro, sem ser escolar ou profissional, no último ano (quadro nº 84). Os compradores são sobretudo Pequenos compradores de livros (32%). Apenas 5% são Grandes compradores de livros.

Quadro nº 84

Q37 – No último ano, quantos livros comprou, aproximadamente, sem serem escolares ou profissionais?

n = 2.552

(percentagem em coluna)

	%
Pequeno comprador (1 a 5 livros)	32,0
Médio comprador (6 a 10 livros)	8,0
Grande comprador (mais de 11 livros)	4,9
Nenhum	51,4
Ns-Nr	3,7
Total	100,0

Neste caso não é possível estabelecer qualquer tipo de comparação com o Inq. 97, uma vez que os contingentes em causa são totalmente diferentes: no Inq. 97 restringe-se aos *potenciais compradores de livros* (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 155); no presente LP 2007, reporta-se ao total da amostra.

O cruzamento com as variáveis sociográficas permite um aprofundamento dos resultados (quadro nº 85).

Os que declaram não ter comprado Nenhum livro são sobretudo do Sexo Masculino (62%). É visível uma relação inversa quanto ao Grau de escolaridade: quanto maior é a formação escolar menor a percentagem dos que não compram livros sem serem escolares ou profissionais. Detecta-se ainda uma relação directa com a idade, ou seja, quanto mais avançada maior a percentagem dos que não compram livros. São sobretudo os Outros não activos que não compram livros (66%). Do ponto de vista da Categoria socioprofissional, evidenciam-se as categorias Operários (75%) e Trabalhadores independentes (61%). Atendendo ao Capital escolar familiar, é no Precário que tem uma maior incidência (60%).

E como se caracterizam os que compram livros? Quanto ao Sexo, as mulheres não só são mais compradoras como compram mais livros. Por Grau de escolaridade, aqueles que têm o Ensino

Secundário destacam-se entre os Pequenos compradores, ao passo que os situados no Ensino Médio ou Superior têm um peso mais elevado tanto nos Médios como nos Grandes compradores.

Quanto à Idade destaque-se as percentagens de Médios compradores nos grupos 15-24 e 25-34 anos, o que pode justificar a importância relativa que os Estudantes detêm.

Por Categoria socioprofissional os Profissionais técnicos de enquadramento têm os pesos mais elevados nos vários escalões de compradores, com destaque para os Grandes (quase o dobro dos Empresários, dirigentes e profissões liberais). Quanto ao Capital escolar familiar, aqueles com capital Consolidado destacam-se claramente nos escalões médio e Grande comprador.

Atendendo à Tipologia de leitura, os leitores cumulativos são maioritariamente Pequenos compradores (54%), mas têm, como de resto se esperaria, pesos relativamente elevados quer entre os Médios (14%), quer entre os Grandes compradores (9%).

Quadro nº 85

Compradores de livros por Sexo, Grau de escolaridade, Idade, Condição perante o trabalho, Categoria socioprofissional, Capital escolar familiar Tipologia de leitura
(percentagem em linha)

	Compradores de livros				Número
	Nenhum	Pequeno comprador de livros (1 a 5)	Médio comprador de livros (6 a 10)	Grande comprador de livros (Mais de 11)	
Total	53,4	33,2	8,3	5,1	2.458
Sexo					
Feminino	45,7	37,5	10,4	6,4	1.283
Masculino	61,9	28,5	6,0	3,7	1.175
Grau de escolaridade					
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	72,7	21,7	3,5	2,2	1.156
3º Ciclo do Ensino Básico	48,3	38,5	9,3	3,9	439
Ensino Secundário	34,9	46,0	12,1	7,0	596
Ensino Médio ou Superior	19,9	45,7	19,1	15,4	267
Idade					
15-24	42,4	41,5	10,2	5,9	443
25-34	43,0	38,6	11,9	6,5	479
35-54	50,8	34,0	9,1	6,1	868
Mais de 55 anos	71,6	22,8	3,4	2,2	668
Condição perante o trabalho					
Activos	51,5	34,1	8,8	5,6	1.612
Estudantes	35,7	44,2	12,9	7,2	249
Outros não activos	66,0	26,1	5,0	2,8	597
Categoria socioprofissional *					
EDL	58,2	26,3	8,7	6,9	335
PTE	26,3	46,2	15,4	12,1	247
TI	60,7	36,1	1,6	1,6	61
O	74,2	20,4	2,6	2,8	573
EE	48,4	37,9	9,5	4,1	870
Capital escolar familiar **					
Consolidado	10,0	44,0	26,0	20,0	50
Recente	23,9	46,6	16,5	13,1	176
Precário	59,2	30,5	6,6	3,7	1.919
Tipologia de leitura					
Não-leitores	94,2	5,0	0,8	-	120
Só um dos impressos - padrão	86,0	9,6	3,1	1,3	458
Parcelar	64,9	26,0	5,4	3,7	882
Cumulativa	23,4	53,8	14,1	8,6	998

Nota: i) Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,000$); ii) Excluem-se não respostas.

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (85% dos casos em análise).

** Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos a quem foi possível determinar o Capital escolar familiar (87% dos casos em análise).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

Quanto aos locais e frequência de compra de livros, para os que compraram livros no último ano, as Livrarias – situadas ou não em centros comerciais – permanecem como os principais locais de aprovisionamento e em que este é mais frequente (quadro nº 86). Os Super/hipermercados, as Feiras do livro e os Quiosques/tabacarias mostram valores intermédios, ao passo que as restantes três opções de resposta registam percentagens muito elevadas de não realização.

Quadro nº 86

Q38 – Com que frequência compra livros sem serem escolares ou profissionais nos seguintes locais?

n = 1.145

(percentagem em linha)

	Frequência de compra de livros					Total	Média
	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Ns/Nr		
Livrarias em centros comerciais	17,5	38,2	23,5	20,7	0,2	100,0	2,48
Outras livrarias	15,5	49,5	20,3	14,5	0,2	100,0	2,34
Super/hipermercado	6,6	31,4	26,2	35,5	0,3	100,0	2,91
Feiras do livro	3,3	21,9	26,7	47,9	0,2	100,0	3,19
Quiosque/tabacaria	3,1	14,1	25,5	57,2	0,1	100,0	3,37
Através de algum clube do livro	4,7	7,2	11,4	76,4	0,3	100,0	3,60
Por encomenda postal/correspondência	2,6	7,1	13,5	74,8	1,9	100,0	3,64
Alfarrabista/livros em segunda mão	0,9	4,0	10,6	84,4	0,2	100,0	3,79

Notas: i) Pergunta destinada aos que compraram livros no último ano; ii) Para os valores médios a escala varia entre 1 = Muitas vezes e 4 = Nunca.

No Inq. 97 não existe uma distinção entre as livrarias dos centros comerciais e as que se situam fora deles. Mesmo assim, no Inq. 97, tal como em LP 2007, as Livrarias são o local de aprovisionamento mais importante.

Na generalidade dos casos, nota-se que entre o Inq. 97 e o LP 2007 a percentagem de inquiridos que refere Nunca ter comprado livros nos vários locais considerados baixou. As únicas exceções são a compra por encomenda postal/correspondência, em que a hipótese de resposta Nunca no Inq. 97 é de 57% (contra 75% no LP 2007) e a compra em Livrarias, em que o Nunca é de 14% no Inq. 97 (sendo que no LP 2007 é de 15% no caso das Outras livrarias e de 21% no caso das Livrarias em centros comerciais).

É de assinalar a evolução positiva das compras nas Feiras do livro e nos Super/hipermercados. Entre o Inq. 97 e o LP 2007, a percentagem de inquiridos que Nunca compra livros em Feiras do livro baixou de 68% para 48%. Os inquiridos que Nunca compram livros em Super/hipermercados baixaram de 74% (Inq. 1997) para 36% (LP 2007).

No Inq. 97 nos últimos lugares surgem o Vendedor ambulante e o Alfarrabista (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 158).

A análise em componentes principais mostra a existência de três associações das respostas relativas aos locais de compra de livros: *de deambulação*, *'imateriais'* e *oportunos* (quadro nº 87).

Quadro nº 87
Locais de compra de livros sem serem escolares ou profissionais
(análise em componentes principais)

	Factor 1	Factor 2	Factor 3
De deambulação			
Feiras do livro	,803	,134	,147
Alfarrabista/livros em segunda mão	,644	,403	-,039
Livrarias em centros comerciais	,591	-,253	,230
'Imateriais'			
Por encomenda postal/correspondência	,085	,752	-,035
Através de algum clube do livro	,010	,749	,150
Oportunos			
Quiosque/tabacaria	,035	,186	,776
Super/hipermercado	,110	,033	,690
Outras livrarias	,297	-,237	,439

Notas: Percentagem de variância explicada = 54%; terceiro factor com valor próprio = 0,96.

Para os que compram livros mas Nunca em livrarias, assinala-se que o motivo mais referido é a preferência por comprar noutra local (42%). Porém, tenha-se em conta que é reduzidíssimo o contingente em causa (quadro nº 88).

Quadro nº 88
Q39 – Porque motivo(s) não costuma comprar livros sem serem escolares ou profissionais em livrarias?
n = 76
(percentagem)

	%
Prefere comprar noutros locais	42,1
Nas livrarias os livros são mais caros	26,3
Não há nenhuma perto	17,1
Lê pouco e não vale a pena	11,8
Não gosta de entrar em livrarias	5,3
Não conhece nenhuma	0,0
Ns/Nr	10,5

Notas: i) Pergunta destinada aos que compraram livros no último ano mas nunca em livrarias; ii) Pergunta limitada ao máximo de três respostas.

No Inq. 97, o motivo mais evocado para a não compra de livros em livrarias era ler pouco e não valer a pena (57%), opção que tem pouca expressão no presente Inquérito (12%).

A razão Não conhece nenhuma [livraria] é a menos referida (2%) no Inq. 97, não tendo já qualquer resposta no LP 2007.

Por outro lado, é interessante notar que a segunda razão mais referida no LP 2007 (Nas livrarias os livros são mais caros) no Inq. 97 só é referida por 9% dos inquiridos que entraram poucas vezes ou nunca numa livraria (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 213).

Os valores relativos à compra de livros pela Internet mostram que este canal, seja através de sites portugueses, seja através de sites estrangeiros, é muito pouco utilizado pelos que costumam comprar livros (quadro nº 89).

No estudo *A Sociedade em Rede em Portugal* (Cardoso, Costa, Conceição e Gomes, 2005: 165) os inquiridos que referem utilizar a Internet para comprar livros ou CD ascendem a 12% do total de utilizadores da Internet. A discrepância entre esta percentagem e a relativa aos inquiridos que no LP 2007 compram livros através da Internet parece apontar para uma maior importância da compra de CD através da Internet.

Quadro nº 89

Q40 – Com que frequência costuma comprar livros de qualquer género em sites portugueses ou estrangeiros de venda de livros pela Internet?

n = 1.145

(percentagem em linha)

	Frequência de compra de livros pela Internet					Total	Média
	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Ns/Nr		
Sites portugueses de venda de livros pela Internet	0,5	2,5	2,1	93,9	1,0	100,0	3,91
Sites estrangeiros de venda de livros pela Internet	0,4	1,0	2,2	95,4	1,0	100,0	3,95

Notas: i) Pergunta destinada aos que compraram livros no último ano; ii) Para os valores médios a escala varia entre 1 = Muitas vezes e 4 = Nunca.

Os que compram livros através da Internet (não esquecendo que são um contingente pouco significativo – 77 casos, 3% da amostra) explicam-no essencialmente pelo facto de não ser necessária a deslocação ao ponto de venda (35%) e de ser mais rápido encontrar o que se pretende (30%) (quadro nº 90). Todas as outras opções de resposta têm valores menos significativos (entre os 23% e os 18%).

Quadro nº 90

Q40_1 – Se compra livros de qualquer género através da Internet, qual ou quais o(s) principal (ais) motivos porque o faz?

n = 77

(percentagem)

	%
Não é necessária a deslocação ao ponto de venda	35,1
É mais rápido encontrar o que se pretende	29,9
É mais fácil escolher um livro	23,4
Há maior variedade	20,8
Os livros são mais baratos	18,2
É mais fácil a aquisição no estrangeiro	18,2
Ns/Nr	18,2

Notas: i) Pergunta destinada aos que compraram livros através de sites na Internet; ii) Pergunta limitada ao máximo de três respostas.

Entre os inquiridos que compraram livros para oferecer no último ano, somam 55% os que o fazem com alguma ou mesmo muita regularidade (quadro nº 91). Ventilando as resposta por Sexo observa-se que as mulheres compram livros para oferecer mais frequentemente do que os homens.

Em termos etários, as diferenças não são muito acentuadas, embora se note que os inquiridos com 35-54 anos são os que mais frequentemente compram livros para oferecer (60% fazem-no Muitas vezes ou Algumas vezes), enquanto os que têm Mais de 55 anos são os que menos frequentemente o fazem (57% das respostas incidem em Raramente e Nunca).

Quanto à escolaridade, observa-se uma relação directa com a Frequência de compra de livros para oferecer: quanto mais elevado aquele é, maior esta é também.

Presencia-se, também, uma relação directa entre o Capital escolar familiar e a Frequência de compra de livros para oferecer. Quanto mais consistente o Capital escolar familiar, maiores as taxas de resposta que recaem em Muitas vezes e Algumas vezes. No entanto, é de notar que a percentagem de inquiridos com capital Recente que compra livros para oferecer Muitas vezes é superior à dos com capital Consolidado (15% contra 7%).

Os Profissionais técnicos de enquadramento são, em termos de Categoria socioprofissional, os que mais frequentemente compram livros para oferecer (71% de Muitas vezes e Algumas vezes), enquanto os Operários são os que menos o fazem (35%).

Quadro nº 91

Frequência de compra de livros para oferecer por Sexo, Grau de escolaridade, Idade, Categoria socioprofissional e Capital escolar familiar

n = 1.127

(percentagem em linha)

	Compra de livros para oferecer				Número
	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	
Total	7,7	47,6	29,4	15,3	1.127
Sexo					
Feminino	9,6	51,5	27,0	11,9	688
Masculino	4,8	41,7	33,0	20,5	439
Grau de escolaridade					
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	4,8	37,4	32,9	24,9	313
3º Ciclo do Ensino Básico	5,4	42,5	35,7	16,3	221
Ensino Secundário	8,1	50,9	28,1	12,9	381
Ensino Médio ou Superior	13,7	62,3	19,8	4,2	212
Idade					
15-24	7,7	46,8	29,4	16,1	248
25-34	4,8	53,2	29,7	12,3	269
35-54	10,2	49,6	27,4	12,8	423
Mais de 55 anos	6,4	36,4	33,2	24,1	187
Categoria socioprofissional *					
EDL	11,6	54,3	21,0	13,0	138
PTE	11,8	59,6	21,9	6,7	178
TI	8,3	50,0	29,2	12,5	24
O	2,8	31,7	31,7	33,8	145
EE	6,8	44,8	36,0	12,4	444
Capital escolar familiar **					
Consolidado	7,0	74,4	14,0	4,7	43
Recente	14,9	61,2	20,1	3,7	134
Precário	6,4	43,8	32,7	17,1	771
Não classificável	8,7	34,8	39,1	17,4	23

Base: inquiridos que compraram livros no último ano. Excluem-se as não respostas.

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,002$).

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (82% dos casos em análise).

** Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos a quem foi possível determinar o Capital escolar familiar (86% dos casos em análise).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

Em relação ao Inq. 97, os inquiridos que afirmam comprar livros para oferecer Muitas vezes e Algumas vezes representam 37% dos compradores de livros. Entre o Inq. 97 e o LP 2007 verifica-se, portanto, um aumento significativo daqueles que compram livros para oferecer muitas ou algumas vezes: de 37% para 55%.

Já os que compraram livros para oferecer Poucas Vezes ou Nunca representam 63% dos compradores de livros do Inq. 97 (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 167).

Quanto à frequência de utilização dos meios de acesso a livros, partes de livros ou artigos, sobressai que em todos eles a hipótese de resposta Nunca é sempre superior a 50%, chegando aos 92% no caso do download dos respectivos ficheiros na Internet (quadro nº 92). Pedir livros emprestados é, apesar disso, o meio mais frequente de acesso: apresenta as percentagens mais elevadas de Muitas vezes (5%) e de Algumas vezes (21%).

Quadro nº 92
Q42 – Com que frequência costuma utilizar os seguintes meios de acesso a livros, partes de livros ou artigos?
 n = 2.552
 (percentagem em linha)

	Frequência de utilização					Total	Média
	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Ns/Nr		
Pede livros emprestados	4,6	20,5	17,0	57,8	0,1	100,0	3,28
Requisita livros em bibliotecas	1,9	8,9	4,4	84,7	0,1	100,0	3,72
Faz fotocópias de livros profissionais ou escolares	2,0	8,1	6,0	83,8	0,1	100,0	3,72
Faz fotocópias de outros livros	0,3	3,6	7,2	88,7	0,1	100,0	3,85
Faz download dos respectivos ficheiros na Internet	0,9	2,6	4,2	92,2	0,1	100,0	3,88

Nota: Para os valores médios a escala varia entre 1 = Muitas vezes e 4 = Nunca.

No Inq. 97, as perguntas sobre as formas de acesso a livros e partes de livros destinam-se apenas aos compradores de livros e não ao total da amostra, pelo que comparações com os resultados de LP 2007 são bastante limitadas. Refira-se apenas que, tal como em LP 2007, a prática de fotocopiar livros profissionais ou escolares é mais frequente do que a de fotocopiar outro tipo de livros (39% contra 12%) (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 167 e 173).

Síntese

A quase totalidade da amostra tem livros em casa (92%). Entre aqueles que têm livros em casa, a maioria tem tanto livros de lazer, como livros de estudo ou profissionais (59%).

Os gêneros de livros que os inquiridos têm em casa e os que têm em maior quantidade são as Enciclopédias/dicionários (82% e 36%, respectivamente), os Livros escolares (64% e 34%) e os Livros de culinária/decoração/jardinagem /bricolagem (61% e 23%).

Quanto à quantidade de livros tidos em casa, a maioria dos inquiridos (54%) afirma ter até 50 livros.

Relativamente à frequência de aquisição de livros, mais de metade dos inquiridos não comprou qualquer livro, sem ser escolar ou profissional, no último ano (51%). Ascendem a 32% aqueles que compraram entre 1 e 5 livros.

As Livrarias – situadas ou não em centros comerciais – são os principais locais de aquisição de livros. Quanto à compra de livros através da Internet é ainda pouco praticada pelos inquiridos que têm o hábito de comprar livros.

Dos inquiridos que compraram livros no último ano, 55% compraram Muitas vezes ou Algumas vezes livros para oferecer.

Por último, em relação à utilização de determinados meios de acesso a livros destaque-se, por um lado, pedir livros emprestados com a percentagem de não realização menos elevada (58%) e frequências de realização mais elevadas (21% utilizam este meio algumas vezes) e, por outro, fazer download dos ficheiros na Internet, o meio de acesso menos utilizado (92% nunca o utilizam).

3.5. PRÁTICAS CULTURAIS DO INQUIRIDO

Nos capítulos anteriores abordaram-se os hábitos de leitura em diferentes suportes e contextos. Neste considera-se a leitura como uma entre várias práticas culturais, ou seja, actividades de lazer ou de “semi-lazer” que participam na definição dos estilos de vida e de identidade cultural dos grupos sociais.

Procura-se entender qual o lugar da leitura (e da escrita) no conjunto mais alargado de práticas que configuram os estilos de vida. Consideram-se, portanto, diferentes indicadores, uns mais associados às práticas de saída (as práticas culturais por via da assistência a espectáculos, idas ao cinema, etc.), outros ao espaço doméstico (onde se inclui, normalmente, a leitura de lazer) e ainda práticas culturais expressivas (dançar, cantar, tocar um instrumento musical, etc.).

Para além dos espaços sociais e dos modos de participação que os caracterizam, as várias práticas foram inquiridas de acordo com os ritmos de realização temporal (ao longo do dia, da semana, do mês, etc.). A prática da escrita foi objecto de uma abordagem específica.

Analisa-se ainda, por um lado, as preferências dos inquiridos em relação a duas práticas culturais com grande expressão – audição de música e televisão. Por outro lado, confronta-se o tempo gasto ao longo de um dia normal a ler, ouvir música, ver televisão e utilizar a Internet. Num e noutro caso é identificada a relação da tipologia de leitura com os comportamentos encontrados.

Diferentes actividades e sua frequência

Das actividades consideradas, aquela que é realizada mais frequentemente por um maior número de indivíduos é o visionamento de televisão (quadro nº 93). De facto, 98% dos inquiridos vê televisão Diariamente ou quase. Aqueles que ouvem rádio Diariamente ou quase chegam aos 71%. Registam-se outras actividades que, pelo contrário, mais de 50% dos inquiridos Nunca as realiza. Destas, a que mais se destaca é Jogar jogos electrónicos em que a opção de resposta Nunca chega aos 65%. Sobressaem também os 57% que Nunca utilizam a Internet e os 50% que Nunca jogam (jogos de cartas, xadrez). Ainda quanto à utilização da Internet fica de novo patente a polarização entre o uso frequente (31% Diariamente ou quase) e a ausência (os referidos 57% de Nunca).

Refira-se ainda que a leitura de jornais regista uma taxa de realização elevada (apenas 13% referem Nunca) e uma frequência de realização diária assinalável (65%). Quanto à leitura de livros

(excluindo escolares e profissionais) apresenta, como se esperaria, valores mais modestos tanto em termos de taxa de realização (são 40% os que respondem Nunca) como de frequência de realização, em que as opções que mais se destacam são Raramente e Pelo menos uma vez por semana (ambas com 22%).

Quadro nº 93

Q43 – Indique com que frequência realiza actualmente cada uma das seguintes actividades...

n = 2.552

(percentagem em linha)

	Frequência de realização					Total	Média
	Diariamente ou quase	Pelo menos uma vez por semana	Raramente	Nunca	Ns/Nr		
Ver televisão	97,5	1,3	1,1	0,1	–	100,0	1,04
Ouvir rádio	71,2	12,6	11,6	4,7	–	100,0	1,50
Ler jornais	64,9	16,8	4,7	13,4	0,2	100,0	1,67
Ouvir música gravada em mp3, CDs, LPs ou cassetes	39,2	19,9	21,8	19,0	–	100,0	2,21
Ver filmes em vídeo ou DVD	9,5	40,9	29,0	20,6	–	100,0	2,61
Ler livros (excluindo escolares ou profissionais)	17,3	21,2	21,4	39,8	0,4	100,0	2,84
Usar a Internet	30,6	7,6	5,0	56,6	0,2	100,0	2,88
Jogar outros jogos (cartas, xadrez)	4,6	13,6	31,5	50,2	0,2	100,0	3,27
Jogar jogos electrónicos (consolas, telemóvel, computador)	8,9	9,9	16,2	64,8	0,2	100,0	3,37

Nota: Para os valores médios a escala varia entre 1 = Muitas vezes e 4 = Nunca.

Comparativamente com o Inq. 97, regista-se um aumento da percentagem de inquiridos que vêem televisão Diariamente ou quase (de 92% para 98%). A audição de rádio Diariamente ou quase apresenta um valor igual ao de 2007: 71%. Jogar no computador/vídeo (que em 2007 surge englobada na opção mais ampla de Jogar jogos electrónicos) regista um ligeiro aumento.

Relativamente ao visionamento de filmes em vídeo (actividade que no estudo LP 2007 foi actualizada para ver filmes em vídeo ou DVD) é interessante notar que no Inq. 97 não se considerava a hipótese de resposta Diariamente ou quase (que em 2007 chega aos 10%) e a resposta Pelo menos uma vez por semana era referida por 21% dos inquiridos (no LP 2007 são 41% os inquiridos que dão esta resposta) (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 53).

As idas ao café ou esplanada, os encontros com os amigos e os passeios em espaços ao ar livre são realizados com grande frequência (quadro nº 94). Já a frequência de associações recreativas locais é uma actividade mais rara, em que Nunca chega aos 61% e Raramente aos 19%.

Quadro nº 94

Q44 – Indique com que frequência realiza cada uma das seguintes actividades...

n = 2.552

(percentagem em linha)

	Frequência de realização					Total	Média
	Diariamente ou quase	Pelo menos uma vez por semana	Raramente	Nunca	Ns/Nr		
Ir ao café ou esplanada	73,0	15,6	8,7	2,7	–	100,0	1,41
Encontrar-se com amigos	54,6	33,5	9,0	2,7	0,2	100,0	1,60
Passear em espaços ao ar livre (jardins, parques, etc.)	28,3	48,2	20,8	2,5	0,2	100,0	1,98
Ir a centros comerciais	9,5	45,1	38,2	6,9	0,3	100,0	2,43
Frequentar associações recreativas locais	7,5	11,9	18,6	61,4	0,6	100,0	3,35

Nota: Para os valores médios a escala varia entre 1 = Muitas vezes e 4 = Nunca.

As actividades do Inq. 97 que equivalem às acima referidas são medidas numa escala de intensidade de frequência diferente da aqui considerada, pelo que as comparações têm que ser feitas com as devidas precauções. De uma forma geral, pode dizer-se que no Inq. 97 as percentagens de inquiridos que iam ao café ou que visitavam e eram visitados por amigos/familiares são ligeiramente inferiores às do LP 2007. Por outro lado, os que no Inq. 97 referiam ir a centros comerciais (incluindo hipermercados) faziam-no com mais frequência do que os do LP 2007 (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 53).

Das actividades de saída cultural apresentadas no quadro nº 95 as que são realizadas com mais frequência são as idas ao cinema, as idas a festas populares e Assistir a espectáculos desportivos. Em todas as outras actividades, a percentagem de inquiridos que responde Nunca é superior a 50%. Esse valor chega aos 73% no caso da ida a espectáculos de dança e aos 82% no que toca à ida a concertos de música erudita/clássica.

Ainda uma referência ao valor – apesar de tudo elevado – que a frequência Pelo menos uma vez por mês de bibliotecas regista (10%), valor substancialmente explicado pelas idades mais jovens e pela condição de estudantes daqueles que assinalam essa opção.

Quadro nº 95

Q45 – Indique com que frequência realiza actualmente cada uma das seguintes actividades...

n = 2.552

(percentagem em linha)

	Frequência de realização					Total	Média
	Pelo menos uma vez por mês	Pelo menos uma vez por trimestre	Raramente	Nunca	Ns/Nr		
Ir ao cinema	21,0	15,8	22,0	41,0	0,2	100,0	2,83
Ir a festas populares	4,8	24,6	45,3	25,1	0,2	100,0	2,91
Assistir a eventos desportivos	16,3	13,4	22,7	47,2	0,3	100,0	3,01
Ir a discotecas e/ou bares	19,2	9,7	17,4	53,5	0,2	100,0	3,05
Ir a concertos de música popular/moderna	1,7	10,9	29,4	57,5	0,4	100,0	3,43
Ver exposições	2,0	9,6	30,4	57,7	0,3	100,0	3,44
Ir a museus	1,1	7,1	31,7	59,7	0,4	100,0	3,50
Visitar monumentos, sítios arqueológicos	0,9	7,0	32,1	59,6	0,5	100,0	3,51
Ir a bibliotecas	10,1	3,5	7,6	78,4	0,5	100,0	3,55
Ir ao teatro	1,0	6,2	28,0	64,5	0,4	100,0	3,57
Ir a espectáculos de dança	1,3	4,0	21,5	72,7	0,4	100,0	3,66
Ir a concertos de música erudita/clássica	0,9	2,8	13,9	81,9	0,5	100,0	3,78

Nota: Para os valores médios a escala varia entre 1 = Muitas vezes e 4 = Nunca.

Das quatro práticas de saída cultural também inquiridas no Inq. 97 há algumas diferenças relativamente aos resultados do presente estudo que podem ser assinaladas. Em primeiro lugar, a percentagem de inquiridos do Inq. 97 que Nunca vai ao teatro é de 76%, ou seja, mais 11% do que no LP 2007. No estudo Inq. 97 os que referem ir ao teatro fazem-no com menos frequência do que no LP 2007. Por outro lado, no LP 2007 são mais 11% os inquiridos que referem Nunca ir a bibliotecas (78% contra 67%). Porém, a percentagem correspondente a Pelo menos uma vez por mês mostra uma crescimento forte relativamente ao Inq. 97 – de 5% para 10% (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 53).

Importa, na medida do possível, dar conta das proximidades e diferenças encontradas entre os resultados do presente inquérito e os de outros estudos sobre práticas culturais realizados em Portugal. Diga-se que a comparação entre os diferentes estudos permite aferir do peso relativo que as práticas têm na população portuguesa (e que, na generalidade, corresponde à verificada no presente estudo), mas há que ter reservas quanto a tirar conclusões seguras sobre as evoluções verificadas. Ter-se-ão em conta, naturalmente, apenas as opções de resposta comuns ao LP 2007 e ao estudo em causa. Quanto às *práticas associadas aos tempos livres* do Inq. 97, em síntese, os valores do LP 2007 são ligeiramente superiores, com excepção da leitura de livros e da ida às bibliotecas (Freitas, Casanova e Alves, 1997, 53). Relativamente aos *indicadores de práticas culturais e estilos de vida* incluídos no estudo *Públicos da Ciência* (Costa, Ávila e Mateus, 2002: 104), os valores do LP 2007 são normalmente mais baixos, com excepção do uso da Internet, em que a percentagem correspondente é sensivelmente mais elevada. A consulta dos dados resultantes do *Inquérito à Ocupação do Tempo 1999* (Lopes, Coelho, Neves, Gomes, Perista e Guerreiro, 2001: 111-139; Santos, Gomes, Neves, Lima, Lourenço, Martinho e Santos, 2002: 62) para as práticas de lazer (práticas culturais domésticas, de saída e actividades sócio-culturais) os valores do LP 2007 são generalizadamente mais elevados. Finalmente, a aproximação aos resultados relativos a *práticas culturais e de lazer* de um estudo sobre *públicos efectivos* de actividades culturais, *Públicos do Porto 2001* (Santos, Gomes, Neves, Lima, Lourenço, Martinho e Santos, 2002: 204-207) mostra, sem surpresa, que os valores são generalizadamente mais baixos no LP 2007, com excepção de ver televisão e de ouvir rádio, as mais difundidas e transversais.

Voltando à exploração dos dados resultantes do presente inquérito, a análise em componentes principais do conjunto de indicadores de práticas culturais a que se fez anteriormente referência permite identificar cinco tipos de associações das respostas sobre práticas (quadro nº 96).

Quadro nº 96
Tipos de práticas culturais
n = 2.552
(análise em componentes principais)

	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4	Factor 5
Cultivado					
Ir a museus	,828	,130	,067	,110	,051
Ver exposições	,817	,145	,067	,091	,078
Visitar monumentos, sítios arqueológicos	,802	,116	,117	,070	,059
Ir ao teatro	,779	,120	,038	,064	,049
Ir a espectáculos de dança	,702	,132	,108	-,008	,032
Ir a concertos de música erudita/clássica	,630	,106	,083	-,062	-,010
Ir a bibliotecas	,567	,304	,099	,074	-,126
Ler livros (excluindo escolares ou profissionais)	,524	,275	-,225	,177	-,002
Ir a concertos de música popular/moderna	,509	,362	,276	-,025	,100
Multimédia					
Ouvir música gravada em mp3, CD's, LP's ou cassetes	,189	,742	,046	,115	,192
Ver filmes em vídeo ou DVD	,143	,729	,050	,065	,143
Ir ao cinema	,332	,726	,062	,113	,050
Jogar jogos electrónicos (consolas, telemóvel, computador)	,039	,719	,198	,032	-,071
Ir a discotecas e/ou bares	,194	,710	,229	,078	,033
Usar a Internet	,354	,680	-,011	,049	-,040
Sociabilidade associativa					
Frequentar associações recreativas locais	,125	-,109	,669	,119	-,033
Assistir a eventos desportivos	,163	,368	,640	,101	,133
Jogar outros jogos (cartas, xadrez, etc.)	,006	,221	,542	,141	,030
Ir a festas populares	,185	,104	,508	,064	,240
Sociabilidade					
Passear em espaços ao ar livre (jardins, parques, etc.)	,180	-,033	,108	,706	-,060
Encontrar-se com amigos	,030	,201	,318	,658	,034
Ir ao café ou esplanada	-,096	,136	,111	,511	,323
Ir a centros comerciais	,145	,422	-,127	,445	,107
Mediático					
Ver televisão	-,062	-,050	,040	-,222	,639
Ouvir rádio	,071	,153	,102	,175	,531
Ler jornais	,053	,020	,119	,333	,506
Ler revistas	,227	,310	-,292	,100	,348

Nota: Percentagem de variância explicada = 52%.

Detalhando um pouco as associações evidenciadas pela análise, refira-se que um primeiro grupo (*cultivado*) se distingue por agrupar indicadores de práticas culturais de saída, incluindo a ida a bibliotecas, e ainda a leitura de livros. Um segundo (*multimédia*) que agrupa práticas ligadas ao multimédia e às novas tecnologias da comunicação e também a ida a discotecas e bares. Um terceiro as práticas associativas, desportivas e festivas (*sociabilidade associativa*). Um quarto (*sociabilidade*), de passeio e de frequência de centros comerciais. E um quinto agrupa práticas associadas aos média (*mediático*).

Passando às actividades expressivas apresentadas no quadro nº 97 em que se distinguem os diferentes contextos de modo a melhor caracterizar os respectivos praticantes, a maioria dos inquiridos (mais precisamente 60%) não costuma praticar nenhuma delas. Quase todas têm uma taxa de ausência de prática acima dos 90%, com excepção da escrita e da realização de uma actividade desportiva, apesar das também elevadas taxas registadas na opção de resposta Não costuma (81% e 79%, respectivamente). De resto, estas duas actividades são as que mais se destacam como ocupação de tempos livres. O valor mais elevado em contexto profissional refere-se à actividade Escrever (3%).

Quadro nº 97

Q46 – Costuma praticar alguma das seguintes actividades?

n = 2.552

(percentagem em linha)

	Costuma praticar...				Total
	Sim, como profissional	Sim, como frequentador de curso/aulas	Sim, como ocupação de tempos livres	Não costuma	
Realizar uma actividade desportiva	1,2	2,5	17,0	79,3	100,0
Escrever	3,3	2,9	12,6	81,2	100,0
Fazer fotografia	0,4	0,1	9,4	90,1	100,0
Participar/manter um blog ou chat-room na Internet	0,3	0,3	6,5	92,9	100,0
Tocar um instrumento musical/cantar	0,7	0,4	5,8	93,2	100,0
Pintar/desenhar/esculpir	0,5	0,3	5,6	93,5	100,0
Criar/manter um site na Internet	0,5	0,2	4,6	94,8	100,0
Fazer vídeo/cinema	0,1	0,1	3,3	96,5	100,0
Fazer ballet/dança	0,3	0,2	2,1	97,4	100,0
Actuar num grupo de teatro	0,1	0,2	1,8	97,9	100,0

Nota: São 60% os que não costuma praticar nenhuma das actividades.

No Inq. 97 utiliza-se um único indicador. Pergunta-se apenas se os inquiridos alguma vez praticaram, como amadores ou profissionais, uma qualquer actividade literária ou artística (dando como exemplos poesia, literatura, pintura, escultura, cerâmica, artesanato, teatro, dança, música e canto). A grande maioria das respostas (80%) é negativa (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 47).

A análise em componentes principais aponta para o agrupamento destes indicadores em quatro tipos: *internauta*, *artístico*, *performativo* e *desportivo* (quadro nº 98).

Quadro nº 98
Tipos de práticas culturais expressivas
 n = 2.552
 (análise em componentes principais)

	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
Internauta				
Criar/manter um site na Internet	,852	,124	,063	,027
Participar/manter um <i>blog</i> ou <i>chat-room</i> na Internet	,803	,060	,101	,258
Artístico				
Fazer fotografia	,257	,756	,044	,191
Pintar/desenhar/esculpir	-,042	,652	,207	-,067
Fazer vídeo/cinema	,478	,590	,189	-,103
Escrever	-,017	,588	-,042	,540
Performativo				
Fazer ballet/dança	-,023	-,009	,744	,205
Actuar num grupo teatro	,237	,153	,628	-,146
Tocar um instrumento musical/cantar	,043	,142	,584	,083
Desportivo				
Realizar uma actividade desportiva	,208	,006	,172	,802

Nota: Percentagem de variância explicada = 61%; quarto factor com valor próprio = 0,9.

O factor designado *internauta* associa duas actividades da Internet (criação/manutenção de um site e criação/manutenção de blogs ou sítios de conversação) em que quer a leitura quer a escrita são competências fundamentais. No grupo *artístico* estão associadas actividades como a fotografia e outras ligadas às artes cultivadas cuja realização tem um pendor individual. As actividades associadas às artes do palco constituem o grupo *performativo*. E, finalmente, o último tipo isola as actividades desportivas, as quais, aliás, podem recobrir inúmeras modalidades.

Passando à análise do conjunto de indicadores relativos ao envolvimento associativo, a maioria dos inquiridos não é sócio nem participa nas actividades das organizações consideradas (quadro nº 99). Os valores de não participação são um pouco menos elevados no caso das equipas ou grupos desportivos (84%) e das associações recreativas (86%).

Quadro nº 99

Q47 – Relativamente a cada tipo de organização, diga se é sócio, se participa ou se não é sócio nem participa nas respectivas actividades...

n = 2.552

(percentagem em linha)

	Relativamente a cada tipo de organização...				Total
	Sim, é sócio	Sim, participa	Não é sócio nem participa	Ns/Nr	
Equipa ou grupo desportivo	9,9	5,8	84,0	0,4	100,0
Associação recreativa	8,2	5,4	86,1	0,3	100,0
Grupo de acção social e cívica (por ex. movimento ecológico, associação humanitária, etc.)	6,0	3,6	90,1	0,4	100,0
Associação cultural ou artística	4,0	3,4	92,2	0,3	100,0
Organização ou grupo religioso	1,1	6,2	92,4	0,3	100,0
Associação socioprofissional ou sindical	3,8	0,9	95,0	0,3	100,0
Partido político	1,9	1,1	96,6	0,3	100,0
Associação de estudantes	1,1	1,7	96,9	0,3	100,0
Associação regional (casa concelhia, etc.)	0,8	0,8	98,0	0,3	100,0

A comparação com o Inq. 97 é limitada, uma vez que a formulação da pergunta e o contingente a que se destina são diferentes. Perguntava-se aos inquiridos se pertenciam (ou tinham pertencido), se eram sócios ou se praticavam actividades nas organizações referidas. Ainda assim, anote-se que a organização mais referida era, tal como em LP 2007, a Equipa ou grupo desportivo. O mesmo acontece para a menos referida: Associação regional (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 48).

Relativamente à prática da escrita, procurou-se saber com que frequência os inquiridos escrevem para responder a determinadas necessidades. Os resultados obtidos mostram que o mais frequente é escrever por necessidades de relações e de convívio com amigos, familiares e colegas e que, pelo contrário, o menos frequente é escrever por necessidades de estudo (quadro nº 100). Assim, a escrita de mensagens electrónicas e mensagens de telemóvel para satisfazer necessidade de relações e de convívio é realizada Diariamente ou quase por 43% dos inquiridos.

Destacam-se os 47% que Nunca escrevem por necessidades profissionais (do contingente em causa 40% são Activos) e os 77% que Nunca escrevem por necessidades de estudo (num contingente em que apenas 0,3% são Estudantes).

Quadro nº 100

Q48 – Com que frequência costuma escrever para responder às seguintes necessidades...

n = 2.552

(percentagem em linha)

	Frequência de realização					Total	Média
	Diariamente ou quase	Pelo menos uma vez por semana	Raramente	Nunca	Ns/Nr		
Necessidades de relações e de convívio com amigos, familiares e colegas (mens. electrónicas, mens. telemóvel (sms), etc.)	42,9	12,5	12,1	32,2	0,3	100,0	2,34
Necessidades práticas (escrever cartas, recados, formulários, etc.)	28,8	22,3	28,4	20,2	0,3	100,0	2,40
Necessidades profissionais	33,9	7,2	11,6	46,9	0,4	100,0	2,72
Necessidades de estudo	14,1	2,9	5,3	77,3	0,4	100,0	3,46

Nota: Para os valores médios a escala varia entre 1 = Diariamente ou quase e 4 = Nunca.

A análise em componentes principais destes quatro indicadores mostra uma associação em dois grupos: um marcado pelas necessidades profissionais e práticas e outro pelas de convívio e de estudo (quadro nº 101).

Quadro nº 101

Tipos de utilização da escrita

n = 2.552

(análise em componentes principais)

	Factor 1	Factor 2
Profissionais e práticas		
Necessidades profissionais	,857	-,049
Necessidades práticas (escrever cartas, recados, formulários, etc)	,730	,214
Estudo e convívio		
Necessidades de estudo	-,043	,926
Necessidades de relações e de convívio com amigos, familiares e colegas (mens. electrónicas, mens. telemóvel (sms), etc.)	,503	,649

Nota: Percentagem de variância explicada = 71%.

Uma outra análise multivariada²⁷ destes mesmos indicadores permite detectar 3 grupos de inquiridos: *profissionais*, *práticos* e *conviviais* (quadro nº 102). O primeiro grupo distingue-se pela utilização quotidiana profissional da escrita e, embora menos frequentemente, pela utilização devido a necessidades de convívio e a necessidades práticas e pela ausência da escrita por necessidades de estudo. Representa 37% dos casos válidos nesta análise. Quanto ao grupo designado *práticos* caracteriza-se por uma utilização rara da escrita e que, ainda assim, quase se esgota nas necessidades práticas. A percentagem correspondente a este grupo é ligeiramente mais elevada (38%). Quanto ao grupo designado por *conviviais*, as suas necessidades de escrita mais frequentes ligam-se com as relações e com o convívio com amigos, familiares, etc. e, embora menos frequentemente, também de estudo. É o grupo cujo contingente é mais reduzido (24%).

Quadro nº 102
Tipologia de necessidades de escrita
 n = 2.532
 (média)

	Tipos			Total
	Profissionais	Práticos	Conviviais	
Necessidades profissionais	1,1	3,6	3,8	2,7
Necessidades de estudo	3,4	4,0	2,8	3,5
Necessidades práticas (escrever cartas, recados, formulários, etc)	1,7	3,1	2,4	2,4
Necessidades de relações e de convívio com amigos, familiares e colegas (mens. electrónicas, mens. telemóvel (sms), etc.)	1,6	3,7	1,2	2,3

Notas: i) Exclui não respostas; ii) Escala varia entre 1 = Diariamente ou quase e 4 = Nunca.

São características sociais predominantes do grupo *profissionais* a qualificação escolar (é o que tem o valor relativo mais elevado no Ensino Médio ou Superior, com 21%), nas idades situadas entre os 25 e 54 anos, e portanto com elevada percentagem entre os activos, e ainda pelas elevadas percentagens das categorias socioprofissionais Empregados, dirigentes e profissões liberais e Profissionais técnicos de enquadramento. Inserem-se maioritariamente entre os leitores cumulativos (quadro nº 103). O grupo *práticos* distingue-se por congregar uma percentagem muito elevada daqueles que têm Até 2º Ciclo do Ensino Básico (79%), com idades maioritariamente situadas acima dos 55 anos, nos Outros não activos e, quando Activos, nos Operários e nos Empregados executantes. São Não-leitores e, quanto muito, leitores Parcelares. Quanto aos *conviviais*, são características mais vincadas deste grupo as qualificações ao nível do 3º ciclo e do secundário (somam 62%), a juvenilidade muito acentuada e a condição de Estudante e, quando Activos, a sobrerepresentação dos Empregados executantes. Note-se que, no que toca à leitura, apresenta uma estrutura percentual próxima da dos *profissionais*, portanto maioritariamente composto por leitores cumulativos.

²⁷ K-Means Clusters.

Quadro nº 103

Tipologia de necessidades de escrita por Grau de escolaridade, Idade, Condição perante o trabalho,
 Categoria socioprofissional e Tipologia de leitura
 (percentagem em coluna)

	Tipos			Totais
	Profissionais	Práticos	Conviviais	
Número	954	962	616	2.532
Grau de escolaridade				
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	25,5	79,0	29,7	46,8
3º Ciclo do Ensino Básico	22,6	8,2	25,5	17,9
Ensino Secundário	31,1	10,3	36,5	24,5
Ensino Médio ou Superior	20,8	2,5	8,3	10,8
Idade				
15-24	17,4	1,8	45,1	18,2
25-34	31,3	6,8	21,3	19,5
35-54	42,9	35,4	23,5	35,3
Mais de 55 anos	8,4	56,0	10,1	26,9
Condição perante o trabalho				
Activos	91,1	53,0	44,5	65,3
Estudantes	4,4	0,2	35,4	10,3
Outros não activos	4,5	46,8	20,1	24,4
Categoria socioprofissional *				
EDL	21,0	15,1	7,5	16,3
PTE	19,2	4,6	10,0	11,7
TI	2,1	3,7	2,5	2,8
O	13,1	39,3	33,3	27,3
EE	44,6	37,3	46,7	41,9
Tipologia de leitura				
Não-leitores	1,8	10,1	1,1	4,8
Só um dos impressos - padrão	11,9	29,6	10,6	18,3
Parcelar	33,9	38,6	35,6	36,1
Cumulativa	52,4	21,7	52,8	40,8

Base: respostas válidas à Q48 (n = 2.532).

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,00$).

*Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (85% dos casos em análise).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

Preferências musicais e televisivas

Quanto às preferências musicais, apenas 1% da amostra não ouve música na rádio, em disco, CD, em mp3 ou em cassette (quadro nº 104).

Os géneros mais ouvidos são a música ligeira portuguesa (63%) e a música tradicional portuguesa (52%). Os menos ouvidos são o Jazz/blues (12%) e os Outros géneros (4%).

Quadro nº 104

Q49 – Quais os géneros de música que ouve habitualmente na rádio, em disco, CD, mp3 ou cassette?

n = 2.552

(percentagem)

	%
Música ligeira portuguesa	62,7
Música tradicional portuguesa	52,0
Música ligeira estrangeira	46,0
Pop/rock	45,0
Música brasileira	42,5
Fado	36,1
Música electrónica	18,7
Música clássica/barroca/antiga	17,2
Música étnica/world music	13,8
Jazz/blues	12,4
Outros géneros	4,2
Não ouve música	1,4
Ns/Nr	0,7

Nota: Pergunta de resposta múltipla.

No Inq. 97, os três géneros de música ouvidos mais frequentemente pelos inquiridos são os mesmos que em LP 2007, embora os seus valores percentuais sejam um pouco inferiores. Uma diferença significativa prende-se com a audição de música brasileira: de menos de 1% passou para os actuais 43% (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 252).

Relativamente à recepção televisiva, os inquiridos que não costumam ver televisão ou que não têm televisão em casa não chegam a representar 1% da amostra (quadro nº 105).

O género de programa que maior número de inquiridos vê mais frequentemente é a Informação/telejornais (73%). Bastante mais abaixo surgem os Filmes (42%) e as Telenovelas (40%). Os programas menos vistos são os Reality shows/Talk shows (5%), os Programas de teatro, dança ou música (3%), os Programas religiosos (2%), os Programas social life/jet set e os Programas sobre actualidade literária (ambos com 1%).

Quadro nº 105

Q50 – Da lista de géneros de programa de televisão, quais são os três que vê mais frequentemente?

n = 2.552

(percentagem)

	%
Informação/telejornais	72,8
Filmes	42,4
Telenovelas	40,4
Concursos	26,3
Programas desportivos	24,9
Séries estrangeiras	19,1
Debate/entrevistas	16,6
Programas científicos ou educativos (ciência, natureza, história, etc.)	14,4
Séries portuguesas	10,8
Reality shows/Talk shows	5,1
Programas de teatro, dança ou música	3,2
Programas religiosos	1,7
Programas social life/jet set	1,2
Programas sobre actualidade literária	0,5
Não costuma ver televisão/Não tem televisão em casa	0,2
Ns/Nr	0,3

Nota: Pergunta limitada ao máximo de três respostas.

Também no Inq. 97 a Informação/telejornais surgiu como o género de programa de televisão visto mais frequentemente (78%). Em segundo lugar figuravam as telenovelas (38%) e em terceiro os filmes (33%). Os géneros de programas menos vistos eram as peças de teatro, os programas de dança/bailado, os programas religiosos (todos com 2%) e os programas de ópera, com menos de 1% dos inquiridos a referirem-nos (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 250)

Passa-se a uma análise multivariada²⁸ do conjunto de indicadores de programas de televisão que o inquerido vê mais frequentemente. Nesta análise retiveram-se 6 tipos (quadro nº 106). O grupo *cinema* distingue (tal como os dois seguintes) aqueles que preferem assistir, na televisão, a filmes e aos programas informativos. Agrega 19% dos casos válidos nesta análise. O tipo *novelas* é porventura o que agrega os mais selectivos em termos de número de programas que vê mais frequentemente e associa muito vincadamente os que referem assistir a telenovelas e a programas de informação. Com 29% dos casos é o grupo mais volumoso. O grupo dos *desportivos*, para além de ver também programas informativos, caracteriza-se ainda por acompanhar o desporto, os concursos e os debates e entrevistas (19% dos casos). O grupo *educativos* refere-se aos que preferem a vertente educativa da programação televisiva, os debates e entrevistas e é, talvez significativamente, o grupo mais restrito (8%). O grupo *séries* associa os que se distanciam da vertente informação e preferem as séries e os filmes (12%). Finalmente, o grupo *cinema e séries* também não prefere a vertente informativa, distancia-se das telenovelas e prefere o desporto e vários outros programas, em particular as séries e os filmes (também 12%).

Quadro nº 106
Tipologia de programas de televisão que vê com mais frequência
(média)

	Tipo						Totais
	Cinema	Novelas	Desportivos	Educativos	Séries	Cinema e séries	
Concursos	0,1	0,3	0,4	0,2	0,3	0,3	0,3
Debates/entrevistas	0,2	0,0	0,4	0,3	0,1	0,2	0,2
Filmes	1,0	0,2	0,0	0,0	0,5	0,9	0,4
Informação/telejornais	1,0	1,0	1,0	0,7	0,0	0,0	0,7
Programas científicos ou educativos (ciência, natureza, história, etc.)	0,1	0,0	0,0	1,0	0,1	0,2	0,2
Programas de teatro, dança ou música	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0
Programas desportivos	0,3	0,1	0,5	0,2	0,1	0,4	0,2
Programas religiosos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Programas sobre actualidade literária	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Programas <i>social life/jet set</i>	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Reality shows/Talk shows	0,0	0,0	0,1	0,0	0,1	0,1	0,1
Séries estrangeiras	0,2	0,0	0,1	0,1	0,3	0,6	0,2
Séries portuguesas	0,0	0,1	0,1	0,1	0,2	0,2	0,1
Telenovelas	0,0	1,0	0,0	0,0	0,9	0,0	0,4

Base: respostas válidas à Q50 (n = 2.548).

Nota: 0 = Não vê/Não refere; 1 = Vê.

²⁸ K-Means Clusters.

O cruzamento desta tipologia de programas de televisão mais vistos com as variáveis sociográficas permite traçar os perfis respectivos (quadro nº 107). Assim o tipo *cinema* caracteriza-se pela predominância masculina (67%), por graus de escolaridade elevados, em particular quanto ao Médio ou Superior (20%, o valor mais elevado), maioritariamente com idades Activas relativamente ao trabalho e, quanto à Categoria socioprofissional, pela presença com maior peso de Profissionais técnicos de enquadramento e Trabalhadores independentes. Quase metade (46%) situa-se entre os leitores cumulativos. O grupo *novelas* é um dos dois em que a presença feminina é mais visível (ambos com 79%), bem como dos graus de escolaridade baixos e idades mais idosas, e portanto com um peso significativo nos Outros não activos, sendo que, quando Activos, sobressaem os Empregados executantes. São sobretudo Não-leitores e leitores parcelares. O grupo *desportivos* tem o peso mais assinalável entre os homens (72%), com escolaridades relativamente baixas, mais idosos, igualmente com predominância entre os Outros não activos e, quando Activos, entre os Empresários, dirigentes e profissões liberais e os Operários. Para além do peso de Não-leitores (6%) saliente-se ainda a elevada percentagem de leitores de só um dos impressos-padrão. Também com predominância masculina (embora pouco vincadamente), o grupo dos *educativos* evidencia-se pela sobrerrepresentação nos graus de Ensino secundário e Médio ou superior (somam 56%), maioritariamente com idades acima dos 35 anos (embora menos vincadamente que o grupo *desportivos*) e, quanto à Categoria socioprofissional, é o grupo em que os Profissionais técnicos de enquadramento estão mais representados. São leitores cumulativos em percentagem elevada (55%, sobretudo quando comparada com a média dos inquiridos, 41%). Quanto ao grupo *séries*, é também feminizado, com predominância dos graus de Ensino básico e secundário (diferentemente do grupo *novelas*, com escolaridade mais baixa), idades relativamente jovens e com um peso significativo entre os Estudantes e, quando Activos, com um peso particularmente significativo nos Empregados executantes. Finalmente, o grupo *cinema e séries*, é caracterizado pela sobrerrepresentação masculina, peso significativo nos graus acima do 3º Ciclo do Ensino Básico, nas idades mais jovens e pela situação de Estudantes. Assinale-se o peso significativo dos Profissionais técnicos de enquadramento. Quase metade são leitores cumulativos.

Quadro nº 107

Tipologia de programas de televisão que vê com mais frequência por Sexo, Grau de escolaridade, Idade, Condição perante o trabalho, Categoria socioprofissional e Tipologia de leitura
(percentagem em coluna)

	Tipo						Totais
	Cinema	Novelas	Desportivos	Educativos	Séries	Cinema e séries	
Número	478	747	494	207	309	313	2.548
Sexo							
Feminino	33,3	78,6	28,5	45,9	78,6	34,5	52,3
Masculino	66,7	21,4	71,5	54,1	21,4	65,5	47,7
Grau de escolaridade							
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	32,4	64,5	55,5	25,6	47,6	25,9	46,8
3º Ciclo do Ensino Básico	20,3	16,6	13,6	18,8	21,4	20,1	17,9
Ensino Secundário	27,6	15,3	21,9	31,9	26,2	39,6	24,5
Ensino Médio ou Superior	19,7	3,6	9,1	23,7	4,9	14,4	10,8
Idade							
15-24	14,6	10,2	6,5	13,0	34,0	49,2	18,2
25-34	26,2	15,0	15,4	24,6	18,4	25,2	19,6
35-54	45,6	37,6	39,3	33,8	25,9	18,5	35,4
Mais de 55 anos	13,6	37,2	38,9	28,5	21,7	7,0	26,8
Condição perante o trabalho							
Activos	75,9	63,1	66,8	64,3	57,9	60,7	65,4
Estudantes	9,4	3,3	3,0	10,6	18,8	31,6	10,4
Outros não activos	14,6	33,6	30,2	25,1	23,3	7,7	24,3
Categoria socioprofissional *							
EDL	15,6	15,4	20,5	19,4	13,2	11,9	16,3
PTE	18,0	4,0	11,0	25,1	6,0	19,5	11,7
TI	3,5	3,2	2,2	1,7	2,6	2,9	2,8
O	24,3	28,1	33,0	21,1	24,4	25,2	27,2
EE	38,5	49,3	33,4	32,6	53,8	40,5	42,0
Tipologia de leitura							
Não-leitores	2,3	6,0	6,1	1,4	6,1	4,2	4,7
Só um dos impressos - padrão	19,7	18,2	26,7	11,1	15,5	10,5	18,3
Parcelar	32,4	43,0	31,4	32,9	36,2	36,1	36,3
Cumulativa	45,6	32,8	35,8	54,6	42,1	49,2	40,7

Base: respostas válidas à Q 50 (n = 2.548).

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,00$).

*Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (85% dos casos em análise).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

Em síntese, a análise multivariada das preferências em matéria de programas televisivos permite detectar segmentações do ponto de vista dos perfis sociais predominantes. Permite também tirar algumas conclusões quanto à relação entre a leitura e os programas de televisão que se vê mais frequentemente. É manifesta a relação do grupo em que se destacam os programas *educativos* com os leitores cumulativos, mas evidenciam-se pesos significativos nos grupos *cinema e séries* (mais jovens, como se viu) e *cinema*. Importa referir os dois grupos que apresentam valores assinaláveis de Não-leitores ou de leitores parcelares – o das *novelas* (feminizado) e o do *desporto* (predominantemente masculino).

Tempo diário gasto em quatro actividades

Das quatro actividades a seguir referidas aquela em que os inquiridos gastam mais tempo ao longo de um dia normal, excluindo o período de férias é, como se esperaria, o visionamento de televisão (quadro nº 108). São 86% os que vêem mais de uma hora de televisão por dia.

A audição de música, não sendo tão exigente em tempo consumido como o visionamento é, no entanto, considerável (46% ouvem mais de uma hora por dia). Por sua vez, só 12% gastam mais de uma hora por dia a ler, enquanto na utilização da Internet isso acontece a 21%.

Quadro nº 108

Q51 – Ao longo de um dia normal, excluindo o período de férias, quanto tempo gasta aproximadamente a...
n = 2.552
(percentagem em linha)

	Tempo gasto ao longo de um dia normal							Total
	Nenhum tempo	Até ½ hora por dia	Entre ½ e 1 hora por dia	Entre 1 e 2 horas por dia	Entre 2 e 4 horas por dia	Mais de 4 horas por dia	Ns/Nr	
Ver televisão	0,4	2,9	9,8	39,9	30,9	14,8	1,3	100,0
Ouvir música	6,0	19,4	25,6	21,3	9,9	14,6	3,2	100,0
Ler	16,2	45,8	24,1	8,1	2,5	1,3	2,0	100,0
Utilizar a Internet	59,3	8,5	8,6	9,2	6,0	5,9	2,5	100,0

Através de uma análise em componentes principais identificam-se com clareza dois factores: um que associa a Internet à leitura e outro que associa a audição de música ao visionamento de televisão (quadro nº 109).

Quadro nº 109
Tempo gasto ao longo de um dia normal
n = 2.552
(análise em componentes principais)

	Factor 1	Factor 2
Internet e leitura		
Utilizar a Internet	,793	-,086
Ler	,716	-,112
Audiovisual		
Ouvir música	,580	,576
Ver televisão	-,214	,867

Percentagem de variância explicada = 66%.

Feita esta primeira nota, avança-se uma outra linha de abordagem com análise estatística multivariada²⁹. Nessa análise retiveram-se cinco tipos de ocupações do tempo nas quatro actividades consideradas: *televisivos*, *navegadores*, *audiovisuais*, *transversais* e *leitores* (quadro nº 110).

Quadro nº 110
Tipologia de tempo gasto ao longo de um dia normal
(média)

	Tipo					Totais
	Televisivos	Navegadores	Audiovisuais	Transversais	Leitores	
Ler	5,0	4,0	4,9	4,5	2,9	4,6
Ouvir música	4,7	1,8	2,1	4,0	3,2	3,5
Ver televisão	2,6	2,5	2,2	3,1	2,9	2,6
Utilizar a Internet	5,9	1,8	5,8	3,0	4,6	4,9

Base: respostas válidas à Q51 (n = 2.405).

Nota: Escala 1 = Mais de 4 horas; 6 = Nenhum tempo.

O tipo *televisivos* caracteriza-se por gastar muito tempo a ver televisão, pouco na leitura e (quase) nenhum na utilização da Internet. Com 40% dos casos em análise é o grupo mais volumoso. O grupo *navegadores* congrega aqueles que utilizam a Internet, ouvem música, vêem televisão e também dedicam algum tempo à leitura (11%). O grupo dos *audiovisuais* caracteriza-se justamente pelo muito tempo a ouvir música e a ver televisão e representa 26%. Por seu turno, o tipo *transversais* distingue-se pelo equilíbrio do tempo gasto nas práticas consideradas (14%). Finalmente, o tipo *leitores* destaca-se pelo tempo (relativamente) elevado que dedica à leitura e é o contingente mais reduzido (9%).

²⁹ K-Means Clusters.

Do ponto de vista dos perfis sociais predominantes, note-se que o tipo *televisivos* se evidencia pelo carácter feminizado (56%), graus de escolaridade baixos (67% Até 2º Ciclo do Ensino Básico), mais idosos e portanto (outros) não activos e, quando Activos, pelo peso particularmente elevado que tem entre os Operários. Mostra também um peso assinalável entre os Não-leitores (quadro nº 111). O grupo dos *navegadores* distingue-se por ser o mais masculinizado (55%), pelo peso entre aqueles que possuem o Ensino Secundário (46%), idades mais jovens, serem Estudantes e, entre os Activos, pelas percentagens relativamente elevadas entre os Empregados executantes e os Profissionais técnicos de enquadramento. Note-se que 60% são leitores cumulativos. Quanto ao tipo *audiovisuais*, em que os homens são igualmente maioritários, embora menos acentuadamente (52%), caracteriza-se (como os *televisivos*) pela baixa escolaridade (Até 2º Ciclo do Ensino Básico são 62%), idades com peso mais significativo entre os 35 e 54 anos, pelo peso entre os Activos e pelas categorias socioprofissionais Empresários, dirigentes e profissões liberais, Trabalhadores independentes e Operários. Distinguem-se ainda como Não-leitores e como leitores parcelares. O tipo *transversais* é também masculinizado, mas a proximidade fica-se por aí: claramente mais qualificado em termos de escolaridade (28% no Ensino Médio ou Superior quando a média total é de 11%), acentuada juvenildade, elevado peso de Estudantes e de Profissionais técnicos de enquadramento. E 63% são leitores cumulativos. Finalmente, o tipo *leitores* tem como características sociais predominantes ser vincadamente feminizado (61%), com formações secundária (44%) e média ou superior (23%) elevadas, um peso significativo entre os mais jovens, e portanto também entre os Estudantes (32%) e, enquanto Activos, nos Profissionais técnicos de enquadramento. Tem a percentagem mais elevada de leitores cumulativos (70%).

Quadro nº 111

Tipologia de tempo gasto ao longo de um dia normal por Sexo, Grau de escolaridade, Idade, Condição perante o trabalho, Categoria socioprofissional e Tipologia de leitura
(percentagem em coluna)

	Tipo					Totais
	Televisivos	Navegadores	Audiovisuais	Transversais	Leitores	
Número	949	275	632	331	218	2.405
Sexo						
Feminino	56,0	45,5	48,1	47,7	61,0	52,0
Masculino	44,0	54,5	51,9	52,3	39,0	48,0
Grau de escolaridade						
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	67,3	8,4	61,9	12,7	16,1	47,0
3º Ciclo do Ensino Básico	14,0	22,5	18,5	24,5	17,0	17,9
Ensino Secundário	15,2	45,5	16,9	34,4	44,0	24,4
Ensino Médio ou Superior	3,5	23,6	2,7	28,4	22,9	10,8
Idade						
15-24	4,5	44,7	12,7	34,4	38,1	18,4
25-34	12,4	34,5	19,9	26,3	20,6	19,6
35-54	38,5	18,5	42,6	31,7	26,6	35,3
Mais de 55 anos	44,6	2,2	24,8	7,6	14,7	26,7
Condição o perante trabalho						
Activos	62,6	62,5	71,2	73,4	51,8	65,4
Estudantes	1,1	30,5	4,1	18,7	31,7	10,4
Outros não activos	36,4	6,9	24,7	7,9	16,5	24,2
Categoria socioprofissional *						
EDL	14,5	16,4	20,8	12,2	13,5	16,1
PTE	5,9	23,5	4,4	30,0	31,2	11,9
TI	2,7	1,1	4,9	0,8	2,8	2,9
O	34,8	10,9	32,4	11,4	10,6	27,3
EE	42,0	48,1	37,5	45,6	41,8	41,8
Tipologia de leitura						
Não-leitores	8,2	0,7	5,2	0,6	-	4,8
Só um dos impressos - padrão	24,3	9,5	22,8	8,2	3,2	18,1
Parcelar	38,7	29,8	41,9	28,1	27,1	36,0
Cumulativa	28,8	60,0	30,1	63,1	69,7	41,1

Base: respostas válidas à Q 51 (n = 2.405).

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos (p < 0,00).

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (85% dos casos em análise).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

O cruzamento da Tipologia de práticas diárias com a Tipologia de leitura permite clarificar um pouco mais as relações estabelecidas (quadro nº 112). Assim, os Não-leitores, os leitores de um só impresso-padrão e os leitores Parcelares concentram-se nos grupos *televisivos* e *audiovisuais* (somados representam, respectivamente, 97%, 86% e 73% nestes dois tipos), sendo clara a relação inversa entre os *televisivos* e a leitura: quanto mais exigente a leitura em número de suportes, menor a percentagem. Quanto à leitura Cumulativa mostra uma distribuição mais equilibrada, com a percentagem mais elevada a referir-se igualmente ao tipo *televisivos* (28%) e a chegar perto da maioria dos inquiridos com a percentagem do tipo *transversais* (21%, que somada à dos *televisivos* totaliza 49%).

Quadro nº 112
Tipologia de práticas diárias por Tipologia de leitura
 n = 2.405
 (percentagem em linha)

	Tipo					Total
	Televisivos	Navegadores	Audiovisuais	Transversais	Leitores	
Não-leitores	67,8	1,7	28,7	1,7	-	100,0
Só um dos impressos - padrão	53,1	6,0	33,1	6,2	1,6	100,0
Parcelar	42,4	9,5	30,6	10,7	6,8	100,0
Cumulativa	27,6	16,7	19,2	21,1	15,4	100,0
Total	39,5	11,4	26,3	13,8	9,1	100,0

Base: respostas válidas à Q 51 (n= 2.405).

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p < 0,00$).

Ou seja, embora seja possível afirmar que, entre aqueles que se caracterizam por ocupar mais tempo a ver televisão, se evidencia uma relação negativa com a leitura (em termos de número de suportes) isso não significa que, de uma forma geral, se possa falar de mútua exclusão. Repare-se, aliás, que 28% dos tipificados como *televisivos* cabem simultaneamente no tipo de leitura Cumulativa.

Finalmente, como se relaciona esta Tipologia de práticas diárias com a Tipologia de leitura de livros? As relações evidenciadas não se alteram significativamente mas os valores relativos em causa dão conta de que se trata de um suporte de leitura mais exigente (quadro nº 113).

Quadro nº 113
Tipologia de práticas diárias por Tipologia de leitores de livros
n = 1.325
(percentagem em linha)

	Tipo					Total
	Televisivos	Navegadores	Audiovisuais	Transversais	Leitores	
Pequenos	35,3	14,1	22,5	17,8	10,3	100,0
Médios	19,3	18,1	12,1	26,7	23,9	100,0
Grandes	10,7	26,8	12,5	10,7	39,3	100,0
Total	30,0	15,7	19,3	19,8	15,1	100,0

Base: leitores de livros que responderam à Q51 (n = 1.325).

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p < 0,00$).

Legenda: Pequenos = 1-5 livros por ano; Médios = 6-20 livros; Grandes = + de 20 livros.

Assim, os Pequenos leitores têm o valor mais elevado no tipo *televisivos* (35%); os Médios nos *transversais* (27%); e os Grandes no tipo *leitores* (40%).

Síntese

As práticas culturais aqui consideradas têm diferentes pesos e diferentes frequências de realização. No que respeita mais directamente ao objecto do presente estudo, e no quadro das restantes práticas culturais, a leitura de livros (excluindo escolares ou profissionais) é referida por 60% dos inquiridos, sendo que a frequência é mais elevada nas opções Pelo menos uma vez por semana e Raramente. Por sua vez, a leitura de jornais mostra, como seria de esperar, percentagens mais elevadas tanto de prática (86%) como de frequência diária ou quase (65%). A análise em componentes principais mostra a associação entre a leitura de livros e as práticas culturais de saída, incluindo a ida a bibliotecas, ao passo que a leitura de jornais e de revistas surge associada a ver televisão e ouvir rádio.

Quanto à escrita, as taxas de realização são mais elevadas nas necessidades práticas e nas de relações e de convívio com amigos, familiares, etc. (respectivamente 80% e 68%). A primeira é também a que reúne a percentagem mais elevada na frequência diária (43%). De resto, necessidades profissionais e práticas surgem associadas num mesmo tipo, as duas restantes (estudo e convívio) num outro. Contudo, não será difícil concluir que as diferentes necessidades de escrita coexistirão em diferentes combinatórias. Daí que a tipologia construída dê conta, justamente, de três grandes grupos de necessidades de escrita: *profissionais*, *práticos* e *conviviais*, sendo que neste último grupo se incluem aqueles inquiridos com maiores valores na escrita por necessidades de estudo.

No tocante à audição de rádio por géneros, os de música portuguesa são os referidos pela maioria dos inquiridos: ligeira portuguesa (63%) e tradicional portuguesa (52%). Uma nota para o

forte crescimento que a audição de música brasileira parece ter registado do Inq. 97 para o presente estudo (de 1% para 43%).

Quanto aos programas de televisão, o único referido pela maioria dos inquiridos é informação/telejornal. Na análise multivariada do conjunto de programas retiveram-se seis grupos ou tipos de relação com a televisão: os que preferem a vertente *cinema*, outros que se distinguem pela preferência de *novelas*, um terceiro pela preferência de *desportivos*, um quarto pelos programas de carácter *educativo*, um outro que prefere as *séries* e ainda um último que associa a preferência por *cinema* e *séries*. A estes grupos correspondem perfis sociais predominantes distintos: são os tipos *educativos*, *cinema* e *séries e cinema* que registam as percentagens mais elevadas de leitores cumulativos (respectivamente 55%, 49% e 46%). Evidencia-se, assim, uma primeira abordagem da relação entre televisão e leitura.

Relação que a análise do tempo gasto em quatro actividades (ver televisão, ouvir música, ler e utilizar a Internet) ao longo de um dia normal (excluindo o período de férias) permite aprofundar. Numa primeira abordagem, confirma-se que ver televisão é (como se esperaria) a actividade com maior percentagem de realização e mais elevada frequência de realização ao longo de um dia normal (na ordem dos 99%). Pelo contrário, utilizar a Internet apresenta a menor percentagem de realização (menos de 40%).

Uma primeira análise (em componentes principais) dá conta da associação entre a utilização da Internet e a leitura e de uma outra entre ouvir música e ver televisão. Numa outra análise multivariada retiveram-se cinco tipos: *televisivos*, *navegadores* (da Internet), *audiovisuais*, *transversais* e *leitores*. É nos tipos *leitores*, *transversais* e *navegadores* que os leitores cumulativos estão mais representados (respectivamente 70%, 63% e 60%). Numa outra perspectiva, os não-leitores e os leitores só de um dos impressos-padrão concentram-se no tipo *televisivos* (respectivamente com 68% e 53%), os leitores parcelares têm uma percentagem elevada, mas menor (42%), e os leitores cumulativos registam neste tipo um valor significativamente menor (28%). Estes resultados permitem sustentar que existe uma relação negativa entre ver televisão e ler, mas também mostram que aquela está muito presente mesmo entre os leitores cumulativos.

Já quanto à tipologia de leitura de livros a distribuição pelos referidos cinco tipos é, percentualmente, mais baixa. Os pequenos leitores têm a percentagem mais elevada no tipo *televisivos* (35%), os médios no tipo *transversais* (27%) e os grandes no tipo *leitores* (39%). Note-se, contudo, que este último tipo (*leitores*) se distingue dos demais pela leitura e pela (quase) ausência de utilização da Internet, mais do que pelo visionamento, que permanece uma prática relativamente frequente.

3.6. REPRESENTAÇÕES DO INQUIRIDO SOBRE A PRÁTICA DE LEITURA

Neste quinto e último bloco temático do Módulo Geral tratam-se os factores mobilizadores e bloqueadores da evolução da prática de leitura em geral e a avaliação que os inquiridos fazem da sua prática de leitura.

Evolução da prática em geral – factores mobilizadores ou bloqueadores

As opiniões sobre se hoje se lê mais ou menos do que há 10 anos dividem-se. São 44% os que consideram que se hoje se lê mais, mas os que consideram o contrário estão muito próximos (41%) (quadro nº 114).

Em termos de Idade observa-se uma relação directa com a opinião de que se lê mais: quanto mais idosos maiores as percentagens. Assim, enquanto 50% dos inquiridos com Mais de 55 anos considera que se lê mais actualmente, no caso dos que têm entre 15 e 24 anos são 34%.

Quanto à escolaridade, destacam-se as percentagens relativas aos inquiridos com Até 2º Ciclo do Ensino Básico: 50% pensa que se lê mais hoje em dia do que há uma década e 33% considera que se lê menos. Nos graus de escolaridade mais elevados são menores as percentagens de inquiridos que consideram que se lê mais.

Os Estudantes são, em termos de Condição perante o trabalho, o grupo que apresenta a menor percentagem de inquiridos que consideram que se lê mais actualmente do que há uma década (36%). Mais de metade crê que se lê menos (52%).

O cruzamento com a Tipologia de leitura revela percentagens semelhantes no que se refere à hipótese de resposta Lê-se mais (à volta dos 44%), o mesmo não acontecendo relativamente às outras duas hipóteses de resposta, sendo que os Não-leitores apresentam a percentagem mais baixa de Lê-se menos (21%) e a mais alta de Lê-se o mesmo (36%).

Quadro nº 114

Opinião sobre se hoje se lê mais, menos ou o mesmo do que há uma década atrás por Idade, Grau de escolaridade, Condição perante o trabalho e Tipologia de leitura
(percentagem em linha)

	Opinião sobre se hoje se lê mais, menos ou o mesmo do que há uma década atrás			Número
	Lê-se mais	Lê-se menos	Lê-se o mesmo	
Total	43,6	40,9	15,5	2.176
Idade				
15-24	33,6	53,4	13,0	393
25-34	39,4	45,8	14,8	439
35-54	46,1	36,8	17,0	787
Mais de 55 anos	50,4	33,8	15,8	557
Grau de escolaridade				
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	49,7	32,5	17,8	973
3º Ciclo do Ensino Básico	40,2	48,6	11,3	391
Ensino Secundário	36,4	48,8	14,8	561
Ensino médio ou Superior	41,4	43,4	15,1	251
Condição perante o trabalho				
Activos	43,4	39,8	16,7	1.434
Estudantes	36,4	52,4	11,1	225
Outros não activos	47,2	38,7	14,1	517
Tipologia de leitura				
Não-leitores	42,7	21,3	36,0	75
Só um dos impressos – padrão	44,2	36,8	19,0	378
Parcelar	44,2	40,8	15,0	769
Cumulativa	43,0	44,0	13,0	954

Base: respostas validas à Q52.

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,002$).

A maioria dos inquiridos que acha que se lê mais agora do que há uma década concorda, em geral, com as hipóteses explicativas abaixo apresentadas (quadro nº 115). No entanto, no caso da razão Mais bibliotecas e mais apelativas, a percentagem de respostas afirmativas (58%) é significativamente inferior às das outras razões e a das respostas negativas é bastante superior à das outras razões, tal como a das Não-respostas (11%).

Quadro nº 115
Q53 – Por que é que acha que se lê mais?
 n = 949
 (percentagem em linha)

	Sim	Não	Ns/Nr	Total
Maior divulgação dos livros e dos autores nos jornais, televisão e rádio	88,8	9,3	1,9	100,0
Maior número de pessoas com boa formação escolar	85,8	12,5	1,7	100,0
Há mais estímulos para a leitura por parte da escola	80,6	15,6	3,8	100,0
Há mais estímulos para a leitura por parte da família	78,4	18,0	3,6	100,0
Maior utilização das novas tecnologias	76,5	20,8	2,7	100,0
Apresentação dos livros mais atraente	74,4	23,6	2,0	100,0
Mais bibliotecas e mais apelativas	58,4	30,6	11,1	100,0

Nota: Pergunta destinada aos que consideram que se lê mais.

A análise em componentes principais das justificações para se ler mais permite dar conta de três agrupamentos das respostas (quadro nº 116). De um lado estão as respostas que apontam para a existência de *mais estímulos* hoje em dia do que há uma década atrás. Depois, as relativas à *maior formação e melhor divulgação/apresentação dos livros*. Por último, as razões que se prendem com a existência de *mais infra-estruturas/equipamentos*.

Quadro nº 116
Razões apontadas para se ler mais
(análise em componentes principais)

	Factor 1	Factor 2	Factor 3
Mais estímulos			
Há mais estímulos para a leitura por parte da escola	,876	,115	,064
Há mais estímulos para a leitura por parte da família	,875	-,032	,102
Maior formação e melhor divulgação/apresentação dos livros			
Maior número de pessoas com boa formação escolar	,367	,716	-,234
Maior divulgação dos livros e dos autores nos jornais, televisão e rádio	-,072	,660	,303
Apresentação dos livros mais atraente	-,024	,652	,293
Mais infra-estruturas/equipamentos			
Mais bibliotecas e mais apelativas	,100	,042	,816
Maior utilização das novas tecnologias	,059	,285	,676

Percentagem de variância explicada = 65%.

A maioria (96%) dos inquiridos que considera que se lê menos agora do que há uma década acha que é por haver mais distrações (televisão, vídeo, jogos, computador, etc.), ao passo que 76% concorda que é por haver uma maior presença do audiovisual (quadro nº 117).

Mais de metade não concorda que se leia menos por haver falta de boa formação escolar (59%), por não haver estímulos para a leitura por parte da escola (59%) ou da família (54%). Os argumentos Os livros são caros (40%) e A vida escolar/profissional ocupa mais tempo (32%) captam menos discordâncias.

Quadro nº 117
Q54 – Por que é que acha que se lê menos?
n = 889
(percentagem em linha)

	Sim	Não	Ns/Nr	Total
Há mais distrações (televisão, vídeo, jogos, computador, etc.)	96,4	3,4	0,2	100,0
Maior presença do audiovisual	75,9	22,8	1,2	100,0
A vida escolar/profissional ocupa mais tempo	67,2	31,5	1,3	100,0
Os livros são caros	55,6	39,7	4,7	100,0
Não há estímulos para a leitura por parte da família	40,5	54,1	5,4	100,0
Falta de boa formação escolar	36,4	59,3	4,3	100,0
Não há estímulos para a leitura por parte da escola	35,9	58,8	5,3	100,0

Nota: Pergunta destinada aos que consideram que se lê menos.

O quadro nº 118 apresenta os resultados da análise em componentes principais. Observa-se a existência de três grupos de razões explicativas para se ler menos hoje em dia: as que se prendem com a *falta de estímulos/formação*, as que estão relacionadas com *outras ocupações* e, por último, com o *preço dos livros*.

Quadro nº 118
Razões apontadas para se ler menos
(análise em componentes principais)

	Factor 1	Factor 2	Factor 3
Falta de estímulos/formação			
Não há estímulos para a leitura por parte da escola	,882	,085	,139
Não há estímulos para a leitura por parte da família	,831	,032	,237
Falta de boa formação escolar	,776	,233	-,090
Outras ocupações			
A vida escolar/profissional ocupa mais tempo	,117	,736	,070
Há mais distrações (televisão, vídeo, jogos, computador, etc.)	,007	,728	,337
Maior presença do audiovisual	,284	,612	-,411
Preço dos livros			
Os livros são caros	,235	,173	,804

Porcentagem de variância explicada = 68%.

Auto-avaliação da prática de leitura do inquirido

O quadro nº 119 sintetiza as respostas a duas perguntas relacionadas com a prática de leitura dos inquiridos, designadamente as circunstâncias que conduziram a práticas mais e menos intensas.

Grande parte dos inquiridos (43%) refere que ao longo da vida não houve períodos em que lesse mais. Por sua vez, quanto ao período em que os inquiridos leram menos, representam 47% os que referem nunca ter passado por essa situação.

São 19% os inquiridos que associam o período em que a leitura foi mais intensa ao estudo/andar na escola e apenas 9% os que referem ser nas férias a altura em que lêem mais; os restantes disseminam-se por Outras circunstâncias.

Aqueles que apontam circunstâncias da vida em que a leitura foi menos intensa referem sobretudo questões relacionadas com o trabalho (15%). E de novo um considerável contingente (10%) que se distribui por Outras circunstâncias.

Quadro nº 119

Q55 – A que circunstâncias associa o período da sua vida em que leu mais e o período em que leu menos?

n = 2.552

(percentagem)

	Período em que leu mais *	Período em que leu menos **
Isso nunca lhe aconteceu	43,2	46,5
Andar na escola/Estudar	19,0	–
Férias/disponibilidade de tempo	9,4	–
Falta de tempo	–	5,1
Diferentes situações ligadas à idade	5,6	5,6
Diferentes situações ligadas ao trabalho	2,5	14,7
Diferentes situações ligadas à família	2,4	5,4
Outras circunstâncias	7,6	10,4
Não sabe/Não responde	12,8	15,5

* Q55_1 Pergunta aberta; 2.615 circunstâncias evocadas por 2.552 inquiridos.

** Q55_2 Pergunta aberta; 2.634 circunstâncias evocadas por 2.552 inquiridos;

Nota: Os dados aqui apresentados resultam de uma codificação *a posteriori*.

No Inq. 97 a pergunta sobre os períodos de leitura mais intensa e os períodos de leitura menos intensa destina-se apenas aos leitores de livros, ao passo que em LP 2007 se destina à totalidade da amostra. Relativamente aos períodos de leitura mais intensa, foi referida a disponibilidade de tempo, o andar na escola, as férias, entre outras circunstâncias. Foram 16% os que disseram que sempre leram o mesmo. Os autores optaram por não apresentar as respostas relativas aos períodos da vida de leitura menos intensa por considerarem que estas são um *espelho* das circunstâncias de leitura mais intensa (Freitas, Casanova e Alves, 1997: 112-113)

Note-se, contudo, que como resulta claro da leitura do quadro nº 119, com excepção das circunstâncias ligadas à idade, os pesos percentuais das circunstâncias associadas a um e a outro dos períodos em causa são substancialmente diferentes.

Síntese

As opiniões sobre a evolução da prática da leitura nos últimos 10 anos dividem-se, com uma ligeira maioria a considerar que sim, que se lê mais hoje (44% contra 41% que acha que se lê menos e 16% que acham que se lê o mesmo). As posições optimistas aumentam com a idade – é o grupo com mais de 55 anos que tem a percentagem mais elevada entre os que acham que se lê mais (50%) contra os 34% dos que têm entre 15 e 24 anos. É este mesmo grupo dos mais jovens que regista uma percentagem maioritária (53%) na opinião de que se lê menos. Refira-se ainda que é entre aqueles que têm o grau de escolaridade mais baixo que a opinião de que se lê mais é mais volumosa (50%). Refira-se ainda que a posição maioritária entre os estudantes é a de que hoje se lê menos. Do ponto de vista da tipologia de leitura, é entre os leitores cumulativos que se destaca a opinião de que hoje se lê menos.

As razões que sustentam a opinião de que se lê mais são várias, com destaque para a existência de maior divulgação dos livros e dos autores nos meios de comunicação (89%) e ao maior número de pessoas com melhor formação (86%). São 81% os que apontam a existência de mais estímulos por parte da escola. Relativamente às razões que sustentam a opinião contrária, o maior peso de distrações como a televisão, os jogos, os computadores, etc. (com 96%) e do audiovisual (76%) são, destacadamente, as mais defendidas. Refira-se ainda que 56% apontam o preço dos livros e que as duas razões que se ligam com limitações da escola são as menos referidas (em torno dos 36%).

Quanto à auto-avaliação da prática da leitura do inquirido, quase metade da amostra considera que nunca lhe aconteceram circunstâncias em que lesse mais ou menos. Especificamente quanto ao período em que leu mais, o que lhe é mais associado é aquele em que frequentou a escola (19%). E quanto ao período em que leu menos, salienta-se o que remete para diferentes situações ligadas ao trabalho (15%).

4. BALANÇO DO MÓDULO GERAL

Neste balanço do Módulo Geral retomam-se, sintetizando-os, alguns dos aspectos mais significativos que decorrem dos pontos sobre as questões de método e sobre a evolução registada na leitura em Portugal. Referem-se os perfis sociais predominantes dos leitores por suporte e termina-se com uma explanação dos principais aspectos de caracterização do panorama da leitura em Portugal que os dados agora disponíveis sugerem.

Questões de método

Nos capítulos precedentes, começou-se por situar o presente estudo no quadro dos inquéritos sociológicos à leitura em Portugal, o terceiro à escala da população do Continente. Caracterizaram-se os universos e as amostras respectivas dos anteriores inquéritos, tendo ficado claros os limites comparativos com o Inq. 92.

Num outro plano, confrontaram-se as estruturas do universo e da amostra do presente estudo para as variáveis utilizadas na construção da matriz de selecção dos entrevistados por método de quotas, tendo-se concluído que os desvios registados não põem em causa a representatividade da amostra. De uma outra comparação entre as amostras do Inq. 97 e do estudo LP 2007, através das variáveis utilizadas no método das quotas, resultou que os desvios observados não prejudicam uma aproximação entre as duas pesquisas.

Explicitaram-se também as dimensões analíticas privilegiadas no presente estudo e a sua formalização no questionário, o qual é constituído por um Módulo Geral dirigido à população e um Módulo Específico, restrito aos pais de filhos menores e/ou encarregados de educação.

Quanto à linha de pesquisa e respectivo método de recolha da informação clarifica-se que a presente pesquisa se insere nos estudos sobre hábitos e práticas da leitura, e não sobre ocupação do tempo. Fez-se também a distinção relativamente às pesquisas cujo conceito orientador é a literacia.

Evolução da leitura e perfis dos leitores por suporte

Como evoluiu a leitura na população portuguesa entre o Inq. 97 e o LP 2007? Um primeiro dado a reter é o significativo recuo dos não-leitores, que se situam agora nos 5% face aos anteriores 12%. Um outro dado refere-se ao crescimento das percentagens dos leitores dos três suportes considerados (jornais, revistas e livros), com destaque para os jornais. Além disso, os jornais são agora claramente o suporte com maior percentagem de leitores (83%), seguidos das revistas (73%) e dos livros (57%). Estes dados mostram que Portugal não acompanha a tendência de recuo da leitura verificada noutros países europeus. Contudo, esta constatação, apesar de em si mesma ser significativa, deve ter em conta uma outra: os baixos patamares de partida em relação à leitura por parte da população portuguesa, de que só recentemente se começou a sair com o aumento dos níveis de escolaridade.

O recurso à tipologia de leitura mostra que o decréscimo dos *não-leitores* se traduziu no aumento da leitura *cumulativa* (leitura dos três suportes) mas, sobretudo da *parcelar*, (leitura de dois dos referidos suportes). Esta última representa mais de metade dos inquiridos.

Especificamente no tocante aos leitores de livros, um outro dado a reter é que se verificou um crescimento ligeiro dos *pequenos* leitores acompanhado de igual recuo dos *grandes* leitores, uma vez que a percentagem correspondente aos *médios* leitores permaneceu estável. Adiante-se que sete em cada dez inquiridos são *pequenos* leitores, ao passo que os *grandes* leitores se situam nos 4%. Neste aspecto Portugal segue a tendência já verificada noutros países. De acordo com diversos autores, nesta tendência haverá que sublinhar a conquista de novos (pequenos) leitores e não tanto a diminuição dos grandes leitores.

Resultados globais do inquérito LP 2007

Quais os perfis sociais predominantes dos leitores dos três suportes? Em consonância com as conclusões da generalidade dos estudos sociológicos, a presente pesquisa confirma que eles são significativamente distintos entre si. De facto, o perfil dos leitores de livros é marcado pela feminização, juvenilidade e qualificação em termos de recursos educativos, ao passo que o dos leitores de jornais se caracteriza pela acentuada masculinização, especial incidência nos grupos de idade situados entre os 25 e os 54 anos, e entre aqueles que possuem o 3º ciclo do ensino básico ou mais. Quanto aos leitores de revistas, têm em comum com o dos leitores de livros o carácter feminizado, a juvenilidade (embora mais acentuada) mas aproximam-se do dos leitores de jornais pelas qualificações escolares e académicas.

Talvez não seja de mais salientar que o principal factor explicativo dos hábitos e das práticas de leitura é a escolaridade: quanto mais elevada, maiores as percentagens daqueles que lêem nas

categorias que sinalizam níveis de maior exigência (leitura de livros, grandes leitores, leitura cumulativa). Esta relação verifica-se também no próprio processo de aprendizagem uma vez que as percentagens de leitores entre os estudantes (com 15 e mais anos) são por norma relativamente elevadas nos vários indicadores trabalhados no presente estudo. Por que razões a percentagem de leitores é apenas *relativamente* elevada entre os estudantes é uma outra questão a que este estudo não permite responder. Importa ainda assinalar a importância das novas classes médias entre os leitores.

Num nível de maior generalidade, como se caracteriza o panorama da leitura em Portugal? Para responder a esta pergunta faz-se de seguida uma síntese dos principais resultados. Segue-se a ordem das diversas dimensões tal como formalizadas no questionário.

1. Quanto à *socialização primária para a leitura* verifica-se, desde logo, que a idade de aprendizagem se situa, hoje mais claramente, entre os 6-7 anos de idade. A precocidade da aprendizagem está directamente relacionada com a leitura: quanto mais cedo, mais cumulativa a leitura. No âmbito familiar, ver os pais a ler destaca-se das demais memórias. A existência de incentivos à leitura enquanto criança é maioritária entre os inquiridos. Esses incentivos são feitos sobretudo no contexto familiar, pelos pais, em particular pela mãe, mas há que não esquecer o contexto educativo, pelos professores. Os modos de incentivo são diversos, e entre eles destaca-se pedir às crianças para ler em voz alta. Noutros casos os incentivos estão mais associados aos locais de acesso aos livros (bibliotecas, livrarias) ou ao contacto com o objecto livro e com os seus conteúdos. Globalmente considerados, os incentivos estão directamente relacionados com o capital escolar familiar: quanto mais qualificado o núcleo familiar mais os incentivos familiares.

Quanto ao *gosto pela leitura na infância*, dois em cada três gostava de ler, sendo que as razões por que mais gostavam de ler se prendem com a aprendizagem e a curiosidade. Note-se, quanto à idade em que despertou o gosto pela leitura (de livros), que as respostas obtidas evidenciam que ela é, normalmente, descoincidente e mais tardia relativamente à idade em que se aprende a ler – esta situa-se na infância, aquela na juventude. Note-se ainda, numa referência ao *livro fundador* do gosto pela leitura, a relativa importância dos autores portugueses, a categoria mais referida. Registe-se ainda, sem surpresa, a importância, entre os mais novos, dos livros infantis/juvenis e, para os restantes, dos romances.

Como evoluiu o gosto pela leitura? Uma grande maioria (nove em cada dez) dos que *gostavam* de ler na infância (que são, lembre-se, 65% do total da amostra) afirma continuar a gostar de ler, sendo que as razões mais apontadas são gostar de aprender e de se cultivar, por gosto e prazer, e como passatempo e distração. Para a pequena proporção que deixou de gostar de ler, a falta de tempo e o desinteresse são as razões mais apontadas. Quanto aos que *não gostavam* de ler na infância (35% da amostra), as razões são, essencialmente, porque gostavam mais de brincar e porque achavam aborrecido. Destes, quase dois em cada três *continua a não gostar* de ler, por desinteresse, por achar aborrecido ou achar que tem falta de tempo. E, para os que *passaram a*

gostar de ler, a necessidade de informação e actualização, bem como a necessidade de aprender e de se cultivar são as razões mais apontadas.

A tipologia de evolução do gosto pela leitura (que relaciona o gosto na infância com o gosto na actualidade) revela que a maior parte pertence ao tipo *persistente* (58%) e que 13% se enquadram no tipo *resgatados*. Mas importará lembrar igualmente que são 22% os pertencentes ao tipo *por recuperar*, ou seja, que continuam a não gostar de ler e 7% os *desistentes*, aqueles que deixaram de gostar de ler, ambos muito marcados por contextos menos favoráveis à leitura, designadamente as baixas qualificações escolares, actividades socioprofissionais menos qualificadas e baixos capitais escolares familiares.

2. Entrando agora nos *suportes, géneros e frequência de leitura*, quatro em cada cinco inquiridos lê *jornais*, sobretudo generalistas de informação diária. Refira-se ainda que um em cada três lê jornais regionais/locais e, relativamente aos jornais de distribuição gratuita, os leitores são já um quarto dos inquiridos. Note-se, contudo, que o contributo específico destes leitores para o total é muito mais baixo. Dito de outra forma, o aumento global de leitores de jornais apenas em pequena parte (1,6%) é explicada pelos jornais gratuitos. Maior é o contributo dos leitores de jornais desportivos (4%). Quanto às secções, a de problemas sociais é a mais lida (69%), sendo que a secção de arte e cultura é lida por 24%. A leitura on-line permanece largamente minoritária: apenas um em cada dez dos que lêem jornais, e mesmo assim tendo como referência os jornais nacionais (os mais lidos neste suporte).

Justifica-se, talvez, uma chamada de atenção para a heterogeneidade que a análise por tipologia de leitores de géneros de jornais revela. De acordo com este indicador, por exemplo, o carácter predominantemente masculino da leitura deste suporte manifesta-se em particular nos tipos *desportivos quotidianos*, *desportivos não quotidianos* e *quotidianos gerais*, ao passo que o sexo feminino é claramente maioritário nos tipos *locais quotidianos* e *cumulativos*.

No tocante à leitura de *revistas* (73% da amostra), as mais lidas são, destacadamente, as femininas. A frequência da leitura é alta – mais de metade refere que as lê pelo menos uma vez por semana. A leitura on-line de revista tem valores ainda mais baixos do que a dos jornais. Tal como quanto à leitura de jornais, também quanto à leitura de revistas a análise multivariada permite detectar segmentações importantes. Para utilizar de novo o exemplo da variável sexo (e sem querer repetir aqui o que se disse no corpo do texto), a tipologia de leitores de géneros de revistas mostra que o *feminino* tem, como se esperaria, um peso determinante de leitoras, mas esse peso é significativamente menor no *cumulativo* e passa mesmo a ter um peso decisivo dos leitores no tipo *generalistas*.

E quanto à leitura de *livros* (57% dos inquiridos), os romances, sobretudo os de amor e de grandes autores contemporâneos, estão entre os preferidos. Também aqui o recurso a uma análise multivariada permite detectar diferentes perfis-tipo. É interessante notar como, numa prática claramente feminizada, nos tipos *ficção* e *técnicos* os leitores masculinos se evidenciam. E ainda como, do ponto de vista da escolaridade, sendo as leitoras predominantes nos demais três tipos

(*contemporâneos e ensaios, vária e romance*), são notórias as diferenças entre si: o primeiro correspondendo a um perfil mais qualificado, o segundo a um outro menos qualificado e o terceiro a aproximar-se dos valores médios do contingente em causa.

Passando ao número de livros lidos por contexto de leitura (de lazer, de estudo e profissional), o de lazer é claramente o que se destaca – mais de metade da amostra refere o escalão 1-3 livros – ao passo que nos restantes a moda se situa na categoria Nunca com valores acima dos 68%. Num outro plano, quase metade da amostra leu o último livro (sem ser escolar ou profissional) há cerca de um mês ou menos, sendo que a escolha ocorre essencialmente por gosto pessoal.

Quanto ao que lêem no dia-a-dia aqueles que *não* lêem jornais, *nem* revistas *nem* livros (os não-leitores que, como se referiu já, representam uma pequena parte da amostra, 5%), servem-se da sua alfabetização para ler sobretudo as contas/recibos e as marcas e preços de produtos (79% e 75%, respectivamente).

No que se refere aos *locais de leitura*, os resultados são expressivos: os livros lêem-se essencialmente em casa; os jornais tanto no café/restaurante como em casa; e as revistas sobretudo em casa. A frequência de bibliotecas é referida por 17% da amostra. As bibliotecas municipais (frequentadas por um em cada dez dos referidos 17%) e, a alguma distância, as escolares e as universitárias são aquelas cujos resultados estatísticos têm, apesar de tudo, algum significado. Ainda a respeito das bibliotecas, evidenciam-se diferentes procuras entre as municipais e as escolares: mais intensa, diversificada e frequente das secções destas relativamente às secções daquelas. Especificamente quanto às bibliotecas municipais importa frisar o perfil social dos seus utilizadores: escolarizados, jovens e com um peso assinalável entre os estudantes (39%), portanto com uma parte dos seus utilizadores ainda a cumprir o seu percurso escolar. Estes resultados vêm chamar de novo a atenção para a necessidade de se entender melhor (eventualmente através de estudos de públicos uma vez que os contingentes disponíveis para análise não permitem outros aprofundamentos) as relações entre bibliotecas municipais, escolares e universitárias no que respeita aos utilizadores.

Passando à *utilização das TIC*, a maioria não usa computador, mas os que usam, usam-no com valores muito expressivos a um ritmo diário ou quase. Por sua vez, a utilização da Internet (87% dos que usam o computador), é feita muito especialmente em situações de lazer, cumulativamente ou não com os contextos de estudo e profissionais, e maioritariamente a partir de casa, cumulativamente ou não com o local de trabalho ou local de ensino. Quanto aos usos, destacam-se a procura de indicações úteis e a comunicação com familiares. Do ponto de vista da caracterização social de novo se detecta o peso, entre os utilizadores, daqueles mais escolarizados, mais jovens e abrangendo a quase totalidade dos estudantes (95% usa computador e Internet). É igualmente de salientar que apenas entre os profissionais técnicos de enquadramento é maioritária (74%) a utilização de computador e de Internet.

3. Relativamente ao *volume e género de livros existente em casa do inquirido*, são nove em cada dez os que têm livros em casa, sendo que os géneros dicionários/enciclopédias e livros escolares são os

que mais se tem em casa e que se possui em maior número. No tocante ao total de livros existentes em casa, excluindo os escolares, um quarto da amostra tem até 20 livros; três quartos tem até 100 livros. De notar que a cumulatividade dos tipos de livros predominantes em casa (tanto livros de estudo ou profissionais como livros de lazer) é tendencialmente discriminatório, fazendo-se sentir sobretudo entre os mais escolarizados, os mais jovens e os mais qualificados.

No que se refere à *frequência e locais de aquisição*, um terço comprou, no último ano, até 5 livros (sem serem escolares ou profissionais) e mais de metade não comprou nenhum. As livrarias são os principais locais de compra de livros. A compra on-line é uma prática claramente minoritária. Quando se trata de livros para oferecer, a compra ocasional é a mais frequente. Os que adquirem livros são predominantes no sexo feminino, nas idades mais jovens e, de novo, com um peso muito significativo entre os estudantes. Passando aos meios de acesso a livros/partes de livros, artigos, etc., dos cinco para os quais se solicitou a frequência de utilização, pedir livros emprestados é o mais utilizado, em detrimento de outros, entre os quais fazer download de ficheiros na Internet é o modo menos referido.

4. O bloco temático dedicado às *diferentes actividades e sua prática* inclui várias vertentes. Na das *práticas domésticas*, ver televisão e ouvir rádio são, como se esperaria, as mais praticadas, e mais frequentemente; ler jornais é a prática que mais se aproxima daquelas; ler livros tem uma frequência de realização inferior mas acima do uso da Internet e de jogar (jogos vários e jogos electrónicos).

Entre as práticas de *sociabilidade*, todas com elevadas percentagens de prática frequente, se se excluir as associações recreativas locais, destaca-se a ida ao café/esplanada.

Nas práticas culturais de *saída*, a ida ao cinema é a mais frequente; ir a festas populares a mais comum (um em cada quatro refere a sua prática); ir a concertos de música erudita/clássica é a menos comum e a menos frequente.

No que toca às práticas *expressivas*, a sua ausência tem enorme peso. Mesmo a actividade desportiva e a escrita, que são as relativamente mais comuns, acusam percentagens de ausência de 79% e 81%, respectivamente, sendo que as restantes actividades consideradas são exercidas por menos de um em cada dez inquiridos. Escrever é a prática relativamente mais frequente como profissional e como frequentador de cursos/aulas (mas em qualquer dos casos com valores muito baixos), o desporto é a mais frequente como ocupação de tempos livres.

Relativamente à ligação a organizações de cariz *associativo* (como sócio ou como participante), todas as formas de participação consideradas (são 9) registam valores de ausência da prática acima dos 80%. Neste quadro, pertencer a uma equipa ou grupo desportivo e pertencer a uma associação recreativa não só são as mais comuns como também são as que registam as frequências menos baixas.

Por fim, ainda no que toca ao bloco *diferentes actividades e sua prática*, a frequência e necessidade de escrita é mais comum (sete em cada dez inquiridos) relativamente ao convívio com amigos, familiares e colegas (através de sms, mensagens electrónicas, etc.), em que predomina o

ritmo diário ou quase. Surpreendentemente, a satisfação de necessidades de estudo é a resposta menos comum (ambiguidades no que se entende por escrita?).

Passando às *preferências musicais e televisivas*, os géneros musicais preferidos pela maioria dos inquiridos são a ligeira portuguesa e a tradicional portuguesa, sendo que a audição de música abrange a quase totalidade da amostra. No que se refere aos géneros de programas de televisão, a informação/telejornais é o único referido maioritariamente (por três em cada quatro inquiridos). O segundo género mais referido, os filmes, não chega a metade dos inquiridos. Os programas sobre actualidade literária têm um valor meramente residual.

Também aqui a análise multivariada do conjunto dos indicadores considerados nos programas de televisão permite identificar diferentes perfis de telespectadores. O cruzamento com a tipologia de leitura mostra, muito sinteticamente, que o peso dos leitores cumulativos varia consoante o tipo de preferências: maioritário no grupo dos *educativos* (55%), relativamente pouco significativo para o tipo *novelas* (ainda assim 33%). Deste modo, também neste estudo se infirma a hipótese, ainda muito em voga, segundo a qual o televisionamento seria o principal factor explicativo dos baixos níveis de leitura.

No tocante ao tempo gasto ao longo de um dia normal (excluindo as férias) com quatro diferentes práticas (ver televisão, ouvir rádio, utilizar a Internet e ler), as duas primeiras são claramente as que ocupam mais tempo, com destaque para a primeira. A leitura mostra uma concentração, com quase metade dos inquiridos, no período que só vai até meia hora. A utilização da Internet é a opção de resposta com maior percentagem de ausência da prática: mais de metade da amostra refere que não gasta nenhum tempo na sua utilização.

As combinatórias de uso do tempo diário destas quatro práticas foram sintetizadas em cinco perfis-tipo (*televisivos, navegadores, audiovisuais, transversais e leitores*), os quais evidenciam diferentes relações com a leitura. Muito sinteticamente, é nos tipos *leitores, transversais e navegadores* que os leitores cumulativos estão mais representados (respectivamente 70%, 63% e 60%). Os não-leitores e os leitores só de um dos impressos-padrão concentram-se no tipo *televisivos* (respectivamente com 68% e 53%), os leitores parcelares têm uma percentagem elevada, mas menor (42%), neste tipo, e os leitores cumulativos registam aqui um valor bastante menor (28%). Estes resultados permitem afirmar que existe uma relação negativa entre ver televisão e ler, mas também mostram que aquela está muito presente mesmo entre os leitores cumulativos. O cruzamento com a tipologia de leitura de livros mostra que a distribuição é mais equilibrada. Os pequenos leitores têm a percentagem mais elevada no tipo *televisivos* (35%), os médios no tipo *transversais* (27%) e os grandes no tipo *leitores* (39%). Note-se, contudo, que este último tipo (*leitores*) se distingue dos demais pela leitura e, mais do que pelo televisionamento, pela (quase) ausência de utilização da Internet.

5. Relativamente à *avaliação que os inquiridos fazem sobre a evolução da prática da leitura em geral – factores mobilizadores ou bloqueadores*, as opiniões sobre se hoje se lê mais, menos ou o mesmo do

que há uma década atrás dividem-se claramente. Apesar de tudo, a mais referida é que hoje se lê mais (44%), mas a curta margem percentual daqueles que consideram que se lê menos (41%).

Os que acham que se lê *mais* atribuem essa mudança, de uma forma particularmente elevada, à maior divulgação dos livros e dos autores nos jornais, televisão e rádio, e ao maior número de pessoas com boa formação escolar. Segue-se em importância a existência de mais, e mais apelativas, bibliotecas.

Entre os que acham que se lê *menos*, a quase totalidade dos inquiridos aponta como a causa mais comum a existência de mais distrações (televisão, vídeo, jogos, computador, etc.). Entre as causas menos referidas (todas abaixo dos 50%) estão a falta de estímulos familiares, de boa formação escolar e de estímulos por parte da escola.

As posições optimistas aumentam com a idade – é o grupo com mais de 55 anos que tem a percentagem mais elevada entre aqueles que acham que se lê mais (50%) contra os 34% dos que têm entre 15 e 24 anos. E é este mesmo grupo dos mais jovens que regista uma percentagem maioritária (53%) na opinião de que se lê menos. Refira-se ainda que é entre aqueles que têm o grau de escolaridade mais baixo que a opinião de que se lê mais é mais evidente (50%). Refira-se ainda que a posição maioritária entre os estudantes é a de que hoje se lê menos. Do ponto de vista da tipologia de leitura, é entre os leitores cumulativos que se destaca a opinião de que hoje se lê menos.

Relativamente à *auto-avaliação da prática de leitura*, quase metade da amostra refere que nunca lhe aconteceu haver um período em que lesse *mais*. Porém, quando tal circunstância é mencionada, a frequência da escola ou estar a estudar é a mais referida (a proporção é de um em cada cinco inquiridos). Inversamente, no que se refere à circunstância da vida em que leu *menos*, a afirmação de que isso nunca lhe ocorreu é também referida por quase metade dos inquiridos. Entretanto, a circunstância mais destacadamente indicada (por um em cada dez) como associada à menor intensidade da leitura é reportada a diferentes situações de trabalho. Evidenciam-se, assim, diferentes circunstâncias justificativas dos períodos de maior e menor intensidade da leitura ao longo dos ciclos de vida.

II. PAIS E/OU ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO
Módulo Específico

1. QUESTÕES METODOLÓGICAS

Os resultados que a seguir se apresentam reportam-se aos inquiridos que são pais de filhos menores de 18 anos e/ou encarregados de educação de pelo menos um de menor de idade – estes aqui considerados como indivíduos que são responsáveis pelos seus educandos perante o sistema escolar, não tendo necessariamente que ser seus progenitores³⁰.

Quais os posicionamentos destes inquiridos sobre as práticas de leitura dos respectivos filhos/educandos, as actividades que a escola promove no sentido de desenvolver a leitura, ou ainda a avaliação que estes fazem das bibliotecas escolares e municipais são alguns dos aspectos desenvolvidos neste Módulo.

À semelhança do que se fez para o Módulo Geral, começa-se aqui por expor as questões metodológicas, passa-se depois para a exposição dos resultados e termina-se com um balanço.

A sub-amostra deste Módulo esteve inicialmente pensada apenas para encarregados de educação de alunos do 1º ciclo do ensino básico ao ensino secundário. No entanto, no termo do processo de afinação do questionário, considerou-se necessário alargar a recolha de informação aos pais de filhos menores e não apenas aos encarregados de educação com filhos a frequentar o ensino básico ou secundário, como previsto inicialmente.

A selecção dos inquiridos deste módulo faz-se a partir das respostas obtidas no bloco F. do questionário, bloco esse que se caracteriza por um conjunto de perguntas-filtro relativas à situação face a filhos e/ou educandos e que condicionam as respostas (ou não) ao referido Módulo.

O contingente em análise é de 743 casos. Saliente-se que se trata de uma sub-amostra da população inquirida e não de uma amostra representativa do universo dos pais e encarregados de educação.

³⁰ Esta definição segue de perto as atribuições legais que decorrem da Lei nº 30/2002, de 20 de Dezembro (Estatuto do Aluno do Ensino não Superior).

A sub-amostra

Apesar de, naturalmente, corresponder, em sentido lato, à população que se pretende inquirir, importa ter em conta, antes de mais, a diversidade de situações que esta sub-amostra contempla quer no que diz respeito à *acumulação (ou não) da condição de progenitor com a de encarregado de educação*, quer no que diz respeito à *idade e situação escolar dos respectivos filhos/educandos*.

Quanto ao primeiro aspecto, repare-se que os inquiridos podem ser pais de filhos menores e, simultaneamente, encarregados de educação destes. Mas os inquiridos deste Módulo podem também cumprir somente uma dessas condições. É o caso de inquiridos com filhos menores que, perante a escola, não são encarregados de educação de nenhum deles; e é também o caso de inquiridos que não sendo progenitores de um menor são encarregados de educação deste³¹.

Este aspecto da acumulação (ou não) da condição de progenitor e de encarregado de educação é importante não propriamente pelas combinatórias possíveis (progenitor e encarregado de educação; progenitor não encarregado de educação; não progenitor encarregado de educação) mas pelo facto da condição de encarregado de educação poder implicar, em princípio, uma maior proximidade com a vida escolar dos educandos e, em particular com os estímulos à leitura. Esta foi, desde logo, uma das hipóteses de partida subjacente a este módulo, que os dados, como se verá mais adiante, parecem confirmar.

Quanto ao segundo aspecto, o leque de situações contempladas nesta sub-amostra é também muito diversificado, uma vez que abrange filhos/educandos menores de 18 anos. Consequentemente, abarca situações escolares muito diversificadas: desde o ensino pré-escolar até ao ensino secundário, passando pelos três ciclos do ensino básico.

No que diz respeito aos estímulos à leitura, a idade e a situação escolar dos filhos/educandos são factores particularmente determinantes. Sobretudo no caso em que os filhos/educandos que ainda não aprenderam a ler (ou que ainda não frequentam o 1º ciclo do ensino básico), este é um aspecto a não descorar, uma vez que pode condicionar a resposta a determinadas perguntas contempladas no questionário, designadamente as que se referem a práticas de leitura e a frequência de bibliotecas.

Mas se a idade e a situação escolar do filho/educando é por si só determinante, o caso torna-se ainda mais complexo quando se tem em conta que os inquiridos podem não ter apenas um filho/educando menor de idade, mas sim vários com idades/situações escolares diferenciadas. Apesar de serem pedidos posicionamentos gerais e comportamentos habituais do inquirido face aos seus filhos/educandos, terá que se ter em conta situações em que nenhum dos filhos/educandos sabe ler ou ainda não frequenta o 1º ciclo do ensino básico.

A diversidade de situações não pode, contudo, no quadro de uma análise extensiva, ser contemplada em toda a sua amplitude, até porque a redução dos contingentes em causa tornaria essa análise inviável. No entanto, resolveu-se que se deveria distinguir, nesta sub-amostra, pelo

³¹ Esta última situação ocorre com menos frequência. Em LP 2007 ela tem um peso residual: apenas 5 casos.

menos um Grupo alargado e um Grupo restrito, o que permite, em grande medida, evitar equívocos que, de outro modo, enviesariam os resultados.

Grupo alargado e Grupo restrito

Tendo em conta o que atrás ficou dito, e com vista à análise dos dados resultantes deste inquérito, consideram-se os dois grupos distintos de inquiridos:

- Grupo alargado – que engloba todos os inquiridos neste Módulo (sub-amostra), ou seja, os que preenchem pelo menos uma das duas condições – a de serem pais de filhos menores e/ou a de serem encarregados de educação (737 casos);
- Grupo restrito – que engloba apenas uma parte dos inquiridos deste módulo: aqueles que são encarregados de educação (independentemente de serem também pais) e que têm a seu cargo pelo menos um educando a frequentar um grau de ensino entre o 1º ciclo do ensino básico e o secundário (483 casos).

Apresentar-se-ão sistematicamente os resultados a partir do primeiro contingente (Grupo alargado). Porém, ter-se-á em conta o segundo contingente (Grupo restrito) nas questões em que a ligação com a escola está mais presente.

No quadro nº 1 apresentam-se os dados sociográficos para estes dois grupos da Sub-amostra de inquiridos confrontando-os com a Amostra. A este propósito, refira-se que os aspectos inerentes à própria condição de pais ou de encarregados de educação poderão justificar uma grande concentração nos escalões etários intermédios (25-34 anos e 35-44 anos, sobretudo este último), bem como uma subrepresentação do Estado civil de Solteiro (menos de 5% para os dois grupos, contra 30% da Amostra).

Bastante significativa para os dois contingentes (e não propriamente derivada da condição de pais ou de encarregados de educação) é a sobrerrepresentação de inquiridos do sexo Feminino, sendo esta mais vincada no Grupo restrito (64%) do que no Grupo alargado (58%). Com um peso percentual igualmente superior à Amostra estão os inquiridos em situação laboral Activa (ronda os 87% em ambos os grupos, contra 65% da Amostra).

Relativamente ao Grau de escolaridade, a mesma confrontação com a Amostra permite detectar uma maior escolarização dos inquiridos deste módulo, facto que é mais vincado no Grupo Alargado (só 38% com graus de escolaridade iguais ou inferiores ao 2º Ciclo do Ensino básico, contra 47% na Amostra).

Quando considerada a Região de residência, constata-se uma maior representação de inquiridos residentes na Grande Lisboa, especialmente no Grupo restrito (33%, face a 27% da Amostra).

Quadro nº 1
Módulo para pais e/ou encarregados de educação – Amostra LP 2007 e Sub-amostra
(percentagem em coluna)

	Sub-amostra		Amostra LP 2007
	Grupo alargado	Grupo restrito	
<i>Base</i>	737	483	2.552
Sexo			
Feminino	58,2	63,6	52,3
Masculino	41,8	36,4	47,7
Idade			
Menos de 25	5,3	0,6*	18,2
25-34	30,7	24,6	19,6
35-44	45,5	51,8	19,5
44-54	15,2	19,3	15,9
Mais de 55	3,4*	3,7*	26,8
Estado civil			
Solteiro	4,6	3,1*	30,3
Casado	77,6	81,8	52,5
União de facto	9,4	7,0	5,0
Viúvo	1,4*	1,9*	7,3
Divorciado/separado	7,1	6,2*	4,9
Grau de escolaridade do inquirido			
Até 2º Ciclo do Ensino básico	37,9	42,4	46,8
3º Ciclo do Ensino básico	24,3	23,4	17,9
Ensino Secundário	26,9	25,1	24,5
Ensino Médio ou Superior	11,0	9,1	10,8
Condição perante o trabalho do inquirido			
Activos	87,1	86,3	65,3
Não activos	12,9	13,7	34,7
Região (Residência)			
Norte Litoral	16,3	13,7	18,7
Grande Porto	12,9	12,6	13,4
Interior	11,9	11,4	13,7
Centro Litoral	18,3	18,8	17,8
Grande Lisboa	30,9	32,5	27,4
Alentejo	5,4	6,0*	4,9
Algarve	4,2	5,0*	4,2

* Deve-se ter em conta os muito baixos contingentes em causa, apenas referidos para efeitos de comparação com a amostra.

Os blocos temáticos do questionário

Ainda no âmbito das questões metodológicas, refira-se que, para a construção do questionário deste Módulo específico referente a pais e/ou encarregados de educação, teve-se em consideração aspectos decorrentes de outros inquéritos realizados em Portugal em que este segmento da população também foi inquirido (designadamente, Magalhães e Alçada, 1993; Villas-Boas, São Pedro e Fonseca, 2000).

A articulação com o Módulo Geral de LP 2007 foi outro dos aspectos tidos em conta. Previu-se, por exemplo, a possibilidade de confrontação entre os incentivos para a leitura que o inquirido recebeu enquanto criança e os que desenvolve (ou fomenta) para os seus filhos/educandos, confrontação essa que expõe no final do presente capítulo.

Recorde-se que este Módulo do questionário é constituído por 4 blocos temáticos:

Situação quanto a filhos e educandos (bloco filtro destinado a seleccionar os indivíduos a inquirir neste módulo);

Posicionamento sobre as práticas de leitura dos filhos/educandos;

Posicionamento sobre as actividades da escola;

Posicionamento sobre as bibliotecas escolares e as da rede de leitura pública.

Situação quanto a filhos e educandos

O quadro nº 2 permite traçar o perfil dos filhos/educandos dos inquiridos deste módulo. Os dados evidenciam uma representação equilibrada das idades e da situação escolar dos filhos/educandos, sobretudo para o Grupo alargado. Relativamente ao Grupo restrito de encarregados de educação, constata-se uma maior concentração de educandos com idades entre os 6-9 anos e, conseqüentemente, uma sobre-representação de educandos a frequentar o 1º ciclo do ensino básico³².

³² Repare-se que esta diferença entre os dois grupos advém da própria definição de Grupo restrito.

Quadro nº 2
Filhos/educandos menores de 18 anos por Sexo, Idade e Situação escolar
 (percentagem em coluna)

	Grupo alargado	Grupo restrito
<i>Número de filhos/educandos</i>	1.067	754
Sexo dos filhos/educandos		
Masculino	50,3	50,3
Feminino	49,7	49,7
Idade dos filhos/educandos		
Menos 1 ano	2,6	0,4
1	6,2	1,7
2	5,5	2,7
3	6,2	2,9
4	6,3	3,4
5	3,5	3,8
6	7,9	9,8
7	7,0	8,4
8	6,9	8,5
9	6,7	8,4
10	4,4	4,9
11	4,4	5,6
12	6,1	7,8
13	4,9	6,0
14	4,2	5,2
15	5,5	6,5
16	5,8	7,2
17	5,8	6,9
Situação escolar dos filhos/educandos		
Não está a frequentar qualquer grau de ensino	15,2	6,1
Educação pré-escolar	15,7	9,4
1º Ciclo Ensino básico	30,3	37,3
2º Ciclo Ensino básico	15,7	19,4
3º Ciclo Ensino básico	15,1	18,0
Ensino secundário	8,0	9,8

Bases de amostragem: Grupo alargado: 737 Pais e/ou encarregados de educação; Grupo restrito: 483 Encarregados de educação de pelo menos um educando a frequentar qualquer grau de ensino entre 1º Ciclo de Ensino básico e o Ensino secundário.

Nota: Média de filhos/educandos por inquirido: Grupo alargado = 1,5; Grupo restrito = 1,6.

2. RESULTADOS

2.1. POSICIONAMENTO SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA DOS FILHOS/EDUCANDOS

Um primeiro conjunto de questões refere-se ao posicionamento dos pais/encarregados de educação face aos hábitos de leitura dos seus filhos/educandos, designadamente no que diz respeito ao estímulo a esta prática bem como a outras práticas culturais.

Estímulo à leitura e a outras práticas culturais

Procurou-se, em primeiro lugar, caracterizar a frequência com que os inquiridos realizam um conjunto de actividades relacionadas com o acompanhamento da vida escolar dos seus filhos/educandos.

Das actividades consideradas, aquela que os pais de filhos menores e/ou encarregados de educação realizam com maior frequência é a que corresponde a um menor envolvimento, designadamente perguntar aos filhos/educandos como lhes estão a correr as aulas (76% fazem-no com muita ou alguma regularidade). No pólo oposto figura a leitura de manuais escolares (mesmo assim somam 54% os que o fazem com muita ou alguma regularidade) (quadro nº 3).

Quadro nº 3

Q61 – Quanto à vida escolar do(s) filho(s)/educando(s) com que frequência costuma ou costumava...

n = 737

(percentagem em linha)

	Com que frequência costuma ou costumava...					Total	Média
	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Ns/Nr		
Perguntar-lhes como estão a correr as aulas	48,7	27,4	3,7	16,3	3,9	100,0	1,87
Inteirar-se dos trabalhos realizados na escola	40,3	29,6	8,7	17,5	3,9	100,0	2,04
Fazer-lhes perguntas sobre o que aprenderam	38,0	32,4	9,0	17,0	3,7	100,0	2,05
Saber quais os trabalhos de casa a fazer/feitos	39,1	28,1	9,5	19,1	4,2	100,0	2,09
Apoiar a realização dos trabalhos escolares	32,6	24,6	16,3	22,4	4,2	100,0	2,30
Ler os manuais escolares	25,0	28,6	17,6	24,4	4,3	100,0	2,43

Nota: Para os valores médios a escala varia entre 1 = Muitas vezes e 4 = Nunca.

O quadro nº 4 apresenta os apuramentos desta mesma pergunta agora tendo em conta o Grupo restrito. Em comparação com o Grupo alargado, constata-se que é mais intensa a frequência com que este grupo de inquiridos realiza todas as actividades consideradas. Dito de outra forma, as respostas Nunca, para este Grupo restrito, abrangem valores entre 3% e 11% dos casos, ao passo que, para o Grupo alargado, essa resposta negativa situa-se em valores consideravelmente superiores (entre os 16% e os 24%). Ainda no âmbito da comparação entre os dois grupos, repare-se que as actividades que o Grupo restrito realiza com maior frequência remetem para um acompanhamento mais quotidiano e mais próximo das obrigações escolares dos educandos. Um exemplo: Saber quais os trabalhos de casa a fazer/feitos é uma actividade realizada Muitas vezes por 52% dos que constituem o Grupo restrito, contra 39% do Grupo alargado. Parece, assim, detectar-se um acompanhamento mais activo por parte do Grupo restrito de encarregados de educação.

Quadro nº 4

Q61 – Quanto à vida escolar do(s) filho(s)/educando(s) com que frequência costuma ou costumava...

n = 483

(percentagem em linha)

	Com que frequência costuma ou costumava...					Total	Média
	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Ns/Nr		
Perguntar-lhes como estão a correr as aulas	61,3	31,5	4,6	2,5	0,2	100,0	1,48
Inteirar-se dos trabalhos realizados na escola	51,8	35,6	8,7	3,5	0,4	100,0	1,64
Saber quais os trabalhos de casa a fazer/feitos	51,6	33,3	10,8	4,1	0,2	100,0	1,67
Fazer-lhes perguntas sobre o que aprenderam	46,8	38,9	9,9	4,1	0,2	100,0	1,71
Apoiar a realização dos trabalhos escolares	42,4	30,8	18,4	8,1	0,2	100,0	1,92
Ler os manuais escolares	32,3	37,3	19,7	10,6	0,2	100,0	2,09

Notas: i) Resultados apurados para o Grupo restrito (Encarregados de educação de pelo menos um educando que frequenta qualquer grau de ensino entre o 1º ciclo do ensino básico e o ensino Secundário); ii) Para os valores médios a escala varia entre 1 = Muitas vezes e 4 = Nunca.

Um outro aspecto tido em consideração neste módulo prende-se com as iniciativas dos próprios pais e/ou encarregados de educação no sentido de *estimular as práticas de leitura* dos respectivos filhos/educandos (gráfico nº 1). Os resultados obtidos (para o Grupo alargado) permitem diferenciar as iniciativas de *maior adesão*: oferta de livros adequados (76%), a iniciação do contacto com os livros através dos ‘livros-brinquedo’ (73%), a leitura de livros antes que os filhos/educandos tenham aprendido a fazê-lo (70%); as de *adesão intermédia*: Aconselhá-los a que reservem tempo para ler (56%) e Conversar com eles sobre os livros que lêem (51%) e, por fim, as de *menor adesão*: Levá-los a livrarias (23%), Participar em programas de estímulo à leitura promovidos pela escola (21%), Levá-los a bibliotecas/mediatecas (15%) e Participar em programas

de estímulo à leitura promovidos por bibliotecas públicas (11%). Trata-se, neste último caso, de iniciativas mais exigentes em disponibilidade de tempo e participação activa, o que ajuda a entender os valores bastante mais baixos.

Gráfico nº 1
Iniciativas tomadas por pais e/ou encarregados de educação para estimular as práticas de leitura do(s) seu(s) filho(s)/educando(s) quando crianças
 n = 737
 (percentagem)



Estes resultados vão ao encontro das conclusões de um outro inquérito realizado entre 1990 e 1992 em Portugal³³ onde as autoras concluíam que “os pais revelam interesse pelo conteúdo dos livros, pois não só procuram comprar obras de qualidade como dialogam sobre o assunto com os filhos” (Magalhães e Alçada, 1993: 107).

A realização de uma análise em componentes principais mostra a existência de dois grupos de respostas que evidenciam iniciativas distintas de estímulo à leitura, aqui classificadas como *externalistas* e *intimistas* (quadro nº 5).

As primeiras implicam necessariamente a intervenção de outros agentes e são realizadas num contexto não doméstico. Estas medidas compreendem a participação em programas de estímulo à leitura promovidos quer pelas bibliotecas públicas quer pelas escolas, a visita a bibliotecas/mediatecas e ainda a visita a livrarias.

³³ Trata-se do estudo *Os Jovens e a Leitura nas vésperas do Século XXI* que incluiu inquéritos a alunos (do 1º, 2º e 3º ciclos do ensino básico), professores do 1º ciclo, Professores da disciplina de Português do 2º e 3º ciclos, Directores de escolas, presidentes ou membros de conselhos directivos, responsáveis por bibliotecas escolares e pais ou encarregados de educação dos alunos inquiridos. O inquérito aos pais ou encarregados de educação foi aplicado a 3.470 indivíduos.

Do conjunto de *iniciativas intimistas* (por parte de pais e/ou encarregados de educação) fazem parte a oferta de livros adequados, a leitura de livros antes que os filhos/educandos tenham aprendido a fazê-lo, a iniciação do contacto com os livros através dos 'livros-brinquedo', o conversar com eles sobre os livros que lêem e o aconselhamento a que reservem tempo para ler.

Quadro nº 5
Iniciativas de estímulo a práticas de leitura de filhos/educandos
(análise em componentes principais)

	Factor 1	Factor 2
Externalistas		
Participar em programas de estímulo à leitura promovidos por bibliotecas públicas	,785	,022
Participar em programas de estímulo à leitura promovidos pela escola	,733	,166
Levá-los a bibliotecas/mediatecas	,729	,041
Levá-los a livrarias	,624	,190
Intimistas		
Oferecer-lhes livros que acha adequados	,119	,775
Ler para eles antes de terem aprendido a fazê-lo	,108	,766
Iniciar o contacto com os livros através de 'livros-brinquedo'	,000	,724
Conversar com eles sobre os livros que lêem	,485	,531
Aconselhá-los a que reservem tempo para ler	,440	,508

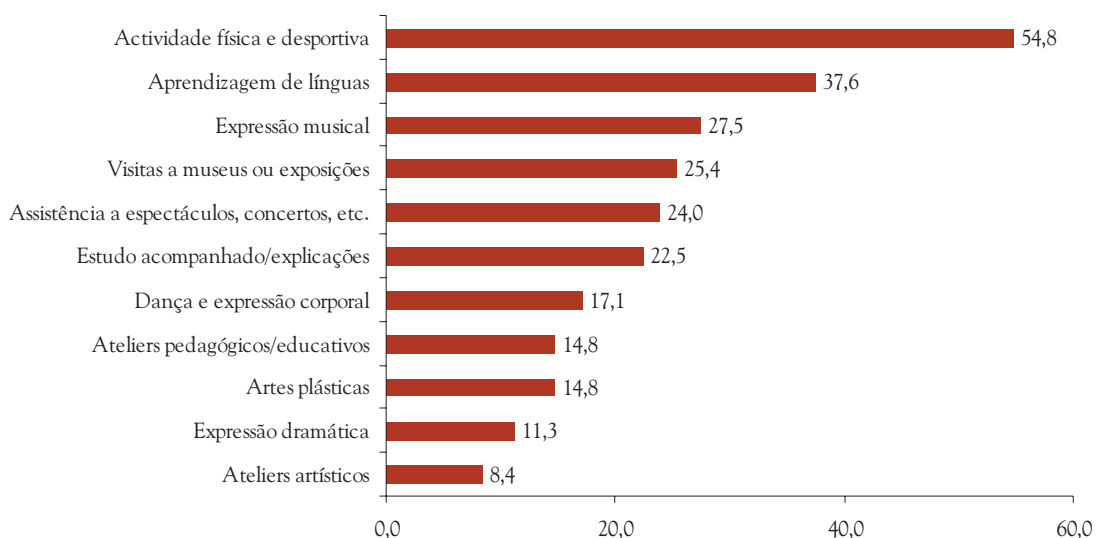
Percentagem de variância explicada = 54%.

Também se procurou indagar se os pais e/ou encarregados de educação incentivam actividades de natureza complementar à formação escolar (gráfico nº 2).

Entre as opções de resposta consideradas, o incentivo maioritariamente apontado é o da Actividade física e desportiva (55%), tendo as restantes actividades obtido valores consideravelmente mais baixos (entre 38% e 8%). Repare-se que, à excepção da Expressão musical (referida por 28% dos inquiridos), o incentivo às práticas de expressão artística é sempre o menos referido (entre 17% – Dança e expressão corporal – e 8% – Ateliers artísticos).

Gráfico nº 2
Incentivo à prática de actividades complementares à formação escolar

n = 737
 (percentagem)



A análise em componentes principais mostra a existência de três aglomerados de respostas relativas às actividades incentivadas por pais e/ou encarregados de educação (quadro nº 6). Um primeiro grupo associa incentivos a actividades de *expressão artística*; um segundo grupo, incentivos a *práticas culturais e desportivas*, em que se inclui a expressão musical; um terceiro grupo, actividades relacionadas com o *estudo e aprendizagem*.

Quadro nº 6
Incentivo à prática de actividades complementares
 (análise em componentes principais)

	Factor 1	Factor 2	Factor 3
Expressão artística			
Ateliers artísticos	,796	,106	,198
Ateliers pedagógicos/educativos	,705	,187	,187
Dança e expressão corporal	,699	,225	,068
Expressão dramática	,682	,278	,145
Artes plásticas	,674	,263	,180
Práticas culturais e desportivas			
Assistência a espectáculos, concertos, etc.	,269	,733	,109
Expressão musical	,354	,730	-,013
Actividade física e desportiva	,034	,633	,454
Visitas a museus ou exposições	,272	,620	,264
Estudo/Aprendizagem			
Estudo acompanhado/explicações	,329	,033	,829
Aprendizagem de línguas	,158	,364	,709

Percentagem de variância explicada = 62%.

Uma outra questão inquirida neste módulo prende-se com a orientação das leituras dos respectivos filhos/educandos (quadro nº 7). A maioria dos pais e/ou encarregados de educação (Grupo alargado) afirma não orientar as leituras dos seus filhos/educandos (58%). No entanto, não deixa de ser interessante constatar aqui, uma vez mais (ver atrás quadro nº 4), que, pelo contrário, a maioria dos que constituem o Grupo restrito de encarregados de educação afirma fazê-lo (53%).

Quadro nº 7

Q64 – Costuma orientar as leituras do(s) de(u)s filho(s)/educando(s)?
(percentagem em coluna)

	Grupo alargado	Grupo restrito
Sim	41,8	52,6
Não	58,2	47,4
<i>Bases</i>	737	483

Mas se é possível fazer esta distinção entre estes dois grupos de inquiridos face à prática de orientação da leitura dos filhos/educandos, já os motivos por que o fazem não apresentam diferenças assinaláveis (quadro nº 8). Registe-se apenas que o peso percentual de cada motivo é ligeiramente mais elevado no Grupo restrito de encarregados de educação, sem que isso interfira na hierarquia das respostas dos dois grupos.

Em termos globais, o desenvolvimento da Imaginação e da criatividade é o motivo mais referido (93% para o Grupo alargado e 94% para o Grupo restrito) ao passo que a familiarização com bons autores é o menos evocado (60% e 63%, respectivamente). Todos os restantes motivos foram evocados por mais de 80% dos inquiridos.

Quadro nº 8

Q65 – Por que motivo(s) [orienta as leituras dos seus filhos/educandos]?
(percentagem)

	Grupo alargado	Grupo restrito
Para que desenvolvam a imaginação e a criatividade	92,9	93,7
Para que desenvolvam a expressão escrita e oral	90,9	92,5
Para que gostem de ler cada vez mais	90,6	92,1
Para que adquiram uma boa cultura geral	89,9	91,7
Para que ganhem boas bases de ortografia e gramática	87,0	90,9
Para os ajudar a encontrar livros que os entusiasmem	85,1	86,2
Para que fiquem melhor preparados para a vida	83,1	85,4
Para evitar que leiam livros que não são próprios para a idade deles	80,5	84,3
Para que se familiarizem com bons autores	60,1	62,6
<i>Bases</i>	308	254

Notas: i) Pergunta destinada apenas aos que orientam as leituras dos seus filhos educandos; ii) As percentagens referem-se às respostas Sim.

2.2. POSICIONAMENTO SOBRE AS ACTIVIDADES DA ESCOLA

Outra das dimensões tidas em conta refere-se ao posicionamento dos pais e/ou encarregados de educação sobre as actividades da Escola, designadamente a importância que estes atribuem às actividades directamente relacionadas com a promoção da leitura e, no caso específico do Grupo restrito, a interligação que estabelecem com a instituição escolar.

Importância atribuída às actividades de promoção da leitura

O incentivo à leitura de livros adequados à idade dos alunos apresenta-se como a acção mais valorizada por parte dos inquiridos (48% consideram-na Muito importante) (quadro nº 9). A este propósito, chama-se à atenção para o facto de a adequação à idade ser um aspecto já anteriormente frisado: lembre-se que a oferta de livros adequados é o meio a que os inquiridos mais recorrem no sentido de estimular a leitura dos respectivos filhos/educandos (76%, ver atrás gráfico nº 1). Mas voltando ao contexto escolar: retenha-se a importância atribuída à dedicação de mais tempo lectivo à literatura (43% consideram-na Muito importante)³⁴. Repare-se ainda que apesar de a promoção de sites na Internet sobre a leitura apresentar os valores mais elevados para

³⁴ De notar que vários autores defendem que o nível de leitura beneficia do número de horas de educação literária (Verboord e Rees, 2003: 285-288).

Pouco importante e Nada importante, não deixa de ser interessante que mais de metade dos inquiridos a considerem Importante, o que já indicia uma considerável abertura que vai ao encontro do crescente recurso às TIC na promoção da leitura.

Quadro nº 9

Q66 – Qual a sua opinião sobre o grau de importância das seguintes acções a promover pela escola no sentido de estimular a leitura do(s) seu(s) filho(s)/educando(s)?

n = 737

(percentagem em linha)

	Grau de importância atribuída					Total	Média
	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante	Ns/Nr		
Incentivar a leitura de livros adequados à idade dos alunos	47,9	46,1	1,1	0,9	3,9	100,0	1,53
Dedicar mais tempo lectivo à literatura	43,0	50,5	1,8	0,7	4,1	100,0	1,58
Promover actividades lúdicas à volta de livros e autores	38,5	54,3	2,0	0,5	4,6	100,0	1,63
Promover as actividades das bibliotecas escolares	37,7	54,1	3,0	0,9	4,2	100,0	1,66
Realizar feiras de livros	34,7	53,1	6,5	1,2	4,5	100,0	1,73
Incentivar o intercâmbio de livros entre alunos	34,6	52,2	7,6	1,5	4,1	100,0	1,75
Realizar iniciativas conjuntas com as bibliotecas públicas	31,2	56,2	6,5	0,9	5,2	100,0	1,76
Promover concursos, jogos e prémios sobre a leitura	29,9	55,2	7,3	1,4	6,2	100,0	1,79
Promover clubes de leitura	26,5	57,0	8,4	1,1	7,1	100,0	1,83
Promover sites na Internet sobre a leitura em geral	22,0	54,1	12,8	2,8	8,3	100,0	1,96

Nota: Para a média, a escala varia entre 1 = Muito importante e 4 = Nada importante.

Comportamento enquanto Encarregado de Educação face à escola

Como se referiu anteriormente, a ligação dos encarregados de educação à escola foi um dos aspectos tidos em conta neste Módulo, tendo sido objecto de uma pergunta específica³⁵. O quadro nº 10 apresenta os resultados apurados para o Grupo restrito, nos quais é possível detectar três níveis de respostas. O contacto com o director de turma e a participação em reuniões de pais são as actividades mais presentes, a que se seguem Falar com outros professores do educando e Intear-se do regulamento interno da escola e, finalmente, as menos frequentes incluem-se numa vertente participativa – nas assembleias de escola e nas associações de pais.

³⁵ Saliente-se que o envolvimento individual dos encarregados de educação na escola é aqui confinado ao que está estabelecido na Lei nº 30/2002, de 20 de Dezembro (Estatuto do Aluno do Ensino não Superior).

Quadro nº 10

Q67 – O que faz e com que frequência enquanto Encarregado de educação com a escola?

n = 483

(percentagem em linha)

	Frequência					Total	Média
	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Ns/Nr		
Fala com o director de turma	28,2	48,0	14,9	7,5	1,4	100,0	2,02
Participa nas reuniões de pais	26,5	47,8	15,7	9,5	0,4	100,0	2,08
Fala com outros professores do (s) seu (s) filho(s)/educando (s)	18,2	44,3	24,0	12,6	0,8	100,0	2,31
Inteira-se do regulamento interno da escola	21,7	35,6	18,6	23,0	1,0	100,0	2,43
Participa nas assembleias de escola	12,8	25,5	22,6	38,3	0,8	100,0	2,87
Participa em associações de pais	11,2	21,9	25,3	41,0	0,6	100,0	2,97

Notas: i) Pergunta destinada apenas a Encarregados de educação; ii) Resultados apurados para o Grupo restrito (Encarregados de educação de pelo menos um educando que frequenta qualquer grau de ensino entre o 1º ciclo do ensino básico e o ensino Secundário); iii) Para os valores médios a escala varia entre 1 = Muitas vezes e 4 = Nunca.

2.3. POSICIONAMENTO SOBRE AS BIBLIOTECAS ESCOLARES E AS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

A terceira dimensão considerada neste módulo prende-se com a avaliação que os pais e/ou encarregados de educação fazem da frequência das bibliotecas por parte dos seus filhos/educandos.

Antes de passar à análise dos resultados, é necessário ter em conta dois aspectos. O primeiro refere-se ao facto desta avaliação ser feita pelos pais/encarregados de educação e não pelos próprios frequentadores (os filhos/educandos).

Um segundo aspecto prende-se com os dois tipos de bibliotecas alvo desta avaliação: as escolares e as municipais. Como se referiu no capítulo 2.2 da Parte I, as primeiras dependem dos estabelecimentos de ensino e destinam-se principalmente aos alunos (mas também a professores e outros funcionários); as segundas dirigem-se ao público em geral. Sendo certo que, no caso de Portugal, ambas foram alvo de importantes desenvolvimentos (designadamente através da criação, em 1987, da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas e, em 1997, da Rede de Bibliotecas Escolares), a sua distribuição pelo território português (em número e em localização geográfica) é bastante diferenciada.

Avaliação da frequência das respectivas bibliotecas pelos filhos/educandos

A partir das respostas dos pais e/ou encarregados de educação (Grupo alargado), verifica-se que a frequência de Bibliotecas escolares pelos respectivos filhos/educandos é superior à de Bibliotecas

municipais (quadro nº 11). Repare-se, por exemplo, que apenas 37% dos inquiridos afirma que os seus filhos/educandos Nunca frequentam Bibliotecas escolares, ao passo que a não frequência das Bibliotecas municipais situa-se num valor bastante mais elevado (51%). Destaca-se ainda a percentagem relativamente alta de não-respostas.

Quadro nº 11

Q68 – Com que frequência o(s) seu(s) filho(s)/educando(s) costuma(m) ir a cada um dos seguintes tipos de bibliotecas?

n = 737

(percentagem em linha)

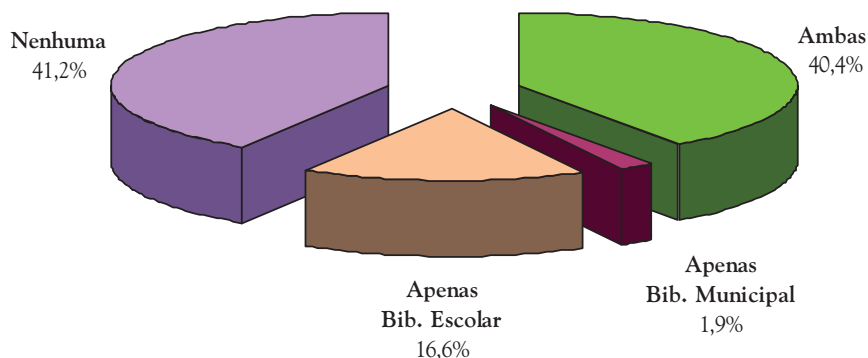
	Frequência das bibliotecas					Total	Média
	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Ns/Nr		
Biblioteca escolar	10,9	32,8	5,0	36,5	14,8	100,0	2,79
Biblioteca municipal	3,3	19,7	13,0	50,6	13,4	100,0	3,28

Notas: i) A escala varia entre 1 = Muitas vezes e 4 = Nunca.

No sentido de entender se a frequência destes dois tipos de bibliotecas se processa de forma cumulativa ou isolada procedeu-se a um aprofundamento dos dados com a criação de uma nova variável que compara a frequência das referidas bibliotecas por parte dos filhos/educandos independentemente da maior ou menor regularidade com que o fazem.

Os dados obtidos (gráfico nº 3) permitem concluir que, de acordo com os pais e/ou encarregados de educação, os respectivos filhos/educandos ou frequentam cumulativamente os dois tipos de bibliotecas (40%) ou não frequentam nenhuma (41%). É baixa a frequência de Apenas de bibliotecas escolares (17%) e ainda mais reduzida a de Apenas bibliotecas municipais (2%).

Gráfico nº 3
 Frequência de bibliotecas escolares e municipais por parte de filhos/educandos
 n = 622
 (percentagem)



Base: Respostas à Q68.1 e Q68.1. Exclui não respostas.
 Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p < 0,000$).

Para a análise das razões da não frequência das bibliotecas por parte dos respectivos filhos/educandos é necessário ter em conta não só o tipo de bibliotecas em questão como também a diferença de perspectivas veiculadas quer pelo Grupo alargado quer pelo Grupo restrito (quadro nº 12). De notar que, na opinião do Grupo alargado de pais e/ou encarregados de educação, a idade (precoce) dos filhos/educandos revela-se (entre os Outros motivos) como a razão mais condicionadora para a não frequência das Bibliotecas escolares (41%). Curiosamente, não é esta a razão mais vezes designada por estes relativamente às bibliotecas municipais (19%) mas sim Ter outras formas de aceder a livros (36%).

Quando se cinge a análise ao Grupo restrito, a idade (precoce) dos educandos deixa de ser o motivo mais evocado para a não frequência quer no caso das bibliotecas escolares (16%) quer no das bibliotecas municipais (6%). Para este grupo de inquiridos, a razão mais evocada para a não frequência, por parte dos respectivos educandos, de bibliotecas (tanto escolares como municipais) é Ter outras maneiras de aceder a livros (48% e 50% respectivamente).

Repare-se que, para o Grupo alargado, a Inexistência de bibliotecas por perto determina mais a não frequência de Bibliotecas municipais (25%) do que a não frequência de Bibliotecas escolares (16%). O mesmo acontece quando se tem em conta o Grupo restrito (38% para a não frequência

de Bibliotecas municipais e 30% para as escolares), o que, aliás, está de acordo com a maior disseminação e proximidade das bibliotecas escolares.

Quadro nº 12

Q69_1&2 – Porque razão ou razões acha que o(s) seu(s) filho(s)/educando(s) não frequentam Bibliotecas escolares e Bibliotecas municipais?
(percentagem)

	Bibliotecas escolares		Bibliotecas municipais	
	Grupo alargado	Grupo restrito	Grupo alargado	Grupo restrito
Tem outras maneiras de aceder a livros	30,9	48,2	36,2	50,0
Prioridade a outras actividades	23,4	38,4	26,5	37,5
Falta de tempo	20,1	34,8	25,2	36,0
Inexistência de bibliotecas por perto	16,4	30,4	25,2	37,5
Desinteresse	15,2	29,2	18,5	28,5
Falta de articulação entre actividades lectivas e a biblioteca	13,8	28,6	18,2	27,2
Falta de iniciativas atraentes por parte da biblioteca	11,9	22,3	16,4	22,5
Horários pouco flexíveis da biblioteca	11,5	23,2	14,7	23,5
Outros motivos	42,4	20,6	20,6	7,0
<i>Filhos/educandos muito novos</i>	40,5	16,1	19,3	6,0
<i>Restantes motivos</i>	1,9	4,5	1,3	1,0
<i>Bases</i>	269	112	373	200

Notas: i) Pergunta de resposta múltipla destinada aos inquiridos cujos filhos/educandos nunca frequentam os dois tipos de bibliotecas; ii) As percentagens referem-se às respostas Sim; iii) Os Outros motivos aqui apresentados (opção em aberto) resultam de uma codificação *a posteriori*.

Avaliação sobre estímulos para a leitura por parte das bibliotecas

Quanto aos estímulos para a leitura por parte das bibliotecas uma nota prévia para lembrar, no caso das bibliotecas da rede de leitura pública, existe desde 1997 um programa específico (Programa Nacional de Promoção da Leitura) lançado pelo então IPLB (actual DGLB) com o objectivo de “criar e consolidar os hábitos de leitura dos portugueses, com especial atenção para o público infante-juvenil, através de projectos e acções de difusão do livro e promoção da leitura, que cobrem todo o território nacional” (site da DGLB, Maio de 2007).

O quadro nº 13 refere-se à avaliação que os pais/encarregados de educação fazem sobre a forma como as bibliotecas podem estimular a leitura dos filhos/educandos.

Os resultados mostram que os inquiridos conferem um elevado grau de importância a cada um dos estímulos considerados (para qualquer destes, a soma das avaliações Muito importante e Importante ascende, no mínimo, a 85% das respostas).

Ainda assim, é possível destacar três estímulos mais valorizados: Ter uma selecção de livros adequada à idade que 56% dos inquiridos consideram Muito importante – repare-se que, mais uma

vez, sobressai a adequação à idade como factor importante para o estímulo à leitura (ver atrás quadro nº 9 e gráfico nº 1), Satisfazer o interesse e a curiosidade pessoais (55%) e Oferecer condições para desenvolver projectos escolares (51%).

Num grupo intermédio de formas estão o ambiente apelativo das bibliotecas³⁶, a associação da leitura a outras práticas culturais, o apoio à realização dos trabalhos de casa e o empréstimo domiciliário. Repare-se ainda que, dos estímulos considerados, aqueles que estão mais ligados às TIC, designadamente a possibilidade de acesso a suportes multimédia (Internet, CD, etc.), são relativamente pouco valorizados como formas de promoção da leitura. O mesmo acontece com actividades que promovam o contacto com escritores.

Quadro nº 13

Q70 – As bibliotecas podem estimular a leitura do(s) seu(s) filho(s)/educando(s) de várias formas. Que importância dá a cada uma das seguintes formas?

n = 644

(percentagem em linha)

	Importância atribuída					Total	Média
	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante	Ns/Nr		
Ter uma selecção de livros adequada à idade	56,1	39,1	1,2	0,6	3,0	100,0	1,45
Satisfazer o interesse e a curiosidade pessoais	54,8	40,8	0,5	0,8	3,1	100,0	1,46
Oferecer condições para desenvolver projectos escolares	51,1	43,9	0,9	0,8	3,3	100,0	1,50
Oferecer um ambiente atractivo	46,4	48,6	1,2	0,6	3,1	100,0	1,55
Associar a leitura a outras actividades culturais (teatro, conto, etc.)	41,3	52,2	2,5	0,8	3,3	100,0	1,61
Dar apoio à realização dos trabalhos de casa	43,9	44,7	5,4	1,4	4,5	100,0	1,63
Possibilitar o empréstimo domiciliário de livros, CDs, vídeos, etc.	41,1	48,6	4,8	1,9	3,6	100,0	1,66
Possibilitar o acesso a vários suportes multimédia (Internet, CD, etc)	36,3	52,0	6,4	0,9	4,3	100,0	1,71
Promover actividades com escritores	30,0	55,0	8,4	1,7	5,0	100,0	1,81

Notas: i) Pergunta destinada aos que responderam à Q68; ii) Para os valores médios a escala varia entre 1 = Muitas vezes e 4 = Nunca.

A análise em componentes principais mostra a existência de dois aglomerados de respostas (quadro nº 14). Do primeiro grupo – que agrega formas *lúdicas e culturais* de incentivo à leitura por parte das bibliotecas – faz parte o acesso a livros e a outros suportes de leitura; as diversas iniciativas de animação e promoção da leitura; a selecção de livros adequados à idade dos filhos/educandos e ainda o ambiente atractivo das bibliotecas. No segundo grupo, a agregação de respostas reflecte formas *instrumentais* de uso da biblioteca, designadamente no que se refere ao apoio a actividades escolares.

³⁶ Para o caso das bibliotecas escolares, o ambiente apelativo e a adequação aos graus de ensino dos equipamentos escolares em que estão instaladas são características importantes para as quais estudos recentes chamam à atenção. Cita-se, a título de exemplo, as recomendações a este propósito feitas num relatório australiano (Wollcott Research Pty Ltd, 2001: 31-32).

Quadro nº 14

Formas de incentivo à leitura por parte das bibliotecas
(análise em componentes principais)

	Factor 1	Factor 2
Lúdicas e culturais		
Possibilitar o acesso a vários suportes multimédia (Internet, CD, etc.)	0,791	0,241
Possibilitar o empréstimo domiciliário de livros, CD's, vídeos, etc.	0,786	0,151
Associar a leitura a outras actividades culturais (teatro, conto, etc.)	0,747	0,242
Oferecer um ambiente atractivo	0,740	0,380
Ter uma selecção de livros adequada à idade	0,680	0,429
Satisfazer o interesse e a curiosidade pessoais	0,604	0,577
Promover actividades com escritores	0,525	0,477
Instrumentais (apoio à escola)		
Dar apoio à realização dos trabalhos de casa	0,125	0,906
Oferecer condições para desenvolver projectos escolares	0,438	0,783
Percentagem de variância explicada = 68%.		

2.4. RELAÇÃO ENTRE O INCENTIVO À LEITURA RECEBIDO EM CRIANÇA E O INCENTIVO DADO AOS FILHOS/EDUCANDOS

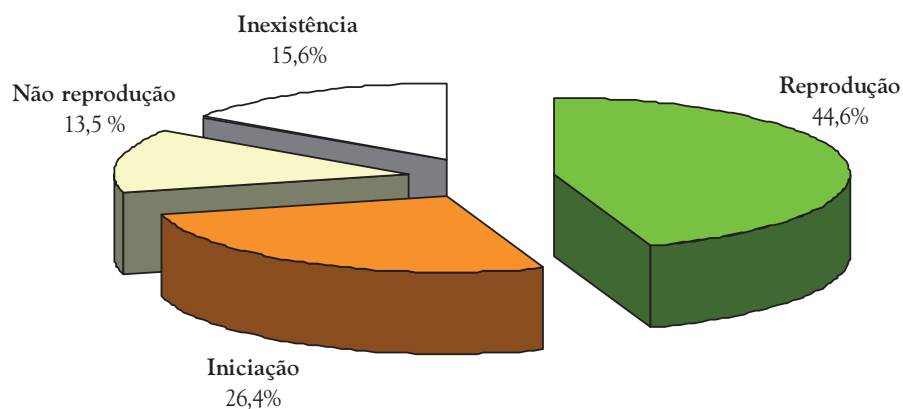
Este estudo possibilita a confrontação de alguns aspectos relacionados com os incentivos que o inquirido recebeu enquanto criança e os que desenvolve (ou fomenta) para os seus filhos/educandos. Consideram-se dois comportamentos: Ler para as crianças e Conversar sobre livros e leituras.

No que diz respeito a Ler para crianças, cruzando a variável “Em criança os seus familiares costumavam ler para si” com a variável “ler para eles [filhos/educandos] antes de eles terem aprendido a fazê-lo”, observa-se uma relação directa entre uma e outra prática: quanto mais intenso foi o incentivo à leitura no passado, mais frequentemente ele se reproduz quando os inquiridos assumem a qualidade de pais e/ou encarregados de educação.

O gráfico nº 4 estabelece essa relação distinguindo 4 situações: reprodução do incentivo em criança para os filhos (Reprodução); não reprodução do incentivo recebido em criança (Não reprodução); incentivo aos filhos apesar de não ter recebido esse incentivo em criança (Iniciação); ausência de incentivos quer em criança quer com os filhos (Inexistência).

Repare-se que a situação mais frequente é a Reprodução da prática de leitura para as crianças (45%). Pode concluir-se também que, apesar de tudo, se constata uma evolução positiva: mesmo aqueles que nunca foram ouvintes privilegiados das leituras têm práticas de leitura para os filhos (26%).

Gráfico nº 4
Ler para as crianças – relação entre incentivos recebidos e incentivos dados
n = 720
(percentagem)



Base: Respostas à Q2.2 e Q62.2. Exclui não respostas.
Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p < 0,000$).

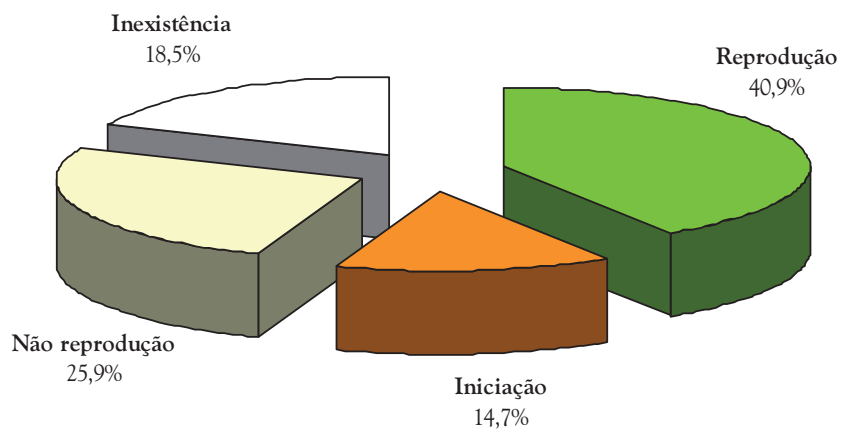
O mesmo exercício, mas agora tendo em conta o incentivo de Conversar com as crianças sobre livros e leituras (gráfico nº 5) mostra que é frequente a sua Reprodução (41%). Para este comportamento, porém, assumem valores mais elevados aqueles que, apesar dos respectivos progenitores terem conversado com eles sobre livros e leituras, deixam de o fazer enquanto pais/encarregados de educação (26%).

Gráfico nº 5

Conversar sobre livros e leituras – relação entre incentivos recebidos e incentivos dados

n = 421

(percentagem)



Base: Respostas à Q5.2 e Q62.7. Exclui não respostas.

Nota: Qui-quadrado estatisticamente significativo ($p < 0,001$).

3. BALANÇO DO MÓDULO ESPECÍFICO

Procura-se agora sintetizar alguns dos principais aspectos desenvolvidos neste Módulo Específico - Pais e/ou encarregados de educação.

Questões de método

Importa desde já frisar a diversidade de situações da população inquirida neste módulo quer no que diz respeito à acumulação (ou não) da condição de progenitor com a de encarregado de educação, quer ainda no que diz respeito à idade e situação escolar dos respectivos filhos/educandos.

Recorde-se que esta diversidade de situações conduziu, para efeitos de análise, à construção de dois grupos: 1. pais de filhos menores e/ou encarregados de educação (Grupo alargado, 737 casos, a totalidade dos inquiridos, ou seja, a sub-amostra que integra este módulo); 2. encarregados de educação que têm a seu cargo pelo menos um educando a frequentar um grau de ensino entre o 1º ciclo do ensino básico e o secundário (Grupo restrito, 483 casos, englobando apenas parte dos inquiridos).

Divisão que vai ao encontro de uma das hipóteses de partida deste estudo: ser no Grupo restrito que se verificará uma maior proximidade à vida escolar dos filhos/educandos (uma vez que os respectivos encarregados de educação são os seus responsáveis perante o sistema escolar) e uma maior adequação para se aferir sobre estímulos à leitura dos menores (uma vez que pelo menos um dos educandos destes inquiridos ou já sabe ler ou está em fase de aprendizagem da leitura).

Comparativamente com a amostra, a sub-amostra deste módulo apresenta algumas diferenças, entre as quais, a presença de aspectos a que não é alheia a própria condição de progenitor e/ou de encarregado de educação. Na sub-amostra, nove em cada dez inquiridos têm entre 25 e os 44 anos; são maioritariamente do sexo feminino; têm uma maior escolarização e estão esmagadoramente em situação laboral Activa.

Quanto às características dos respectivos filhos/educandos – informação obtida através de um bloco filtro (F) do questionário destinado também a seleccionar os indivíduos a inquirir – evidencia-se no Grupo alargado uma representação equilibrada das diferentes idades e situações escolares e, no Grupo restrito, uma natural subrepresentação de educandos com idades inferiores a 6 anos (fruto da própria definição deste grupo).

Resultados

Faz-se de seguida uma síntese dos principais resultados obtidos, seguindo a ordem das perguntas tal como formalizadas no questionário para os blocos temáticos deste Módulo (ver Questionário em Anexo).

1. Relativamente ao *posicionamento sobre as práticas de leitura dos filhos/educandos* evidencia-se, de acordo com a hipótese atrás avançada, que é mais intensa a frequência com que o Grupo restrito realiza um conjunto de actividades relacionadas com o acompanhamento escolar dos seus educandos, designadamente as que são mais próximas das obrigações escolares destes.

Quanto às iniciativas dos pais e/ou encarregados de educação no sentido de *estimular as práticas de leitura* dos seus filhos/educandos, sete em cada dez declaram oferecer-lhes livros adequados, iniciar o contacto destes com a leitura através de ‘livros-brinquedo’ e ler-lhes livros antes que estes tenham aprendido a fazê-lo. Uma proporção menor (cinco em cada dez) refere Aconselhar os filhos/educandos a reservar tempo para ler e Conversar com eles sobre os livros que lêem. De entre as iniciativas de menor adesão por parte dos inquiridos destacam-se, pela negativa, as relacionadas com as bibliotecas – Participar em programas de estímulo à leitura promovidos bibliotecas públicas (mais referidos os promovidos pelas escolas do que os promovidos pelas bibliotecas públicas) e Levá-los a livrarias.

Relativamente às actividades de natureza complementar à formação escolar, constata-se que a mais incentivada pelos pais e/ou encarregados de educação é a actividade física e desportiva (referida por metade dos inquiridos).

A orientação das leituras dos menores é uma prática mais comum para o Grupo restrito (metade afirma fazê-lo) do que para o Grupo alargado (apenas quatro em cada dez). Porém, os motivos por que orientam as leituras são idênticos para os dois grupos. Assim, do total de inquiridos que orienta a leitura dos respectivos filhos/educandos, nove em cada dez fá-lo para que: desenvolvam a imaginação e a criatividade; desenvolvam a expressão escrita e oral; gostem de ler cada vez mais; e para que adquiram uma boa cultura geral.

2. Os pais e/ou encarregados de educação atribuem muita importância a todas as actividades de promoção de leitura na escola que lhes foram indicadas. Ainda assim, a mais valorizada é o incentivo à leitura de livros adequados à idade dos respectivos filhos/educandos (a quase metade dos inquiridos considera-o Muito importante) e a menos valorizada é a promoção de sites na Internet sobre a leitura em geral, resultado a ter em conta na medida em que poderá traduzir um ainda reduzido acesso à recente utilização das TIC em programas de promoção da leitura. Quanto ao Grupo restrito, e quando indagados especificamente sobre a interligação com a escola, as actividades mais referidas são o contacto com o director de turma e a participação em reuniões de pais (quase metade destes inquiridos fá-lo Algumas vezes).

3. Passando ao *posicionamento sobre as bibliotecas escolares e as da rede de leitura pública*, e quando considerada a frequência destas por parte dos filhos/educandos, os resultados sugerem uma utilização cumulativa das bibliotecas (escolares e municipais). Indagados sobre os motivos que justificam a não frequência destas bibliotecas, mais uma vez se evidenciam diferenças entre os dois grupos inquiridos. Quanto às bibliotecas escolares, no Grupo alargado a idade (precoce) dos filhos surge como motivo mais evocado para a não frequência ao passo que, para o Grupo restrito, o motivo mais vezes evocado é ter outras formas de aceder a livros. Quanto às bibliotecas municipais, o motivo principal de não frequência é, para ambos os grupos, ter outras maneiras de aceder a livros.

Quanto à avaliação que os inquiridos fazem sobre a forma como as bibliotecas podem estimular a leitura dos filhos/educandos, os resultados mostram que, apesar da pouca frequência registada, os pais conferem um elevado grau de importância a todas as formas consideradas, com particular realce para as que contemplam a preocupação de adequação à idade, de satisfação do interesse pessoal e de apoio para desenvolver projectos escolares.

Para finalizar o capítulo, foi possível fazer uma confrontação entre dois incentivos à leitura que o inquirido recebeu enquanto criança e os que desenvolve (ou fomenta) para os seus filhos/educandos. Tendo em conta dois comportamentos: ler para as crianças e conversar com elas sobre livros e leituras, constata-se que, para ambos os casos, é mais frequente a situação de reprodução do incentivo.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALMEIDA, João Ferreira de, CAPUCHA, Luís, COSTA, António Firmino da, MACHADO, Fernando Luís e TORRES, Anália (2007), "A sociedade", em REIS, António (coord.), *Retrato de Portugal. Factos e acontecimentos*, Lisboa, Instituto Camões, Círculo de Leitores, Temas e Debates, pp. 43-79.
- ANACOM (2002), *Anuário Estatístico 2001*, Lisboa, Autoridade Nacional de Comunicações.
- ANACOM (2006), *Anuário Estatístico 2005*, Lisboa, Autoridade Nacional de Comunicações.
- BAHLOUL, Joëlle (1990), *Lectures précaires: Étude sociologique sur les faibles lecteurs*, Paris, Bpi-Centre Pompidou/DLL.
- BENAVENTE, Ana (coord.), ROSA, Alexandre, COSTA, António Firmino da e ÁVILA, Patrícia (1996), *A Literacia em Portugal: Resultados de uma Pesquisa Extensiva e Monográfica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- CARDOSO, Gustavo, COSTA, António Firmino da, CONCEIÇÃO, Cristina Palma e GOMES, Maria do Carmo (2005), *A Sociedade em Rede em Portugal*, Porto, Campo das Letras.
- CARDOSO, Gustavo (coord.) e MARTINS, Carla (2007), *Retrospectiva da área da comunicação: 2000 a 2005. Research Report*. Lisboa, OBERCOM - Observatório da Comunicação, nº3, 94 pp.
- CONDE, Idalina (1996), "Cenários de práticas culturais em Portugal (1979-1995)", em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 23, pp. 117-188.
- COSTA, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta.
- COSTA, António Firmino da, ÁVILA, Patrícia e MATEUS, Sandra (2002), *Públicos da Ciência em Portugal*, Lisboa, Gradiva.
- COSTA, António Firmino da, MAURITTI, Rosário, MARTINS, Susana da Cruz, MACHADO, Fernando Luís e ALMEIDA, João Ferreira de (2000), "Classes sociais na Europa", em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 34, pp. 9-46.
- COULANGEON, Philippe (2005), *Sociologie des Pratiques Culturelles*, Paris, La Découverte.
- DENDANI, Mohamed e REYSSET, Pascal (1998), "Lectures des magazines chez les étudiants : Lecture loisir, lecture scolaire", em *BBF*, nº 43(5), pp. 62-70.
- DONNAT, Olivier (1994), *Les Français Face à la Culture: de L'exclusion à L'eclectisme*, Paris, Éditions La Découverte.
- DONNAT, Olivier (dir.) (1998), *Les Pratiques Culturelles des Français: Enquête 1997*, Paris, Ministère de la Culture et de la Communication - Département des Etudes, de la Prospective et des Statistiques (DEPS).
- DONNAT, Olivier (2004), "Encuestas sobre los comportamientos de lectura. Cuestiones de método", em LAHIRE, Bernard (ed.), *Sociología de la Lectura*, Barcelona, Gedisa, pp. 59-84.
- EUROSTAT (2001), "Eurobarometer Survey on Europeans' Participation in Cultural Activities: Basic tables", Bruxelas, Eurostat (Eurobarometer 56.0 - Autumn 2001).

- EUROSTAT (2007), "Cultural Statistics in Europe. An overview", Bruxelas, Comissão Europeia, 8 pp.
- FREITAS, Eduardo de (1996), "Os Hábitos de Leitura dos Portugueses", em *Livros de Portugal*, nº IX (516).
- FREITAS, Eduardo de (1998), *As Bibliotecas em Portugal: Elementos para uma Avaliação*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- FREITAS, Eduardo de, CASANOVA, José Luís e ALVES, Nuno de Almeida (1997), *Hábitos de Leitura: um Inquérito à População Portuguesa*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- FREITAS, Eduardo de e SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (1991), "Inquérito aos hábitos de leitura (I)", em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 10, pp. 67-89.
- FREITAS, Eduardo de e SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (1992a), *Hábitos de Leitura em Portugal: Inquérito Sociológico*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- FREITAS, Eduardo de e SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (1992b), "Leituras e leitores II: Reflexões finais em torno dos resultados de um inquérito", em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 11, pp. 79-87.
- FURTADO, José Afonso (2003), "O papel e o pixel", <http://www.ciberscopio.net/artigos/tema3/cdif_05.pdf> acedida em 06-02-2007.
- GEPE (2001 - 2007), *Números da Educação 2001/2002 - 2006/2007*, Lisboa, Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação, Ministério da Educação.
- GOMES, Rui Telmo (2002), S/título, em AAVV, *O Estado das Artes. As Artes do Estado*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais, pp. 134-139.
- GOMES, Rui Telmo, (coord.), LOURENÇO, Vanda e NEVES, João Gaspar (2000), *Públicos do Festival de Almada*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- GOMES, Rui Telmo, LOURENÇO, Vanda e MARTINHO, Teresa Duarte (2006), *Entidades Culturais e Artísticas em Portugal*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- GRISWOLD, Wendy, MCDONNELL, Terry e WRIGHT, Nathan (2005), "Reading and the reading class in the twenty-first century", em *Annual Review of Sociology*, nº 31, pp. 127-141.
- HORELLOU-LAFARGE, Chantal (2005), "Qui lit quoi? Panorama de la lecture en France", em *Sciences Humaines*, nº 161, pp. 38-41.
- INE (1995-2003), *Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2002), *Inquérito aos Orçamentos Familiares 2000: Principais resultados*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- KNULST, Wim e BROEK, Andries van den (2003), "The readership of books in times of de-reading", em *Poetics*, nº 31, pp. 213-233.
- KNULST, Wim e KRAAYKAMP, Gerbert (1997), "The decline of reading. Leisure reading trends in the Netherlands (1955-1995)", em *Netherlands Journal of Social Sciences*, nº 2(33), pp. 130-150.
- KRAAYKAMP, Gerbert (2003), "Literacy socialization and reading preferences. Effects of parents, the library, and the school", em *Poetics*, nº 31, pp. 235-257.
- LOPES, Guilhermina Calado, COELHO, Edviges, NEVES, José Soares, GOMES, Rui Telmo, PERISTA, Heloísa e GUERREIRO, Maria das Dores (2001), *Inquérito à Ocupação do Tempo 1999: Principais Resultados*, Lisboa, INE - Instituto Nacional de Estatística.

- LOPES, João Miguel Teixeira e ANTUNES, Lina (2001), *Novos Hábitos de Leitura: Análise Comparativa de Estudos de Caso*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- MAGALHÃES, Ana Maria e ALÇADA, Isabel (1993), *Os Jovens e a Leitura nas Vésperas do Século XXI*, Lisboa, Caminho.
- NEVES, José Soares (2003), "Cultura e lazer", *Portugal Social 1991-2001*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística, pp. 221-243.
- PAIS, José Machado, NUNES, João Sedas e MENDES, Fernando Luís (1994), *Práticas Culturais dos Lisboaetas*, Lisboa, ICS-UL.
- PETRAKOS, Michalis, PHOTIS, Stavropoulos, LEFTEROVA, Nevena e NIKOLAOU, Vassilis (2005), "Evaluation of the questionnaire on cultural participation included in the Eurobarometer survey: Comparison of Results between National Surveys on Cultural Participation and Eurobarometer Survey", Atenas, EUROSTAT e AGILIS.
- POULAIN, Martine (2004), "Entre preocupaciones sociales e investigación científica: el desarrollo de sociologías de la lectura en Francia en el siglo XX", em LAHIRE, Bernard (ed.), *Sociología de la Lectura*, Barcelona, Gedisa, pp. 17-57.
- RAMALHO, Glória (coord.) (2004), "Resultados do Estudo Internacional PISA 2003. Primeiro relatório nacional", Lisboa, Gabinete de Avaliação Educativa (GAVE), Ministério da Educação.
- RODRIGUES, Maria de Lurdes e MATA, João Trocado da (2003), "A utilização de computador e da Internet pela população portuguesa", em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 43, pp. 161-178.
- SALGADO, José Antonio (dir.) (2000), *Informe SGAE Sobre Hábitos de Consumo Cultural*, Madrid, SGAE e Fundació Autor.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (1992), "O público-leitor e a apropriação do texto escrito", em CONDE, Idalina (coord.), *Percepção Estética e Públicos da Cultura: compilação das comunicações apresentadas no colóquio realizado em 11 e 12 de Outubro de 1991*, Lisboa, ACARTE - Fundação Calouste Gulbenkian.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), ANTUNES, Lina, CONDE, Idalina, COSTA, António Firmino da, FREITAS, Eduardo de, GOMES, Rui Telmo, GONÇALVES, Carmen, GONÇALVES, Helena Seitas, LOPES, João Teixeira, LOURENÇO, Vanda, MARTINHO, António, MARTINHO, Teresa Duarte, NEVES, José Soares, NUNES, João Sedas, PEGADO, Elsa, PIRES, Isabel e SILVA, Francisco (1998), *As Políticas Culturais em Portugal*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos, COSTA, António Firmino da, GOMES, Rui Telmo, LOURENÇO, Vanda, MARTINHO, Teresa Duarte, NEVES, José Soares e CONDE, Idalina (1999), *Impactos Culturais da Expo'98*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.) e GOMES, Rui Telmo (2000), *Dinâmicas da Aplicação da Lei do Preço Fixo do Livro*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos, GOMES, Rui Telmo, NEVES, José Soares, LIMA, Maria João, LOURENÇO, Vanda, MARTINHO, Teresa Duarte e SANTOS, Jorge Alves dos (2002), *Públicos do Porto 2001*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), GOMES, Rui Telmo, LOURENÇO, Vanda, MARTINHO, Teresa Duarte, MOURA, Ana Mocuixe e SANTOS, Jorge Alves dos (2005), "Contribuições para a Formulação de Políticas Públicas no Horizonte 2013 relativas ao Tema

Cultura, Identidades e Património: Relatório Final", Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.

- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.) e NEVES, José Soares (2000), *Inquérito aos Museus em Portugal*, Lisboa, MC/IPM.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos, (coord.), NEVES, José Soares, SANTOS, Jorge Alves dos e NUNES, Joana Saldanha (2005), *O Panorama Museológico em Portugal [2000-2003]*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), NUNES, João Sedas, CRUZ, Sofia Alexandra e LOURENÇO, Vanda (2001), *Públicos do Teatro S. João*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- SILVA, António José Lopes da (2006), *Os Diários Generalistas Portugueses em Papel e Online*, Lisboa, Livros Horizonte.
- SILVA, Augusto Santos (2004), "As redes culturais: balanço e perspectivas da experiência portuguesa, 1987-2003", em AAVV, *Públicos da Cultura*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais, pp. 241-283.
- SIM-SIM, Inês e RAMALHO, Glória (1993), *Como Lêem as Nossas Crianças? Caracterização do Nível de Literacia da População Escolar Portuguesa*, Lisboa, Gabinete de Estudos e Planeamento (GEP) - Ministério da Educação .
- SINGLY, François de (2005), "Les étudiants lisent encore!" em *Sciences Humaines*, nº 161, pp. 28-33.
- SKALIOTIS, Michail (2002), "Keys figures on cultural participation in the European Union", comunicação apresentada na Conferência Statistics in the Wake of Challenges Posed by Cultural Diversity in a Globalization Context, Montréal, 21 a 23 de Outubro.
- SPADARO, Rosario (2002), "Europeans' participation in cultural activities: a Eurobarometer survey carried out at the request of the European Commission - Executive summary", Bruxelas, Eurostat.
- TAVAN, Chloé (2003), "Les pratiques culturelles: le rôle des habitudes prises dans l'enfance", em *INSEE Première*, nº 883.
- Turku School of Economics and Business Administration e Rightscom Ltd (2005), *Publishing Market Watch. Final Report*, Bruxelas, Comissão Europeia.
- VAN DIJK, Jan A. G. M. (2006), "Digital divide research, achievements and shortcomings", em *Poetics*, nº 34, pp. 221-235.
- VERBOORD, Marc e REES, Kees VAN (2003), "Do changes in socialization lead do decline in reading level? How parents, literary education, and popular culture affect the level of books read", em *Poetics*, nº 31, pp. 283-300.
- VIEGAS, José Manuel Leite (2004), "Implicações democráticas das associações voluntárias. O caso português numa perspectiva comparativa europeia", em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 46, pp. 33-50.
- VIEGAS, José Manuel Leite e COSTA, António Firmino da (orgs.) (1998), *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras, Celta.
- VILLAS-BOAS, Maria Adelina, SÃO PEDRO, Maria Emília e FONSECA, Marieta Pinto (2000), *Uma Visão Prospectiva da Relação Escola/Família/Comunidade: Relatório Final*, Lisboa, Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento - Ministério da Educação / Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Wollcott Research Pty Ltd (2001), *Young Australians Reading: From Keen to Reluctant Readers*, Melbourne, Australian Centre for Youth Literature.

FONTES

Lei nº 30/2002, de 20 de Dezembro (Estatuto do Aluno do Ensino não Superior).

Resolução do Conselho de Ministros nº 86/2006, de 12 de Julho (Plano Nacional de Leitura).

INE (2006), Infoline no endereço <<http://www.infoline.pt/>> acedido em Dezembro de 2006.

ANEXO
Questionário

Bom dia/boa tarde/boa noite. Chamo-me _____ sou entrevistador (a) da INTERCAMPUS, um instituto de estudos de mercado e opinião e estou a fazer um inquérito sobre “A leitura em Portugal” a realizar pelo Observatório das Actividades Culturais para o Ministério da Educação. Gostaria de fazer algumas perguntas sobre este assunto à pessoa desta casa, que, sabendo ler e escrever, tenha 15 ou mais anos e tenha sido a última a fazer anos.

Peço-lhe o favor de responder com toda a verdade às perguntas que lhe vou fazer, na certeza de que tudo o que me disser é confidencial. O inquérito é anónimo e as suas respostas serão utilizadas apenas para fins estatísticos.

A. LEITURA EM PORTUGAL

MÓDULO GERAL

A. ANTECEDENTES DA PRÁTICA DE LEITURA

A.1. Socialização primária para a leitura

Q.1 Com que idade começou a aprender a ler? _____ **99**

Ns/Nr

(Se aprendeu a ler depois dos 14 anos ⇒ saltar para Q.6)

Q.2 Quando era criança... Mostrar Cartão 1

	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Ns/Nr
1. Via os seus pais ou familiares a ler	1	2	3	4	9
2. Os seus pais ou familiares costumavam ler para si	1	2	3	4	9
3. Os seus pais ou familiares costumavam dar-lhe livros ilustrados	1	2	3	4	9
4. Costumava trocar livros com outras crianças (da família / amigos / colegas)	1	2	3	4	9

Q.3 Quando era criança, alguém o incentivou a ler?

Sim 1
 Não 2
 Ns/Nr 9 } ⇒ (saltar para Q.6)

Q.4 (só para os que foram incentivados por alguém a ler) Quem o(a) incentivou a ler? (Resposta múltipla)

Pai 1
 Mãe 2
 Outros familiares 3
 Professores 4
 Amigos 5
 Outra (s) pessoa (s)
 Qual a sua relação com essa (s) pessoa (s)? _____

Q.5 (só para os que foram incentivados por alguém a ler) De que modo (s) o (a) incentivaram?
Mostrar Cartão 2

	Sim	Não	Ns/Nr
1. Lendo-lhe livros	1	2	9
2. Falando-lhe de livros e de leituras	1	2	9
3. Pedindo-lhe para ler em voz alta	1	2	9
4. Oferecendo-lhe livros	1	2	9
5. Levando-o(a) a bibliotecas	1	2	9
6. Levando-o(a) a livrarias	1	2	9

Q.5_1 Outros incentivos, Quais? _____

(Todos)

Q.6 (para todos) Em casa dos seus pais ou familiares havia/há muitos, alguns, poucos ou nenhum livro? (Resposta única)

Muitos 1
 Alguns 2
 Poucos 3
 Nenhum 7
 Ns/Nr 9

A.2. Gosto pela leitura na infância

Q.7 Em criança gostava de ler, ou não?

Sim, gostava 1
 Não, não gostava 2 ⇒ (saltar para Q.12)

Q.8 (só para os que gostavam de ler) Por que é que gostava de ler? Mostrar Cartão 3

	Sim	Não	Ns/Nr
1. Porque era um divertimento	1	2	9
2. Porque era incentivado(a) pela escola	1	2	9
3. Por curiosidade	1	2	9
4. Pela atracção por certos tipos de histórias	1	2	9
5. Porque era incentivado(a) pela família	1	2	9
6. Porque gostava de aprender	1	2	9

Q.8_1 Outras Razões, Quais? _____

Q.9 (só para os que gostavam de ler) **Indique um livro que lhe tenha sido particularmente importante para o despertar do seu gosto pela leitura. (pedir Autor e Título ou série/colecção)**

Q.9_1 Autor _____

Q.9_2 Título _____

Q.9_3 Série / Colecção _____

Nenhum 997 ⇒ (saltar para Q.11)

Ns/Nr 999 ⇒ (saltar para Q.11)

Q.10 (só para os que gostavam de ler) **E leu esse livro com que idade?**

|_____| **99** Ns/Nr

Q.11 (só para os que gostavam de ler) **Hoje em dia continua a gostar de ler ou deixou de gostar de ler?**

Continua a gostar 1 ⇒ **Q.11_1**

Deixou de gostar de ler 2 ⇒ **Q.11_2**

Q.11_1 E qual/quais a (s) razão (ões)?

Q.11_2 E qual/quais a (s) razão (ões)?

ENTREVISTADOR → Saltar para Q.14

Q.12 (só para os que não gostavam de ler, **Q.7 igual a Dígito 2**) **E por que é que não gostava de ler? Mostrar Cartão 4**

	Sim	Não	Ns/Nr
1. Porque gostava mais de brincar	1	2	9
2. Por falta de incentivo da escola	1	2	9
3. Por achar aborrecido	1	2	9
4. Por falta de incentivo familiar	1	2	9
5. Por ter começado a trabalhar cedo	1	2	9
6. Porque tinha dificuldade em compreender os livros	1	2	9

Q.12_1 Outras Razões, Quais? _____

Q.13 (só para os que não gostavam de ler) **Hoje em dia continua a não gostar de ler ou passou a gostar de ler?**

Continua a não gostar de ler 1 ⇒ **Q.13_1**

Passou a gostar de ler 2 ⇒ **Q.13_2**

Q.13_1 E qual/quais a (s) razão (ões)?

Q.13_2 E qual/quais a (s) razão (ões)?

B. PRÁTICA DE LEITURA DO INQUIRIDO NA ACTUALIDADE

B.1. Suportes e frequência de leitura

(todos)

Q.14 Dos seguintes tipos de jornais, lê habitualmente algum ou alguns deles? (Resposta múltipla) **Mostrar Cartão 5**

Generalistas/informação – diários	1
Generalistas/informação – semanários	2
Económicos	3
Desportivos	4
Culturais	5
Regionais/locais	6
Jornais de distribuição gratuita	7
Outro tipo de jornais, Qual/Quais? _____	
Não lê jornais	97 ⇒ <i>Saltar para Q.17</i>

Q.15 (*só para os que lêem jornais*) E que secção (ões) costuma habitualmente ler nos jornais? (Resposta múltipla) **Mostrar Cartão 6**

Anúncios/classificados	1
Artigos de opinião	2
Programação de cinema, espectáculos, concertos, exposições, televisão e rádio	3
Arte e cultura	4
Editorial	5
Entrevistas	6
Jogos/tiras de banda desenhada	7
Informática e novas tecnologias	8
Desporto	9
Economia	10
Religião	11
Política	12
Astrologia/biorrítmo	13
Problemas sociais	14
Publicidade	15
Tempo (meteorologia)	16
Vida social (festas privadas, vida de personalidades, etc.)	17
Outras secções de jornais, Qual/Quais? _____	
Ns/Nr	99

Q.16 (só para os que lêem jornais) **Lê ou assina algum jornal regional/local, nacional, ou estrangeiro, em papel ou on-line?** (resposta múltipla)

	Q.16_1 Suporte Papel			Q.16_2 On-Line		
	Lê	Assina	Não lê nem assina	Lê	Assina	Não lê nem assina
1. Jornal regional/local	1	2	7	1	2	7
2. Jornal nacional	1	2	7	1	2	7
3. Jornal estrangeiro	1	2	7	1	2	7

Todos

Q.17 (para todos) **Dos seguintes tipos de revistas, lê habitualmente alguma (s) delas?**
(Resposta múltipla) **Mostrar Cartão 7**

Banda desenhada	1
Científicas ou técnicas	2
Cultura, arte, literatura ou fotografia	3
Desporto, automóveis ou motos	4
Eróticas	5
Femininas	6
Informação geral	7
Informação económica/gestão	8
Informação televisiva	9
Informática	10
Jovens	11
Lazer/espectáculos (música, cinema)	12
Masculinas	13
Moda/decoração/culinária	14
Música/som	15
Natureza/animais/viagens	16
Vida social	17
Vídeo/cinema/fotografia	18
Revistas incluídas nos jornais	19
Outros tipos de revistas, Qual/Quais? _____	
Não lê revistas	97 ⇒ Saltar para Q.20

Q.18 (só para os que lêem revistas) **E com que frequência lê revistas?** (Resposta única) –
Mostrar Cartão 8

Pelo menos uma vez por semana	1
Menos de 1 vez por semana	2
Raramente	3
Ns/Nr	9

Q.19 (só para os que lêem revistas) Lê ou assina alguma revista nacional ou estrangeira, em papel ou on-line? (resposta múltipla)

	Q.19_1 Suporte Papel			Q.19_2 On-Line		
	Lê	Assina	Não lê nem assina	Lê	Assina	Não lê nem assina
1. Revista nacional	1	2	7	1	2	7
2. Revista estrangeira	1	2	7	1	2	7

Todos

Q.20 (para todos) De entre os seguintes géneros de livros da lista que lhe vou mostrar, quais os três géneros que lê mais frequentemente? (Máximo 3 respostas) – Mostrar Cartão 9

Banda desenhada	1
Enciclopédias/dicionários	2
Ensaio políticos, filosóficos ou religiosos	3
Livros científicos e técnicos	4
Livros de arte/fotografia	5
Livros de culinária / decoração / jardinagem / bricolagem	6
Livros de poesia	7
Livros de viagens / explorações / reportagens	8
Livros escolares	9
Livros infantis/juvenis	10
Policiais / espionagem / ficção científica	11
Romances de amor	12
Romances de grandes autores contemporâneos	13
Romances históricos	14
Não lê livros	97

ENTREVISTADOR:

Se **Q.20** “Não lê livros” (Código 97) e Afirmou ler Jornais na **Q.14** (Códigos 1 a 7 ou Outros) ou Lê Revistas na **Q.17** (Códigos 1 a 19 ou Outros) => Saltar para Q.27

Se **Q.20** “Não lê livros” (Código 97) e Afirmou não ler Jornais na **Q.14** (Código 97) nem Revistas na **Q.17** (Código 97) => Saltar para Q.26

Q.21 (só para os que lêem livros) Indique com que frequência costuma... Mostrar Cartão 10

	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Ns/Nr
1. Ler livros de autores portugueses	1	2	3	7	9
2. Ler livros de autores estrangeiros traduzidos para a língua portuguesa	1	2	3	7	9
3. Ler livros de autores estrangeiros em língua estrangeira	1	2	3	7	9

Q.22 (só para os que lêem livros) Quantos livros leu aproximadamente durante os últimos 12 meses, e por que razões? Mostrar Cartão 11

	1-3 Livros	4-7 Livros	8-12 Livros	13 Livros ou mais	Nenhum	Ns / Nr
1. Por razões profissionais	1	2	3	4	7	9
2. Por razões educativas (leitura obrigatória)	1	2	3	4	7	9
3. Por razões educativas (leitura não obrigatória)	1	2	3	4	7	9
4. Por outras razões sem ser para a escola/trabalho	1	2	3	4	7	9

Q.23 (só para os que lêem livros) Quantos livros lê normalmente durante um ano? Mostrar Cartão 12

- 1 Livro 1
- 2 a 5 livros 2
- 6 a 10 livros 3
- 11 a 20 livros 4
- Mais de 20 livros 5
- Ns/Nr 9

Q.24 (só para os que lêem livros) Há quanto tempo leu o último livro sem ser escolar ou profissional? (Resposta única) Mostrar Cartão 13

- Há menos de 1 mês 1
- Há cerca de 1 mês 2
- Há 2/3 meses 3
- Há cerca de 6 meses 4
- Há cerca de 1 ano 5
- Há mais de 1 ano 6
- Só lê livros de estudo ou profissionais 7

Q.25 (*só para os que lêem livros*) **Quais os 3 factores a que atribui mais importância na escolha ou selecção dos livros que lê, fora das necessidades escolares ou profissionais? (Máximo 3 respostas) Mostrar Cartão 14**

Indicação de amigos	1
Indicação de familiares	2
Indicação de colegas	3
Críticas lidas	4
Programas literários na televisão.....	5
Consulta de catálogos	6
Publicidade	7
Gosto pessoal	8
Indicação do livreiro/vendedor	9
Prémios atribuídos à obra ou ao autor	10
Agrado pela capa, título ou índice	11
Nome do autor.....	12
Outro (s) factor (es), Qual/quais? _____	
Ns / Nr	99

Q.26 (*só para os que não lêem nem jornais, nem revistas, nem livros*) **Disse que sabe ler, mas que não tem por prática ler livros, jornais ou revistas. Da lista que lhe vou mostrar a seguir, diga-me por favor o que lê no seu dia-a-dia? Mostrar Cartão 15**

	Sim	Não	Ns/Nr
1. Cartas ou recados	1	2	9
2. Mensagens de telemóvel (SMS)	1	2	9
3. Conteúdos na Internet, programas de conversação e de troca de mensagens electrónicas (e-mail)	1	2	9
4. Legendas da televisão / dos filmes	1	2	9
5. Receitas de cozinha	1	2	9
6. Publicidade/anúncios	1	2	9
7. Contas/recibos	1	2	9
8. Formulários / documentos	1	2	9
9. Marcas e preços de produtos	1	2	9
10. Instruções de aparelhos	1	2	9
11. Indicações de caixas e folhetos de medicamentos	1	2	9
12. Indicações das embalagens de alimentos ou outros produtos de consumo corrente	1	2	9

Saltar para Q.28

B.2. Locais de Leitura

Q.27 (para os que lêem livros, jornais ou revistas) Onde costuma ler habitualmente livros, jornais e revistas? **Mostrar Catão 16**

	Q.27_1 Livros	Q.27_2 Jornais	Q.27_3 Revistas
1. Em casa	1	1	1
2. Nos transportes públicos	2	2	2
3. No local de emprego / trabalho	3	3	3
4. No café ou restaurante	4	4	4
5. Em bibliotecas, mediatecas ou arquivos	5	5	5
6. Em casa de amigos/colegas	6	6	6
7. Em casa de familiares	7	7	7
8. Na escola	8	8	8
Noutro local, Qual?			
Noutro local, Qual?			
Noutro local, Qual?			
Noutro local, Qual?			
Noutro local, Qual?			
Noutro local, Qual?			
97. Não lê	97	97	97
99. Ns/Nr	99	99	99

Todos

Q.28 (para todos) Dos seguintes géneros de bibliotecas, costuma frequentar alguma (s) delas? **(Resposta múltipla) Mostrar Cartão 17**

- Nacional 1
- Municipal 2 => Faz Q.28_1
- Paroquial 3
- Itinerante 4
- Escolar 5 => Faz Q.28_2
- Universitária 6
- De empresa 7
- De colectividade 8
- Não vai a bibliotecas..... 9 => faz Q.29
(restantes saltam para Q.30)

Q.28_1 (só para os que frequentam Bibliotecas Municipais) Que tipo de secções procura nas bibliotecas municipais e com que frequência o faz? Mostrar Cartão 18

	Muitas vezes	Algumas vezes	Poucas vezes	Nunca	Ns/Nr
1. Pesquisa bibliográfica	1	2	3	7	9
2. Leitura geral	1	2	3	7	9
3. Secção de periódicos (jornais e revistas)	1	2	3	7	9
4. Sala de estudo	1	2	3	7	9
5. Multimédia - Música	1	2	3	7	9
6. Multimédia - Filmes	1	2	3	7	9
7. Multimédia - Acesso à Internet	1	2	3	7	9
8. Secção Infantil /Juvenil	1	2	3	7	9
9. Serviço de empréstimo domiciliário	1	2	3	7	9

Se Q.28, "Escolar" (código 5) => segue para **Q.28_2**
 Caso contrário => salta para **Q.30**

Q.28_2 (para os que frequentam bibliotecas escolares) Que tipo de secções procura nas bibliotecas escolares e com que frequência o faz? Mostrar Cartão 19

	Muitas vezes	Algumas vezes	Poucas vezes	Nunca	Ns/Nr
1. Pesquisa bibliográfica	1	2	3	7	9
2. Leitura geral	1	2	3	7	9
3. Secção de periódicos (jornais e revistas)	1	2	3	7	9
4. Sala de estudo	1	2	3	7	9
5. Multimédia - Música	1	2	3	7	9
6. Multimédia - Filmes	1	2	3	7	9
7. Multimédia - Acesso à Internet	1	2	3	7	9
8. Secção Infantil /Juvenil	1	2	3	7	9
9. Serviço de empréstimo domiciliário	1	2	3	7	9

ENTREVISTADOR: Seguir para Q.30

Q.29 (para os que *não* vão a bibliotecas) **Quais os principais motivos para não frequentar bibliotecas? (Resposta múltipla) Mostrar Cartão 20**

- Não conhece nenhuma 1
- Não há nenhuma por perto 2
- Prefere comprar e ler os seus livros 3
- O horário da (s) biblioteca (s) não lhe é conveniente 4
- Porque se sente pouco à vontade em bibliotecas..... 5
- Não gosta de frequentar bibliotecas 6
- Outros motivos, Quais? _____

ENTREVISTADOR: Seguir para Q.30

B.3. Utilização das TIC

Todos

Q.30 Com que frequência usa o computador? (Resposta única) Mostrar Cartão 21

- Diariamente ou quase 1
 - Pelo menos uma vez por semana 2
 - Raramente 3
 - Não sabe utilizar 4
 - Não tem acesso a computador 5
 - Não tem necessidade de usar o computador...6
- } **Saltar para a Q.32**

Q.31 (para os que usam o computador diariamente, uma vez por semana ou raramente) **Em que situação (ões) costuma utilizar a Internet? (Resposta múltipla) Mostrar Cartão 22**

- Situação de lazer 1
- Situação de estudo 2
- Situação profissional..... 3
- Não tem acesso à Internet 9 => **Passar à Q.32**

Q.31_1 (Para os que utilizam a Internet) **A partir de que locais e com que frequência costuma utilizar a Internet? Mostrar Cartão 23**

	Diariamente ou quase	Pelo menos uma vez por semana	Raramente	Nunca	Ns / Nr
1. A partir de casa	1	2	3	7	9
2. A partir da escola /universidade	1	2	3	7	9
3. A partir do trabalho / emprego	1	2	3	7	9
4. A partir de outros locais	1	2	3	7	9

Q.31_2 (Para os que utilizam a Internet) E para que usos costuma utilizar a Internet?
Mostrar Cartão 24

	Sim	Não	Ns/Nr
1. Para fazer compras	1	2	9
2. Para ver publicidade	1	2	9
3. Para ler livros de estudo/ profissionais	1	2	9
4. Para ler livros de ficção	1	2	9
5. Para fazer novos amigos ou namorados	1	2	9
6. Para comunicar com familiares, amigos ou conhecidos (programas de conversação, correio electrónico, etc.)	1	2	9
7. Para procurar indicações úteis	1	2	9
8. Para fazer <i>downloads</i> (musica, filmes, etc.)	1	2	9

Q.31_2.1 – Outros usos, Quais? _____

C. POSSE E COMPRA DE LIVROS

C.1. Volume e género de livros que o inquirido possui/existem em casa

Todos

Q.32 Tem livros em casa?

Sim 1
 Não 2 ⇒ *Saltar para Q.37*

Q.33 (*apenas para os que têm livros em casa*) Os livros que tem em casa são sobretudo livros de estudo ou profissionais, livros de lazer, ou tanto de uns como de outros? (Resposta única)

Sobretudo livros de estudo ou profissionais 1
 Sobretudo livros de lazer 2
 Tanto de uns como de outros 3
 Ns/Nr 9

Q.34 (apenas para os que têm livros em casa) De entre os seguintes géneros de livros da lista que lhe vou mostrar, quais os que tem em casa? (Resposta múltipla) Mostrar Cartão 25

Q.35 (apenas para os que têm livros em casa) E quais os três géneros que possui em maior quantidade? (máximo 3 respostas) Mostrar Cartão 26

	Q.34 ... tem em casa	Q.35 ... possui em maior quantidade
Banda desenhada	1	1
Enciclopédias/dicionários	2	2
Ensaio políticos, filosóficos ou religiosos	3	3
Livros científicos e técnicos	4	4
Livros de arte/fotografia	5	5
Livros de culinária / decoração / jardinagem / bricolagem	6	6
Livros de poesia	7	7
Livros de viagens / explorações / reportagens	8	8
Livros escolares	9	9
Livros infantis/juvenis	10	10
Policiais / espionagem / ficção científica	11	11
Romances de amor	12	12
Romances de grandes autores contemporâneos	13	13
Romances históricos	14	14
Ns/Nr	99	99

Q.36 (apenas para os que têm livros em casa) Quantos livros existem aproximadamente na sua casa, sem contar com os livros escolares? (Resposta única)

- Até 20 livros 1
- De 21 a cerca de 50 livros 2
- De 51 a cerca de 100 livros 3
- De 101 a cerca de 500 livros 4
- De 501 a cerca de 1000 livros5
- Mais de 1000 livros 6
- Ns/Nr 9

C.2. Frequência e locais de aquisição

Todos

Q.37 No último ano, quantos livros comprou, aproximadamente, sem serem escolares ou profissionais? (Resposta única) Mostrar Cartão 27

- 1 a 5 1
 - 6 a 10 2
 - 11 a 15 3
 - 16 a 20 4
 - 21 a 30 5
 - Mais de 30 6
 - Nenhum 7
 - Ns/Nr 9
- } *Saltar para Q.42*

Q.38 (para os que compraram livros no último ano) Com que frequência compra livros sem serem escolares ou profissionais nos seguintes locais? Mostrar Cartão 28

	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Ns / Nr
1. Livrarias em centros comerciais	1	2	3	7	9
2. Outras livrarias	1	2	3	7	9
3. Quiosque/tabacaria	1	2	3	7	9
4. Super/hipermercado	1	2	3	7	9
5. Feiras do livro	1	2	3	7	9
6. Alfarrabista/livros em segunda mão	1	2	3	7	9
7. Através de algum clube do livro	1	2	3	7	9
8. Por encomenda postal/correspondência	1	2	3	7	9
Outro lugar, Qual? (Especificar)	1	2	3	7	9
Outro lugar, Qual? (Especificar)	1	2	3	7	9
Outro lugar, Qual? (Especificar)	1	2	3	7	9
Outro lugar, Qual? (Especificar)	1	2	3	7	9

ENTREVISTADOR VERIFICAR Q.38

Se “NUNCA” compra livros em Livrarias (Código 1 e/ou 2 assinalados com código 7) => Faz Q.39
Caso contrário, segue para Q.40

Q.39 (para os que compraram livros no último ano mas NUNCA em livrarias) Porque motivo (s) não costuma comprar livros sem serem escolares ou profissionais em livrarias? (Máximo 3 respostas) Mostrar cartão 29

- Não conhece nenhuma 1
 - Não há nenhuma perto 2
 - Lê pouco e não vale a pena 3
 - Nas livrarias os livros são mais caros 4
 - Não gosta de entrar em livrarias 5
 - Prefere comprar noutros locais 6
 - Ns/Nr 9
- (segue para Q.40)

Q.40 (para os que compraram livros no último ano) Com que frequência costuma comprar livros de qualquer género em sites portugueses ou estrangeiros de venda de livros pela Internet? **Mostrar Cartão 30**

	Muitas Vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Ns / Nr
1. Sites portugueses de venda de livros pela Internet	1	2	3	7	9
2. Sites estrangeiros de venda de livros pela Internet	1	2	3	7	9

Se “**Nunca**” compra livros em sites portugueses (opção 1 código 7) nem em sites estrangeiros (opção 2 código 7) => **Salta para Q.41**

Caso contrário, segue para **Q.40_1**

Q.40_1 (Só para os que compram livros através de sites na Internet) **Se compra livros de qualquer género através da Internet, qual ou quais o (s) principal (ais) motivos porque o faz?**
(Máximo 3 respostas) **Mostrar Cartão 31**

- Não é necessária a deslocação ao ponto de venda 1
- Os livros são mais baratos 2
- É mais fácil escolher um livro 3
- É mais rápido encontrar o que se pretende4
- É mais fácil a aquisição no estrangeiro 5
- Há maior variedade 6
- Ns/Nr 9

Q.41 (para os que compraram livros no último ano) Com que frequência costuma comprar livros para oferecer? (Resposta única)

- Muitas vezes 1
- Algumas vezes 2
- Raramente..... 3
- Nunca7
- Ns/Nr 9

Todos

Q.42 Com que frequência costuma utilizar os seguintes meios de acesso a livros, partes de livros, artigos, etc? **Mostrar Cartão 32**

	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Ns / Nr
1. Pede livros emprestados	1	2	3	7	9
2. Requisita livros em bibliotecas	1	2	3	7	9
3. Faz fotocópias de livros profissionais ou escolares	1	2	3	7	9
4. Faz fotocópias de outros livros	1	2	3	7	9
5. Faz <i>download</i> dos respectivos ficheiros na Internet	1	2	3	7	9

D. PRÁTICAS CULTURAIS DO INQUIRIDO

D.1. Diferentes actividades e sua frequência

Todos

**Q.43 Indique com que frequência realiza actualmente cada uma das seguintes actividades...
Mostrar Cartão 33**

	Diariamente ou quase	Pelo menos 1 vez por semana	Raramente	Nunca	Ns / Nr
1. Ver televisão	1	2	3	7	9
2. Ouvir rádio	1	2	3	7	9
3. Ouvir música gravada em mp3, CD's, LP's ou cassetes	1	2	3	7	9
4. Ver filmes em vídeo ou DVD	1	2	3	7	9
5. Ler livros (excluindo escolares ou profissionais)	1	2	3	7	9
6. Ler jornais	1	2	3	7	9
7. Jogar jogos electrónicos (consolas, telemóvel, computador)	1	2	3	7	9
8. Jogar outros jogos (cartas, xadrez, etc.)	1	2	3	7	9
9. Usar a Internet	1	2	3	7	9

**Q.44 Indique com que frequência realiza cada uma das seguintes actividades... Mostrar
Cartão 34**

	Diariamente ou quase	Pelo menos 1 vez por semana	Raramente	Nunca	Ns / Nr
1. Ir ao café ou esplanada	1	2	3	7	9
2. Ir a centros comerciais	1	2	3	7	9
3. Passear em espaços ao ar livre (jardins, parques, etc.)	1	2	3	7	9
4. Encontrar-se com amigos	1	2	3	7	9
5. Frequentar associações recreativas locais	1	2	3	7	9

**Q.45 Indique com que frequência realiza actualmente cada uma das seguintes actividades...
Mostrar Cartão 35**

	Pelo menos 1 vez por mês	Pelo menos 1 vez por trimestre	Raramente	Nunca	Ns / Nr
1. Ir ao teatro	1	2	3	7	9
2. Ir a espectáculos de dança	1	2	3	7	9
3. Ver exposições	1	2	3	7	9
4. Ir a bibliotecas	1	2	3	7	9
5. Ir a museus	1	2	3	7	9
6. Visitar monumentos, sítios arqueológicos	1	2	3	7	9
7. Ir a concertos de música erudita/clássica	1	2	3	7	9
8. Ir a concertos de música popular/moderna	1	2	3	7	9
9. Ir ao cinema	1	2	3	7	9
10. Assistir a eventos desportivos	1	2	3	7	9
11. Ir a festas populares	1	2	3	7	9
12. Ir a discotecas e/ou bares	1	2	3	7	9

Q.46 Costuma praticar alguma das seguintes actividades? Mostrar Cartão 36

	Sim, como profissional	Sim, como frequentador de curso/aulas	Sim, como ocupação de tempos livres	Não costuma
1. Actuar num grupo de teatro	1	2	3	7
2. Tocar um instrumento musical / cantar	1	2	3	7
3. Fazer ballet/ dança	1	2	3	7
4. Pintar/desenhar/esculpir	1	2	3	7
5. Escrever	1	2	3	7
6. Fazer fotografia	1	2	3	7
7. Fazer vídeo/cinema	1	2	3	7
8. Realizar uma actividade desportiva	1	2	3	7
9. Participar/manter um <i>blog</i> ou <i>chat-room</i> na Internet	1	2	3	7
10. Criar/manter um site na Internet	1	2	3	7

Q.47 Relativamente a cada tipo de organização que lhe vou indicar, diga por favor se é sócio, se participa ou se não é sócio nem participa nas respectivas actividades...

Mostrar Cartão 37

	Sim, é sócio	Sim, participa	Não é sócio nem participa	Ns / Nr
1. Associação cultural ou artística	1	2	3	9
2. Associação de estudantes	1	2	3	9
3. Associação recreativa	1	2	3	9
4. Associação regional (casa concelhia, etc.)	1	2	3	9
5. Associação socioprofissional ou sindical	1	2	3	9
6. Equipa ou grupo desportivo	1	2	3	9
7. Grupo de acção social e cívica (por ex., movimento ecológico, associação humanitária, etc.)	1	2	3	9
8. Organização ou grupo religioso	1	2	3	9
9. Partido político	1	2	3	9

Q.48 (para todos) Com que frequência costuma escrever para responder às seguintes necessidades... Mostrar Cartão 38

	Diariamente ou quase	Pelo menos 1 vez por semana	Raramente	Nunca	Ns / Nr
1. Necessidades profissionais	1	2	3	7	9
2. Necessidades de estudo	1	2	3	7	9
3. Necessidades práticas (escrever cartas, recados, formulários, etc.)	1	2	3	7	9
4. Necessidades de relações e de convívio com amigos, familiares e colegas (mensagens electrónicas, mensagens de telemóvel (SMS), etc.)	1	2	3	7	9

D.2. Preferências musicais e televisivas

Q.49 Quais os géneros de música que ouve habitualmente na rádio, em disco, CD, mp3 ou cassette? (Resposta múltipla) Mostrar Cartão 39

Música clássica/barroca/antiga	1
Jazz/blues	2
Música ligeira portuguesa	3
Música ligeira estrangeira	4
Fado	5
Pop/rock	6
Música electrónica	7
Música étnica / world music	8
Música tradicional portuguesa	9
Música brasileira	10
Outros géneros. Quais? _____	
Não ouve música	97
Ns/Nr	99

Q.50 Da lista de géneros de programa de televisão, quais são os três géneros de programas que vê mais frequentemente? (Máximo 3 respostas) **Mostrar Cartão 40**

Concursos	1
Debates/ entrevistas	2
Filmes	3
Informação / telejornais	4
Programas científicos ou educativos (ciência, natureza, história, etc.)	5
Programas de teatro, dança ou música	6
Programas desportivos	7
Programas religiosos	8
Programas sobre actualidade literária	9
Programas <i>social life / jet set</i>	10
Reality shows / Talk shows	11
Séries estrangeiras	12
Séries portuguesas	13
Telenovelas	14
Não costuma ver televisão/Não tem televisão em casa	97
Ns/Nr	99

Q.51 Ao longo de um dia normal, excluindo o período de férias, quanto tempo gasta aproximadamente a ... **Mostrar Cartão 41**

	Até ½ hora por dia	Entre ½ e 1 hora por dia	Entre 1 e 2 horas por dia	Entre 2 e 4 horas por dia	Mais de 4 horas por dia	Nenhum tempo	Ns / Nr
1. Ler	1	2	3	4	5	7	9
2. Ouvir música	1	2	3	4	5	7	9
3. Ver televisão	1	2	3	4	5	7	9
4. Utilizar a Internet	1	2	3	4	5	7	9

E. REPRESENTAÇÕES DO INQUIRIDO SOBRE A PRÁTICA DE LEITURA

E.1. Evolução da prática em geral – factores mobilizadores ou bloqueadores

Q.52 Na sua opinião, hoje lê-se mais, menos ou o mesmo do que há uma década atrás?
(Resposta única)

Lê-se mais	1	⇒ Segue para Q.53
Lê-se menos	2	⇒ Saltar para Q.54
Lê-se o mesmo	3	} ⇒ Saltar para Q.55
Ns/Nr	9	

Q.53 (para os que consideram que se lê mais) **Por que é que acha que se lê mais? Mostrar Cartão 42**

	Sim	Não	Ns/Nr
1. Apresentação dos livros mais atraente	1	2	9
2. Maior divulgação dos livros e dos autores nos jornais, televisão e rádio	1	2	9
3. Mais bibliotecas e mais apelativas	1	2	9
4. Maior utilização das novas tecnologias	1	2	9
5. Maior número de pessoas com boa formação escolar	1	2	9
6. Há mais estímulos para a leitura por parte da escola	1	2	9
7. Há mais estímulos para a leitura por parte da família	1	2	9

⇒ **Saltar para Q. 55**

Q.54 (para os que consideram que se lê menos) **Por que é que acha que se lê menos? Mostrar Cartão 43**

	Sim	Não	Ns/Nr
1. Os livros são caros	1	2	9
2. Há mais distrações (televisão, vídeo, jogos, computador, etc.)	1	2	9
3. A vida escolar/profissional ocupa mais tempo	1	2	9
4. Maior presença do audiovisual	1	2	9
5. Falta de boa formação escolar	1	2	9
6. Não há estímulos para a leitura por parte da escola	1	2	9
7. Não há estímulos para a leitura por parte da família	1	2	9

E.2. Auto-avaliação da prática de leitura do inquirido

Todos

Q.55 **Ao longo da sua vida provavelmente tem vindo a ler umas vezes mais, outras vezes menos. A que circunstâncias associa o período em que leu mais e o período em que leu menos**

Q.55_1. Circunstâncias em que leu mais _____

Isso nunca lhe aconteceu. 97

Ns/Nr 99

Q.55_2. Circunstâncias em que leu menos _____

Isso nunca lhe aconteceu. 97

Ns/Nr 99

F.SITUAÇÃO QUANTO A FILHOS E EDUCANDOS

Todos

Q.56 Das seguintes situações, qual a que se adequa ao seu caso?

Tem filho (s) e é Encarregado de Educação 1 ⇒ segue para **Q.57**

Tem filho (s) mas não é Encarregado de Educação 2 ⇒ segue para **Q.57**

Não tem filho (s) mas é Encarregado de Educação 3 ⇒ salta para **Q.59**

Não tem filho (s) e não é Encarregado de Educação 4 ⇒ salta para **Q.71**

Q.57 (só para os que têm filhos) Quantos filhos tem?

|____|

Q.58 (só para os que têm filhos) Algum dos seus filhos tem menos de 18 anos?

Sim 1 ⇒ Saltar para **Q.60**

Não 2 ⇒ Saltar para **Q. 71**

Q.59 (só para encarregados de educação sem filhos) Qual o grau de parentesco ou outra ligação do (s) seu (s) educando (s) para consigo?

Grau de parentesco ou ligação _____

Q.60 Quantos filhos e/ou educandos tem com menos de 18 anos? |____|

Q.60 _1 (para pais de filhos menores e/ou encarregados de educação) Qual o sexo, idade e presente situação escolar de cada um dos seus filhos e/ou educandos com menos de 18 anos?

Filho /Educando	Sexo		Idade	Situação escolar						Não está a frequentar qualquer grau de ensino
	M	F		Educação Pré-escolar	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Ensino Secundário	Ensino Superior	
1	1	2		1	2	3	4	5	6	9
2	1	2		1	2	3	4	5	6	9
3	1	2		1	2	3	4	5	6	9
4	1	2		1	2	3	4	5	6	9
5	1	2		1	2	3	4	5	6	9
6	1	2		1	2	3	4	5	6	9
7	1	2		1	2	3	4	5	6	9

G. POSICIONAMENTO SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA DOS FILHOS/EDUCANDOS

G.1. Estímulo à leitura e a outras práticas culturais

Q.61 (para pais de filhos menores e/ou encarregados de educação) Quanto à vida escolar do (s) seu (s) filho (s)/educando (s) com que frequência costuma ou costumava Mostrar Cartão 44

	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Ns/Nr
1. Inteirar-se dos trabalhos realizados na escola	1	2	3	7	9
2. Ler os manuais escolares	1	2	3	7	9
3. Perguntar-lhes como estão a correr as aulas	1	2	3	7	9
4. Saber quais os trabalhos de casa a fazer / feitos	1	2	3	7	9
5. Apoiar a realização dos trabalhos escolares	1	2	3	7	9
6. Fazer-lhes perguntas sobre o que aprenderam	1	2	3	7	9

Q.62 (para pais de filhos menores e/ou encarregados de educação) Para estimular as práticas de leitura do (s) seu (s) filho (s) / educando (s) quando crianças, já tomou alguma (s) das seguintes iniciativas? Mostrar Cartão 45

	Sim	Não	Ns/Nr
1. Iniciar o contacto com os livros através de 'livros-brinquedo'	1	2	9
2. Ler para eles antes de terem aprendido a fazê-lo	1	2	9
3. Levá-los a livrarias	1	2	9
4. Oferecer-lhes livros que acha adequados	1	2	9
5. Levá-los a bibliotecas/mediatecas	1	2	9
6. Aconselhá-los a que reservem tempo para ler	1	2	9
7. Conversar com eles sobre os livros que lêem	1	2	9
8. Participar em programas de estímulo à leitura promovidos pela escola	1	2	9
9. Participar em programas de estímulo à leitura promovidos por bibliotecas públicas	1	2	9

Q.63 (para pais de filhos menores e/ou encarregados de educação) **Já tomou alguma iniciativa no sentido de incentivar o (s) seu (s) filho (s) ou educando (s) a praticarem alguma (s) da (s) seguinte (s) actividade (s)?** **Mostrar Cartão 46**

	Sim	Não	Ns/Nr
1. Aprendizagem de línguas	1	2	9
2. Artes plásticas	1	2	9
3. Expressão musical	1	2	9
4. Expressão dramática	1	2	9
5. Dança e expressão corporal	1	2	9
6. Actividade física e desportiva	1	2	9
7. Estudo acompanhado / explicações	1	2	9
8. Visitas a museus ou exposições	1	2	9
9. Assistência a espectáculos, concertos, etc.	1	2	9
10. Ateliers pedagógicos / educativos	1	2	9
11. Ateliers artísticos	1	2	9

Q.64 (para pais de filhos menores e/ou encarregados de educação) **Costuma orientar as leituras do (s) seu (s) filho (s)/educando (s)?**

Sim1

Não 2 ⇒ **Saltar para Q.66**

Q.65 (para pais de filhos menores e/ou encarregados de educação que costumam orientar as leituras dos seus filhos/educandos) **Porque motivos? Mostrar Cartão 47**

	Sim	Não	Ns/Nr
1. Para evitar que leiam livros que não são próprios para a idade deles	1	2	9
2. Para que adquiram uma boa cultura geral	1	2	9
3. Para que se familiarizem com bons autores	1	2	9
4. Para que ganhem boas bases de ortografia e gramática	1	2	9
5. Para que fiquem melhor preparados para a vida	1	2	9
6. Para que desenvolvam a imaginação e a criatividade	1	2	9
7. Para que desenvolvam a expressão escrita e oral	1	2	9
8. Para os ajudar a encontrar livros que os entusiasmam	1	2	9
9. Para que gostem de ler cada vez mais	1	2	9

Q.65_1 – Outro motivo. Qual? _____

H. POSICIONAMENTO SOBRE AS ACTIVIDADES DA ESCOLA

H.1. Importância atribuída às actividades de promoção da leitura

Q.66 (para pais de filhos menores e/ou encarregados de educação) Qual a sua opinião sobre o grau de importância das seguintes acções a promover pela escola no sentido de estimular a leitura do (s) seu (s) filho (s)/educando (s)? Mostrar Cartão 48

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada Importante	Ns/Nr
1. Promover actividades lúdicas à volta de livros e autores	1	2	3	4	9
2. Dedicar mais tempo lectivo à literatura	1	2	3	4	9
3. Promover sites na Internet sobre a leitura em geral	1	2	3	4	9
4. Promover clubes de leitura	1	2	3	4	9
5. Promover concursos, jogos e prémios sobre a leitura	1	2	3	4	9
6. Realizar feiras de livros	1	2	3	4	9
7. Incentivar o intercâmbio de livros entre alunos	1	2	3	4	9
8. Realizar iniciativas conjuntas com as bibliotecas públicas	1	2	3	4	9
9. Incentivar a leitura de livros adequados à idade dos alunos	1	2	3	4	9
10. Promover as actividades das bibliotecas escolares	1	2	3	4	9

ENTREVISTADOR VERIFICAR Q.56

Caso seja Encarregado de Educação ⇒ segue para Q.67

Caso não seja Encarregado de Educação ⇒ salta para Q.68

H.2. Comportamento enquanto Encarregado de Educação face à escola

Q.67 (só para encarregados de educação) O que faz e com que frequência enquanto Encarregado de Educação com a escola? Mostrar Cartão 49

	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Ns/Nr
1. Fala com o director de turma	1	2	3	7	9
2. Fala com outros professores do (s) seu (s) filho (s)/educando (s)	1	2	3	7	9
3. Participa nas reuniões de pais	1	2	3	7	9
4. Inteira-se do regulamento interno da escola	1	2	3	7	9
5. Participa nas assembleias de escola	1	2	3	7	9
6. Participa em associações de pais	1	2	3	7	9

ENTREVISTADOR ⇒ Seguir para Q.68

I. POSICIONAMENTO SOBRE AS BIBLIOTECAS ESCOLARES E AS DA REDE DE LEITURA PÚBLICA

I.1. Avaliação da frequência das respectivas bibliotecas pelos filhos/educandos

Q.68 (para pais de filhos menores e/ou encarregados de educação) Com que frequência o (s) seu (s) filho (s)/educando (s) costuma (m) ir a cada um dos seguintes tipos de bibliotecas...
Mostrar Cartão 50

	Muitas vezes	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Ns/Nr
1. Biblioteca escolar	1	2	3	7	9
2. Biblioteca municipal	1	2	3	7	9
Outra. Qual?	1	2	3	7	9
Outra. Qual?	1	2	3	7	9
Outra. Qual?	1	2	3	7	9

ENTREVISTADOR

Se frequenta MUITAS ou ALGUMAS vezes ⇒ segue para Q.70

Se NUNCA frequenta um ou dois tipos de bibliotecas ⇒ saltar para Q.69

Se Ns/Nr para os dois tipos de bibliotecas ⇒ saltar para Q.71

Q.69 (para pais de filhos menores e/ou encarregados de educação cujos filhos/educandos NUNCA frequentam bibliotecas) Porque razão ou razões acha que o (s) seu (s) filho (s)/educando (s) não frequentam as bibliotecas (Escolar e/ou Municipal)? **Mostrar Cartão 51**

	Q.69_1 Biblioteca Escolar			Q.69_2 Biblioteca Municipal		
	Sim	Não	Ns/Nr	Sim	Não	Ns/Nr
1. Inexistência de bibliotecas por perto	1	2	9	1	2	9
2. Tem outras maneiras de aceder a livros	1	2	9	1	2	9
3. Falta de tempo	1	2	9	1	2	9
4. Desinteresse	1	2	9	1	2	9
5. Prioridade a outras actividades	1	2	9	1	2	9
6. Falta de articulação entre actividades lectivas e a biblioteca	1	2	9	1	2	9
7. Falta de iniciativas atraentes por parte da biblioteca	1	2	9	1	2	9
8. Horários pouco flexíveis da biblioteca	1	2	9	1	2	9

Q.69_1.1 – Outra razão. Qual? _____

Q.69_2.1 – Outra razão. Qual? _____

I.2. Avaliação sobre estímulos para a leitura por parte das bibliotecas

Q.70 (para pais de filhos menores e/ou encarregados de educação) **As bibliotecas podem estimular a leitura do (s) seu (s) filho (s)/educando (s) de várias formas. Que importância dá a cada uma das seguintes formas? Mostrar Cartão 52**

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante	Ns/Nr
1. Associar a leitura a outras actividades culturais (teatro, conto, etc.)	1	2	3	4	9
2. Ter uma selecção de livros adequada à idade	1	2	3	4	9
3. Promover actividades com escritores	1	2	3	4	9
4. Possibilitar o acesso a vários suportes multimédia (Internet, CD, etc)	1	2	3	4	9
5. Oferecer um ambiente atractivo	1	2	3	4	9
6. Possibilitar o empréstimo domiciliário de livros, CD's, vídeos, etc.	1	2	3	4	9
7. Dar apoio à realização dos trabalhos de casa	1	2	3	4	9
8. Oferecer condições para desenvolver projectos escolares	1	2	3	4	9
9. Satisfazer o interesse e a curiosidade pessoais	1	2	3	4	9

DADOS SOCIOGRÁFICOS

Q.71 (para todos) **Sexo (QUOTA)**

Feminino 1
Masculino 2

Q.72 (para todos) **Idade (QUOTA)**

|_____| |_____| Anos
(Registrar idade exacta)

15-17 Anos 1
18-242
25-34 3
35-444
45-545
55-646
65-747
75 ou mais anos... 8

Q.73 (para todos) **Estado civil (Resposta única)**

Solteiro 1 => (não responde a Q76.4, Q77.4 e Q78.4)
Casado 2
União de facto3
Viúvo4
Divorciado/ separado 5
Não responde..... 9

Q.74 (para todos) Vive sozinho ou com outras pessoas?

Sozinho 1 ⇒ Saltar para Q 76
Com outra (s) pessoa (s) 2

Q.75 (para todos) Com quem vive? (Resposta múltipla)

Com o cônjuge / companheiro(a) / namorado(a) 1
Com o (s) filho (s) 2
Com pai / mãe 3
Com outro (s) familiares 4
Com outra (s) pessoa (s) não familiares 5
Não responde 9

Q.76 (para todos) Qual o grau de escolaridade mais elevado que COMPLETOU (Inquirido, do pai, da mãe (e do cônjuge/companheiro)? QUOTA

	Q.76_1	Q.76_2	Q.76_3	Q.76_4
	Inquirido	Pai	Mãe	Cônjuge/ Companheiro
Não tem qualquer grau de ensino completo	1	1	1	1
Ensino básico - 1º ciclo (antiga 4ª classe)	2	2	2	2
Ensino básico - 2º ciclo (6º ano) (antigo ciclo preparatório)	3	3	3	3
Ensino básico - 3º ciclo (9º ano) (antigo 5º ano do liceu ou equivalente)	4	4	4	4
Ensino secundário (12º ano) (antigo 7º ano do liceu ou equivalente)	5	5	5	5
Ensino médio (antigo nível de ensino)	6	6	6	6
Ensino superior – bacharelato	7	7	7	7
Ensino superior – licenciatura	8	8	8	8
Ensino superior – pós-graduação, mestrado, doutoramento	9	9	9	9
N/S- N/R	99	99	99	99

Q.77 (para todos) Condição perante o trabalho do inquirido, do pai, da mãe (e do cônjuge/companheiro)

	Q.77_1	Q.77_2	Q.77_3	Q.77_4
	Inquirido	Pai	Mãe	Cônjuge/ Companheiro
Trabalhador por conta de outrem	1	1	1	1
Trabalhador por conta própria com pessoal ao serviço	2	2	2	2
Trabalhador por conta própria sem pessoal ao serviço	3	3	3	3
Estudante	4	4	4	4
Desempregado	5	5	5	5
Doméstica	6	6	6	6
Reformado/Aposentado	7	7	7	7
Outra situação. Qual?	8	8	8	8
Não Responde	9	9	9	9

Q.78 (para todos) Profissão do inquirido, do pai, da mãe (e do cônjuge/companheiro)
Descreva precisamente a profissão respectiva evitando expressões como "função pública" ou "militar"...

Se for reformado, aposentado ou desempregado, indique a última profissão exercida

Q.78_1 Profissão do próprio _____

Q.78_2 Profissão do pai _____

Q.78_3 Profissão da mãe _____

Q.78_4 Profissão do cônjuge/companheiro _____

Q. 79 Região (QUOTA)

Norte Litoral 1
G. Porto..... 2
Interior 3
Centro Litoral..... 4
G. Lisboa 5
Alentejo 6
Algarve 7

Q. 80 Habitat (QUOTA)

Até 2 mil Habitantes 1
2 Mil a 9 999 mil Habitantes 2
10 Mil a 99 999 mil Habitantes 3
100 Mil e Mais Habitantes 4
Cidade Lisboa 5
Cidade Porto 6

DADOS

Nome do Entrevistado: _____

Morada: _____

Localidade: _____ **Contacto Telefónico/TLM** _____

Entrevistador: _____ **Nº** _____ / _____ **Data:** ____/____/2006

Supervisão: _____ **Data:** ____/____/2006

Fim do Questionário

Muito obrigado pela sua colaboração

O Plano Nacional de Leitura

O Plano Nacional de Leitura (PNL), lançado em Junho de 2006 por iniciativa de três ministérios – Educação, Cultura e Assuntos Parlamentares, constituiu uma resposta institucional à preocupação pelos níveis de literacia da população em geral, e particularmente dos jovens em idade escolar, significativamente inferiores à média europeia.

Assumi como objectivos centrais:

- Assegurar o domínio da leitura pelos portugueses, mediante o lançamento de iniciativas visando como público-alvo o conjunto de cidadãos, embora com um enfoque prioritário na acção dirigida às crianças em contexto escolar e familiar, para permitir o desenvolvimento precoce de hábitos e competências.
- Recolher e disponibilizar informação que permita conhecer com segurança e rigor o quadro evolutivo da leitura em Portugal, identificando problemas, ou constrangimentos, apontando soluções e avaliando resultados de iniciativas e programas já em curso ou a lançar.

As orientações estratégicas do PNL estruturam-se em torno de cinco eixos centrais que se articulam, numa lógica de complementaridade:

1. Lançar novas iniciativas promotoras da leitura e da escrita, integradas na prática quotidiana de jardins-de-infância, escolas, bibliotecas, famílias e outras instituições e consolidar as já existentes.
2. Sensibilizar progressivamente os portugueses para importância da leitura, enquanto acto pessoal e social, demonstrando pela prática que o alargamento de hábitos e competências pode ser um empreendimento colectivo.
3. Disponibilizar orientações, instrumentos de apoio e formação que reforcem a eficácia da acção das famílias, dos profissionais – educadores, professores, bibliotecários, animadores – e de cidadãos que se envolvam na promoção da leitura.
4. Disponibilizar novos recursos, mediante o estabelecimento de parcerias entre instituições públicas, privadas e da sociedade civil.
5. Assegurar a realização de um conjunto articulado de estudos com enfoque em áreas essenciais de investigação, que venham a permitir avaliar com segurança e rigor a evolução dos hábitos de leitura dos portugueses, o desenvolvimento da literacia entre os diferentes grupos da população e o impacte de políticas nomeadamente as iniciativas lançadas no quadro do PNL.

A par de um conjunto específico de novos programas, desenvolvidos em contexto escolar e em bibliotecas, o PNL lançou vários tipos de iniciativas dirigidas a famílias e a organizações públicas, privadas e da sociedade civil.

Estudos do Plano Nacional de Leitura

Para obter informação actualizada acerca de questões essenciais relativas à leitura em Portugal e para a avaliar a intervenção, o PNL lançou um conjunto de estudos, encomendados pelo Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE) do Ministério da Educação a diferentes instituições do ensino superior e centros de investigação.

Estudos lançados no 1.º ano do PNL	Centros de Investigação	Autores	Conclusão
A Leitura em Portugal	Observatório das Actividades Culturais (OAC)/Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa	M. de Lourdes Lima dos Santos (Coord) José Soares Neves Maria João Lima Margarida Carvalho	Setembro2007
Os Estudantes e a Leitura	Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEP-CEP) Universidade Católica Portuguesa	Mário Lages(Coord) Carlos Liz João António Tânia Correia	Setembro2007
Práticas de Promoção da Leitura nos Países da OCDE	Observatório das Actividades Culturais (OAC)/Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa	M. de Lourdes Lima dos Santos (Coord) José Soares Neves Maria João Lima Vera Borges	Outubro 2007
Para a Avaliação do Desempenho de Leitura	Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELX)	Inês Sim-Sim Fernanda Leopoldina Viana	Janeiro 2007
Avaliação do Plano Nacional de Leitura: Execução dos programas Atitudes dos diferentes segmentos do público abrangido Impacte dos programas do PNL no desenvolvimento da leitura	Centro de Investigação e Estudos de Sociologia - Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (CIES - ISCTE)	António Firmino da Costa (Coord) Elsa Pegado Patrícia Ávila	Setembro2007 Relatório de Avaliação - 1.º ano PNL

Comissão de Honra do Plano Nacional de Leitura

Alexandre Quintanilha	Fernando Albuquerque	Manuel Maria Carrilho
Alexandre Soares dos Santos	Fernando Mascarenhas	Manuel Sobrinho Simões
Almerindo Marques	Filomena Mónica	Manuel Villaverde Cabral
Ana Maria Bettencourt	Francisco Pinto Balsemão	Manuela de Melo
Ana Nunes de Almeida	Guilherme Oliveira Martins	Manuela Ferreira Leite
Ana Vieira de Almeida	Helena Buescu	Manuela Ramalho Eanes
António Nóvoa	Henrique Barreto Nunes	Maria Emília Brederode
António Baptista Lopes	Henrique Cayate	Maria de Jesus Barroso Soares
António Barreto	Ilídio Pinho	Maria João Avillez
António Coutinho	Isabel Allegro de Magalhães	Maria João Malho
António Gomes de Pinho	Jaime Gama	Maria João Seixas
António Mega Ferreira	João Caraça	Maria José Marinho
António Pina Falcão	João Salgueiro	Maria José Moura
António Ponces de Carvalho	Jorge Jardim Gonçalves	Maria José Nogueira Pinto
António Reis	Jorge Sampaio	Maria José Rau
Arnaldo Saraiva	José Afonso Furtado	Mário Soares
Artur Anselmo	José António Calixto	Máximo Ferreira
Artur Santos Silva	José Carlos Abrantes	Miguel Paes do Amaral
Belmiro de Azevedo	José Carlos Vasconcelos	Miguel Veiga
Carlos Correia	José Dias Fonseca	Nazim Ahmad
Carlos Fiolhais	José Ferreira Gomes	Nuno Crato
Carlos Monjardino	José Gil	Pedro Roseta
Carlos Pinto Coelho	José Manuel Mendes	Roberto Carneiro
Carlos Reis	José Miguel Júdice	Rosália Vargas
Carlos Veiga Ferreira	José Oliveira	Rui Machete
Daniel Sampaio	José Pacheco Pereira	Rui Marques
David Justino	D. José Policarpo	Sérgio Niza
Diogo Feio	José Saramago	Silvestre Lacerda
Eduardo Freitas	José Silva Lopes	Simonetta Luz Afonso
Eduardo Lourenço	Júlio Pedrosa	Teodora Cardoso
Eduardo Marçal Grilo	Justino de Magalhães	Teresa Lago
Eduardo Prado Coelho	Luís Figo	Teresa Patrício Gouveia
Elisa Ferreira	Luís Portela	Vasco Graça Moura
Emílio Rui Vilar	Manuel Braga da Cruz	Vital Moreira
Fernando Aguiar Branco	Manuel Freire	Vítor Constâncio
Fernando J.B. Martinho	Manuel José Vaz	

Conselho Científico do Plano Nacional de Leitura

Alexandre Castro Caldas
Glória Bastos
Maria da Graça Castanho
Isabel Hub Faria
Isabel Margarida Duarte
Ivo Castro
João Costa
João David Pinto Correia
José Junca de Morais
José Mário Costa
Luís Fagundes Duarte

Manuel Carmelo Rosa
Margarida Alves Martins
Maria Adriana Batista
Maria Armanda Costa
Maria de Fátima Sequeira
Maria de Lourdes Dionísio
Maria Helena Mira Mateus
Maria Idalina Salgueiro
Pedro Magalhães
Raquel Delgado Martins
Vitor Aguiar e Silva

Comissão do Plano Nacional de Leitura

Comissária
Comissária-adjunta/Rede de Bibliotecas Escolares (Coordenadora)
Vogal/Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas (Directora-geral)
Vogal/Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas
Vogal/Instituto da Comunicação Social

Isabel Alçada
Teresa Calçada
Paula Morão
Maria Carlos Loureiro
Alexandra Lorena

Av. 24 de Julho, nº 134, 1399-054 Lisboa
Tel.: 21 3949200 Fax: 21 3957610
E-mail: gepe@gepe.min-edu.pt
URL: <http://www.gepe.min-edu.pt>

Travessa das Terras de Sant'Ana, nº 15, 1250-269 Lisboa
Tel.: 21 3895203 Fax: 21 3895148
E-mail: lermais@planonacionaldeleitura.gov.pt
URL: www.planonacionaldeleitura.gov.pt

Quem lê, o que lê, onde lê, porque lê, qual o lugar da leitura no conjunto das práticas culturais, quais as evoluções que se podem detectar relativamente a anteriores inquéritos à população realizados em Portugal? Estas são algumas das questões que, neste estudo, orientam o inquérito dirigido à população portuguesa.

Quais os modos de relacionamento com a prática da leitura dos filhos e educandos e com as actividades promovidas pela escola, quais os posicionamentos quanto às bibliotecas escolares e às bibliotecas públicas são outras questões a que o presente estudo também procura responder.

ISBN 978-972-614-419-9